

A Teoria do Jornalismo no Brasil – após 1950¹ –

Felipe Pena²

1. Introdução

As reflexões críticas sobre o jornalismo no Brasil tomaram corpo após 1950, mas só ganharam o respaldo definitivo da universidade na década de 1970, graças ao trabalho do professor José Marques de Melo. Não tenho dúvidas em afirmar que a dedicação de nosso decano - aliada ao seu prestígio acadêmico – foi a pedra angular do que hoje podemos chamar de Teoria do Jornalismo em nosso país.

Não posso deixar de reconhecer que autores pioneiros como Luiz Beltrão, Danton Jobim e Barbosa Lima Sobrinho, entre outros, pavimentaram o caminho para a reflexão, mas ela só foi institucionalizada a partir da intervenção de Marques de Melo na Universidade de São Paulo, que ainda permanece como grande referência em nossa área, embora os estudos jornalísticos tenham se espalhado pelas diversas faculdades do Brasil.

A chegada à universidade, no entanto, não proporcionou a esperada repercussão da teoria do jornalismo no meio profissional. Na verdade, aconteceu o movimento contrário, ou seja, um afastamento entre a academia e as redações. Salvo raras exceções, as críticas de professores e pesquisadores não foram bem assimiladas por repórteres, chefes de reportagem, editores e outros profissionais da imprensa. Houve uma ruptura sem sentido, motivada por vaidades de ambos os lados, cujas conseqüências ainda repercutem tanto nas salas de aula como nos meios de comunicação.

Em boa parte das universidades, o ensino de jornalismo ainda é caracterizado pela falsa dicotomia entre prática e teoria. Intelectuais que nunca pisaram em uma redação se recusam a valorizar as prerrogativas técnicas da profissão, enquanto jornalistas militantes minimizam a importância da reflexão. Estes últimos perguntam: afinal, para que serve uma teoria se nós já sabemos o que fazer?

¹ Incluí neste texto passagens do livro “Teoria do Jornalismo”, publicado no Brasil pela editora Contexto em 2005.

² Jornalista. Professor do mestrado e doutorado em Comunicação da Universidade Federal Fluminense. Doutor em Literatura pela PUC-Rio. Autor de oito livros na área de Comunicação. Participaram da pesquisa sobre as obras os seguintes alunos de graduação: André Ramalho, Iane Filgueiras, Jéssica Magalhães, Letícia Queiroz, Lorena Nogueira, Samanta Soares e Vinicius Lisboa.

É a essa pergunta que pretendo responder.

Para começar, qualquer teoria não passa de um reducionismo. Está na sua natureza. Se vou teorizar sobre determinado assunto, significa que quero enquadrá-lo sob um ponto de vista determinado. Mesmo que para isso utilize os mais diversos conceitos e as mais diversas metodologias. Ao final, meu trabalho acaba sendo reduzir os tais conceitos e as tais metodologias aos limites do próprio quadro teórico que proponho. Não adianta, é impossível escapar desta sina. Teorizar é uma tentativa desesperada de enquadrar interpretações críticas que, vistas sob qualquer outro ângulo, mostrar-se-iam muito mais complexas.

Então, para que escrever uma teoria do jornalismo? Pelo mesmo motivo que se fazem teorias nas mais diversas áreas: para aprofundar o conhecimento sobre elas. Por mais paradoxal que pareça, reduzir também é ampliar. Quando faço um recorte sobre um tema, meus métodos de análise promovem questões que podem servir para incentivar a criação de outros métodos, que vão produzir novas questões e assim por diante. A pertinência de qualquer pesquisa está nas perguntas, não nas respostas. Desde que o pesquisador tenha consciência do relativismo teórico e não se feche nos próprios hermetismos, a teorização pode ser muito útil. E não falo só dos círculos acadêmicos. Aliás, talvez sejam os profissionais do jornalismo os maiores beneficiários da teorização.

Sei que nós, jornalistas, detestamos os academicismos. Mas será que podemos prescindir de estudos críticos sobre a nossa profissão? Nosso saber é autônomo e somos auto-suficientes? Será que a imprensa tem tanta credibilidade assim para requerer autonomia? Estas perguntas estão no centro dos debates sobre a importância do campo jornalístico na sociedade contemporânea.

O século 21 foi inaugurado pelo jornalismo. Com data e local bem definidos: Nova York, onze de setembro de 2001. Nas análises sobre os atentados, veículos de comunicação da mais variada procedência foram unânimes em apontar o fato como marco oficial de um triste começo de século. Fizeram o que fazem habitualmente: por suas lentes midiáticas reconstruíram os acontecimentos diversas vezes, mas ofereceram ao mundo a idéia de que o que estavam vendo era o espelho da realidade. E, como historiadores da atualidade, batizaram a época que estava começando. Afinal, como duvidar das imagens da CNN?

A mesma pergunta deve ter sido feita pelos autores do ataque às torres gêmeas, quando o estavam planejando. Não bastava atingir o símbolo do império capitalista, era

preciso que o mundo fosse testemunha desse ato. E, assim, ele foi meticulosamente programado para que o segundo avião atingisse o alvo em um espaço de tempo suficiente para as câmeras de TV transmitirem ao vivo. O espetáculo do terror encontrou seu palco. E os roteiristas e diretores fomos nós, jornalistas, do alto de nossa perene pretensão de testemunhar a história e oferecer aos outros mortais a verdade sobre seus acontecimentos.

Mas não foram só os terroristas que usaram a imprensa. Dois anos depois, a vergonhosa cobertura da mídia americana na Guerra do Iraque mostrou a que nível pode chegar a manipulação da informação pelos governos constituídos. Escaldada pela Guerra do Vietnã, quando corajosas reportagens e imagens aterrorizantes mudaram a opinião pública do país e forçaram as retiradas das tropas do Tio Sam, a administração Bush inventou a mais ultrajante forma de cobertura jornalística da história da imprensa: os famosos repórteres “**embedded**”. Ou seja, jornalistas que viajavam dentro dos tanques do exército americano e, obviamente, só reportavam aquilo que interessava a seus comandantes/guarda-costas.

Tente se colocar no lugar desses repórteres. Seu país está em guerra, seus chefes dão suporte ao governo, a maioria da população, cega pelo medo, apóia o presidente, e, ainda por cima, você está no meio de tiros e explosões, em um país estranho, sendo protegido por “Rambos” que falam a sua língua e também comem bacon no café da manhã. Mesmo para um profissional sério e bem intencionado, é muita pressão e muito constrangimento.

Um dos poucos repórteres americanos que não se submeteu aos ditames do Pentágono foi execrado durante a guerra. Veterano da cobertura do Vietnã, com 50 anos de profissão, sendo 45 como correspondente de guerra, o experiente Peter Arnett foi demitido de sua emissora após dar uma entrevista para a rede iraquiana de televisão criticando a imprensa americana. A pressão, portanto, atingiu até mesmo aqueles jornalistas que evitaram o passeio no deserto a bordo das carruagens blindadas de George W. Bush.

Peter Arnett esteve no Brasil, a meu convite, duas vezes, para fazer palestras sobre jornalismo. Cito como exemplo a pressão que ele sofreu durante a Guerra do Iraque e também o planejamento midiático dos atentados em Nova York para ilustrar a importância que o jornalismo assume neste começo de século. A batalha por corações e mentes, travada na seara da comunicação, é tão ou mais importante que os fuzis e canhões.

Na sociedade pós-industrial, não há bem mais valioso que a informação. Mercados financeiros estão conectados em tempo real, fluxos de capital mudam de pátria em frações de segundo e até mesmo um simples acesso à Internet já nos coloca como ativos integrantes do estratégico banco de dados do mercado global. Não é exagero, é fato. Seu perfil de consumidor (que há muito já substituiu a palavra cidadão) é mapeado diariamente através das indicações de seus gostos e preferências registrados pelo clique do seu mouse na web. O Big Brother já existe, amigo. E você está nele.

A questão é: se, no capitalismo tardio, a informação é tão estratégica, quem serão seus mediadores? Nesse ponto é que o jornalismo assume uma função vital. E é por isso que estou interessado em discutir seus conceitos e teorias. Com a convergência tecnológica, que traz hibridação de contextos midiáticos e culturais em fluxos de informação com velocidade cada vez mais acelerada, o profissional da imprensa precisa ter uma formação sólida e específica para assumir o papel de mediador. Em outras palavras, ele precisa ser um especialista. Ninguém gostaria de entrar em um hospital e ser atendido por um contador. Ou ser defendido no tribunal por um veterinário. Então, por que seria diferente com o jornalismo?

Na verdade, arrisco-me a dizer que, na sociedade atual, o jornalista deve ser ainda mais especializado que um médico ou um advogado. Da mesma forma, acredito que os defensores da desregulamentação da profissão são os mesmos que lutam pelo controle do fluxo de informação nos megaconglomerados de mídia e, por isso, não têm interesse que o espaço público seja mediado por profissionais coerentes e bem formados.

Em suma, para ser jornalista é preciso estudar jornalismo. E isso se faz na universidade. Mas, então, voltam as perguntas: qual é a formação ideal para os cursos de jornalismo? As disciplinas "técnicas" como redação jornalística e telejornalismo devem ser privilegiadas ou o curso deve ter um caráter reflexivo, com ênfase nas chamadas disciplinas teóricas? E qual deve ser a formação dos professores: profissionais com experiência no mercado ou doutores com grande cabedal acadêmico? Equipamentos e instalações são fundamentais? Como deve ser a estrutura pedagógica? Essas e outras perguntas estavam na pauta da comissão de especialistas do Ministério da Educação, no Brasil, já em 1999, quando uma avaliação das condições de ensino dos cursos de jornalismo teve uma conclusão decepcionante. Mais de dois terços dos cursos receberam pelo menos um conceito insuficiente entre os três analisados: corpo docente, estrutura pedagógica e instalações.

Na época, eu era diretor da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Estácio de Sá, no Rio de Janeiro, onde a avaliação foi comparativamente muito boa. Ficamos entre os três melhores cursos de jornalismo do Rio, junto com a UERJ e a PUC. Mesmo assim, escrevi dois artigos no Jornal do Brasil questionando os critérios da avaliação. Minha principal crítica era com relação às próprias perguntas que permearam o debate sobre o ensino de jornalismo, pois não acredito na dicotomia proposta. Os currículos dos cursos devem articular teoria e prática e não separá-las em blocos monoteístas, sem intercâmbio. O aluno não pode ser um mero reprodutor de técnicas, mas também não pode desconhecer as ferramentas que irá utilizar na profissão. A reflexão acadêmica é fundamental para o desenvolvimento do pensamento crítico, mas deve estar associada à própria produção discente, atenta com sua realidade. O ideal é juntar experiência profissional e reflexão acadêmica. Ou seja, na prática, a teoria baseia-se na produção crítica e na reflexão permanente. Na teoria, a prática fala por si mesma. Uma não tem sentido sem a outra.

Na verdade, a tal dicotomia não deve nem ser abordada. É uma pergunta superada. Teoria e prática devem estar juntas. Ponto final. A questão é: como articulá-las? Nos Estados Unidos, por exemplo, onde o diploma de jornalismo não é obrigatório para o exercício da profissão, a articulação é feita *a posteriori*. O aluno passa pelo menos quatro anos em qualquer curso superior teórico (chamados de *undergraduate studies*) e, depois, ingressa em um curso de perfil prático com um ou dois anos de duração, que é uma espécie de pós-graduação lato-sensu (*graduate studies*). Na Universidade de Columbia, em Nova York, onde fui muito bem recebido pelos professores Josh Friedman e David Klatell, a *Graduate School of Journalism* oferece disciplinas práticas em todas as mídias e especialidades. O aluno monta o seu currículo de acordo com o perfil que deseja para a sua atividade profissional.

Entretanto, o ambiente para o ensino do jornalismo em todo o mundo ainda procura superar a obsoleta dicotomia entre teoria e prática, o que acaba se reproduzindo em outra dicotomia, conforme o caro leitor já deve ter percebido: comunicação ou jornalismo. E, mesmo não concordando com ela, para atingir os objetivos deste capítulo, é impossível não abordá-la.

No livro *História das Teorias da Comunicação*, Armand e Michele Mattelart (2000, p.10) dão o tom sobre as dificuldades desta área de estudo: “A história das teorias da comunicação é a história das separações e das diversas tentativas de articular ou não os termos do que freqüentemente surgiu sob forma de dicotomias e oposições

binárias, mais do que de níveis de análise.” Uma percepção que encontra eco em outro famoso teórico, Mauro Wolf (2002, p.13): “Daí resultou um conjunto de conhecimentos, métodos e pontos de vista tão heterogêneos e discordantes que tornam não só difícil, mas também insensata, qualquer tentativa para se conseguir uma síntese satisfatória e exaustiva.”

Wolf, então, opta por renunciar às correntes de pesquisa e expor apenas o que ele chama de tendências mais difundidas e consolidadas. E, embora o título de seu livro seja *Teorias da Comunicação*, muitos dos conceitos estudados estão incluídos nas abordagens da chamada *Teoria do Jornalismo*, como é o caso, por exemplo, do agendamento, do *gatekeeper*, e do *newsmaking*, que está inserido em uma perspectiva de construção da realidade.

Na verdade, as dificuldades e discordâncias estão no cerne do embate político sobre o tema. Não só na luta sobre definições e conceituações, mas na própria divisão entre os pesquisadores. Os teóricos da comunicação perguntam: “afinal, jornalismo não é comunicação?” Então, é preciso estudar a teoria da comunicação. Mas, para algumas correntes de professores de jornalismo, estes estudos estão ultrapassados e são irrelevantes para a formação dos jornalistas.

De minha parte, acredito que algumas abordagens da teoria da comunicação devam ser estudadas nos cursos de graduação. Entretanto, um recorte específico nas teorias do jornalismo, conforme as sistematizações propostas por professores como Nelson Traquina, Jorge Pedro Souza, Michael Kunczik, José Marques de Melo e Nilson Lage, são imprescindíveis para a formação dos futuros profissionais. E essa é mais uma razão para escrever o presente texto, além, é claro, da conhecida carência de publicações sobre o tema. O que não acontece com as teorias da comunicação, cuja bibliografia é bastante ampla e conta com autores brilhantes, como Muniz Sodré, Antonio Hohlfeldt e Daniel Bounoux, entre outros.

De forma sintética, a Teoria do Jornalismo ocupa-se de duas questões básicas. 1- Por que as notícias são como são? 2- Quais são os efeitos que essas notícias geram? A primeira parte preocupa-se fundamentalmente com a produção jornalística, mas também envereda pelo estudo da circulação do produto, a notícia. Esta, por sua vez, é resultado da interação histórica e da combinação de uma série de vetores: pessoal, cultural, ideológico, social, tecnológico e midiático. Já os efeitos podem ser divididos em afetivos, cognitivos e comportamentais, incidindo sobre pessoas, sociedades, culturas e civilizações. Mas também acabam influenciando na própria produção da notícia, em um

movimento retroativo de repercussão. Em suma, os diversos modelos de análise ocupam-se da produção e/ou da recepção da informação jornalística. Neste capítulo, tentarei sintetizar as principais obras que se ocuparam dos diversos modelos da Teoria do Jornalismo no Brasil de 1950 para cá.

Minha proposta é fazer uma pequena e simples introdução, que conduza o leitor a leituras mais aprofundadas. Nada mais, nada menos. Não pretendo esgotar assuntos ou ter a palavra definitiva sobre nada. Apenas fazer um pequeno passeio historiográfico sobre livros e autores que marcaram época. Para isso, resolvi me valer dos mesmos critérios utilizados pelo co-autor deste livro, o professor Jorge Pedro Souza, em um recente trabalho apresentado no Congresso da Intercom, que serviu de base para a pesquisa realizada por cinco alunos de graduação, cujos nomes estão registrados na segunda nota de rodapé deste capítulo.

Assim, meus alunos dividiram os livros pesquisados em oito categorias, conforme a proposta de Jorge Pedro Souza:

Categorias	Definição
Teoria do jornalismo	Obras que teorizam sobre jornalismo e a sua interação e influência sobre a sociedade e a cultura desde o ponto de vista acadêmico, filosófico ou mesmo científico (sociológico), com exceção das obras sobre opinião pública e aspectos correlatos e outras melhor inseridas noutras categorias. Livros que teorizam sobre as técnicas, gêneros e estilos jornalísticos. Livros sobre jornalismo, desenvolvimento e progresso. Livros sobre teoria jornalística especializada. Reflexões, em geral, sobre jornalismo que não caibam noutras categorias. Textos sobre comunicação que incluem o jornalismo.
História do jornalismo	Obras sobre a história do jornalismo, a nível internacional, nacional ou local. Catálogos e dicionários bibliográficos e hemerográficos, desde que elaborados numa perspectiva histórica. História das agremiações profissionais. História dos meios de comunicação jornalísticos. Excluíram-se desta categoria as biografias e os livros de memórias profissionais, que se classificaram na categoria “Jornalistas e Vida Profissional”.
Ética, direito e deontologia do jornalismo, liberdade de imprensa e opinião pública	A ética, o direito e a deontologia do jornalismo correlacionam-se intrinsecamente entre si, na medida em que regulam a atividade jornalística. Por seu turno, a liberdade de imprensa emerge das leis e códigos deontológicos e é regulada por eles, ainda que a reflexão sobre ela se possa fazer filosoficamente, sem se abarcarem as questões legais. As discussões sobre a influência da imprensa sobre a sociedade e em particular sobre a opinião pública repousam também, amiúde, sobre o princípio da liberdade de imprensa. Daí que esta categoria abarque todos esses assuntos e ainda as questões do jornalismo e da verdade quando associadas à liberdade.
Ensino do jornalismo	Livros cujo principal propósito é o de abordar questões ligadas ao ensino do jornalismo, como sejam: a sua necessidade; a estrutura de cursos de jornalismo; a fundação e organização de escolas de jornalismo, etc. Pedagogia do jornalismo.

Jornalismo e educação	Livros sobre o papel pedagógico do jornalismo e dos meios jornalísticos na educação, em particular no contexto da sala de aula. Jornalismo escolar (desde que abordado na perspectiva pedagógica e não histórica). Elaboração de jornais escolares. Imprensa na escola. Apesar desta categoria ter sido criada, não teve ocorrências.
Jornalistas e vida profissional	Biografias de jornalistas. Memórias de jornalistas enquanto profissionais do jornalismo. Reflexões sobre a profissão e o seu dia a dia desde a óptica do jornalista. Reflexões sobre os grêmios profissionais (desde que não sejam feitos na perspectiva histórica ou conjuntural).
Conjuntura jornalística	Análises do mais variado tipo sobre a conjuntura jornalística, incluindo reflexões sobre questões da atualidade jornalística e relatórios de atividades das associações profissionais com inclusão de reflexões sobre jornalistas e jornalismo. Livros que analisam o jornalismo do tempo em que foram editados, enfatizando as estruturas das empresas jornalísticas existentes, as tiragens e/ou audiências, os públicos, o mercado, etc. Livros sobre as perspectivas de desenvolvimento dos meios de comunicação jornalísticos. Obras sobre a situação das associações de classe. Catálogos e dicionários hemerográficos elaborados numa perspectiva de atualidade e não histórica. Obras publicitárias dos órgãos jornalísticos com informações relevantes sobre os recursos que possuíam.
Outros e vários temas	Obras sobre jornalismo não enquadráveis nas categorias anteriores. Obras coletivas em que os autores abordam temas diferentes, cada um deles categorizados numa das categorias anteriores.

O trabalho foi desenvolvido durante os meses de setembro e outubro de 2007, com o objetivo de listar os livros sobre jornalismo publicados no Brasil no período de 1950 a 2007. As obras pesquisadas encontram-se na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, no Arquivo Nacional e na biblioteca da Pontifícia Universidade Católica (PUC). Devido à grande quantidade de publicações deste período e ao tempo dedicado à pesquisa, obviamente, diversos livros não foram catalogados. Mas a amostra é representativa e serve de referência para os pesquisadores da área.

Cada livro listado acompanha informações referentes aos assuntos nele abordados e uma breve biografia do autor. Diversos escritores possuem mais de um livro na lista, portanto há biografias repetidas. A catalogação foi organizada de acordo com o ano de publicação. As obras pesquisadas deveriam atender às seguintes exigências:

- Serem publicadas entre 1950 e 2007;
- discorrer sobre o jornalismo;
- a nacionalidade do autor deveria ser brasileira;
- o livro deveria ser publicado no Brasil;
- não poderia ser uma obra de ficção;
- não poderia ser uma biografia;

Antes, porém, gostaria de abordar alguns temas que me parecem fundamentais para a compreensão da Teoria do Jornalismo no Brasil pois partem das atuais reflexões dos pesquisadores nacionais, sem deixar de relacioná-los, obviamente, com os pensadores estrangeiros. São questões prementes no debate nacional, como o Conselho Federal de Jornalismo e a liberdade de imprensa.

2. A natureza do jornalismo

Você não gostaria de ter o dom da ubiqüidade? Imagine poder estar presente em vários lugares ao mesmo tempo e saber de tudo que se passa nos mais diversos contextos. Como no poema de e.e.cummings (a grafia é minúscula mesmo), você poderia estar instantaneamente em “algum lugar onde nunca estive e ver coisas que não pode tocar com muita proximidade.” Ou, nas palavras do poeta Robert Frost, “não ver profundezas nem distâncias, muito menos aceitar os limites do olhar”. O que acha?

A resposta parece óbvia, mas desnuda o mais perene dos desejos humanos. A busca da onipresença triunfante só tem um objetivo: a onisciência. O homem tem medo do desconhecido e luta desesperadamente contra ele. Um medo tão antigo que, na Bíblia, está registrado na primeira frase do primeiro livro, o Gênesis: “No princípio, era o caos. Havia trevas sobre a face do abismo.” As palavras caos e abismo transitam pelo mesmo campo semântico. Caos vem do grego *khínein*, que significa exatamente abismo. Os próprios gregos tratavam de relacionar a palavra com desordem e confusão, opondo-a radicalmente à idéia de organização e estabilidade. O abismo representava o desconhecimento, a incapacidade em ordenar o mundo e domar os seus fenômenos naturais.

Na verdade, a obsessão em dominar a natureza esconde a verdadeira obsessão do homem: dominar o caos, ou, em outras palavras, ter previsões seguras que evitem a queda no abismo, ou seja, o desconhecido. Para isso, ele inventou a ciência e tratou logo de criar leis deterministas que dessem estabilidade aos tais fenômenos naturais. A física de Aristóteles, a mecânica de Newton ou a abóbada de Ptolomeu tinham a função primordial de ordenar os acontecimentos da natureza, explicando suas origens e tentando prever seus movimentos.

O medo do desconhecido não vem só da natureza, mas também da geografia. Longas e intransponíveis distâncias potencializam o desconhecimento e,

conseqüentemente, o medo e a imaginação. Se, até hoje, indagamos se estamos sozinhos ou não no Universo, por que seria diferente como os habitantes deste planeta, por exemplo, durante a Era dos descobrimentos? Essa própria Era só foi possível porque o homem quis conhecer o que estava além dos seus limites físicos e, por isso, construiu caravelas e encorajou as navegações. Mas não custa perguntar: o que leva algumas dezenas de navegantes a abandonar suas famílias e se meter durante meses em um barquinho de madeira vagabunda com alguns metros de comprimento em um oceano revolto? A resposta me parece clara: o medo de não conhecer o que está além-mar é muito maior do que o medo do próprio mar.

É o mesmo motivo que ainda nos faz mandar foguetes a Marte, Saturno e outros planetas. **Tentamos ter o dom da ubiqüidade através da alteridade, pois a ilusão da onipresença é construída pelas informações produzidas pelo outro.** Já que não podemos estar em vários lugares ao mesmo tempo, queremos, pelo menos, acreditar que sabemos o que acontece pelos mais longínquos rincões do universo, e, para isso, mandamos correspondentes, relatores ou alguma tecnologia que possa substituir o relato do homem. Pois a simples perspectiva de não ter a menor idéia do que se passa ao nosso redor, seja qual for o perímetro, nos dá um frio na barriga e aterroriza nosso imaginário. O sucesso dos filmes de ficção científica está aí para comprovar esta tese. Temos pesadelos com invasões de marcianos e discos voadores com lazeres coloridos.

Em suma, **respondendo ao título deste item, afirmo que a natureza do jornalismo está no medo. O medo do desconhecido, que leva o homem a querer exatamente o contrário, ou seja, conhecer.** E assim, ele acredita que pode administrar sua vida de forma mais estável e coerente, sentindo-se um pouco mais seguro para enfrentar o cotidiano aterrorizante de seu meio ambiente. Mas, para isso, é preciso transpor limites, superar barreiras, ousar. Entretanto, não basta produzir cientistas e filósofos, ou incentivar navegadores, astronautas e outros viajantes. Também é preciso que eles façam os tais relatos e reportem suas informações a outros membros da comunidade que buscam a segurança e a estabilidade do “conhecimento”. A isso, sob certas circunstâncias éticas e estéticas, posso chamar jornalismo.

Só que uma história do jornalismo dificilmente poderia estar excluída de uma história da comunicação (sem querer votar à dicotomia da introdução). Na verdade, como nos conta César Aguillera Castilho, ela é até menos inteligível fora deste contexto. Castilho escreveu o primeiro capítulo do livro *História da Imprensa*, um compêndio de 700 páginas organizado pelo professor espanhol Alejandro Pizarroso

Quintero. O título do capítulo é “Comunicação e informação antes da impressão”. Em seu texto, Castilho faz a seguinte ponderação: “se a primeira grande aquisição comunicativa do *Homo Sapiens* é a fala, isso não exclui que tenha havido comunicação antes de sua aquisição.”(p.17) Ele se baseia em estudos do pesquisador Carleton S. Coon para traçar uma panorama darwinista do homem, em que relaciona a origem da fala humana à sua própria evolução física e mental. Assim, o ser humano, muito lentamente, passaria de uma fase pré-lógica para um pensamento lógico e libertador. Entretanto, essa passagem não significa a perda do mundo de significações primordiais expressas na diversidade gestual do homem primitivo.

A linguagem não verbal é essencial para o advento da verbalização, que, segundo Castilho, acontece durante a revolução neolítica, quando verifica-se um aumento de novas tarefas e novos utensílios. “Por essa altura, parece que o homem conseguiu um idioma verbal, se bem que este, só por si, nunca tenha existido: fala-se com os olhos, com os gestos, com o corpo, com as posturas e, principalmente, com o tom e a emoção” (p.14)

Quando o homem fala, há um componente sinestésico tanto na emissão quanto na recepção. Ao ouvir alguém em uma praça pública, por exemplo, não estamos só usando a audição. Estamos vendo seus gestos, usando o tato para nos apoiar em algum banco ou ficar de pé, sentindo o cheiro no ar e o paladar de nossa última refeição ou da fome que se aproxima. Todos estes componentes influenciam a mensagem. São parte dela.

Segundo Bill Kovach e Tom Rosenstiel, autores do livro *Os Elementos do jornalismo*, os relatos orais podem ser considerados uma espécie de pré-jornalismo. Para eles, quanto mais democrática uma sociedade, maior é a tendência para dispor de mais notícias e informações. O que pode ser comprovado pela democracia ateniense, que se apoiava em um jornalismo oral, no mercado de Atenas, onde tudo que era importante para o interesse público ficava ao ar livre, como concluem Kovach e Rosenstiel, citando o professor de jornalismo John Hohenberg (p.36).

As conclusões da dupla americana vêm ao encontro dos fundamentos da democracia grega, baseada em preceitos como isagoria, isonomia e isotimia. Mas os próprios gregos perceberam as possibilidades de manipulação do conteúdo oral através da habilidade do orador. Os sofistas, cuja marca principal era a competência no discurso, foram criticados por Platão, para quem a cidade perfeita deveria ser governada pela classe dos filósofos, os únicos com sabedoria e conhecimento suficientes para

exercer o comando. Segundo ele, não haveria democracia enquanto os requintes do discurso oral continuassem valorizados. “Ou o povo se submetia à reta filosofia, ou decidia pela injustiça do bom prazer”

O fato é que os relatos orais são a primeira grande mídia da humanidade. O historiador Peter Burke classifica-os como um meio de comunicação específico e importante, mas que tem recebido pouca atenção da historiografia oficial, apesar da vasta literatura sobre a oralidade. Mesmo muito tempo após a invenção da escrita, a comunicação oral continuou (e continua) poderosa. Segundo Burke, no livro *Uma História Social da Mídia*, “as possibilidades do meio oral eram conscientemente exploradas pelos mestres do que era conhecido no século XVI como a retórica eclesiástica”. (p. 38)

Os púlpitos da Igreja Católica e Protestante influenciavam reis e rainhas. Para Burke, os governos tinham plena consciência do poder que a tal retórica tinha sobre a população, principalmente nas áreas rurais, onde havia obediência cega aos seus ensinamentos. “A rainha Elizabeth I falou da necessidade de ‘sintonizar os púlpitos’, e Carlos I concordou declarando que ‘em tempos de paz as pessoas são mais governadas pelo púlpito do que pela espada’, uma clássica e primeira declaração da idéia de hegemonia cultural.” (p. 39) Burke ainda destaca outros importantes tipos de comunicação oral, como a acadêmica, o canto, o boato e a informação de tabernas, banhos públicos, clubes, bares e cafés.

E é exatamente nos cafés de Londres, no começo do século XVII, que Bill Kovach e Tom Rosenstiel situam um possível início do que eles chamam de moderno jornalismo. Lá, os donos dos *pubs* (casas públicas) estimulavam as conversas com viajantes, pedindo que eles contassem o que tinham visto pelo caminho. “Na Inglaterra, havia cafés especializados em informações específicas. Os primeiros jornais saíram desses cafés por volta de 1609, quando tipógrafos mais atrevidos começaram a recolher informações, fofocas e discussões políticas nos próprios cafés, depois imprimindo tudo.” (p.37) Ou seja, além da passagem de uma cultura oral para a escrita, é a invenção dos tipos impressos que vai possibilitar o advento do jornalismo moderno. Entretanto, a oralidade continuará sendo protagonista do processo jornalístico, não só na relação com as fontes como na configuração de novas tecnologias midiáticas, como o rádio e a televisão.

3. O significado da objetividade e as estatísticas

O conceito de objetividade é um dos mais discutidos no jornalismo. Talvez, o mais antigo. Alguns críticos citam até Tucídides, autor da *História da Guerra do Peloponeso*, que viveu entre 469 e 396 a.C. , como o primeiro a levantar polêmica sobre o assunto, ao tirar a seguinte conclusão sobre seu livro: “essa investigação foi difícil porque os depoimentos sobre os diversos fatos não foram todos descritos do mesmo modo, mas esmiuçados segundo seus pontos de vista ou da maneira como os lembraram.” (Kunczik, p.223)

Outros críticos, como ex-editor da CNN, David Mindich, autor do livro *Just the facts : how objectivity came to define american journalism*, localizam a discussão em tempos mais recentes. “Minha pesquisa sugere que a objetividade como envolvimento ético nasceu em 1830 e atingiu grande sucesso em 1890.” (p.10) O próprio Mindich, no entanto, deixa claro que o conceito só foi realmente aplicado no começo do século 20. Opinião compartilhada pela maioria dos teóricos do jornalismo.

Entretanto, o problema do conceito não está no tempo, mas na interpretação. **A objetividade é definida em oposição à subjetividade, o que é um grande erro, pois ela surge não para negá-la, mas sim por reconhecer a sua inevitabilidade.** Seu verdadeiro significado está ligado à idéia de que os fatos são construídos de forma tão complexa que não se pode cultuá-los como a expressão absoluta da realidade. Pelo contrário, é preciso desconfiar destes fatos e criar um método que assegure algum rigor científico ao reportá-los.

O professor Michael Schudson, no livro *Discovering the News: a social history of american newspapers*, de 1978, já fala sobre a inevitabilidade da subjetividade como característica e não como negação da objetividade. Segundo Schudson, o conceito se desenvolve por 3 motivos principais: **1-** a partir do ceticismo da sociedade americana no começo do século XX, influenciada pelo crescimento da psicanálise, que faz duras críticas à razão; **2-** pelo nascimento da profissão de relações públicas, capaz de produzir fatos para beneficiar determinadas empresas; e, **3-** principalmente, pela influência da propaganda, cuja eficácia ficou provada ao levar a opinião pública americana a ficar a favor da entrada dos Estados Unidos na primeira grande guerra. Já Nelson Traquina, em sua obra sobre a teoria do jornalismo publicada pela UFSC em 2004, cita a tese de doutorado do português Adriano Rodrigues, que também critica “a insustentável dicotomia simplificadora entre objetividade e subjetividade” (p.135)

A objetividade, então, surge porque há uma percepção de que os fatos são subjetivos, ou seja, construídos a partir da mediação de um indivíduo, que tem preconceitos, ideologias, carências, interesses pessoais ou organizacionais e outras idiossincrasias. E como elas não deixarão de existir, vamos tratar de amenizar sua influência no relato dos acontecimentos. Vamos criar uma metodologia de trabalho.

Quando o público e os jornalistas percebem que os textos são influenciados pela subjetividade e podem distorcer a realidade - até mesmo por força do inconsciente, como demonstrou Freud - o mundo está em plena crise do sistema democrático. O totalitarismo está em ascensão, amparado pelo controle dos meios de comunicação e pela propaganda de massa. Mas é nos Estados Unidos que o poder desta propaganda mostra sua cara. Segundo Schudson, citado por Traquina, a Comissão de Informação Pública criada pelo presidente Wilson em 1917 “produziu mais de 6000 comunicados, contratou mais de 75.000 pessoas para fazer pequenos discursos nos cinemas e outros lugares públicos e mobilizou os escudeiros para distribuir nos domicílios discursos do presidente a favor da guerra.” (p.136) E havia muitos jornalistas engajados neste tema. Então, como confiar nos fatos?

Da mesma forma, as idiossincrasias dos profissionais podiam ser percebidas em coberturas específicas como a que o *New York Times* fez sobre a Revolução Russa. Conforme a descrição de Walter Lippmann “no geral, as notícias sobre a Rússia se convertiam num caso de ver as coisas não como eram, mas como os homens queriam ver” (Kovach e Rosenstiel, p.114). Para ele, era preciso que os jornalistas evitassem os próprios preconceitos e a única maneira de fazer isso era adquirir um pouco de espírito científico. Mas não havia ilusões sobre a eficácia da ciência, pois ele conhecia a complexidade da produção de notícias. Daí a sua conclusão de que **o método é que deveria ser objetivo, não o jornalista.**

Ao longo dos anos, entretanto, o conceito foi perdendo esse entendimento original e hoje causa muita confusão. A sociedade confunde a objetividade do método com a do profissional, e este jamais deixará de ser subjetivo. E também confunde texto com discurso, o que fica claro na separação dogmática entre opinião e informação. A professora Sylvia Moretzsohn, autora do livro *Jornalismo em Tempo real: o fetiche da velocidade*, chega a citar como exemplo o site brasileiro de notícias no.com.br, onde o colunista Marcos Sá Corrêa tinha como slogan “separando o N de notícia do O de opinião.”

Mas o que se observa no jornalismo atual é uma simbiose, não uma separação. A notícia nunca esteve tão carregada de opiniões. E um dos motivos é justamente atender ao critério de objetividade que obriga o jornalista a ouvir sempre os dois lados da estória. Os jornais acabam valorizando mais as declarações do que os próprios fatos. Ou seja, preocupam-se mais com os comentários sobre os acontecimentos do que com os acontecimentos em si. Para a socióloga Gaye Tuchman, no artigo *A objetividade como ritual estratégico*, isso acontece como um ritual estratégico dos jornalistas para evitar críticas ao seu trabalho e até eventuais processos na justiça. A metáfora usada por Tuchman é clássica: “os jornalistas invocam a sua objetividade quase do mesmo modo que um camponês mediterrâneo põe um colar de alhos à volta do pescoço para afastar os espíritos malignos.” (p.75) Além da apresentação de possibilidades conflituosas, os profissionais da imprensa usam outras três estratégias para formar o seu colar de alhos: o uso judicioso das aspas, a apresentação de provas auxiliares e a própria apresentação da notícia na forma de pirâmide invertida, com a utilização do lide.

Nas páginas dos jornais, a reserva de espaço específico para artigos de opinião, separando-os das reportagens, acaba contribuindo para a confusão. Como diz o professor Carlos Chaparro, citado por Moretzshon, isso ilude o leitor e leva-o a acreditar em notícias como informação purificada, livre de pontos de vista, o que é inteiramente ilusório. Chaparro conclui que “a divisão entre notícias e comentários não representou uma separação entre informação e opinião, mas entre dois tipos de texto, um com uma estrutura formal argumentativa, outro com estrutura formal narrativa.” (p.101) E é claro que um carrega traços do outro.

Todos os autores citados neste item não mediram esforços na tentativa de clarear o significado da objetividade no jornalismo. Eu me junto a eles por acreditar que esse esforço é fundamental não só para melhorar a imagem da profissão perante a sociedade, mas para o próprio entendimento dos jornalistas sobre seu ofício. Talvez assim possamos evitar declarações estapafúrdias, como a do presidente da CBS News, Richard Salant: “nossos repórteres não cobrem notícias sob o ponto de vista deles. Eles as apresentam a partir do ponto de vista de ninguém” (Mindich, p.7)

Com todo respeito, Mr. Salant, ninguém só pode ser o senhor mesmo.

Um dos artifícios utilizados por barões da mídia como Mr. Salant para estabelecer esta pretensa objetividade é a estatística. É muito simples: Se eu como um frango e você nenhum, pela estatística ambos comemos meio frango. Sim, essa frase é um clichê, mas há como negá-la? Os estatísticos responderão que é preciso fazer

ponderações e atribuir valores para adequar a pesquisa à realidade. Pode ser, mas quem aplica essas fórmulas? Seja lá quem for, certamente não estará imune às influências externas, idiosincrasias, preconceitos e outras intempéries. Ou seja, o mesmo caso verificado no item anterior: é preciso ficar atento à subjetividade do pesquisador. **Tirar conclusões com base em números é uma das formas mais simplistas de aplicar o conceito de objetividade.**

Para não ficar no clichê do frango, dou outro exemplo. Segundo o historiador italiano Alessandro Portelli, citado por Sylvia Moretzhon, alguns pesquisadores usaram métodos de análise estatística e valeram-se de fontes documentais para chegar à conclusão de que os escravos de um determinado país eram açoitados 0,7 vezes por ano. Portelli então pergunta: é possível açoitar alguém 0,7 vezes? (p.103) Claro que não, mas em um grupo de cem escravos, se um deles receber 70 chibatadas, na estatística todos receberam 0,7. E é óbvio que a realidade dos outros 99 não é a mesma daquele que apanhou 70 vezes. Mesmo que “a experiência excepcional deste último dê cor às expectativas e ao comportamento dos demais,” como argumenta o historiador. (idem)

Moretzhon usa o exemplo para referir-se a uma das orientações do manual de redação da Folha de São Paulo, que recomenda evitar o tom melodramático de uma narrativa através da caracterização objetiva da emoção pela utilização de números. “*o réu fumou 45 cigarros em quatro horas é melhor do que o réu estava visivelmente nervoso*”, diz o manual. Mas quem determina a quantidade de cigarros que caracteriza o nervosismo do réu? E se ele for um fumante compulsivo? Talvez fume o mesmo número de cigarros quando está calmo.

No jornalismo esportivo, há o famoso *scout*, importado dos Estados Unidos e utilizado principalmente em esportes como beisebol e basquete. Entretanto, também no futebol (refiro-me ao *soccer*, não ao estilo americano) os números vêm sendo usados com muita frequência, produzindo distorções lamentáveis. Uma delas, por exemplo, é considerar os cabeças de área, aqueles jogadores de meio campo que fazem a proteção da defesa, como os melhores passadores (assistentes para os americanos) do esporte. Não, os números não estão errados, mas a falta de contextualização induz a uma interpretação fria que, por sua vez, leva a conclusões absurdas. De fatos, os cabeças de área têm o melhor índice de acerto de passes de qualquer competição, mas isso só acontece porque eles têm mais espaço e, geralmente, rolam a bola pro lado, dando passes de segurança na saída de jogo. Os verdadeiros craques, que jogam pra frente, dão passes muito mais arriscados e por isso erram mais. Entretanto, são esses passes que

colocam outros jogadores em condição de fazer o gol. Ou seja, dão brilho ao espetáculo e contribuem para a beleza do esporte. Já os passes de três ou quatro metros são apenas burocráticos, um óbvio ululante de mediocridade. Mas como são mais fáceis de acertar, aparecem bem nas estatísticas. Deu pra entender?

Mesmo assim, as estatísticas são muito usadas no jornalismo. E este alerta não significa a completa descrença em seus resultados. Meu exagero é proposital, pois o que quero evitar é uma atitude de ingenuidade com relação a elas. É imprescindível manter uma distância crítica e questionar a informação veiculada em qualquer tipo de pesquisa, principalmente se ela usar o método quantitativo de coleta de dados. Assim, minhas recomendações específicas são:

1. Saber quem encomendou a pesquisa.
2. Conhecer a instituição, os pesquisadores, seus métodos e sua reputação.
3. Entender a metodologia e saber a amostragem da pesquisa.
4. Perguntar especificamente quais foram as questões e como elas foram feitas.
5. Descobrir outra pesquisa sobre o mesmo assunto e compará-la com a original.
6. Após cumprir as cinco etapas anteriores, não perder a desconfiança.

Se não gostar das minhas recomendações ou achá-las insuficientes, recorra a outros autores. O professor João de Deus Corrêa, por exemplo, tem uma visão bem diferente da minha. Ele é um entusiasta da utilização de pesquisas pelos jornalistas, pois considera que elas são um exercício de abertura mental, numa clara proposta de otimização dos recursos do pesquisador ou externos a ele, como tempo, finanças e atenção. E, acima de tudo, têm a extraordinária função de ativar o cérebro daquele que investiga. Para João, os questionários são essencialmente "arquitetados" e nisso está um valor extraordinário : toda pesquisa séria, que mereça tal nome, é montada sobre procedimentos práticos, no sentido motor, e reflexivos, que fornecem a ela o rigor da observação, associado à simplicidade relativa da rotina do fazer investigativo, a que denomina-se "método". A etimologia do termo é composta pelos conceitos gregos "meta" (destino) e "odos" (caminho), encerrando a idéia de "caminho para um alvo".

De qualquer forma, vale a pena manter o ceticismo e lembrar de outra velha frase sobre números: **Existem três tipos de mentiras: mentiras, mentiras hediondas e estatísticas.**

4. A redundância, a liberdade de imprensa e o Conselho Federal de Jornalismo

A redundância é essencial para a comunicação. Está diretamente ligada à sua eficácia. É seu fio condutor, seu norte, a garantia da chegada. Sem ela, o verbo comunicar é quase uma impossibilidade. Seu exercício diário pode até passar despercebido, mas é responsável pela superação de ruídos e outros obstáculos inerentes à transmissão de uma mensagem. Entre emissor e receptor, há muito mais repetições do que imaginamos.

Na verdade, o conceito é muito mais amplo. Redundar não é simplesmente repetir, mas reforçar uma informação. A própria língua, como nos mostram Shannon e Weaver, carrega redundâncias em sua estrutura. E são elas que facilitam a decodificação exata da mensagem e permitem a identificação de erros, como por exemplo, os ortográficos. Sabemos que a palavra “xuva” está errada porque ao substituir o “ch” pelo “x” ela não passa a significar outra coisa. Se a língua não fosse redundante, ao mudar uma letra, estaríamos mudando uma palavra. Acontece o mesmo quando soletramos nomes a fim de não confundir o interlocutor.

Se desejo preparar alguém para uma notícia inesperada, uso a redundância: “olha, tenho que te contar uma novidade, e eu sei que você não está esperando...” Se o objetivo é ser sociável faço o mesmo: “Olá, bom dia, como vai?” As três expressões têm o mesmo significado, mas a intenção não é produzir resposta, e sim manter o canal aberto. Se desejo ressaltar as qualidades ou os defeitos de alguma coisa, também sou redundante: “minha querida, esse livro é maravilhoso, excelente; você não tem idéia de como ele é bom.”

De acordo com o teórico John Fiske, autor do livro *Introdução ao estudo da comunicação*, a redundância não é só útil, como absolutamente vital. Ele a relaciona teoricamente em oposição a outro conceito, a entropia. Para Fiske, enquanto a redundância é aquilo que, numa mensagem, é previsível ou convencional, a entropia está diretamente relacionada à redução da previsibilidade. Em comunicação, aquilo que é mais provável está determinado por nossa experiência de código, de contexto e de tipo de informação. Assim, por exemplo, poetas tendem a ser mais entrópicos, pois utilizam metáforas e quebram convenções, enquanto jornalistas são mais redundantes, já que têm compromisso com a facilidade de decodificação da mensagem. Os estudiosos da Teoria da Informação (TI) afirmam que nas situações altamente ordenadas e com poucas

possibilidades de escolha, a informação é baixa. Ou seja, a redundância baixa o nível de complexidade da mensagem.

O jornalista Ronaldo Heim, no livro *Os fluxos da Notícia*, usa o conceito de entropia com base na teoria dos sistemas. Para o autor, a entropia corresponde à tendência que o sistema tem para a sua própria desorganização. É o que acontece, segundo ele, com a informação, que, assim como a energia, tende a se degradar. Ou seja, perde-se no espaço e desaparece. E isso acontece proporcionalmente ao número de opções que temos para interpretar aquela informação. De novo, quanto maior a complexidade, maior a entropia.

No meu caso, sou um fã incondicional da redundância, conforme esta frase e os parágrafos anteriores podem comprovar. Faço uso da repetição sempre que posso. Gosto de reforçar a mensagem, de ser explícito, de me fazer entender. E, mesmo assim, nem sempre tenho sucesso. Mas eu insisto. Sou redundante em meus próprios livros. Utilizo conceitos presentes em um para analisar questões que são de outro. Repito frases, pensamentos, até parágrafos inteiros. E faço isso com convicção. Tenho a impressão de que passarei a vida escrevendo a mesma obra, desenvolvendo a mesma temática. Não vejo outra forma de ser escritor. Muito menos, jornalista.

Discordo dos teóricos da comunicação, para quem quanto mais redundante é o sistema, menos informação ele está veiculando. Esta análise é superficial e limitada, pois não leva em conta os critérios qualitativos da emissão, que, ao contrário da opinião teórica, podem aumentar a quantidade de informações. A repetição pode melhorar a recepção da mensagem a tal ponto que implique na absorção de conteúdos antes ignorados. Portanto, pode aumentar o número de informações.

Na imprensa, a redundância já está incorporada à rotina das redações. Usamos manchetes, que remetem a títulos, que fazem referência a sub-títulos, que são confirmados pelo primeiro parágrafo da matéria. Embaixo das fotos, escrevemos legendas que reforçam a imagem, na maioria das vezes já explicitada pelo título. O próprio texto focaliza a objetividade do lead com o intuito de ter uma compreensão mais clara. O jornalista tenta diminuir ao máximo o grau de entropia, pois sabe que seu público é heterogêneo e precisa de um entendimento imediato, já que dificilmente terá tempo para produzir sua própria redundância, ou seja, ler a reportagem pela segunda vez. E não há nada mais redundante que os próprios critérios de produção da notícia. Basta comparar as edições de vários jornais na banca da esquina. Mesmos assuntos,

mesmos enfoques, às vezes até as mesmas manchetes e fotos. Parecem espelhos uns dos outros.

Por outro lado, há um fator que dificulta a redundância (e, portanto, a compreensão dos fatos) e aumenta a entropia no jornalismo: o tempo. O procedimento jornalístico contemporâneo, com excesso de fontes e fatos apurados, está preso a operadores de atualidade. Ou seja, é refratário ao passado e ao futuro, buscando a novidadeⁱ como princípio absoluto, diminuindo o espaço para a contextualização. Aprisionada ao presente, a notícia acaba prioritariamente ligada ao surpreendente, que tem maior valor de venda. Portanto, aumenta a sua entropia. Nos manuais de redação, as recomendações para suítes determinam que os repórteres não devem começar a reportagem fazendo referência ao fato anterior. Se, por exemplo, eu fizer uma matéria sobre a repercussão no congresso nacional das denúncias contra o presidente do Banco Central, não posso iniciar o texto assim: “As denúncias de anteontem repercutiram na sessão de ontem do Senado.” Em vez disso, devo procurar um fato novo, do tipo: “O senador Fulano de Tal pediu a renúncia do presidente do Banco Central.” No jargão jornalístico, isso se chama “esquentamento” de notícias.

O jornalista Leão Serva faz uma ótima análise do chamado “efeito surpresa” no livro *Jornalismo e Desinformação*. Trata-se da redação proposital de notícias com informações antes desconhecidas na ausência de outras integralmente novas, mas que, na verdade, referem-se a fatos antigos. Para Serva, a imprensa não busca ampliar o significado das notícias, e a conseqüência é o aumento da incompreensão do texto. Concordo com ele, e acredito que a causa disso está na ausência da redundância, que é tão bem aplicada em outros setores do jornalismo, como o formato e o estilo, por exemplo. É preciso repetir as informações do passado para contextualizar o leitor no presente. Como Leão Serva lembra muito bem, a decodificação de uma mensagem depende daquilo que o lingüista Charles S. Peirce chama de *interpretante*, ou seja, o signo referente. Para conhecer a Teoria da Relatividade, por exemplo, é preciso entender os conceitos de massa e energia. O leitor de um jornal, então, terá maior dificuldade de compreender o fato se a referência não lhe for fornecida. Como diz o autor, “no momento em que esse leitor consegue compor os signos *interpretantes*, para a compreensão de uma notícia, ela deixa de ser importante para os jornalistas.” (p.119) Nesse caso, deixa de ser publicada e o jornal confirma o clássico clichê de servir para embrulhar o peixe do dia seguinte. Posso concluir, então, que a ausência de redundância é diretamente proporcional à desinformação.

Na televisão, isso é ainda mais explícito. Embora a imagem seja amplamente valorizada no telejornalismo, é o texto que vai dar o verdadeiro significado da informação. Salvo raras exceções, não basta ver, é preciso que alguém nos diga o que estamos vendo. Ser redundante é a norma geral para qualquer reportagem de TV. Mesmo assim, ainda permanece a descontextualização, pois o veículo também segue os operadores de atualidade, valorizando o presente, ignorando os signos interpretantes e maquiando a novidade.

No telejornal, há a constante tentativa de manter o fato no presente, mesmo que ele tenha acontecido pela manhã e o veículo deva mostrar a reportagem à noite. Na edição, o jornalista deve pensar em estratégias para segurar a atenção do telespectador, e manter o fato em proximidade temporal é uma delas. Ao contrário do jornal, que oferece um cardápio de notícias ao leitor, na TV a refeição é escolhida pelo maître. A notícia televisiva é produzida para ser consumida na sua totalidade, como um grande “lidão”. E como o telespectador não pode voltar a fita, os manuais de redação pregam a simplicidade e a objetividade como norma número um. É ela que vai possibilitar a discussão dos fatos por um maior número de pessoas e influenciar na sociabilidade. Cada vez mais, os telejornais pautam as conversas entre os cidadãos e até mesmo a própria agenda dos poderes públicos. E aqui me refiro não somente àquilo que vamos falar, mas também à maneira como vamos falar.

O problema é que essa suposta simplicidade, muitas vezes, é confundida com pobreza vocabular. Não há repórter de TV que nunca tenha ouvido a velha máxima: “uma imagem vale mais que mil palavras”. Da mesma forma, não há professor de telejornalismo que não tenha utilizado o velho recurso de passar o telejornal sem som para refutar esta afirmação. Mas, afinal, quem reina soberano no império das informações televisivas?

Neste caso, há vários reis. Para Michel Chion, citado por Guilherme Rezende no livro *Telejornalismo no Brasil*, a audição e a visão suscitam percepções específicas, o que impediria afirmar que um sentido é mais importante que o outro. Desta forma, Chion substitui a concepção de hierarquia pela de intercomplementação dos sentidos.

Para Umberto Eco, a linguagem televisiva é uma combinação de três códigos: o icônico, o linguístico e o sonoro. O primeiro reporta-se à percepção visual. O segundo refere-se à língua e está dividido em dois sub-códigos: o dos “jargões especializados”, que são vocábulos próprios de uma linguagem técnica; e o dos sintagmas “estilísticos”, que se expressam por meio de figuras retóricas correspondentes às imagens estéticas dos

códigos icônicos. Já o código sonoro é relativo à música (uma vinheta, por exemplo) e aos efeitos sonoros (disparo de uma arma) e divide-se em três sub-códigos: o emotivo, o estilístico e o convencional.

Não parece difícil concluir que a televisão utiliza signos pertencentes a diversas linguagens, realocando-os em sistemas que adquirem sentido nas relações entre si. No caso do telejornal, estas relações põem em xeque a suposta soberania do código icônico, já que, a despeito da já mencionada intercomplementação de sentidos, a linguagem verbal parece ser a única realmente imprescindível para a compreensão da mensagem. Dificilmente, veremos imagens sem um enunciado verbal durante o telejornal. Entretanto, basta colocar uma foto de um repórter e um mapa da Europa na tela, por exemplo, para que ele fale de um acontecimento no sul da França, mesmo que não haja imagens disponíveis sobre o local. E se houver, ainda assim o texto do repórter será imprescindível para a compreensão dos fatos.

O telejornal é uma polifonia de vozes. Uma apresentação de corpos que reportam imagens. E para reportá-las, eles (os corpos) utilizam o código verbal. Só que este código verbal é híbrido, pois é escrito para ser lido. Ou seja, não é uma linguagem oral autêntica, mas um oral produzido, uma escrita oralizada, que leva em conta a fugacidade do texto televisivo. Como a notícia só passa uma vez, é preciso ser direto e simplificar a linguagem. Mas, como já disse, a clareza e a simplicidade não podem ser confundidas com pobreza de vocabulário. Devem estar é no cerne de estratégias de redundância que facilitem a compreensão da mensagem.

Guilherme Rezende também aborda a questão ao apresentar uma pesquisa do jornalista Eric Nepomuceno, realizada em 1994, sobre o vocabulário do Jornal Nacional e do TJ Brasil. O pesquisador constatou que 147 palavras diferentes foram suficientes para fazer 2/3 do JN e registrou que apenas três verbos (ser, estar e ter) responderam por 27,3 % do total de utilização dessa classe de palavras no mesmo jornal. No TJ Brasil, a pesquisa não foi muito diferente: os números foram respectivamente 21,6 e 26,6%.

Outra estratégia de simplificação é a orientação telegráfica na construção dos textos. As frases devem ser curtas e as informações fragmentadas. Na década de 70, ficou famosa a fórmula de Irving fang (Easy Listening Formula) para uma fácil compreensão do texto televisivo. Segundo o autor, o repórter deve contar as palavras com mais de uma sílaba em cada frase, atribuindo um ponto a vocábulos com duas sílabas, dois com três, e assim por diante. Se a frase tiver um saldo de mais de vinte pontos, é preciso

reestruturá-la, cortando palavras ou dividindo informações até que a pontuação seja reduzida.

Os telejornais buscam no coloquial um recurso para uma comunicação mais eficaz. Como já disse, ao contrário do leitor de jornal, que recebe um cardápio de notícias para escolher as que forem de seu interesse, o telespectador já recebe a refeição pronta, escolhida pelo maître/jornalista. A compreensão / deglutição deve ser imediata. Na TV, a notícia é elaborada para ser assistida na totalidade, como um grande “lidão”. Mas o lead é subvertido, pois não há preocupação com o fato mais importante, e sim com o mais sedutor ou dramático, aquele que pode prender a atenção da audiência.

A simplificação, então, ao contrário do que se pretende, acaba impedindo a contextualização e o entendimento, e reforçando a superficialidade, a banalização e a espetacularização. Componentes que estão longe de promover uma democratização do veículo, mas que se incorporam à cultura profissional do jornalista de TV, cuja imagem que faz da audiência e a velocidade com que produz a notícia também são fundamentais para entender o significado das informações veiculadas na telinha.

Não é só Paul Virilio que levanta suas armas contra a televisão ao abordar a questão da velocidade. Os críticos Pierre Bourdieu e Jean Baudrillard também enveredam pelo mesmo caminho, ao dizer que as coisas perdem sentido no tempo da informação. Para os três teóricos, entretanto, há um componente que agrava a situação: a transmissão ao vivo pela TV, que, segundo Virilio, transformou os espectadores em vítimas passivas da tirania do tempo real, tornando-os incapazes de formar opiniões sobre o que as ondas transmitem.

Mas as críticas não são unânimes. Para Arlindo Machado, a transmissão ao vivo foi eleita o bode expiatório de todos os males da televisão e do mundo. O que, segundo ele, se justifica por ela ser o recurso expressivo ou tecnológico mais característico do veículo, evitando assim que as críticas recaíssem sobre um meio vizinho e mais nobre como o cinema. Machado não acredita na tese de que a transmissão ao vivo (e a velocidade inerente a ela) é inimiga do pensamento e da democracia. E, para isso, faz uma indagação bastante simples no livro *A Televisão levada à sério*: “se a TV ao vivo é nociva à razão e à reflexão, por que as ditaduras têm tanto medo dela?”

Machado lembra a proibição da transmissão do comício das Diretas Já em 1984 para exemplificar sua análise e faz uma crítica direta aos teóricos que execram o veículo: “o tempo ao vivo é antagônico não ao pensamento, mas às digressões intelectuais.” Para

ele, a reflexão no “ao vivo” é um processo, está em andamento, mas, mesmo assim, pode gerar ação política e mobilização, como foi o caso do impeachment de Collor.

O bem direcionado enfoque de Arlindo Machado, no entanto, parece esquecer apenas das conseqüências da paradoxal lógica da velocidade, em que o espaço-tempo transforma-se na suposta realidade veiculada pelas imagens. Com uma câmera, podemos transformar uma pequena manifestação em um supercomício, dependendo do ângulo em que produzimos as imagens. E o inverso também é possível. Se é verdade que as ditaduras temem as transmissões ao vivo, também não é falso afirmar que elas se utilizam dela.

A velocidade pode ser usada para a substituição da uma possível aproximação da realidade por sua mais longínqua representação. A imagem produzida pela máquina de visão, como nos diria Virilio, é inerte, uma “visão sem olhar”. A velocidade nos leva de volta à imobilidade. As máquinas destinadas a ver em nosso lugar produzem uma visão sintética, que automatiza a percepção. Uma percepção condicionada pela abordagem superficial da velocidade, cuja estética vale-se de uma equivocada primazia da imagem sobre o texto e de um processo de simplificação da linguagem audiovisual

Estes conceitos são importantes para abordar temas complexos como, por exemplo, a liberdade de imprensa. Na teoria jurídica, ela está garantida na primeira emenda da constituição americana. No Brasil, conforme expresso pelo juiz Luis Gustavo Grandinetti em sua tese de doutorado, o conceito refere-se a direito de informação e liberdade de expressão, que são “sub-ramos do direito civil, com assento constitucional.” (p.144) Para ser mais específico, eles estão definidos no artigo quinto, incisos IV e IX da constituição brasileira. A lei de imprensa, especificamente, é anacrônica, data de 1967, período da ditadura militar. Já na Comunidade Européia, ainda no campo teórico, a liberdade de expressão está assegurada pelo artigo 10 do Convênio Europeu de Direitos Humanos, sendo considerada um princípio geral do direito comunitário.

Tudo muito bonito, muito organizado, muito jurídico. Mas será que funciona? E se funciona, funciona pra quem? Esses direitos são utilizados com ética e responsabilidade? Que deveres estão atrelados a ele? Qual é o conceito de liberdade? Ela é um princípio absoluto? Qualquer tentativa de detê-la pode ser considerada como censura? E se eu usar a liberdade de opinião para ofender alguém? Afinal, como surgiu o conceito ao longo da história?

Vou começar pela última questão. O primeiro país com alguma liberdade de imprensa foi a Inglaterra. Desde 1695, o conceito é aceito no país, cujas relações entre mídia e monarquia sempre foram amigáveis. Os reis se aproveitavam dela para veicular uma imagem pública de liderança justa e forte. Henrique VIII utilizou-a em sua briga com a Igreja Católica e alguns nobres plantavam até fofocas sobre a corte para desviar o foco sobre assuntos mais relevantes. Nesse ambiente, não havia muito o que censurar. Entretanto, a liberdade não valia para as colônias, onde o clima era de total repressão. Qualquer força contrária aos interesses da coroa britânica deveria ser aniquilada. As críticas ao governo não eram apenas crime, eram impossíveis, pois se fossem verdadeiras, a pena para os condenados seria ainda maior. Nas palavras de Kovach e Rosenstiel, “quanto maior a verdade, maior a difamação, já que a verdade provoca maiores estragos.” (p.37) Era a chamada lei de sedição.

A história começou a mudar em 1735, quando o jornalista Peter Zenger, dono do *New York Weekly Journal* foi preso e processado por publicar críticas contra o governador colonial. Durante o processo, o jornal continuou a sair diariamente. E as críticas não pararam, pois a Inglaterra já tinha abolido a censura prévia. Resultado: Zenger foi absolvido por um júri popular e a liberdade de imprensa foi preservada. Seu advogado foi pago por outro tipógrafo, o famoso Benjamin Franklin, e usou argumentos de dois jornalistas ingleses que, sob o pseudônimo de “Cato”, 20 anos antes, já defendiam o direito do povo de se opor a um poder arbitrário falando e escrevendo a verdade. O conceito enraizou-se na sociedade americana e a imprensa livre tornou-se a principal demanda de seu povo. Hoje, ela é assegurada não só pela primeira, como pela décima quarta emenda à constituição.

A minha meta, no entanto, é discutir a maneira como essa liberdade está sendo aplicada atualmente. Vamos à penúltima questão que propus no segundo parágrafo deste item: e se alguém usar a liberdade de expressão para ofender outra pessoa? Aí, meu caro leitor, vale um outro direito fundamental, que é o da dignidade humana. No Brasil, por exemplo, se você se sentir ofendido ou prejudicado pela declaração de alguma pessoa pode processá-la por calúnia, injúria ou difamação, que são crimes contra a honra e estão previstos no capítulo V do código penal. Eis as definições de cada uma delas e suas respectivas sanções penais:

1. Calúnia: prevista no artigo 138 do código penal, com pena de seis meses a dois anos de detenção e multa. Consiste em imputar falsamente a alguém, vivo ou morto, fato definido como crime. Ou seja, acusar alguém de cometer ato ilícito,

sendo a acusação mentirosa. **Detalhe importante:** a mesma pena é aplicada para quem divulga a informação mesmo sabendo que ela é mentirosa. Se o crime for cometido contra o presidente da república, contra chefe de governo estrangeiro, contra funcionário público em razão de suas atividades, na presença de várias pessoas ou por meio que facilite sua divulgação, a pena é aumentada em um terço. Se o caluniador receber pagamento para tal fim, a pena é dobrada.

2. Injúria: prevista no artigo 140 do código penal, com pena de um a seis meses de prisão ou multa. Considerado o menos grave dos crimes contra a honra, a injúria acontece quando alguém ofende a dignidade ou o decoro de outra pessoa. Como dignidade e decoro são conceitos subjetivos, o crime é de difícil tipificação. E o juiz pode deixar de aplicar a pena se o ofendido provocou diretamente a injúria ou no caso de resposta imediata que consista em outra injúria. Os aumentos de pena são os mesmos do caso anterior.
3. Difamação: prevista no artigo 139 do código penal, com pena de três meses a um ano de prisão e multa. Consiste na imputação de fato ofensivo à reputação de alguém. Os aumentos de pena são os mesmos dos casos anteriores.

No direito americano, há cinco tipificações criminais para proteger os indivíduos da difamação e também para proteger a privacidade. De acordo com o juiz Luis Gustavo Grandinetti, no livro *Direito de informação e liberdade de expressão*, elas têm o seguinte significado:

1. Difamaçãoⁱⁱ: é a afirmação mentirosa que viola o bom nome da pessoa. Sua base é a dignidade humana.
2. Intrusão: é a intromissão física ou por qualquer outro meio, de maneira ofensiva, na solidão ou nos assuntos privados de alguém.
3. Invasão de fatos privados: é a divulgação, de maneira ofensiva, de informações privadas que não sejam do legítimo interesse do público.
4. Falsa informação sobre privacidade: é divulgação de uma falsa impressão sobre alguém.
5. Apropriação indébita de privacidade: é o uso não autorizado do nome, da forma ou da imagem de alguém com o objetivo de obter vantagem.

Todos os jornalistas deveriam conhecer a lei, mas, infelizmente, isso não é uma rotina. Talvez muitos dos erros da imprensa no mundo fossem evitados se os

profissionais tivessem melhores noções jurídicas. A leitura do livro do juiz Grandinetti, por exemplo, me parece imprescindível para qualquer um que queira seguir na carreira. Aqui, estão apenas algumas pistas. O aprofundamento está nas 320 páginas da obra e nas indicações que o autor fornece sobre outras fontes bibliográficas.

Vamos, então, a mais uma das perguntas que formulei. Ou melhor, vamos logo a duas de uma vez, para facilitar o exercício teórico. Sempre de trás pra frente, conforme a ordem expressa no segundo parágrafo deste item: a liberdade é um princípio absoluto? Qual é sua definição, seu conceito?

Pela leitura da lei e suas sanções, já é possível imaginar uma primeira resposta. A liberdade não é um princípio absoluto porque esbarra na subjetividade. Ou, em outras palavras, está submetida a um outro princípio, o da dignidade humana. É isso que impede abusos, como as ofensas de um indivíduo para com o outro, por exemplo. Mas se essa resposta não for suficiente posso dar outra, muito mais prosaica, quase um clichê: minha liberdade acaba quando começa a sua. Ou seja, não é princípio absoluto porque tem limites. E eles são exatamente os limites da alteridade, o respeito pelo outro. E aí eu acabo respondendo também à segunda questão. Vou repetir e resumir. Para mim, o conceito é esse: **liberdade é um princípio não absoluto, submetido a um outro, muito maior, que é a dignidade humana, e os seus limites são os da alteridade, ou seja, o respeito pelo outro.**

Só que falar em liberdade como um princípio não absoluto entre jornalistas dá uma encrenca danada. No Brasil, um exemplo clássico foi o do ex-secretário de comunicação da presidência da república, Luis Gushiken, que defendeu uma definição parecida para o tema durante a polêmica sobre a instalação do Conselho Federal de Jornalismo, um órgão cuja proposta era normatizar e disciplinar o exercício da profissão no país. As declarações de Gushiken foram amplamente divulgadas na imprensa e ele quase foi execrado pelos jornalistas.

Talvez o grande temor em discutir o princípio esteja na memória da ditadura militar, ainda muito presente na sociedade brasileira. O que leva à confusão conceitual entre censura e regulamentação, como já mencionei em outro item deste livro. Qualquer tentativa de promover uma sistematização legal e democrática dos meios de comunicação é logo interpretada como censura. Mesmo que a proposta seja discuti-la amplamente com a sociedade. Mais uma vez, vale esclarecer a diferença conceitual entre os dois termos:

1. Censura: gesto arbitrário de proibição de qualquer manifestação humana. Típica de regimes ditatoriais.
2. Regulamentação: depende de regras igualitárias, definidas por órgãos representativos da sociedade, como o congresso, por exemplo.

Como disse no item sobre as fontes, toda nossa vida social é regulamentada. Temos código civil, leis de trânsito e até estatuto de condomínio. Por que o serviço público mais importante da atualidade, que é o acesso à informação, seria diferente? **Será que os jornalistas estão acima dos conflitos humanos e podem prescindir da mediação de um contrato social avalizado pelo estado de direito, ao contrário de todas as outras atividades em sociedade?** Aliás, não custa lembrar que uma das aplicações mais usuais para o conceito de regulamentação é exatamente sobre serviços públicos terceirizados por meio de concessões outorgadas pelo Estado. No Brasil, é o caso da televisão, não dos jornais. Mas o jornalismo, independentemente do veículo, é um serviço público.

E já que toquei no assunto do tal conselho, vou usá-lo como exemplo para uma discussão ampliada sobre a liberdade de imprensa. A proposta agora é responder à questão sobre os deveres (lembra das perguntas do segundo parágrafo?) atrelados ao direito de informar e ser informado, que, de certa forma, também compõem a discussão sobre a regulamentação. Arrisco-me a dizer que foi o estabelecimento de deveres o principal culpado pela oposição de grande parte dos jornalistas brasileiros ao projeto. **Gostamos do direito à liberdade, mas desconfiamos das responsabilidades inerentes a ela. Quando nos colocam regras de conduta, dizemos logo que é censura. Ao menos, é claro que sejam as regras do patrão. Aí, damos outro nome: política editorial.** E, reparem, não sei se isso é necessariamente ruim. Realmente não sei. Talvez as regras do patrão sejam menos tirânicas que a do Estado. Pelo menos, há diversidade de empresas e podemos optar por outros meios e veículos. Mesmo que o sistema seja padronizante, as exceções existem. Se tenho minhas dúvidas sobre a possibilidade de haver liberdade de imprensa no capitalismo globalizado, no modelo stalinista não há dúvida nenhuma: a liberdade não existe.ⁱⁱⁱ

O conflito sobre o Conselho Federal de Jornalismo foi entre os profissionais da imprensa, seu sindicato e o governo brasileiro. O objetivo básico da Fenaj, autora do projeto, era criar um órgão regulador, disciplinador e fiscalizador para a profissão, como são o conselho dos médicos e a ordem dos advogados. Veja parte do texto:

TÍTULO II – DO CONSELHO FEDERAL DE JORNALISMO

CAPITULO I – DOS FINS E DA ORGANIZAÇÃO

Art. 39. Ficam criados o Conselho Federal de Jornalismo (CFJ) e os Conselhos Regionais de Jornalismo (CRJs), dotados de personalidade jurídica de direito público, autonomia administrativa e financeira, constituindo, em seu conjunto, uma autarquia, destinados a orientar, disciplinar e fiscalizar o exercício da profissão de Jornalista, e zelar pela fiel observância dos princípios de ética e disciplina da classe.

Parágrafo único. Além do disposto neste artigo, o CFJ tem por atribuição pugnar pelo direito à informação livre e plural e pelo aperfeiçoamento do jornalismo.

Art. 40. O uso da Sigla CFJ é privativo do Conselho Federal de Jornalismo, assim como a sigla CRJ é de uso exclusivo dos Conselhos Regionais de Jornalismo.

Art. 41. São órgãos do CFJ:

I – o Conselho Federal (CFJ);

II – os Conselhos Regionais (CRJs); e

III – as Seções.

Parágrafo único. O Conselho Federal, com sede e foro no Distrito Federal, dotado de personalidade jurídica própria e jurisdição em todo o território nacional é o órgão supremo de fiscalização do jornalismo e de seu exercício em todo o território Nacional.

Art. 42. Compete ao CFJ fixar e cobrar de seus inscritos contribuições, preços por serviços e multas.

§ 1º – Constituem também rendas do CFJ doações, legados, rendas patrimoniais ou eventuais.

§ 2º – Constitui título executivo extrajudicial a certidão passada pela diretoria do Conselho Regional competente, relativa à crédito previsto neste artigo.

A idéia foi discutida durante anos, mas só chegou às páginas dos jornais no segundo semestre de 2004, quando o governo enviou um projeto de lei ao congresso propondo a sua efetivação. As reações foram explosivas e vieram dos mais conceituados jornalistas do país. Na Folha de São Paulo, o colunista Elio Gaspari disse que o projeto era uma empulhação. Em O Globo, Miriam Leitão recomendou “esquecer essa idéia de conselho para orientar, disciplinar e fiscalizar o exercício da profissão.” Já para o presidente da Associação Brasileira de Imprensa, Maurício Azedo, os conselhos são naturais apenas em profissões de caráter técnico e, com o CFJ, voltaríamos aos tempos da ditadura. E o decano Alberto Dines, editor do Observatório da Imprensa, afirmou que a iniciativa foi a mais inábil já produzida na esfera da imprensa desde a redemocratização em 1985.

Os especialistas também entraram em cena. Em uma única edição de O Globo, em 13/08/04, três comentários rechearam um box sobre o assunto. Carlos Aberto Di Franco, da Universidade de Navarra, na Espanha, disse que o CFJ era um retrocesso e poderia levar o país a retomar conceitos do regime autoritário. Juliano de Carvalho, da PUC-SP, afirmou que o modelo proposto era conservador, mas tinha o ponto positivo de propor uma regulação pelos próprios jornalistas e por representantes da sociedade. Só o professor Francisco Karam, da UFSC, considerou o conselho benéfico e criticou a reação extemporânea e emocional à sua criação.

A classe patronal ficou unida. A associação Nacional de Jornais condenou o projeto. Seu presidente, Francisco Mesquita Neto, proprietário do jornal O Estado de São Paulo, disse que os conselhos, na prática, são tribunais espúrios e corporativistas. E até os editoriais foram usados, como o do jornal O Globo de 21/08/04, que criticou os sindicatos, únicas corporações a defender a proposta, com a ironia de que “o jornalismo nada tem a ver com linhas de montagem industriais”. Com todo respeito ao editorialista do jornal, o que acontece hoje nas redações me parece exatamente o contrário. A velocidade da informação e a falta de repórteres investigativos fazem com que a notícia seja produzida como um produto industrial, atrelado a rotinas específicas e demandas de mercado, com a desvantagem de o produto final ser altamente perecível.

O irônico nessa discussão toda é que um dos pilares da ética jornalística, a igualdade de espaço para as opiniões contraditórias, não foi respeitado. Ficou patente na mídia nacional o absoluto predomínio das críticas contra o conselho. A Federação Nacional dos jornalistas, autora da proposta, ficou isolada. Durante o 31º Congresso Nacional dos Jornalistas, em João Pessoa, na Paraíba, durante o mês de agosto de 2004, foi aprovada a moção intitulada **Uma conquista da sociedade**, que defendia o conselho com os seguintes argumentos: “É essencial que a categoria e a sociedade possam contar com um instrumento como o CFJ que estará a serviço do interesse público, da ética, da democracia e da pluralidade no jornalismo. Bem ao contrário de permitir o cerceamento à liberdade de expressão e de imprensa, o Conselho Federal vem justamente para enfrentar e combater a manipulação da informação, a distorção de fatos e as práticas jornalísticas que privilegiam interesses escusos em detrimento do cumprimento da função social do jornalismo.”

Como já disse, acredito que foi o estabelecimento de deveres o grande vilão desse projeto. De certa forma, poderia dizer, então, que os opositores do conselho estão certos, pois os deveres já estão registrados no código de ética da profissão. Afinal, é disso que trata a deontologia. Entretanto, de que adianta um tratado de deveres, se as punições limitam-se ao âmbito do sindicato, sem reflexos no exercício profissional? E a proposta mais criticada do conselho foi exatamente a do código disciplinar, cujas penas poderiam chegar ao impedimento de exercer a profissão. Veja o capítulo do projeto que trata das sanções disciplinares:

CAPÍTULO IX – DAS INFRAÇÕES E SANÇÕES DISCIPLINARES

Art. 29. São infrações disciplinares;

I – exercer a profissão, quando impedido de fazê-lo, ou facilitar, por qualquer meio, o seu exercício a não inscritos, proibidos ou impedidos;

- II – manter sociedade profissional fora das normas e preceitos estabelecidos nesta Lei;
 - III – assinar matéria ou apresentar-se como responsável por publicação, jornal falado ou televisionado, sem ser o seu verdadeiro autor ou sem ter dado a sua contribuição efetiva e profissional;
 - IV – violar, sem justa causa, segredo profissional;
 - V – solicitar ou receber vantagem para divulgar ou deixar de divulgar informações de interesse público;
 - VI – obstruir, direta ou indiretamente, a livre divulgação de informação ou aplicar censura ou autocensura;
 - VII – divulgar fatos inverídicos, deixando de apurar com precisão os acontecimentos;
 - VIII – aceitar oferta de trabalho remunerado em desacordo com o piso salarial da categoria ou com os valores mínimos de honorários fixados pelo respectivo Conselho Regional;
 - IX – submeter-se a diretrizes contrárias à divulgação correta da informação;
 - X – frustrar a manifestação de opiniões divergentes ou impedir o livre debate;
 - XI – concordar ou contribuir, profissionalmente, para a prática de perseguição ou discriminação por motivos sociais, políticos, religiosos, raciais, de sexo e de orientação sexual;
 - XII – exercer cobertura jornalística pelo veículo em que trabalhe, junto a instituições públicas e privadas, onde seja funcionário, assessor ou empregado;
 - XIII – deixar de pagar as contribuições, multas e preços de serviços devidos ao Conselho Regional, depois de regularmente notificado a fazê-lo;
 - XIV – incidir em erros reiterados que evidenciem inépcia profissional;
 - XV – manter conduta incompatível com o jornalismo, de acordo com as definições constantes do Código de Ética;
 - XVI – fazer falsa prova de qualquer dos requisitos para inscrição no respectivo Conselho Regional;
 - XVII – tornar-se moralmente inidôneo para o exercício do jornalismo;
 - XVIII – praticar crime infamante ou hediondo;
- Art. 30. As sanções disciplinares consistem em :
- I – advertência;
 - II – multa;
 - III – suspensão;
 - IV – exclusão.

Como o código disciplinar não foi redigido junto com o projeto de lei, muitos jornalistas acharam que estavam dando uma carta em branco para uma entidade com a qual não tinham relação de representatividade. Mas será que o capítulo acima já não relaciona as infrações? Realmente, é difícil aceitar um texto que prevê punições por “transgredir preceitos” de um código que ainda não se conhece, mas não acho que essa tenha sido a verdadeira causa de tanta oposição. O pior mesmo, e como jornalista posso confessar, é ficar na mão de colegas de profissão, pois seriam os próprios jornalistas os responsáveis por fazer as regras e os julgamentos (4 em cada 7 componentes do júri) de transgressões. E, ainda por cima, o projeto dava poderes ao presidente do conselho regional para arquivar um processo caso ele não tivesse fundamento. O problema é que não há profissão mais divergente do que a nossa. Entre nós, há muito mais discordâncias do que convergências, pois o ceticismo é base de nossa atividade diária. Eu mesmo, ao escrever este livro sobre jornalismo, trato de desconstruir idéias de

alguns colegas e, certamente, serei criticado por outros. Na verdade, acho que nem um por cento deles terá interesse nesta leitura, pois a maioria acredita que teoria é perda de tempo. De onde surgem frases do tipo “jornalista não tem tempo para a reflexão crítica, pois tem que botar o jornal nas bancas no dia seguinte.” Enfim, como bem alertou a jornalista Miriam Leitão, discordamos uns dos outros em quase tudo, desde avaliações estéticas até posições políticas. E, principalmente, acerca de nossos conceitos sobre a profissão. Com o agravante de acharmos que é daí que nasce a liberdade de imprensa. O que me leva de volta, então, às duas primeiras perguntas deste item. Essa liberdade de imprensa funciona? E se funciona, funciona para quem?

Certamente não funcionou para o dono da Escola Base, em São Paulo. Mas funcionou para o povo americano no *watergate*. Do ponto de vista do produtor da notícia, talvez só funcione como dever, não como direito. Ou seja, a partir da deontologia. As perguntas, então, ficam para a análise do próximo item, que é sobre ética e responsabilidade, com um enfoque na onda de denunciamentos que assola o jornalismo mundial. Além da abordagem teórica, vou tentar conduzir a discussão na prática profissional, através de exemplos. Para não ficar apenas no contexto brasileiro, também vou me referir a dois casos internacionais: a cobertura do processo Casa Pia, em Portugal, e o documentário *Fahrenheit 11 de setembro*, do diretor Michael Moore, nos Estados Unidos. De quebra, ainda volto à questão nacional abordando o caso Ibsen Pinheiro e enveredo por uma querela binacional ao mencionar a reportagem do *New York Times* que caracterizou o presidente Lula como um excessivo consumidor de bebidas alcoólicas.

Com relação ao Conselho Federal de Jornalismo, confesso que ainda estou confuso. Melhor que você mesmo tire suas conclusões. O texto completo do projeto de lei pode ser encontrado no site do professor Gerson Martins, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte: <http://www.gersonmartins.jor.br>.

5. Ética e responsabilidade

No jornalismo, não há fibrose. O tecido atingido pela calúnia não se regenera. As feridas abertas pela difamação não cicatrizam. A retratação nunca tem o mesmo espaço das acusações. E mesmo que tivesse, a credibilidade do

injustiçado não seria restituída, pois a mentira fica marcada no imaginário popular. Quem tem a imagem pública manchada pela mídia não consegue recuperá-la. Está condenado ao ostracismo.

Faço questão de lembrar o caso da Escola Base, em São Paulo, para exemplificar meu raciocínio. O dono da instituição de ensino foi acusado de pedofilia, teve seu nome publicado nos jornais, mas acabou inocentado, pois verificou-se que tudo não passava de uma armação contra ele. Entretanto, eu pergunto: mesmo sabendo que o dono é inocente, você matricularia seu filho nesta escola? Responda com sinceridade e vai verificar que a fibrose realmente é impossível no jornalismo.

Somos cruéis em nossos julgamentos. Na maioria das vezes, esquecemos que eles são mediados. Se não forem pela imprensa, podem ser pelos nossos próprios preconceitos, pelo inconsciente ou pela linguagem. Em quase todos os casos, são por todos esses fatores juntos. Esquecemos as lições de Freud, Saussure e Derrida. Os maniqueísmos se apresentam e o veredicto acaba se resumindo à velha luta entre o bem e o mal. Só que os indivíduos são muito mais complexos do que isso.

A identidade é descentrada e fragmentada. Tem lugar para contradições e ambigüidades. Classe, gênero, sexualidade, etnia, nacionalidade, raça e outras tantas identificações formam uma estrutura complexa, instável e, muitas vezes, deslocada. Nas contradições e deslocamentos estão os fractais da identidade. Ninguém é totalmente bom ou totalmente ruim, mas sim a soma de todos os seus fractais. Definições totalizantes e verdades absolutas revelam apenas a mais torpe forma de arrogância. E são a causa dos julgamentos precipitados.

Não há como discutir ética sem levar em conta os conceitos que acabei de apresentar. É preciso perceber que as fronteiras teóricas da atualidade são muito tênues. Não há mais lugar para definições messiânicas, utilizadas de forma maniqueísta para satisfazer as simplificações humanas. O que chamamos de conduta ética refere-se à interpretação de uma determinada atitude. E essa própria atitude pode ser construída e reconstruída de acordo com o parâmetro da interpretação, já que está inserida em uma teia de conexões e complexas estruturas. Como o jornalismo.

A definição mais criativa de ética jornalística foi esculpida no livro *A regra do jogo* pelo colega Cláudio Abramo: “Sou jornalista, mas gosto mesmo é de marcenaria. Gosto de fazer móveis, cadeiras, e minha ética como marceneiro é igual à minha ética como jornalista – não tenho duas. Não existe uma ética específica do jornalista: sua ética é a mesma do cidadão.” (p.109)

Abramo rejeita uma conduta específica para a profissão. Para ele, os valores inerentes à ética só fazem sentido se estiverem inscritos no conjunto da sociedade, como um sistema interligado. Não é possível estabelecer critérios para um determinado grupo se eles entrarem em conflito com as idéias e as representações da coletividade. Como ter um código para os jornalistas se, por exemplo, ele estiver em confronto com o código penal? Então, prevalecem os valores consensuais.

Os valores, no entanto, precisam estar balizados. Ou seja, precisam de referências. E as referências acabam sendo expostas em normas. É nesse ponto que está a grande dificuldade. Em geral, o indivíduo é julgado como ético se seguir os valores vigentes em seu tempo e seu lugar, adequando-se à moral de seu grupo social. Mas o que acontece se ele se basear em ideais que não correspondem aos valores prevalecentes no seu meio? Será considerado anti-ético? Ou, pelo contrário, ficará marcado como um homem à frente de seu tempo? Neste caso, se existe uma ética individual, como constituir uma ética para reger o grupo? Complicado, não é? Então, vamos a um conceito mais filosófico sobre o assunto.

Para Marilena Chauí, “ética é aquela parte da filosofia que se dedica à análise dos próprios valores e das condutas humanas, indagando sobre seu sentido, sua origem, seus fundamentos e finalidades.” Ou seja, voltamos à questão que propus anteriormente: a interpretação. Indagar sobre sentido, origens e fundamentos é interpretar os valores de acordo com seus balizadores. É o que vai dar melhores subsídios, embora não definitivos, para identificar uma atitude anti-ética.

Na teoria, a palavra grega *ethos* significa aquilo que é predominante nas atitudes e sentimentos dos indivíduos de um grupo, mas também é o espírito que move a coletividade. Seu plural é *ta ethé*, cujo significado está ligado aos costumes de uma sociedade. E costume também está na origem da palavra moral, que vem do latim *moris*. Enfim, há sempre uma ligação intrínseca entre o indivíduo e a comunidade. Daí minha preferência, como exemplo metafórico, pela anedota de Heráclito, relatada por Diógenes Laércio e citada por Muniz Sodré no Livro *Ética na Comunicação*.

A cena é uma importante reunião política. Subitamente, Heráclito retira-se dela e vai em direção ao Templo de Artemísia. Os efésios o seguem e, quando chegam ao templo, têm uma surpresa: Heráclito está jogando dados com uma criança. Diante da perplexidade geral, ele proclama:

- Patifes, por que estão olhando espantados? Não percebem que isso é muito melhor do que fazer política com vocês !!!

Para Sodré, não há recusa da política nessa história, apenas a certeza de que ao jogar dados com as crianças no templo, Heráclito se aproxima dos Deuses e da fonte da ética comunitária. Assim, restabelece o vigor original da política. A história é belíssima e aproxima-se do conceito de comunicação comunitária, tão caro ao professor Muniz. A política, assim com a ética, deve ser exercida no seio da comunidade. É nela que os primeiros reflexos da ausência de ambas são sentidos. Que o diga o ex-deputado gaúcho Ibsen Pinheiro.

Em novembro de 1993, Ibsen era forte candidato à presidência da república quando a revista *Veja* (a maior do Brasil e a quarta do mundo em circulação) publicou uma reportagem acusando-o de participar da quadrilha responsável pelo desvio de verbas no orçamento federal. Sob o título “Até tu, Ibsen?”, a capa da revista trazia o seguinte subtítulo: “um baluarte do congresso naufraga em dólares suspeitos”. Nas páginas interiores, outro sub-título denunciava a quantidade da suspeita: “A CPI descobre que o deputado Ibsen Pinheiro movimentou 1 milhão de dólares em sua conta e derruba um símbolo do legislativo.” A Manchete da reportagem era quase um veredicto: “Uma estrela na lama”.

Não é preciso uma análise semântica mais profunda para verificar o tom condenatório da reportagem. As palavras escolhidas são suficientemente conclusivas. O deputado está na lama. Naufraga em dólares suspeitos. Só que um erro grosseiro sustentava as metáforas: a quantia de um milhão era, na verdade, mil dólares. Fato que, segundo o jornalista Luis Costa Pinto, editor de *Veja* na época, foi descoberto pela revista antes da publicação, mas ignorado pelos seus superiores, que não queriam arcar com os prejuízos de mudar a capa. Onze anos após a reportagem, Costa Pinto trouxe a estória de volta ao noticiário, denunciando não só a revista como seu ex-editor executivo, Paulo Moreira Leite, que teria sugerido ao repórter encontrar um membro da CPI do orçamento para confirmar a quantia falsa. Na versão de Luis, o valor foi confirmado pelo deputado Benito Gama, que na época era coordenador da subcomissão de bancos da CPI. Assim, a informação estaria avalizada por uma fonte oficial e a capa não precisaria ser mudada.

A revista *Isto É*, uma das principais concorrentes de *Veja*, publicou a estória com destaque. Os mais importantes jornais do país repercutiram o depoimento de Luis Costa Pinto. Ibsen Pinheiro foi absolvido pela mídia nacional com onze anos de atraso. Tereza Cruvinel, umas das principais colunistas de política do país, concluiu que o ex-deputado “colheu o reconhecimento tardio de que houve erro numa das reportagens que

fundamentaram o processo de sua cassação”. Alberto Dines, do alto de seu Observatório da Imprensa, foi poético na metáfora: “Nosso Dreyfus foi pisoteado por causa de uma solerte mentira e não apareceu nenhum Zola ou Clemenceau para berrar que aquilo era falso, balela, intriga dos rivais políticos ou estúpido erro de aritmética”. E até Jô Soares abriu seu famoso programa de entrevistas para a defesa de Ibsen. Mesmo assim, queria propor duas perguntas para a reflexão: 1- A retratação foi suficiente para reparar os prejuízos sofridos por Ibsen? 2- A revista *Veja* foi a verdadeira, ou pelo menos a única, culpada pela barriga (informação falsa no jargão jornalístico)?

Vou começar pela segunda questão. Não tenho a menor intenção de defender a revista *Veja*, mas não consigo entender porque o repórter demorou onze anos para se retratar. Ele pode até alegar que sucumbiu à pressão da empresa na época, mas poderia ter feito o *mea culpa* logo que saiu da revista. A *Isto É* também não pode receber o título de baluarte da ética, pois publicou a mesma manchete. E procedimento idêntico tiveram jornais importantes como a *Folha de São Paulo* e o *Estadão*. Além disso, o deputado Benito Gama e os quatro jornalistas citados por Luis Costa Pinto negam a sua versão. O próprio Ibsen afirma que o repórter pediu auxílio a ele para se lembrar de alguns fatos. Como abandonou a reportagem e enveredou pela assessoria parlamentar e o *lobby* político como atividades profissionais, Costa Pinto pode, no mínimo, ser questionado sobre a possibilidade de suas declarações servirem a interesses partidários.

Tudo é, no mínimo, muito estranho, mas o fato concreto é que o deputado Ibsen Pinheiro foi o verdadeiro prejudicado. E assim respondo à segunda questão, pois ele jamais irá recuperar o momento político em que vivia na época, quando era uma dos mais fortes candidatos à presidência da república. Sua carreira foi interrompida por erros da imprensa, e não há como retomá-la. Recentemente, ele foi vereador mais votado na eleição municipal em Porto Alegre, sua cidade natal. Mas isso é muito pouco para quem estava cotado para o Palácio do Planalto. Posso apostar que para muitos dos que tomaram conhecimento da retratação, ainda há dúvidas sobre sua inocência. E talvez eu até me inclua entre eles, mesmo sendo crítico do denunciamento. Como disse, em jornalismo não há fibrose, pois as feridas abertas pela difamação jamais cicatrizam.

Também não há gradações quando o assunto é falta de ética. Pode causar a ruína de uma carreira, como foi o caso Ibsen, ou algumas manchas no currículo. Não importa. Mesmo que a indignação seja maior em exemplos como o da Escola Base, as penalidades não devem ser menos rígidas para casos como o da reportagem de Larry Rother sobre o presidente Lula, publicada no *New York Times* em 2004. Rother

escreveu sobre o suposto excesso de Lula com bebidas alcoólicas, mas só ouviu fontes notoriamente contrárias ao presidente e interessadas em manchar a sua imagem. Foi anti-ético e merecia ser punido. Mas de que forma, se não existe legislação específica? Um processo por difamação demoraria anos e o sujeito ainda é estrangeiro. O que fazer, então?

Atormentado, o governo reagiu de forma exagerada e inadequada. O visto do correspondente americano foi suspenso e a opinião pública, que estava solidária ao presidente, voltou-se contra ele. Não sei se um conselho de jornalismo teria legitimidade para punir Rother, mas a inexistência de um fórum adequado foi ainda mais desastrosa. Mas o que realmente me interessa nesse caso é discutir como se forma a opinião pública e se ela se baseia em preceitos éticos.

Qualquer consenso é muito perigoso, e deve ser relativizado. Na década de 1920, Walter Lippmann, autor do célebre livro *Public Opinion*, já alertava que a democracia é um sistema essencialmente falho, pois o povo só conhece o mundo de forma indireta, através de imagens que forma em sua cabeça por intermédio da imprensa. Para Lippmann, essas imagens são distorcidas e marcadas pelas irremediáveis fraquezas do jornalismo, portanto, apenas reforçam a ignorância. A opinião pública, então, acaba facilmente manipulada. E a forma mais utilizada para a manipulação é recorrer a padrões maniqueístas de análises. “Os cidadãos são como espectadores de teatro que chegam no meio do terceiro ato e vão embora antes da última cortina, ficando no local apenas o tempo suficiente para decidir quem é o herói, quem é o vilão,” conclui Lippmann. O problema é que essa decisão também está condicionada.

O presidente George W. Bush foi um dos governantes que mais utilizou o maniqueísmo para manipular a opinião pública. Curiosamente, essa foi a mesma arma usada contra ele por seus inimigos. Bush usou o medo do terrorismo para fazer sua campanha à reeleição, diferenciando os que são a favor ou contra a América pelo critério de adesão ou não às decisões de seu governo. A imprensa americana embarcou na onda. Um ano após a guerra do Iraque, o próprio *New York Times* reconheceu que errou ao concordar com o presidente sobre a presença de armas químicas no país. Em um editorial, o jornal admitiu que não ouviu opiniões discordantes e baseou sua “certeza” em altos funcionários da inteligência. Além disso, assim como quase todos os outros veículos de imprensa, também não publicou as declarações de jovens soldados dizendo que não queriam voltar para o Iraque, conforme mostrou o filme *Fahrenheit 11 de setembro*.

Aliás, esse filme também é um clássico exemplo de falta de ética. Acredito, no entanto, que não foi só a imprensa (ou o cineasta Michael Moore) a faltar com o decoro. Defendo a tese de que, em determinado momento, o próprio povo americano não estava interessado na verdade, mas sim em ter um inimigo para combater. A ética ficou em segundo plano. Da mesma forma, os inimigos de Bush não se preocuparam com a veracidade das informações veiculadas por Michael Moore, pois o objetivo era destruir o presidente. Ou seja, partiu-se da estúpida lógica de que os fins justificam os meios.

Quero deixar bem claro que não tenho a menos simpatia por Bush. Muito pelo contrário. Considero-o medíocre e estúpido, possivelmente influenciado pelo mesmo maniqueísmo que critico. Entretanto, sou capaz de citar pelo menos 10 mentiras no filme de Moore. Mas vou ficar apenas com duas para não me alongar: 1- A informação de que Bush passou 42% dos primeiros oito meses de mandato em férias contabiliza os fins de semana em Camp David e até feriados. O número correto seria 13%. (o jornalista Ali Kamel escreveu brilhante artigo sobre o tema) 2- A insinuação de que Bush recebeu delegados do Talibã quando era governador do Texas também não procede. Na verdade, eles visitaram a empresa Unocal para tratar de um projeto sobre um gasoduto, que, inclusive, foi apoiado pelo presidente Clinton.

O que quero mostrar é a conivência da própria opinião pública com a falta de ética. E isso só aumenta o perigo. Com o suposto objetivo de fazer o que se considera justo (derrubar Bush, por exemplo), as mensagens valem-se dos próprios métodos que condenam. E a opinião pública “compra” essas mensagens até com mais facilidade, pois elas vêm carregadas de espetacularização e reforçam os preconceitos humanos. A verdade acaba esquecida, ofuscada pelo panfleto e pelo drama. A ética é pisoteada pelo maniqueísmo.

Foi assim também no processo Casa Pia, em Portugal, que apurou o envolvimento de personalidades em um escândalo de pedofilia. Durante o processo, apareceu uma carta anônima incriminando o presidente Jorge Sampaio. O *Jornal de Notícias*, um dos mais importantes do país, publicou a notícia e, em duas semanas, a popularidade do Chefe de Estado caiu 10 pontos. A autoridade mais importante da república, que também é uma instituição, pode e deve ser investigada. O que não pode é ficar à mercê de denúncias anônimas. O caso teve tanta repercussão em Portugal que gerou discussões sobre alterações da lei de violação do segredo de justiça. A ex-presidente do sindicato dos jornalistas, Diana Andriga, chegou a dizer que o processo Casa Pia estava sendo julgado não pelos juízes, mas pelos profissionais da imprensa,

“alguns dos quais orientados por critérios alucinados.” Ela chamou os colegas de corporativistas e os acusou de “fazer a inquisição e encontrar pedófilos em todas as esquinas.” Mas os jornais venderam como nunca. Ou seja, o povo era agendado pelos acontecimentos veiculados na mídia e se fascinava com eles.

A imprensa portuguesa também acabou fazendo um *mea culpa*, assim com o *New York Times*. Admitir o erro é obrigação, mas o bom mesmo seria evitá-lo. O assunto é complexo e levaria um livro inteiro (até uma coleção) para ser analisado. As abordagens deste item são apenas indicações. Fique com a íntegra do código de ética dos jornalistas brasileiros e faça sua própria interpretação.

CÓDIGO DE ÉTICA DO JORNALISTA

O Código de Ética do jornalista fixa as normas a que deverá subordinar-se a atuação do profissional nas suas relações com a comunidade, com as fontes de informação e entre jornalistas.

I – DO DIREITO À INFORMAÇÃO

Art. 1º O acesso à informação pública é um direito inerente à condição de vida em sociedade, que não pode ser impedido por nenhum tipo de interesse.

Art. 2º A divulgação da informação, precisa e correta, é dever dos meios de comunicação pública, independente da natureza de sua propriedade.

Art. 3º A informação divulgada pelos meios de comunicação pública pautar-se-á pela real ocorrência dos fatos e terá por finalidade o interesse social e coletivo.

Art. 4º A prestação de informações pelas instituições públicas, privadas e particulares cujas atividades produzam efeito na vida em sociedade é uma obrigação social.

Art. 5º A obstrução direta ou indireta à livre divulgação da informação e a aplicação de censura ou auto-censura constituem delito contra a sociedade.

II – DA CONDUTA PROFISSIONAL DO JORNALISTA

Art. 6º O exercício da profissão de jornalista é uma atividade de natureza social e de finalidade pública, subordinado ao presente Código de Ética.

Art. 7º O compromisso fundamental do jornalista é com a verdade dos fatos, e seu trabalho se pauta pela precisa apuração dos acontecimentos e sua correta divulgação.

Art. 8º Sempre que considerar correto e necessário, o jornalista resguardará a origem e identidade das suas fontes de informação.

Art. 9º É dever do jornalista:

I – divulgar todos os fatos que sejam de interesse público.

II – lutar pela liberdade de pensamento e expressão.

III – defender o livre exercício da profissão.

IV – valorizar, honrar e dignificar a profissão.

V – opor-se ao arbítrio, ao autoritarismo e à opressão, bem como defender os princípios expressos na Declaração Universal dos Direitos do Homem.

VI – combater e denunciar todas as formas de corrupção, em especial quando exercida com o objetivo de controlar a informação.

VII – respeitar o direito à privacidade do cidadão.

VIII – prestigiar as entidades representativas e democráticas da categoria.

Art. 10. O jornalista não pode:

I – aceitar oferta de trabalho remunerado em desacordo com o piso salarial da categoria ou com a tabela fixada pelo Conselho Regional de Jornalismo.

II – submeter-se a diretrizes contrárias à divulgação correta da informação.

III – frustrar a manifestação de opiniões divergentes ou impedir o livre debate.

IV – concordar com a prática de perseguição ou discriminação por motivos sociais, políticos, religiosos, raciais, de sexo e de orientação sexual.

V – exercer cobertura jornalística, pelo órgão em que trabalha, em instituições públicas e privadas onde seja funcionário, assessor ou empregado.

III – DA RESPONSABILIDADE PROFISSIONAL DO JORNALISTA

Art. 11. Observada a legislação, o jornalista é responsável por toda a informação que divulga, desde que seu trabalho não tenha sido alterado por terceiros.

Art. 12. Em todos os seus direitos e responsabilidades, o jornalista terá apoio e respaldo das entidades representativas da categoria.

Art. 13. O jornalista deve evitar a divulgação de fatos:

I – com interesse de favorecimento pessoal ou vantagens econômicas.

II – de caráter mórbido e contrários aos valores humanos.

Art. 14. O jornalista deve:

I – ouvir sempre, antes da divulgação dos fatos, todas as pessoas objeto de acusações não comprovadas, feitas por terceiros e não suficientemente demonstradas ou verificadas.

II – tratar com respeito a todas as pessoas mencionadas nas informações que divulgar.

Art. 15. O jornalista deve permitir o direito de resposta às pessoas envolvidas ou mencionadas em sua matéria, quando ficar demonstrada a existência de equívocos ou incorreções.

Art. 16. O jornalista deve pugnar pelo exercício da soberania nacional, em seus aspectos político, econômico e social, e pela prevalência da vontade da maioria da sociedade, respeitados os direitos das minorias.

Art. 17. O jornalista deve preservar a língua e a cultura nacionais.

6. Obras e autores da Teoria do Jornalismo no Brasil após 1950

De acordo com a classificação em categorias expressa na introdução deste capítulo, foram relacionadas 282 obras de reflexão teórica sobre o jornalismo no Brasil, conforme quantitativamente expresso na tabela abaixo:

Tabela de Livros

Categorias	Nº de Livros Inventariados	%
(1) Teoria do Jornalismo	92	32,6
(2) História do Jornalismo	33	11,7
(3) Ética, direito e deontologia do jornalismo, liberdade de imprensa e opinião pública	54	19,1
(4) Ensino do Jornalismo	06	2,12
(5) Jornalismo e Educação	02	0,70
(6) Jornalistas e Vida Profissional	24	8,51
(7) Conjuntura Jornalística	69	24,4
(8) Outros	02	0,70
Total	282	100

A seguir, apresento as obras e os autores. Ao lado de cada título, entre parênteses, está o número correspondente a cada uma das categorias em que ele se encaixa.

Anos 50

A missão da imprensa (1950) (3)

Carlos Lacerda
EDUSP (1990)

Neste livro Carlos Lacerda tenta esclarecer o conceito de jornalismo e discute grandezas e limitações do fenômeno. Não se trata de um texto com o compromisso de coerência em todos os argumentos, mas com a tortuosa e sincera busca de definições sobre a missão da imprensa. E durante o texto o autor especula sobre jornalismo na sua essência, a combinação de atualidade e permanência que dá conteúdo ao jornalismo e a partir daí sedimenta a missão da imprensa, suas funções técnicas, universitárias e seletivas.

Carlos Frederico Werneck Lacerda nasceu em 1914 no Rio de Janeiro. Escrevia para a coluna “*Tribuna da Imprensa*” no Correio da Manhã, mais tarde fundou seu próprio jornal com o nome da coluna. Foi deputado na Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro e na Câmara dos Deputados, além de governador do Estado da Guanabara em 1961. Em 1968 teve os seus direitos políticos cassados por 10 anos. Faleceu em 1977 no Rio de Janeiro.

O jornalismo como gênero literário (1958) (1)

Alceu Amoroso Lima
Agir

Este livro parte da premissa “Os jornais se aproximarem das revistas, como revistas dos livros e com isso se transformam, cada vez mais em instrumentos de um autêntico gênero literário”, do autor Alceu Amoroso Lima que ao longo da obra, discute como o jornalismo, por suas características pode ser considerado um gênero literário. O livro apresenta uma síntese dos conhecimentos, experiências e crenças do autor no campo jornalístico, também por isso, constitui-se em uma obra de referência que compreende essa prática do jornalismo.

Alceu Amoroso Lima nasceu em 1893 no Rio de Janeiro. Em 1913 formou-se em ciência jurídicas e sociais, conhecido pelo pseudônimo de Tristão de Ataíde sob o qual publicou no Jornal do Brasil análises da situação política do país, além de exercer função de crítico literário. Foi fundador do Movimento Democrata Cristão na América Latina e Montevideu (1957). Foi catedrático de Sociologia da Escola Normal do Rio de Janeiro (1930) e de Economia Política da Faculdade Nacional de Direito (1932), além de reitor da Universidade do Distrito Federal (1938) e catedrático da Literatura Brasileira nas faculdades de Filosofia da Universidade do Brasil e da Pontifícia Universidade Católica (1941). Ministrou um curso sobre civilização brasileira na Universidade de Paris (Sorbonne) e em Nova Iorque (1958-1959). Ocupou a cadeira Nº40 na Academia Brasileira de Letras até o ano da sua morte em 1983.

Anos 60

Espírito do Jornalismo (1960) (3)

Danton Jobim

São José

Essa coletânea de ensaios inéditos sobre a imprensa e seu papel, de autoria de um dos mais importantes nomes do ensino e da prática do jornalismo no país tem como base, em sua maior parte, transcrições de aulas proferidas nas universidades de Paris e do Texas. Danton Jobim trata de diversos temas concernentes à reflexão e à prática jornalísticas, como a técnica, as relações com a opinião pública e a influência do jornalismo nas relações internacionais.

Danton Pinheiro Jobim nasceu em Avaré, interior de São Paulo, em 8 de março de 1906, estreou no jornalismo como repórter no jornal A Noite na década de 20, mudando-se então para o Rio de Janeiro. Ingressou no Diário Carioca em 1933, onde permaneceu até 1956, mas somente viveu o auge de sua carreira na década de 50. Danton por três vezes foi presidente da Associação Brasileira de Imprensa (ABI). Morreu em 26 de fevereiro de 1978, vítima de uma parada cardíaca provocada por embolia pulmonar. Em um de seus três livros, *Espírito do Jornalismo*, Danton apresentou uma visão de conjunto dos problemas do jornalismo.

Iniciação à filosofia do Jornalismo (1960) (3)

Luiz Beltrão

Agir

Visão de um conjunto dos problemas do jornalismo. Nesse texto de final dos anos 50, Beltrão analisa os problemas que interferem no processo jornalístico, entendido como técnica, como indústria e como profissão, discutindo o papel que teve desde seus primórdios até aquele momento, com destaque para seus agentes e condições de produção e também para aspectos como a ética, o sensacionalismo, o poder público e a liberdade de opinião.

Luiz Beltrão de Andrade Lima. Nasceu em Olinda (PE) em 1918. Foi romancista, contista, jornalista, advogado, professor e folclorista. Em 1936 transfere-se para o Colégio Oswaldo Cruz, onde fundou o Grêmio Literário Aníbal Falcão e ingressa no jornalismo, como revisor e repórter do Diário de Pernambuco. Começou sua vida profissional no IPSEP (Instituto de Previdência dos Servidores do Estado de Pernambuco), em 1939. Foi, também, jornalista e exerceu cargos administrativos. Formou-se em Direito em 1943. Em 1950, começa sua produção literária, com o romance Os senhores do mundo. Fundou o primeiro periódico científico brasileiro do campo das ciências da comunicação, a revista *Comunicações & Problemas*. Foi uma das iniciativas do Instituto de Ciências da Informação (ICINFORM), que ele criou e dirigiu como entidade inicialmente associada à Universidade Católica de Pernambuco e depois à Universidade de Brasília. Em 1965, ele foi transferido para a Universidade de Brasília (UnB), a fim de reorganizar a faculdade de Comunicação. Com sua ausência, a *Comunicações & Problemas* parou de circular em 1969, em sua 12.^a edição. Em Brasília, Beltrão viu a oportunidade para ampliar as bases de seu trabalho. Permaneceu como diretor da faculdade de Comunicação da UnB por cerca de 18 meses. Em 26 de

junho de 1967, tornou-se o primeiro doutor em Comunicação Social no Brasil ao defender sua tese na área do folclore "Folkcomunicação", um estudo de fatos e expressão de idéias. Luiz Beltrão faleceu em Brasília em 1986.

Três fases da imprensa brasileira (1960) (1)

Juarez Bahia

Presença

O autor estabelece a divisão básica que faltava para o conhecimento e a compreensão do desenvolvimento da arte gráfica e do processo de informação. Avança uma interpretação sociológica e a fixação de diretrizes para uma conceituação e filosofia do jornalismo. Este livro é resultado de uma investigação séria e objetiva, abre novas perspectivas à análise das tarefas maiores do jornalismo, sem a limitação e as distorções dos estudos apresentados ou das simples dissertações e memórias.

Juarez Bahia é formado em jornalismo pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Paulo. Começou a trabalhar pela oficina, em folhas do interior da Bahia e de São Paulo. Depois passou á repórter, com pouco mais de vinte anos se tornou chefe de redação em rádio e televisão. É autor de ensaios, entre os quais *Um homem de trinta anos*, primeiro prêmio da Academia Santista de Letras no concurso sobre a vida e obra do poeta Paulo Golçaves. É jornalista, ensaísta, colunista político e cronista.

Jornal, história e técnicas – As técnicas do jornalismo (1964) (1)

Juarez Bahia

Mec

Jornalismo quer dizer apurar, reunir, selecionar, e difundir notícias, idéias, acontecimentos e informações gerais com veracidade, exatidão e clareza, rapidez, de modo a conjugar pensamento e ação. Deste modo esse livro se dedica a essas técnicas do jornalismo, ensina o que é *lead*, notícia e reportagem; define o jornalismo, seus objetivos e seus deveres; mostra os principais tipos de noticiário, da entrevista ao editorial e aborda a fotografia e a transmissão eletrônica de imagens.

Juarez Bahia é formado em jornalismo pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Paulo. Começou a trabalhar pela oficina, em folhas do interior da Bahia e de São Paulo. Depois passou á repórter, com pouco mais de vinte anos se tornou chefe de redação em rádio e televisão. É autor de ensaios, entre os quais *Um homem de trinta anos*, primeiro prêmio da Academia Santista de Letras no concurso sobre a vida e obra do poeta Paulo Gonçalves. É jornalista, ensaísta, colunista político e cronista.

Jornalismo – matéria de primeira página (1967) (1)

Luiz Amaral

Tempo Brasileiro

Este livro aponta um panorama geral da atividade jornalística em diversos tipos e temas, divididos em capítulos sobre a notícia, diagramação, editorial e etc. E ainda mostra uma visão da imprensa em diversos países e as principais imprensas de mídia de cada um deles.

Luiz Gonzaga Figueiredo do Amaral nasceu em 1929 na Bahia. Formado em direito pela Faculdade de Direito do Distrito Federal (1955). Extensão Universitária do Curso de Direito da teoria na Pontifícia Universidade do Rio de Janeiro (1904). Cursos de jornalismo no Centro de Formação de Jornalismo de Paris (1961-1962), realizou o curso de sociologia da informação no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas d'Ulamar em Lisboa, Portugal (1972). Foi repórter e redator do *Diário da Noite*, *O Jornal*, *Diário de Notícias*, *Ultima Hora*, *Jornal do Commercio*, *Revista Resenha* e *Revista da Semana* (1951-1969). Encarregado do serviço de imprensa do Serviço de Propaganda e Expansão Comercial do Brasil em Buenos Aires (1964-1965), oficial de chancelaria do Ministério das Relações Exteriores, advogado do Instituto Brasileiro de Reforma Agrária (1965-1969), redator do Serviço Internacional de Relações Públicas (1963), produtor, redator, repórter e tradutor do Serviço de Ondas Curtas da *Société Suisse de Radiodiffusion et Télévision à Berne* (Suíça), desde 1970.

A imprensa Vitoriense no Século XIX (1967) (2)

Luiz do Nascimento

RECIFE

Este livro foi organizado por Luiz do Nascimento a pedido do Instituto Histórico e Geográfico de Vitória de Santo Antão, ao festejar o centenário da imprensa naquela cidade. Tendo como pioneiro na imprensa Antão Borge Alves. Este livro conta um pouco da imprensa do interior de Pernambuco e sua chegada a cem anos de existência, traz ainda textos publicados no Jornal.

Luiz do Nascimento é jornalista. Iniciou-se na arte tipográfica em sua terra natal Graveatá, e de tal modo se identificou com o jornal a que cedo passou da composição de chapas à redação de notas e artigos. Do interior passou a capital, vinculando-se ao *Jornal do Commercio*. Em 1952, iniciou estudos para um resumo bibliográfico da imprensa pernambucana, mas não chegou a se publicado. Mas continuou sua pesquisa para elaboração da história da imprensa de Pernambuco.

Técnicas do “Lead” (1968) (1)

José Marques de Melo

USP

Nesse livro, o professor José Marques de Melo apresenta técnicas para escrever o início das reportagens, o lead. Ele explica de forma clara e exemplificando. Dividido em três capítulos o texto aborda, a redação do *lead*, os tipos de *lead* e a valorização do ângulo principal no *lead*. Demonstrando assim a melhor forma de se começar uma notícia, modelo montado para padronizar as reportagens.

José Marques de Melo é jornalista, professor universitário, pesquisador científico, consultor acadêmico e coordenador do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Anteriormente, foi professor do Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco e da Faculdade Cásper Líbero. Dirigiu em Recife, o Departamento de Investigação Científica do ICINFORM (Instituto de Ciência de Informação), e fundou em São Paulo, o Centro de Pesquisas da Comunicação Social. Autor de alguns livros como: *Comunicação Social: Teoria e Pesquisa* (1970); *Comunicação, Opinião e Desenvolvimento* (1971), *Reflexões Sobre Temas de Comunicação* (1972).

Técnica de jornal e periódico (1969) (3)

Luiz Amaral

Tempo Universitário

Luiz Amaral transparece todo seu conhecimento e toda sua experiência nessa obra que é uma análise do fenômeno da comunicação, se guia de uma investigação minuciosa do comportamento do jornal, na sua atual missão de informador e interpretador. Trata de uma exposição, mas não só de técnicas, vai muito além do título do livro. Aborda um terreno bem mais amplo, além da ética social da comunicação.

Luiz Gonzaga Figueiredo do Amaral nasceu em 1929 na Bahia. Formado em direito pela Faculdade de Direito do Distrito Federal (1955). Extensão Universitária do Curso de Direito da teoria na Pontifícia Universidade do Rio de Janeiro (1904). Cursou jornalismo no Centro de Formação de Jornalismo de Paris (1961-1962), realizou o curso de sociologia da informação no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas d'Ulamar em Lisboa, Portugal (1972). Foi repórter e redator do *Diário da Noite*, *O Jornal*, *Diário de Notícias*, *Ultima Hora*, *Jornal do Commercio*, *Revista Resenha* e *Revista da Semana* (1951-1969). Encarregado do serviço de imprensa do Serviço de Propaganda e Expansão Comercial do Brasil em Buenos Aires (1964-1965), oficial de chancelaria do Ministério das Relações Exteriores, advogado do Instituto Brasileiro de Reforma Agrária (1965-1969), redator do Serviço Internacional de Relações Públicas (1963), produtor, redator, repórter e tradutor do Serviço de Ondas Curtas da *Société Suisse de Radiodiffusion et Télévision à Berne* (Suíça), desde 1970.

Jornalismo para todos (1969) (1)

Natalício Norberto

Este livro não é “mais um livro sobre jornalismo”, mas sim o mais completo curso de jornalismo que existe no Brasil, segundo seu autor Natalício Norberto. O livro oferece treinamento prático e pessoal. E o autor propõe que todos podem aprender jornalismo praticando com a ajuda do livro. Há bastantes exemplos explicados que facilitam o entendimento da mecânica do jornalismo moderno.

Natalício Norberto Alves Cerqueira é jornalista e escritor, começou a trabalhar em jornal no ano de 1945 no *Diário Associados*. Como jornalista enveredou pelo caminho da literatura fazendo críticas de livros. Como crítico de livros colaborou em quase todos os jornais do Norte e Nordeste do País. No Rio de Janeiro, desde 1951, passou pelas redações de *Última Hora*, *O Tempo* (São Paulo), *Telepress*, *Tribuna da Imprensa*, *Gazeta de Notícias*, *O Jornal*, *Agência Meridional*, *A Noite*, *Jornal do Commercio*, *Diário Carioca*, *Correio da Manhã*, *Diário de Notícias* e *O Globo*. Norberto foi diretor da Associação Brasileira de jornalistas e escritor de turismo (ABRAJET). Colaborou para revistas e agências de notícias internacionais. Participou da Fundação Vários Jornais e Revistas.

Anos 70

Informação ou ... Morte (1972) (7)

Walter Galvani

Sulina

Atualíssimo pela pesquisa e pela agradável narrativa. O livro é fruto de uma viagem aos Estados Unidos do autor, um estudo dedicado ao levantamento das condições de atuação da imprensa norte-americana e um estudo comparativo com a brasileira. Antecipando várias inovações técnicas que chegaram ao Brasil muitos anos depois, como o próprio PC (*personal computer*) como ferramenta de trabalho, e examinando as virtudes e defeitos da atividade jornalística nos dois países.

Walter Galvani é escritor e jornalista, nascido em 1934 em Canoas (RS). Deu os primeiros passos na carreira jornalística, atuando no órgão interno *Ecos de São Luiz*, sob a égide do Irmão Henrique Justo. Ali mesmo fez curso de Artes Gráficas e mais tarde, iniciou sua carreira jornalística, no jornal *Expressão*, em setembro de 1954. Em fevereiro de 1955 transferia-se para a redação do *Correio do Povo*, então o maior jornal do Rio Grande do Sul, iniciando sua atividade na seção de Esportes, setor em que permaneceu por doze anos, em 1958 foi para a redação da *Folha da Tarde*. Passou a atuar também no rádio, na Rádio Guaíba AM de Porto Alegre, a partir de 1960. Ao longo deste mais de meio século de carreira, exerceu sua atividade nos seguintes veículos: *Expressão*, *Correio do Povo*, *Folha da Tarde*, *Folha Esportiva*, *Folha da Manhã*, *O Momento*, *O Timoneiro*, *Jornal da Semana*, *Revista do Globo*, revista "Rua Grande" de São Leopoldo, *Jornal da Semana*, rádios: *Pampa* (1986) e *Guaíba* (de volta em 1991) e jornais *Diário de Canoas*, *ABC DOMINGO*, Foi repórter, redator, subchefe de reportagem, chefe de reportagem, subsecretário e secretário de redação, e finalmente diretor de redação, nesse caso, no jornal *Folha da Tarde* de 1981 a 1984. Hoje é colunista de diversos veículos. Publicou vários livros, entre eles: "Brasil por linhas tortas" (1970); "Informação ou... morte" (1972); "Andanças e Contradanças" (1974); "Olha a Folha - amor, traição e morte de um jornal" (1996) e "Nau Capitânia - Pedro Álvares Cabral, como e com quem começamos" (1999). "Anacoluto do princípio ao fim" (2003) e "A Feira da Gente" (2004).

Estudos de Jornalismo Comparado (1972) (1)

José Marques de Melo
Pioneiro Editora

Este livro é da série "Biblioteca de Arte e Comunicação" que de maneira lúcida e com textos bem redigidos descrevem, interpretam e avaliam as múltiplas facetas do processo de comunicação. O livro é dividido em duas partes – ensaios e pesquisas – abrangendo temas da maior relevância, como: Os estudos de Jornalismo Comparado na América Latina e O estudo científico da imprensa no Brasil. A pesquisa da comunicação comparada contribuiu, sobretudo para análise de conteúdo dos veículos de imprensa.

José Marques de Melo é jornalista, professor universitário, pesquisador científico, consultor acadêmico e coordenador do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Anteriormente, foi professor do Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco e da Faculdade Cásper Líbero. Dirigiu em Recife, o Departamento de Investigação Científica do ICINFORM (Instituto de Ciência de Informação), e fundou em São Paulo, o Centro de Pesquisas da Comunicação Social. Autor de alguns livros como: *Comunicação Social: Teoria e Pesquisa* (1970); *Comunicação, Opinião e Desenvolvimento* (1971), *Reflexões Sobre Temas de Comunicação* (1972).

Cem anos de Imprensa no Paraná 1854 – 1954 (1976) (2)

Oswaldo Piloto

Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico Paranaense

Cem Anos de Imprensa no Paraná surgiu da iniciativa do Instituto Histórico do estado em dar maior divulgação aos assuntos paranaenses, mas também, de facilitar o trabalho dos estudiosos que escrevem sobre o estado. O assunto é abordado a partir do período de emancipação política, com o surgimento do periódico *Dezenove de Dezembro* até o ano de 1953, quando se comemora o Primeiro Centenário como Província e Estado do Antigo Império e da então República Federativa do Brasil.

Oswaldo Piloto é professor normalista e universitário, engenheiro agrônomo e civil, membro da Academia Paranaense de Letras. Já foi presidente do Instituto de Engenharia do Paraná e vice-presidente do IMGEP (Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico Paranaense). É muito conhecido entre historiadores e literários da região.

Os Jornais na Independência (1976) (2)

Aristheu Achillis

Thesaurus

Este livro trata da influência do jornalismo e da imprensa na Independência do Brasil e o processo da independência através de vários e continuados movimentos de emancipação da história brasileira. Pois o jornalismo já existia antes mesmo da invenção da tipografia que se deu o jornal e o livro impresso. Este livro satisfaz plenamente aos curiosos que desejam conhecer a história do jornalismo que se desenvolveu durante lutas pela liberdade públicas e pela independência do país.

Aristheu Achillis é natural da Paraíba do Norte. Exerceu, porém o jornalismo no Rio de Janeiro a partir de 1930 até 1960, quando se transferiu para Brasília, com a Câmara dos Deputados, como redator de anais e documentos parlamentares, foi cronista de *A Gazeta*. Paralelamente às atividades de jornalista, Aristheu dedicou-se com afinco aos problemas de sua classe. Pertenceu a diretoria do Sindicato de Jornalistas e Profissionais do Distrito Federal, ao Conselho de Administração da Associação Brasileira de Imprensa por mais de 20 anos, até sua transferência para Brasília.

Técnicas de redação (1977) (1)

Muniz Sodré

Maria Helena Ferrari

Francisco Alves

Este livro demonstra como a indústria de informação processa a matéria-prima constituída pela língua portuguesa envolvendo as questões de comunicação textual, meios de expressão e processo de composição. O início de uma tentativa de descrever o modelo de uso da língua pelo jornalismo brasileiro. O modelo mais democrático para a redação em língua portuguesa deve ser pesquisado nos meios de informação, é com o texto do jornal, do rádio, da revista e da televisão que a população tem mais contato. Por isso o modelo jornalístico tem importante papel a desempenhar na redação geral.

Muniz Sodré de Araújo Cabral é um jornalista e sociólogo brasileiro, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, na Escola de Comunicação. Atualmente exerce

o cargo de diretor da Biblioteca Nacional. É um dos maiores pesquisadores brasileiros e latino-americanos no campo da Comunicação e do Jornalismo. Publicou mais de trinta livros, vários importantes na área de comunicação, como *Monopólio da Fala* (1977), sobre o discurso da televisão, e *Comunicação do Grotesco* (1971), sobre programas de TV que exploram escândalos e aberrações.

Maria Helena Ferrari é formada em Letras. Mestra em comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e trabalha em planejamento de material didático.

Jornalismo gráfico – técnicas de produção (1978) (1)

Mário L. Erbolato

Edições Loyola

Este livro envolve precisamente o estágio avançado da tipografia e da gráfica, da arte gráfica e da indústria da informação, o papel que o jornalismo desempenha na fabricação da notícia e o que fazer para a elaboração de um produto final competente. Reunidos neste livro, em sete capítulos, todo o trabalho e material que complementou e deu forma a atividade intelectual do jornalista. A classificação e a escolha dos tipos, os diversos sistemas de paginação, o modo de serem revistas as provas tipográficas, o valor da ilustração, fotografia e o futuro do jornalismo impresso. São focalizados do ponto de vista prático e teórico de modo que o estudante de comunicação possa familiarizar-se com a técnica da produção.

Mário Erbolato nasceu em 1919 em Campinas - São Paulo. Foi bacharel em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. E um dos fundadores da Faculdade de Jornalismo da PUC de Campinas. Exerceu o jornalismo, integrando o quadro de redação do *O Estado de São Paulo*, lecionou no curso de comunicação social da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, onde era titular de “Introdução as Técnicas do Jornalismo” e “Jornalismo Comparado”. Colaborador em diversos jornais e escreveu para *Cuadernos de Comunicación* (México) e *Mensaje y Médios*, revista do Instituto Oficial de *Radiodifusión y Televeón* (Madrid – Espanha). Colaborador da Revista de *Cultura Vozes* e *Revista Tempo Brasileiro*. Ele faleceu em 1990.

Técnicas de Codificação em Jornalismo – Redação, Captação e edição no Jornal diário (1978) (1)

Mário L. Erbolato

Vozes

Nesta obra, Mário Erbolato discute sobre a formulação da pauta e conta desde as origens da entrevista ao processo de comunicação da notícia, com atenção especial ao modelo de jornalismo brasileiro, seus padrões tradicionais e suas tendências inovadoras.

Mário Erbolato nasceu em 1919 em Campinas - São Paulo. Foi bacharel em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. E um dos fundadores da Faculdade de Jornalismo da PUC de Campinas. Exerceu o jornalismo, integrando o quadro de redação do *O Estado de São Paulo*, lecionou no curso de comunicação social da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, onde era titular de “Introdução as Técnicas do Jornalismo” e “Jornalismo Comparado”. Colaborador em diversos jornais e escreveu para *Cuadernos de Comunicación* (México) e *Mensaje y Médios*, revista do

Instituto Oficial de *Radiodifusión y Televeón* (Madrid – Espanha). Colaborador da Revista de *Cultura Vozes* e *Revista Tempo Brasileiro*. Ele faleceu em 1990.

Jornalismo para principiantes (1978) (4)

Natalício Norberto

Ediouro

As faculdades de comunicação multiplicaram-se vertiginosamente, nos últimos anos, no Brasil. Mas, por seu próprio feitinho acadêmica, as faculdades de comunicação nem sempre descem àquele nível técnico e pragmático em que se desenvolvem, concretamente, as atividades jornalísticas. Este livro propõe preencher essa possível lacuna e pôr o estudante de jornalismo em contato com a realidade cotidiana de sua futura profissão.

Natalício Norberto Alves Cerqueira é jornalista e escritor, começou a trabalhar em jornal no ano de 1945 no *Diário Associados*. Como jornalista enveredou pelo caminho da literatura fazendo críticas de livros. Como crítico de livros colaborou em quase todos os jornais do Norte e Nordeste do País. No Rio de Janeiro, desde 1951, passou pelas redações de *Última Hora*, *O Tempo* (São Paulo), *Telepress*, *Tribuna da Imprensa*, *Gazeta de Notícias*, *O Jornal*, *Agência Meridional*, *A Noite*, *Jornal do Commercio*, *Diário Carioca*, *Correio da Manhã*, *Diário de Notícias* e *O Globo*. Norberto foi diretor da Associação Brasileira de jornalistas e escritor de turismo (ABRAJET). Colaborou para revistas e agências de notícias internacionais. Participou da Fundação Vários Jornais e Revistas.

Jornalismo e Participação (1979) (3)

José Eduardo Faria

Perspectiva

A Imprensa é um dos principais mecanismos de articulação política, sendo essencial ao processo da conversão do pluralismo ideológico da vida social em decisões coletivas legítimas. Com este ponto de partida a presente coletânea, organizada por José Eduardo Faria e que inclui contribuições de Celso Lafer e Tércio Sampaio Ferraz Jr., constitui uma aproximação bem sucedida entre a imprensa independente e a Universidade autônoma, ambas relegadas ao segundo plano nos momentos mais autoritários do poder instaurado após 1964.

José Eduardo Faria era articulista do *Jornal da Tarde*, graduação em Direito pela Universidade de São Paulo (1972), mestrado em Direito pela Universidade de São Paulo (1977), doutorado em Direito pela Universidade de São Paulo (1981) e pós-doutorado pela Winsconsin University (Estados Unidos, 1984). Atualmente é professor titular do Departamento de Filosofia e Teoria Geral do Direito, da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo e da Universidade de Brasília. Tem experiência na área de Sociologia Jurídica, atuando principalmente nos seguintes temas: mudança social, poder e legitimidade, direitos humanos, globalização, transformações do poder judiciário, metodologia do ensino jurídico, direitos sociais e eficácia jurídica.

Política e Jornalismo: Em busca da Liberdade (1979) (3)

José Eduardo Faria

Perspectiva

A liberdade de imprensa enfrentou muitas ameaças ao longo da história, mas, até o momento, sobreviveu a todas elas. Porém, por mais que o espírito de liberdade não desapareça mesmo sob o mais opressor dos regimes, não se pode ignorar que as pressões continuam. Por isso mesmo, a finalidade deste livro é denunciar a permanente existência dessas pressões, de um lado, e demonstrar que a imprensa se constitui num dos principais mecanismos de articulação política das sociedades modernas de outro. O ponto de partida do autor é a premissa de que o jornalismo e a política são atividades que se implicam necessariamente, articulando-se somente quando existe um mundo público, ou seja, campo para o exercício da liberdade.

José Eduardo Faria era articulista do *Jornal da Tarde*, graduação em Direito pela Universidade de São Paulo (1972), mestrado em Direito pela Universidade de São Paulo (1977), doutorado em Direito pela Universidade de São Paulo (1981) e pós-doutorado pela Winsconsin University (Estados Unidos, 1984). Atualmente é professor titular do Departamento de Filosofia e Teoria Geral do Direito, da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo e da Universidade de Brasília. Tem experiência na área de Sociologia Jurídica, atuando principalmente nos seguintes temas: mudança social, poder e legitimidade, direitos humanos, globalização, transformações do poder judiciário, metodologia do ensino jurídico, direitos sociais e eficácia jurídica.

Imprensa – Um compromisso com a liberdade (1979) (3)

Moacir Pereira

Lunardelli

Neste livro, Moacir Pereira situa e conceitua o complexo problema da liberdade de informação e dos direitos humanos. O tema se insere na preocupação de todos os que sentem o momento de transição que vivemos e de numerosos desdobramentos. A todos eles o autor se mostra atento, procura dar sua contribuição para o esclarecimento de questões que nos interessam de perto. E em torno de muitas questões rodam, algumas sem resposta como, o jornalista deve ser objetivo e imparcial? O jornalismo deve obedecer a fórmulas rígidas? O jornalista tem que dar sua visão peculiar dos fatos ou simplesmente registrá-los? E as matérias devem ser assinadas ou todas anônimas? Nesses problemas, implícita ou explicitamente está o fundamental problema dos direitos humanos.

Moacir Pereira é colunista político do *O Estado* e *A Notícia* do Jornal de Santa Catarina, comentarista político da *RBS – TV* e *RCE – TV*, mestre em ciências políticas pela Universidade Federal de Santa Catarina, conselheiro da União Cristã Brasileira de Comunicação (UCBC); ex-presidente do Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina; ganhou o prêmio Esso de Jornalismo em 1983, regional por equipe, prêmio Jerônimo Coelho de Reportagem – Sesquicentenário da imprensa de Santa Catarina (TV). E é fundador do curso de jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina.

Ideologia e Técnicas da notícia (1979) (1)

Nilson Lage

Vozes

Ideologia e técnicas de notícia é um marco nos estudos teóricos sobre jornalismo desenvolvidos no Brasil. Antes dele, o jornalista que quisesse se tornar pesquisador ou examinar a profissão encontrariam na bibliografia disponível dois tipos de trabalho: De

um lado os descritivos, alguns até interessantes, que fazem um esforço de sistematização mas sem chegar à explicação do fenômeno; de outro, os teóricos – críticos, que viam a profissão de fora e quase sempre sob uma grossa lente de preconceitos. Nilson Lage juntou a base científica com sua vivência profissional e compreensão do papel social do jornalismo, que faltavam aos outros, para produzir um estudo consistente e útil sobre a notícia. Este estudo abriu um novo campo de investigação acadêmica no país: A teoria do jornalismo.

Nilson Lage é jornalista, professor titular da Universidade Federal de Santa Catarina desde 1992. É doutor em Linguística, Mestre em Comunicação e Bacharel em Letras. Trabalhou no *Diário Carioca*, *Jornal do Brasil*, *Última Hora*, *O Globo*, *Bloch Editores* e na *Televisão Educativa* do Rio de Janeiro, entre outros. Também trabalhou nas assessorias de comunicação da *Estrada de Ferro Central do Brasil*, *Caixa Econômica Federal* e *Eletrobrás*. Foi professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal Fluminense e de instituições particulares.

Anos 80

Que é o Jornalismo, O (coleção primeiros passos) (1980) (1)

Clóvis Rossi

Brasiliense

O jornalismo, independente de qualquer definição acadêmica, é uma fascinante batalha pela conquista das mentes e corações de seus alvos - leitores, telespectadores ou ouvintes. Uma batalha geralmente sutil e que usa uma arma de aparência extremamente inofensiva - a palavra, acrescida, de imagens no caso da televisão. Entrar no universo do jornalismo significa ver essa batalha por dentro, desvendar o mito da objetividade, saber quais são as fontes, discutir a liberdade de imprensa no Brasil.

Clóvis Rossi é paulistano, nascido no dia 25 de janeiro do ano de 1943. Formado em Jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero, trabalhou na sucursal de São Paulo do Jornal carioca *Correio da Manhã*, em *O Estado de São Paulo*, entre 1965 e 1977, do qual foi editor-chefe; na sucursal de Brasília; na revista *Isto É*; no efêmero *Jornal da República*, e está na *Folha de São Paulo* desde 1980.

Jornalismo na TV (1980) (7)

Gotijo Teodoro

Ediouro

Gotijo Teodoro apresenta nesse livro uma verdadeira história do jornalismo na televisão e de como ele é produzido, dividido em sete capítulos principais: Abertura; o telejornal; a notícia; a redação; o locutor de notícias; a edição extra; e dos bastidores ao vídeo. Uma obra completa pelo famoso locutor da televisão brasileira que de forma simples e clara apresenta tudo que esta por trás do telejornalismo.

Gotijo Teodoro foi diretor do departamento de telejornalismo da *TV Tupi* do Rio de Janeiro, titular do “*Repórter Esso*” (TV). É professor de jornalismo nas faculdades Hélio Alonso e Estácio de Sá e do Instituto Superior de Cultura Feminina, da CULTEC - Cultura e Técnica, do Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro, do Instituto Isabel e do Centro Cultural Feminino. Locutor dos noticiários da *Rede Tupi* de

Televisão, fundou e dirigiu os jornais *RTV*, *Jornal dos Espetáculos*, *Boas Notícias* e a *Revista da Televisão*. Estagiou na Alemanha Ocidental, França e Inglaterra, a convite dos governos e TV's desses países.

O jornalismo na independência (1981) (2)

Ermelinda Adamo Affonso

Edito Livros Pequenas Edições

Este livro surgiu do estudo em comemoração ao sesquicentenário da Independência, em um trabalho paciente e minucioso dedicado àqueles que lutaram pela emancipação do nosso país. Ermelinda situa cada um dos jornalistas da Independência, seguindo o seu temperamento e sua cultura, no papel que desempenhou na contribuição dada para obra comum. O livro estende-se na exposição de fatos que, no seu conjunto, compõe o quadro dos acontecimentos e deram os contornos memoráveis da ação política e social desempenhado, sobretudo pela imprensa. Relato da pesquisa do dia-dia durante mais de 150 anos de insofismável ação do jornalismo, desde a pregação oral de Tiradentes a chama ardente da brasilidade, que cominou com a nossa Independência.

Ermelinda Adamo Affonso é escritora, jornalista e professora da Escola de Comunicação Assis Chateaubriand. Autora de “*A vida e obra de Olavo Bilac*” entre outros títulos.

Jornalismo de rádio (1981) (1)

Mauro de Felice

Thesauers

Este livro trata-se de uma mini-enciclopédia sobre jornalismo radiofônico contemporâneo brasileiro. O autor em linguagem clara e acessível expõe as formas praticas e regras de se fazer jornalismo através do rádio; situações com que se defrontam os que se dedicam ao exercício do noticiário; a linguagem empregada que e completamente diferente daquela usada no jornalismo impreso ou televisivo. Expõe os critérios de seleção do noticiário de rádio, apresenta as diferencias básicas entre informação, interpretação e opinião, e ainda conta a historia do *Repórter-esso*, o mais famoso jornalismo radiofônico no Brasil.

Mauro de Felice nasceu no Rio de Janeiro em 1937, foi diretor de jornalismo substituto e secretário de redação da Rádio Globo S/A no Rio de Janeiro (1962-1971). Redator da Rádio Jornal do Brasil no Rio de Janeiro (1972-1974). Redator do *Repórter-Esso* (1967-1970), comentarista político e econômico da *Rede Capital de Comunicação*, *Rádio Capital* em Brasília (1979). Editor e apresentador do programa jornalístico “*Dimensão Total*” da Rádio Ministério da Educação e Cultura no Rio de Janeiro (1967 – 1968). Chefe de reportagem do departamento de jornalismo da *Rádio Nacional* e do *Rádio Jornal do Brasil* no Rio de Janeiro (1973-1974). Redator da Agência do Jornal do Brasil (1972-1974), redator da *United Press International* (VPI) Rio de Janeiro (1967-1969).

Antologia de comunicação social - Teoria e prática (1981) (7)

Guido Fidélis (Org.)

Torrieri Guimarães (Org.)

Sugestões Literárias S/A

Este livro é uma coleção de trabalhos sobre alguns problemas básicos das ciências da comunicação. Foram reunidos jornalistas profissionais do mais elevado nível, professores universitários e especialistas em comunicação social da sociedade contemporânea. O livro é resultado de estudos e vivência prática e oferece vários elementos novos, o desenvolvimento das técnicas de comunicação, dando também uma segura visão prática. É um amplo panorama, escrito por um grupo de especialistas, abrangendo variados aspectos e setores da comunicação, desde sua estrutura geral.

Guido Fidélis é advogado e jornalista, com mestrado em comunicação social na faculdade Cárper Líbano, onde lecionou Jornalismo Informativo. Na imprensa, ao longo de 25 anos, foi repórter, redator, copidesque, subsecretário, secretário e editor. Escreveu para os jornais *Última Hora*, *A Nação* e *A Gazeta*. Elaborou matérias especiais para as revistas *Exame*, *Visão* e *Veja*. Colunista e cronista do *Diário do Grande ABC* e do *Shopping News* e redator da Sudene. Excursionou, ainda, pela mídia eletrônica com programas de rádio e televisão.

Torrieri Guimarães é paulista de Olímpia, iniciou-se no jornalismo diário em Catanduva, e desde cedo, participava de movimentos literários. Vindo para São Paulo, publicou seu primeiro livro, *A Papoula* (1956) e muitos outros depois. Desde 1963 passou a dedicar-se a tradução e tem publicado mais de cem obras traduzidas. É jornalista profissional e advogado.

Comunicação, pesquisa e documentação – Método e técnica de trabalho acadêmico e de redação jornalística (1981) (1)

Hélio Amaral

Grall

Este livro traz as mais recentes normas da ABNT e as orientações dos melhores autores para se fazer monografias, matérias jornalísticas, redação e citações de dados coletados na internet e outras matérias de variada procedência de interesse para quem precisa escrever uma dissertação de mestrado, uma tese de doutorado, um ensaio, um roteiro, um projeto, tudo com qualidade.

Hélio Amaral é um especialista em metodologia. Trabalhou na editora de pesquisa do *Jornal do Brasil*, na década de 1970 e no Centro de Informações da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro, na década de 1980. Lecionou Filosofia e Metodologia em várias faculdades e cursos de pós-graduação. É mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Publicou *O Escândalo da Bolsa*, reportagem sobre o caso Nahas e *Introdução à Filosofia* (1996).

Deontologia da Comunicação Social (1982) (3)

Mário Erbolato

Voices

Este livro é uma análise da importância da atuação dos comunicadores em diversas áreas. O autor aborda a implantação da imprensa no Brasil e as primeiras transmissões de rádio e da televisão, apreciando a responsabilidade que, através desses veículos os comunicadores passam a assumir perante o público. É preciso eliminar obstáculos à verdade e ao conhecimento, e ao mesmo tempo, divulgar fatos e interpretações de modo que não percam a ética.

Mário Erbolato nasceu em 1919 em Campinas - São Paulo. Foi bacharel em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. E um dos fundadores da Faculdade de Jornalismo da PUC de Campinas. Exerceu o jornalismo, integrando o quadro de redação do *O Estado de São Paulo*, lecionou no curso de comunicação social da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, onde era titular de “Introdução as Técnicas do Jornalismo” e “Jornalismo Comparado”. Colaborador em diversos jornais e escreveu para *Cuadernos de Comunicación* (México) e *Mensaje y Médios*, revista do Instituto Oficial de *Radiodifusión y Televeón* (Madrid – Espanha). Colaborador da Revista de *Cultura Vozes* e *Revista Tempo Brasileiro*. Ele faleceu em 1990.

Jornalismo Científico e dependência: O Caso brasileiro (1982) (1)

Wilson Bueno

Carlos Eduardo Lins da Silva

Carlos Alberto Ade Vieira

Produzido por três sócios da Intercom (Sociedade Brasileira Estudos Interdisciplinares da Comunicação), jornalistas e estudantes de comunicação, interessados em questões relativas à divulgação científica e a popularização da ciência. Neste volume estão reunidos textos apresentados no simpósio sobre o tema “Jornalismo Científico e Transferência de Tecnologia” em 1982. A intenção é contribuir para a discussão do modelo de jornalismo científico que se pratica em nosso país e vislumbrar novas formas de divulgação da ciência que se produz nos centros nacionais de pesquisa.

Wilson da Costa Bueno é coordenador do grupo de estudos “Comunicação, Ciência e Sociedade” da Intercom; secretário da Associação Brasileira de Jornalismo Científico; professor de mestrado em Comunicação Científica e Tecnologia do Instituto Metodista de Ensino Superior e professor do departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

Carlos Eduardo Lins da Silva é superior da Agência Brasileira de Divulgação Científica – órgão do Centro de Pós-graduação do Instituto Metodista de Ensino Superior; professor dos cursos de Pós-graduação e graduação em comunicação do Instituto Metodista de Ensino Superior e da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

Carlos Alberto Ade Vieira é professor do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina. Mestrado em comunicação no departamento de Jornalismo e Editoração na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

Profissão jornalista: Responsabilidade social (1982) (6)

Cremilda Medina

Forense Universitária

Não é fácil refletir sobre o fazer jornalismo e tentar mostrar as contradições que regem essa atividade na prática diária. Este livro é uma tentativa de mergulhar no processo de comunicação tal como ele está implantado. O papel do jornalista na sociedade pode ser analisado de muitos ângulos: do ponto de vista sociológico, político, econômico ou do ponto de vista da psicologia social. Mas este livro procura abordar o ponto de vista dos

jornalistas que se construíram dentro do próprio fenômeno. Um caminho mais difícil de abrir, porém mais realista e registro despojado de um presente repleto de dúvidas e não de certas ideológicas.

Cremilda Medina é jornalista, pesquisadora e professora de comunicação. Atua, desde os anos de 1960, quando se formou em Jornalismo e em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em duas frentes – comunicação social e pesquisa acadêmica. Atualmente é professora titular da Universidade de São Paulo, onde realizou o mestrado (1975), o doutorado (1986), a livre-docência (1989) e a titularidade (1993). Iniciou suas atividades jornalísticas e editoriais em Porto Alegre, na Editora e Revista do Globo. Em São Paulo trabalhou em vários órgãos de imprensa, bem como em telejornalismo. No jornal *O Estado de S. Paulo* (1975-1985) foi editora de artes e cultura. Autora de dez livros sobre comunicação social e literaturas de língua portuguesa, organizou também várias antologias sobre temas da atualidade.

O golpe do silêncio (1984) (3)

Moacir Pereira
Global

As medidas de emergência impostas pelo governo durante a votação da Emenda Dante de Oliveira, em 25 de abril de 1984, demonstraram não só falta e fragilidade da democracia brasileira, mas também o autoritarismo político. Moacir Pereira neste livro apresenta um relato completo dos fatos que envolveram o cerceamento de liberdade da imprensa brasileira por ocasião da votação daquela emenda, ao mesmo tempo em que aponta os riscos que continua correndo a frágil democracia.

Moacir Pereira é colunista político do *O Estado* e *A Notícia* do Jornal de Santa Catarina, comentarista político da *RBS – TV* e *RCE – TV*, mestre em ciências políticas pela Universidade Federal de Santa Catarina, conselheiro da União Cristã Brasileira de Comunicação (UCBC); ex-presidente do Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina; ganhou o prêmio Esso de Jornalismo em 1983, regional por equipe, prêmio Jerônimo Coelho de Reportagem – Sesquicentenário da imprensa de Santa Catarina (TV). É fundador do curso de jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina.

Comunicação e Cotidiano (1984) (3)

Mario L. Esbolato
Papicus

Este livro trata dos sucessivos e contínuos processos de interação social, e os autores abordam diversos aspectos do dia-a-dia, garantem a visão da diversidade na unidade e ao contrário também. Descrevem alguns dos efeitos da comunicação publicitária nos supermercados até a comunicação dos selos, passando pela comunicação de bula de remédio. Enfim trata da influência dos meios de comunicação, seja a mídia ou outros, na vida das pessoas.

Mário Erbolato nasceu em 1919 em Campinas - São Paulo. Foi bacharel em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. É um dos fundadores da Faculdade de Jornalismo da PUC de Campinas. Exerceu o jornalismo, integrando o quadro de redação do *O Estado de São Paulo*, lecionou no curso de comunicação social da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, onde era titular de “Introdução as

Técnicas do Jornalismo” e “Jornalismo Comparado”. Colaborador em diversos jornais e escreveu para *Cuadernos de Comunicación* (México) e *Mensaje y Médios*, revista do Instituto Oficial de *Radiodifusión y Televeón* (Madrid – Espanha). Colaborador da Revista de *Cultura Vozes* e *Revista Tempo Brasileiro*. Ele faleceu em 1990.

15 Anos de história – Jornal Nacional (1984) (2)

Colaborador: Cláudio Mello e Souza
Rede Globo

Este livro mostra as principais histórias do Brasil e do mundo apresentados no *Jornal Nacional* da *Rede Globo*, como ele nasceu e se consagrou, como se faz um jornal nacional, e também por quem ele é editado. Conta a história do telejornalismo, da televisão e a própria história do Brasil e do mundo em suas páginas, durante 1969 a 1984, período de grandes conquistas e importantes transformações políticas, sociais, tecnológicas e econômicas.

Cláudio Mello e Souza é jornalista, tendo iniciado sua carreira em 1959 como repórter no *Diário Carioca* e, em seguida, como crítico de cinema. Em 1960 foi para o *Jornal do Brasil*, onde exerceu as funções de *copydesk* e redator das notícias de primeira página. No governo Jânio Quadros, dirigiu a Fundação Cultural de Brasília. Com a renúncia do presidente, voltou ao JB como editor do *Caderno B*. Em 1966 transferiu-se para a TV-Rio, onde redigiu e apresentou, juntamente com Heron Domingues, os telejornais da noite. De 1967 a 1969, dirigiu a revista *Fatos e Fotos*, sendo então convidado por Adolpho Bloch para assumir o cargo de Diretor das sucursais das revistas do Grupo Bloch na Europa, inicialmente em Portugal e, depois, em Paris. De volta ao Brasil, trabalhou no Departamento de Projetos Especiais da *Rede Globo*, sendo também colunista e, meses depois, editor de esportes do jornal *O Globo*. Após dois anos e meio nessa área, passou a ser o criador de campanhas especiais da *Central Globo de Comunicação*. A convite de Roberto Marinho, Cláudio assumiu o cargo de assessor da presidência da *Rede Globo*, em 1990.

Linguagem Jornalística (1985) (1)

Nilson Lage
Atica

O autor aborda neste livro assuntos como, as normas de redação jornalística em veículos impressos, rádio e televisão; os critérios de escolha léxico-gramatical com base no modelo de comunicação, na organização social e na luta ideológica de nosso tempo.

Nilson Lage é jornalista, professor titular da Universidade Federal de Santa Catarina desde 1992. É doutor em Lingüística, Mestre em Comunicação e Bacharel em Letras. Trabalhou no *Diário Carioca*, *Jornal do Brasil*, *Última Hora*, *O Globo*, *Bloch Editores* e na *Televisão Educativa* do Rio de Janeiro, entre outros. Também trabalhou nas assessorias de comunicação da *Estrada de Ferro Central do Brasil*, *Caixa Econômica Federal* e *Eletrobrás*. Foi professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal Fluminense e de instituições particulares.

Diagramação - O planejamento visual gráfico na comunicação impressa (1985) (1)

Rafael Souza Silva
Summus

Esta obra mostra as técnicas da diagramação e da produção gráfica mediante um conjunto de regras práticas, didáticas e eficientes. Desperta o interesse dos estudantes de Comunicação e dos profissionais de jornalismo para a importância da harmonia estética do planejamento gráfico na comunicação impressa.

Rafael Souza Silva é sergipano, mas morando em Santos há mais de 40 anos. É Jornalista, Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Mestre em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo; Graduado em Comunicação - Jornalismo pela Universidade Católica de Santos (UniSantos); Diretor do Centro de Ciências da Comunicação e Artes – UniSantos; Professor Titular do Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Santos – UniSantos. É pesquisador do Centro Interdisciplinar de Pesquisas em Semiótica da Cultura e da Mídia. E durante 20 anos foi diagramador do jornal *A Tribuna*.

Releasemanina – Uma contribuição para o estudo de press-release no Brasil (1985)

(1)

Gerson Moreira Lima

Summus

Este livro é uma abordagem crítica do Jornalismo e das Relações Públicas no Brasil, misto de notícia-publicidade, produzida por assessorias de imprensa ou pela área de relações públicas, com objetivo direto da divulgação gratuita. E, também, um manual de atuação do jornalista nas assessorias de imprensa. Ensina como elaborar *press-releases*, *teasers* e *press-kits*, com exemplos práticos.

Gerson Moreira Lima possui graduação em Jornalismo pela Universidade Católica de Santos (1974), graduação em Relações Públicas pela Universidade Católica de Santos (1976), mestrado em Comunicação Social pelo Instituto Metodista de Ensino Superior (1983), doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (2002). Atualmente é professor titular da Universidade Católica de Santos, professor titular da Universidade Santa Cecília e Colunista do *Jornal Boqueirão News*. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Categorias Jornalísticas. Trabalha na área de jornalismo interpretativo, categorias jornalísticas, reportagem, e subjetividade jornalística.

Muito Além do Jardim Botânico - Um estudo sobre a audiência do Jornal Nacional da Globo entre trabalhadores (1985) (7)

Carlos Eduardo Lins da Silva

Summus Editorial

O autor faz uma brilhante análise de comparação de com um dos programas da TV de maior audiência do país. De como o Jornal Nacional é visto em duas comunidades de trabalhadores, uma em São Paulo, outra no Nordeste. Além de uma análise, da indústria cultural e do telejornalismo em nosso país.

Carlos Eduardo Lins da Silva é superior da Agência Brasileira de Divulgação Científica – órgão do Centro de Pós-graduação do Instituto Metodista de Ensino Superior; professor dos cursos de Pós-graduação e graduação em comunicação do Instituto Metodista de Ensino Superior e da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

Como se faz um jornal comunitário (1985) (8)

Ana Arruda Callado e Maria Ignez Duque Estado

Vozes

O jornal comunitário é muito mais do que um órgão de informação, é um instrumento de mobilização. É ele que vai estabelecer a verdadeira comunicação entre os membros da comunidade, o debate de seus problemas e a participação de todos nas soluções a serem dadas. Neste livro os autores tentam dar uma orientação profissional aos que querem se lançar nessa aventura de produzirem jornal comunitário e também ajudar os que já estão nela.

Ana Arruda Callado é jornalista, professora e escritora. Nasceu no Recife e veio para o Rio de Janeiro em 1954, estudar jornalismo. Foi repórter do *Jornal do Brasil*, *Tribuna da Imprensa*, *Diário Carioca*, revista *Senhor* e *TV Rio*. Ana Arruda foi a primeira mulher chefe de reportagem no Rio, é doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro e foi editora-chefe de *O Sol*, jornal pioneiro na imprensa alternativa brasileira.

Maria Ignez Duque Estrada Bastos começou na imprensa quando as repórteres femininas ainda não eram comuns nas redações dos jornais. Estudante de Belas Artes ganhou seu primeiro emprego na *Tribuna da Imprensa*, de Carlos Lacerda, assinando uma coluna sobre artes plásticas. Em 1958, transferiu-se para o *Diário Carioca*. Saiu do *Diário* para fazer concurso para a Petrobrás, de onde se demitiu para voltar à vida de repórter, fazendo free-lance para *Última Hora*, *Jornal do Brasil* e *Jornal do Commercio*.

A Opinião no Jornalismo Brasileiro (1985) (3)

José Marques de Melo

Vozes

O Jornalismo brasileiro nutriu-se de um modelo português, determinado por influências francesas e britânicas. E estruturou-se criativamente absorvendo os modelos que se nos impuseram, adquirindo função diferenciada. Todavia, a brevidade, a efemeridade, a caducidade precoce são variáveis que desafiam o jornalismo. Enfrenta essa questão representa o maior dilema dos que se dedicam a estudar o jornalismo nas universidades brasileiras. O autor espera que a reflexão contida no livro, as observações registradas e as evidências apreendidas possam estimular muitos outros a prosseguir neste caminho.

José Marques de Melo é jornalista, professor universitário, pesquisador científico, consultor acadêmico e coordenador do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Anteriormente, foi professor do Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco e da Faculdade Cásper Líbero. Dirigiu em Recife, o Departamento de Investigação Científica do ICINFORM (Instituto de Ciência de Informação), e fundou em São Paulo, o Centro de Pesquisas da Comunicação Social. Autor de alguns livros como: *Comunicação Social: Teoria e Pesquisa* (1970); *Comunicação, Opinião e Desenvolvimento* (1971), *Reflexões Sobre Temas de Comunicação* (1972).

A informação no rádio – Os grupos de poder e a determinação dos conteúdos (1985) (7)

Gisela Swetlana Ortriwano
Summus

Este livro reúne tudo que se conhece dos sessenta e dois anos de rádio no Brasil. Faz uma análise aprofundada das duas naturezas de informativos eletrônicos (tanto de rádio como de televisão), adjetiva e substantiva. E a autora se preocupa com a própria definição de notícia, com a maneira pela qual a política, a economia e a legislação específica da radiodifusão determinam os conteúdos. Gisela apresenta a fórmula e o caminho para a estruturação de um bom departamento de jornalismo numa emissora de rádio. Discrimina funções, com a descrição precisa de seu desempenho e com nomenclatura moderna.

Gisela Swetlana Ortriwano é formada em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e em jornalismo pela Escola de Comunicação e Artes (ECA), ambas da Universidade de São Paulo (USP). Além das atividades didáticas nas áreas de jornalismo radiofônico e televisionado na ECA/USP, é chefe do setor de pesquisa do Departamento de Jornalismo da Fundação Padre Anchieta – Rádio e Televisão Cultura de São Paulo, cargo anteriormente ocupado na *TV Globo* São Paulo, onde implantou o setor de pesquisa.

Prática da reportagem, A (1986) (1)

Ricardo Kotscho

Ática

Este livro esclarece as dúvidas sobre as questões fundamentais da prática jornalística e como elaborar uma reportagem. Com exemplificações de como conseguir boas matérias e lidar com problemas pertinentes a reportagens. Organizado por um dos maiores repórteres da imprensa brasileira.

Ricardo Kotscho é jornalista e começou sua carreira aos 15 anos, quando participou do jornal "*Verbômidas*", do Colégio Santa Cruz. Três anos depois, assumiu seu primeiro emprego de importância, ao ser contratado como repórter, chefe de reportagem e editor do jornal *O Estado de São Paulo*. Durante o regime militar, coordenou a série de reportagem "Mordomias", sobre gastos, compras e hábitos de políticos do país. Ameaçado e pressionado pelos resultados das reportagens, Kotscho viu-se impelido a virar correspondente na Alemanha, em 1977. Retornou um ano depois para trabalhar na revista *Isto É*. Em 1984, Kotscho trabalhava como repórter na *Folha de S. Paulo* e cobria o movimento pelas Diretas-Já. Trabalhou como diretor de jornalismo do *Canal 21*, da *TV Bandeirantes* e da *CNT/Gazeta*, além do *SBT Repórter*. Publicou, entre outros, *Serra Pelada - Uma Ferida Aberta na Selva* (1984), *Caravana da Cidadania: Diário de Viagem ao Brasil Esquecido* (1993), e *Coitadinhos e Malandrões* (1990).

Comunicação de Massa sem massa (1986) (1)

Sérgio Caparelli

Summus

Obra que reflete a preocupação pelas relações entre os fenômenos culturais, ideológicos e econômicos e o meio de comunicação social. É um estudo em profundidade da nossa realidade, da latino-americana e da mundial. O bloqueio da palavra indica a existência de um bloqueio mais amplo, qual seja o bloqueio econômico, político e cultural dos setores mais carentes da sociedade.

Sérgio Capparelli nasceu em 1947 em Uberlândia - MG. É jornalista, escritor de literatura infanto-juvenil, e professor universitário. É formado em jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Fez doutorado em Comunicação pela Universidade de Paris e pós-doutorado pela Universidade de Grenoble, na França. Trabalhou em várias cidades, Uberlândia, Pará de Minas, Goiânia, Curitiba, Munique, Paris, Londres, Grenoble e Montreal. Estabeleceu-se em Porto Alegre em 1966 e durante muitos anos trabalhou como repórter dos jornais *Zero Hora* e *Folha da Manhã*. Desde 2005, vive em Beijing, na China, onde trabalha na agência de notícias *Xinhua News Agency*. Sérgio Capparelli tem vários estudos publicados sobre jornalismo e comunicação de massa. É autor do ensaio *Televisão e Capitalismo no Brasil*, com o qual ganhou o prêmio Jabuti em Ciências Humanas, em 1983. Publicou mais de trinta livros, entre eles *Os meninos da Rua da Praia* (36ª edição), *Boi da cara preta* (29ª edição), *Vovô fugiu de casa* (17ª edição), *33 ciberpoemas e uma fábula virtual* (7ª edição), *As meninas da Praça da Alfândega* (9ª edição) e *O velho que trazia a noite* (7ª edição).

Técnicas de Reportagem: Notas sobre a Narrativa jornalística (1986) (1)

Muniz Sodré

Maria Helena Ferrari

Summus

A reportagem é um gênero jornalístico privilegiado. Tem suas regras próprias e através dela se faz História. Neste livro, Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari pretendem dar conta de algumas das regras, com uma intenção basicamente descritiva, utilizando textos extraídos de jornais e revistas brasileiros.

Muniz Sodré de Araújo Cabral é um jornalista e sociólogo brasileiro, professor da Escola de Comunicação Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente exerce o cargo de diretor da Biblioteca Nacional. É um dos maiores pesquisadores brasileiros e latino-americanos no campo da Comunicação e do Jornalismo. Publicou mais de trinta livros, vários importantes na área de comunicação, como *Monopólio da Fala* (1982), sobre o discurso da televisão, e *Comunicação do Grotesco* (1983), sobre programas de TV que exploram escândalos e aberrações.

Maria Helena Ferrari é formada em Letras. Mestra em comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e trabalha em planejamento de material didático.

Jornalismo – A grande arma da liberdade (1986) (3)

Guido Fidélis

Companhia Editor Nacional

Este livro analisa a importância da imprensa inserida na sociedade, que aborda todos os assuntos e até os mais polêmicos. Mas também, uma postura crítica diante da censura dos governos para evitar o surgimento da imprensa livre. Pois o ideal, para o governo é a manutenção da máquina do poder, é manter o povo inculto, manuseado pelos coronéis da informação oficial, vinculada por meio de uma comunidade de informação que se afine com as diretrizes traçadas pelos chefes do governo.

Guido Fidélis é advogado e jornalista, com mestrado em comunicação social na faculdade Cárper Líbano, onde lecionou Jornalismo Informativo. Na imprensa, ao longo de 25 anos, foi repórter, redator, copidesque, subsecretário, secretário e editor. Escreveu para os jornais *Última Hora*, *A Nação* e *A Gazeta*. Elaborou matérias especiais para as revistas *Exame*, *Visão* e *Veja*. Colunista e cronista do *Diário do Grande ABC* e do *Shopping News* e redator da Sudene. Excursionou, ainda, pela mídia eletrônica com programas de rádio e televisão.

Contato Imediato com Mídia (1986) (1)

Mizuho Tahara
Global

A frase de McLuhan “O meio é a mensagem” revela a todos a importância dos suportes de veiculação das mensagens – o jornal, a revista, o *outdoor*, o cinema e etc. - Veículos que o autor deste volume esmiúça com eficiência, além de fornecer ao leitor dados muito práticos sobre mala direta, *merchandising*, mídia *briefing*, público alvo, *heavy e light users*, sazonalidade, *timing* e *flow chart*. E assim informar os conceitos fundamentais da mídia.

Mizuho Tahara lecionou mídia na Escola de Comunicação e Arte da Universidade de São Paulo e na Escola Superior de Propaganda e Marketing no curso de graduação e pós-graduação, em ambas no período entre 1979 á 1984.

Estrutura da Notícia (1986) (1)

Nilson Lage
Ática

Este livro aborda a notícia jornalística no contexto da sociedade industrial e as relações que estabelece com outras formas de texto. Aspectos históricos da informação e da comunicação enquanto ciência. No livro são explanadas técnicas estruturais fundamentais para a composição da notícia impressa jornalística. O autor aponta futuros rumos a ser seguido pela notícia impressa, e um pequeno glossário de termos técnicos utilizados por jornalistas e profissionais dos meios de comunicação e diversas bibliografias.

Nilson Lage é jornalista, professor titular da Universidade Federal de Santa Catarina desde 1992. É doutor em Linguística, Mestre em Comunicação e Bacharel em Letras. Trabalhou no *Diário Carioca*, *Jornal do Brasil*, *Última Hora*, *O Globo*, *Bloch Editores* e na *Televisão Educativa* do Rio de Janeiro, entre outros. Também trabalhou nas assessorias de comunicação da *Estrada de Ferro Central do Brasil*, *Caixa Econômica Federal* e *Eletrobrás*. Foi professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal Fluminense e de instituições particulares.

Jornalismo na Nova República, O (1987) (3)

Cremilda Medina
Summus

Este livro documenta os debates da XIII Semana de Estudos de Jornalismo da Escola de Comunicação e Arte da Universidade de São Paulo. Os temas levantados são da maior emergência e significado social, com jornalistas, estudantes e cientistas da comunicação discutindo e questionando os fatos e problemas da Informação no Brasil.

Cremilda Medina é jornalista, pesquisadora e professora de comunicação social, nasceu em Portugal e saiu do Porto em 1953 para se radicar no Brasil. Costuma definir sua trajetória, da infância à experiência de adolescência e vida adulta, em Porto Alegre, e após 1971, em São Paulo, onde se enraizou sua profissionalização. Atua, desde os anos de 1960, quando se formou em Jornalismo e em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em duas frentes – comunicação social e pesquisa acadêmica. Atualmente é professora titular da Universidade de São Paulo, onde realizou o mestrado (1975), o doutorado (1986), a livre-docência (1989) e a titularidade (1993). Iniciou suas atividades jornalísticas e editoriais em Porto Alegre, na Editora e *Revista do Globo*. Em São Paulo trabalhou em vários órgãos de imprensa, bem como em telejornalismo. No jornal *O Estado de S. Paulo* (1975-1985) foi editora de artes e cultura. Autora de dez livros sobre comunicação social e literaturas de língua portuguesa, organizou também várias antologias sobre temas da atualidade.

Do Jornalismo Político a Indústria Cultural (1987) (1)

Gisela Taschner Goldestein

Summus

Do Jornalismo Político a Indústria Cultural consiste na análise da história de dois jornais populares de grande sucesso - *Última Hora* e *Notícias Populares* -, expressões da luta política no período 1945-1964 e pioneiros no emprego de técnicas da indústria cultural na imprensa brasileira.

Gisela Taschner Goldestein nasceu em São Paulo, é formada em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo, onde também concluiu o mestrado e doutorado, especializando-se em Sociologia. Lecionou na escola de Administração de Empresas em São Paulo na Fundação Getúlio Vargas, também dirigiu a Revista de Administração de Empresas de 1986 a 1991, e ajudou a criar em 1990 o Centro de Estudos de Cultura e Consumo. Desde 1991 é também professora do departamento de Sociologia da faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Jornalismo Empresarial (1987) (1)

Francisco Gaundêncio Torquato do Rego

Summus

Este texto se destina aos alunos das escolas de comunicação e aos profissionais de jornalismo empresarial. O primeiro que se publica sobre o assunto, com teoria, história e prática. O autor teve a preocupação de focar nossa realidade, na exposição teórica, no retrospecto histórico e nos exemplos práticos. O livro apresenta ampla bibliografia e muitos gráficos.

Francisco Gaundêncio Torquato do Rego nasceu em 1945, em Luís Gomes, cidade que fica no sudoeste do Rio Grande do Norte. Começou a exercer a atividade de repórter em 1962, quando contava com 17 anos, como colaborador de jornais e revistas no Recife, ao mesmo tempo em que iniciava os estudos de nível superior em Comunicação Social na Universidade Católica da cidade. Trabalhou na sucursal do *Jornal do Brasil*, era também correspondente do *Correio da Manhã*, ambos no Rio de Janeiro. Depois passou a repórter do tradicional *Jornal do Commercio*, *Folha de S. Paulo* e *Correio da Manhã*, todos ao mesmo tempo. Em 1966, Torquato ganhou o Prêmio Esso de Jornalismo na

categoria Científica, por uma série de reportagens sobre a doença da barriga d'água. Em 1967 ele é convidado pelo jornal *Folha de S.Paulo* para participar da elaboração de suplementos especiais regionais do jornal, ao lado de Manuel Chaparro. Interessado no debate e pesquisa sobre jornalismo, ele é convidado a dar aulas na Faculdade de Jornalismo Cásper Líbero e passa a integrar seu corpo docente em 1968, ministrando cursos sobre Jornalismo Interpretativo e Comparado. Em 1968, ingressa como professor assistente da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, a convite do professor José Marques de Melo, então diretor da escola.

Cale a Boca Jornalista! - O Ódio E A Fúria dos Mandões Contra A Imprensa (1987) (1)

Fernando Jorge

Vozes

Numa linguagem direta e até agressiva, carregada de desapontamento e sede de justiça, o jornalista expõe neste livro os relatos assustadores do que o governo brasileiro já fez na tentativa de calar a imprensa e assim cegar o povo. A obra trata das arbitrariedades sofridas pelos jornalistas brasileiros desde o império até 1980. Não basta apenas ter na história heróis e vilões. Oficinas e redações pelos ares, jornalistas refugiados, violência, surras, represálias, muitos submetidos a castigos mais severos do que os impostos aos piores delinquentes - que mal suportavam suas sentenças. Saíam semimortos de solitárias e prisões após sessões de terror.

Fernando Jorge nasceu em 1929 no Rio de Janeiro. É jornalista, escritor, historiador, biógrafo, crítico literário, dicionarista e enciclopedista. Estudou Direito na Universidade de São Paulo, é diplomado em Biblioteconomia (foi diretor da Divisão Técnica de Biblioteca da Assembléia Legislativa de São Paulo), e jornalista com a carteira 088 da Associação Brasileira de Imprensa – São Paulo. O autor, agraciado com o Prêmio Jabuti, concedido pela Câmara Brasileira do Livro, também já ganhou o Prêmio Clio, da Academia Paulistana de História, pela obra *Getúlio Vargas e o seu Tempo*. Ele recebeu a medalha de *Koeler*, em 1957, pelos grandes serviços prestados à cultura brasileira. Escreveu *Vida e Poesia de Olavo Bilac* e *O Aleijadinho*, entre muitos outros títulos.

Texto no TV, O – Manual de telejornalismo (1987) (1)

Vera Íris Paternostro

Brasiliense

Este livro é fruto da experiência da vida profissional de Vera Íris por mais de doze anos no telejornalismo. Apresenta três partes: Uma teoria de informação básica do telejornalismo; outra prática que mostra como escrever para telejornalismo; e por fim um vocabulário de palavras e expressões usadas na televisão. Esta obra é um verdadeiro guia de como funciona o jornalismo na televisão.

Vera Íris Paternostro nasceu em São Paulo em 1953. É jornalista formada pela Universidade de São Paulo em 1974. Trabalhou como repórter e editora na TV Globo de São Paulo. Em 1981 foi transferida para a Globo do Rio de Janeiro, foi editora do *Telejornal Hoje* (1985-1986). Em 1987 abandonou a Rede Globo e passou a lecionar para estudantes de comunicação social, na Faculdade da Cidade no Rio de Janeiro.

O jornalismo econômico no Brasil depois de 1964 (1987) (7)

Aylê-Salassié Figueiras Quentão
Agir

O autor propõe estudar o desenvolvimento do jornalismo econômico no Brasil, a sua consolidação na década de 1970 e o seu papel ideológico. Analisando esse processo nos últimos vinte anos, constata que a prática jornalística contribuiu também para a legitimação do regime autoritário. É a época que surge um grande número de publicações especializadas em economia, a imprensa em geral amplia o espaço dedicado à informação econômica, resultado das condições criadas pelo modelo econômico de desenvolvimento implementado depois de 1964.

Aylê-Salassié Figueiras Quentão é graduado em jornalismo, história e política e fez mestrado em comunicação na Universidade de Brasília. Foi repórter da sucursal de Brasília da *Folha de São Paulo* durante 14 anos. Correspondente em Londres durante dois anos onde se ocupou essencialmente da cobertura do mercado econômico e financeiro. Com a Nova República, Salassié foi convidado para exercer o cargo de coordenador de comunicação social do Ministério da República e do Desenvolvimento Agrário. Fez cobertura do Palácio do Planalto para o *Diário Popular* de São Paulo e para o *Jornal de Brasília*. É escritor e poeta.

O segredo da pirâmide - Para uma teoria marxista do jornalismo (1987) (7)

Adelmo Genro Filho
Tchê!

O jornalista Adelmo Genro Filho faz nesta obra uma ampla revisão das abordagens teóricas e práticas do jornalismo, desenvolvendo as limitações dessa atividade tal como foi pensada até agora. Adelmo mostra que, até hoje, a prática do jornalismo, embora insinue potencialidades e alternativas, baseia-se num conjunto de impressões empíricas. Mostra também que a teoria produzida sobre o tema, em certos enfoques, não vão muito além do simples reconhecimento do valor operativo das técnicas. Em outros, limita-se à crítica ideológica do jornalismo como instrumento de dominação. Na opinião do autor, tais abordagens não revelam, de forma consistente, a natureza do jornalismo.

Adelmo Genro Filho nasceu em 1951, em São Borja no Rio Grande do Sul. Residiu em Santa Maria até 1982. Foi professor no curso de jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina. Publicou *Hora do Povo: Um vertente para o fascismo* com Sérgio Weigert e Marcos Rolim (São Paulo, Brasil Debates, 1981); *Lênin: Coração e Mente* com Tarso Fernando Genro (Porto Alegre, Tchê! 1985); *Contra o socialismo Legalista* (Porto Alegre, Tchê! 1987). Publicou também ensaios nas revistas *Teoria & Política*, *Civilização Brasileira* e *Práxis*. Faleceu em 1988.

Gueto da comunicação, O (1987) (4)

Orlando Alberto Pasquali
Artexto

Nesse livro o autor faz um exame da crise da Universidade brasileira interligado com outras crises, inclinando-se especialmente sobre a problemática do ensino e da prática da comunicação. Em seqüência apresenta os resultados de uma pesquisa, reveladora da

crise. O livro propõe a reformulação do ensino de comunicação social passando do discurso à prática.

Orlando Alberto Pasquali é comunicólogo, cientista social e professor universitário. Membro da Associação Riograndense de Imprensa e da Associação Brasileira de Cibernética e Sistemas. Diretor-fundador da *Revista Síntese*, diretor do Bureau de Divulgação Científica e professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Notícia: Um produto à venda – Jornalismo na sociedade urbana e industrial (1988) (7)

Cremilda Medina
Summus

Este livro propõe um modelo de análise do fenômeno jornalístico que elucida vários aspectos do processamento da reportagem. O tratamento das informações jornalísticas é abordado no próprio âmbito das redações, onde se cria e formula um produto para venda em banca: a notícia.

Cremilda Medina é jornalista, pesquisadora e professora de comunicação. Atua, desde os anos de 1960, quando se formou em Jornalismo e em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em duas frentes – comunicação social e pesquisa acadêmica. Atualmente é professora titular da Universidade de São Paulo, onde realizou o mestrado (1975), o doutorado (1986), a livre-docência (1989) e a titularidade (1993). Iniciou suas atividades jornalísticas e editoriais em Porto Alegre, na Editora e Revista do Globo. Em São Paulo trabalhou em vários órgãos de imprensa, bem como em telejornalismo. No jornal *O Estado de S. Paulo* (1975-1985) foi editora de artes e cultura. Autora de dez livros sobre comunicação social e literaturas de língua portuguesa, organizou também várias antologias sobre temas da atualidade.

Imprensa e Liberdade – Os princípios Constitucionais e nova legislação (1988) (3)

Freitas Nobres
Summus

Neste livro, Freitas Nobre nos mostra os princípios constitucionais relativos à liberdade de manifestação do pensamento através dos veículos de manipulação de massa. O conhecido autor discute a premente necessidade de uma lei específica para os meios de comunicação, lei esta preserve o direito da liberdade e da crítica, além de refletir os interesses da sociedade de ser bem informada.

José de Freitas Nobre nasceu em Fortaleza, Estado do Ceará, em 24 de março de 1921. Foi Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo e Doutor em Direito e Economia da Informação pela Faculdade de Direito da Universidade de Paris, França. Foi professor titular de “Direito da Informação” e “História da Imprensa”, da Faculdade de Jornalismo Cásper Líbero, ainda no tempo em que a escola integrava a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Foi membro da AIERI (*Association Internationale des Etudes et Recherches sur l'Information*). Foi presidente do Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo e da Federação Nacional dos Jornalistas. Foi também membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Advogado militante especializou-se em Direito das Comunicações, especialmente do

Jornalismo. Foi Vice-Prefeito do Município de São Paulo e Vereador pela Câmara Municipal de São Paulo.

Regra do Jogo, A – O Jornalismo e a ética do marceneiro (1988) (6)

Cláudio Weber Abramo

Companhia das Letras

Este livro é constituído a partir de depoimentos deixados por Cláudio Abramo, morto em agosto de 1987, tendo como contraponto mais de uma centena e meia de entrevistas, artigos, reportagens e comentários publicados pelo autor. Seu testemunho descreve os processos, episódios e acidentes de que ele foi protagonista em sua trajetória, como responsável pela modernização dos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*, formador de gerações de profissionais, participante ativo de todas as batalhas políticas que se têm travado no país. Suas lições percorrem todo o espectro da atividade e da ética jornalística. Mas vão além, para assumir uma dimensão universal. O personagem principal deste livro é a História, referencial constante de Cláudio Abramo ao longo de sua vida profissional.

Cláudio Weber Abramo, jornalista nasceu em São Paulo, em 6 de abril de 1923, filho de imigrantes italianos. Aos 22 anos foi um dos criadores do *Jornal de São Paulo*. Passou pelos *Diários Associados* e em 1948 tornou-se repórter de *O Estado de São Paulo*. Seu estilo, à maneira concisa e imparcial do jornalismo norte-americano, o diferencia dos seus colegas, que preferiam textos longos e opinativos. Em 1951 Abramo foi estudar na Escola de Altos Estudos Sociais e Políticos de Paris, para a qual recebera uma bolsa. De volta dois anos depois, ocupou a secretaria de redação de *O Estado de São Paulo*. Foi o jornalista mais jovem a conseguir essa posição. Em 1963 transferiu-se para a *Folha de São Paulo* como chefe de reportagem, chegando ao conselho editorial do jornal. As reformas que implantou na *Folha* influenciaram os rumos do jornalismo brasileiro na década de 70. Nessa época foi perseguido pelo regime militar e chegou a ser preso. Em 1979 Abramo deixou a *Folha* para fundar o jornal *República*, com Mino Carta, mas foi ainda correspondente internacional da *Folha* entre 1980 e 1984. Sua coluna nesse jornal, quando ele retornou ao Brasil, foi das mais lidas e influentes sobre política. Foi também professor de pós-graduação na Universidade de São Paulo. Morreu a 14 de agosto de 1987. No ano seguinte publicou-se *A regra do jogo*, livro que reúne artigos sobre política e um ensaio autobiográfico.

Problema da Imprensa, O (1988) (3)

Alexandre José Barbosa Lima Sobrinho

Com Arte

Editado pela primeira vez em 1923, esse livro pretende ser uma contribuição à formação dos profissionais de jornalismo, escrita por esse que foi um de seus mais destacados nomes. Barbosa Lima Sobrinho apresenta uma reflexão pioneira sobre a atividade jornalística, examinando as relações da imprensa com a sociedade no país e discorrendo sobre questões fundamentais do trabalho do jornalista, tais como a liberdade de opinião e o seu oposto, a ditadura da opinião, o direito de resposta ou as garantias jurídicas, além de apresentar um painel da atuação da imprensa no Brasil ao longo de sua história. Ainda que decorridos tantos anos desde a primeira publicação da obra, sua análise ainda permanece surpreendentemente atual.

Alexandre José Barbosa Lima Sobrinho nasceu em Recife em 1897. Foi advogado, jornalista, ensaísta, historiador, professor e político. Em 1917, se formou em bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais na Faculdade de Direito do Recife. Foi adjunto de promotor do Recife, e advogado no período imediato ao de sua formatura. Colaborou na imprensa pernambucana, no *Diário de Pernambuco*, no *Jornal Pequeno* e no *Jornal do Recife*. Colaborou ainda na *Revista Americana*, *Revista de Direito*, *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, no *Correio do Povo*, de Porto Alegre, e na *Gazeta*, de São Paulo. No Rio de Janeiro, trabalhou no *Jornal do Brasil* a partir de 1921, a princípio como noticiarista, mais tarde como redator político e, a partir de 1924, como redator principal. Escreveu nesse jornal, até a data de sua morte. Na *Associação Brasileira de Imprensa*, exerceu a presidência nos períodos de 1926 a 1927; 1930 a 1932; a presidência do Conselho Administrativo de 1974 a 1977; e novamente a presidência de 1978 a 2000. Foi proclamado Jornalista Emérito pelo Sindicato da categoria de São Paulo. Em abril de 1937 foi eleito para a cadeira de número seis da Academia Brasileira de Letras. Lá atuou também como secretário-geral em 1952; presidente em 1953 e 1954; diretor da *Revista da Academia* em 1955 e 1956; diretor da Biblioteca de 1957 a 1978 e tesoureiro de 1978 a 1993. Eleito deputado federal por Pernambuco para o triênio 1935-1937.

Aprender telejornalismo – Produção e técnica (1989) (1)

Sebastião Carlos de Moraes Squirra
Brasiliense

Neste livro, o professor Squirra traça as linhas mestras necessárias ao aprendizado do telejornalismo, fruto de sua experiência de jornalista de TV e de docente da área. *Aprender Telejornalismo* é como um manual, objetivo e didático para compreensão, domínio e difusão de notícias no telejornalismo. E abre discussão sobre a validade da formação superior do jornalismo e o uso do texto apropriado para atingir a heterogeneidade do público da televisão.

Sebastião Carlos de Moraes Squirra é mestre e doutor em jornalismo pela Escola de comunicação e Arte da Universidade de São Paulo. Jornalista profissional pelo Instituto Metodista de São Bernardo e comunicação visual pela FAAP (Fundação Armando Álvares Penteado), São Paulo. Começou na televisão na *TV Cultura* (São Paulo) como assistente de produção do programa *Vila Sésamo* e Teatro 2. Foi produtor de comerciais da *Blimp Filmes*, *Banespa* e *Sele propaganda*. Repórter do *Programa 90 Minutos* e realizador de reportagens especiais na *TV Bandeirantes* (São Paulo). Passou pelo jornalismo da *TV Globo* e foi editor no departamento de jornalismo da *TV Cultura* (São Paulo).

Foi professor da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, do IADÊ (Instituto de Artes Visuais, Design e Marketing – SP), da FAAP (SP), da Metodista (São Bernardo), da Pontifícia Universidade Católica (SP) e da FIAM (Faculdades Integradas Alcântara Machado - SP). Estudou na Sorbonne em Paris IV (França) e estagiou no *Société Française de Productions e Antenne – 2*. É professor de telejornalismo e laboratório eletrônico na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

Jornal Laboratório – Do Exercício Escolar ao compromisso com público (1989) (4)

Dirceu Fernandes Lopes
Summus

Instrumento fundamental no curso de jornalismo, o jornal-laboratório, inicia a vivência dos futuros jornalistas como o cotidiano da edição, da captação da notícia à distribuição do jornal. Neste livro, são avaliadas as questões teóricas relacionadas com o ensino do jornalismo, política editorial e o problema da tomada de decisões: o que vai ser publicado e como. Com detalhada análise da realidade de três jornais-laboratório, o autor documenta e analisa a fundo as experiências didáticas.

Dirceu Fernandes Lopes é jornalista graduado pela Universidade Católica de Santos (1966), mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo - USP (1982) e doutorado em Ciências da Comunicação pela USP (1986). Atualmente é Professor doutor da USP. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Jornalismo e Editoração. Atuando principalmente nos seguintes ramos: jornal laboratório e técnica laboratorial.

A quem pertence a Informação? (1989) (3)

Washington Novaes

Vozes

O livro discute a relação da sociedade democrática e os meios de comunicação e a crise de identidade da imprensa. As reflexões do autor partem da premissa de que, segundo ele, o problema não é o que está veiculado na imprensa, mas o que está sendo omitido por ela. Ele atribui ao comprometimento editorial e ao ritmo compulsivo das redações as principais causas desta deficiência. Devido ao comprometimento editorial de várias empresas jornalísticas, muitos acontecimentos são tratados de forma parcial, por meio de uma angulação pré-estabelecida do assunto.

Washington Novaes, jornalista, é supervisor geral do quadro Biodiversidade que faz parte do *Repórter Eco* da *TV cultura*. Foi consultor do primeiro relatório nacional sobre biodiversidade. Ele não gosta de ser chamado de jornalista especializado em meio ambiente. Mas poucos da profissão acumulam sua longa experiência nessa área, onde atuou como secretário do Meio Ambiente, Ciência e Tecnologia do Distrito Federal e também como consultor de importantes documentos, como o Relatório Brasileiro para a Convenção da Diversidade Biológica (1992), os Relatórios sobre o Desenvolvimento Humano da ONU (1996 a 1998) e a Agenda 21 Brasileira, concluída em junho para o evento de Johannesburgo. E dirigiu vários documentários, entre eles a série famosa *Xingu* e, mais recentemente, *Primeiro Mundo é Aqui*, que destaca a importância dos corredores ecológicos no Brasil.

Educação e Comunicação alternativa (1989) (3)

Laurício Neumann

Este livro trata-se de um estudo bibliográfico críticos que são abordados: a situação dos meios de comunicação de massa no Brasil, concentrados na mão do Estado, que os concede a grupos afinados ao poder político; a ideologia dos meios de comunicação de massa que controla a classe trabalhadora através da manipulação das informações e distorções dos fatos. E a função da comunicação alternativa, que é popular e comunitária, em oposição a comunicação de massa. Enfim a educação e a comunicação alternativa como sendo os meios que propiciam aos indivíduos uma visão “libertadora”.

Laurício Neumann, Mestre em educação pela Universidade do vale do Rio dos Sinos (Unisinos). E trabalha na Escola de Formação Fé, Política e Trabalho da Diocese de Caxias do Sul em parceria com a Unisinos. No Instituto Humanitas que promove encontros para tratar de assuntos sobre religião.

Legibilidade dos tipos na comunicação imprensa (1989) (1)

José Coelho Sobrinho

USP

Neste texto, de cunho predominantemente técnico, se discute a sugestão de um vocabulário padrão para as mensagens impressas. Pois mesmo com a existência de dicionários especializados em termos gráficos, não existem vocábulos que padronizem a comunicação dos profissionais. Neste livro também há a classificação dos tipos de imprensa, os métodos de pesquisa de legibilidade, os principais resultados que tenham importância para o trabalho gráfico dos jornais e uma análise da fundamentação apresentada nos jornais diários de São Paulo.

José Coelho Sobrinho é jornalista graduado pela Universidade de São Paulo (1971), especialização em Jornalismo pela Universidade de São Paulo (2001), mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (1980), doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (1986) e pós-doutorado pela Universidade Fernando Pessoa - Porto (PT) (1996). Atualmente é Professor Associado da Universidade de São Paulo.

Fotojornalismo brasileiro (1989) (1)

Ivan Alves de Lima

Fotografia Brasileira

Este livro aborda todos os aspectos do fotojornalismo, de dois anos de pesquisa minuciosa do fotógrafo Ivan Lima, que descreve todos os segredos do repórter fotográfico. A reportagem, a pauta, o equipamento, as lentes, a legenda, o corte, a edição. Do jornal em preto-e-branco e das revistas semanais em cores ao fotojornalismo independente. Tudo em um texto claro e direto, sem termos complicados.

Ivan Alves de Lima nasceu em Teresópolis no Rio de Janeiro em 1948. Graduiu-se em arquitetura pela faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1976 e pós graduou-se em Fotografia e História contemporânea na “*École Hautes Études en Sciencis Sociales*” de Paris em 1980. Lecionou fotografia no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (1983-1986) e é professor de fotojornalismo do Departamento de Comunicação Social da Pontifca Universidade Católica do Rio de Janeiro desde 1985. Foi editor de fotografia do *Novo Jornal, Última Hora* (1984), editor do livro *Sobre fotografia* e escreveu para Revista *Íris* de Fotografia desde 1980, desde então é fotógrafo independente.

Anos 90

Nos Bastidores da Notícia (1990) (6)

Alexandre Garcia

Globo

Em *Os Bastidores da Notícia* o leitor encontra revelações políticas, aventuras, episódios pitorescos, impressões de viagem e fatos testemunhados pelo jornalista Alexandre Garcia em suas andanças pelos bastidores da política no Brasil e no exterior.

Alexandre Eggers Garcia nasceu Cachoeira do Sul, Rio Grande do Sul em 1941. É jornalista especializado na área de política. Formado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, onde depois lecionou. Foi correspondente no exterior pelo *Jornal do Brasil* e depois subsecretário de imprensa e porta-voz da Presidência da República por 18 meses, no início do governo do general João Figueiredo. Foi diretor da TV *Manchete* e diretor de jornalismo da TV *Globo* em Brasília. É repórter especial, comentarista e apresentador no *Jornal Nacional*, *Bom Dia Brasil* e tem programa semanal na *Globonews*. Apresenta e coordena o noticiário do meio-dia da TV *Globo* Brasília. Atualmente apresenta algumas edições do *Jornal Nacional* e *Globo Repórter*, o programa de entrevistas “*Espaço aberto Alexandre Garcia*” na *Globo News*, e é também editor chefe e apresentador do telejornal DFTV, noticiário local da TV *Globo Brasília*.

Adiantado da Hora, O - A influência americana sobre o jornalismo brasileiro (1990) (7)

Carlos Eduardo Lins da Silva
Summus

O Adiantado da Hora - A influência americana sobre o jornalismo brasileiro é um excelente estudo sobre uma aculturação bem inspirada e mal resolvida. A imprensa do Brasil adotou a dos Estados Unidos como modelo, mas, se em qualquer processo cultural nenhuma transferência se dá integralmente, nesse caso a técnica, o zelo, a investigação que caracterizam o jornalismo americano ainda precisam ser transplantados para o brasileiro. O autor analisa o papel do jornalismo norte-americano na formação dos jornalistas e na estrutura dos principais jornais em nosso país. Sem cair em determinismos, o autor levanta os horizontes e os limites desta influência.

Carlos Eduardo Lins da Silva é superior da Agência Brasileira de Divulgação Científica – órgão do Centro de Pós-graduação do Instituto Metodista de Ensino Superior; professor dos cursos de Pós-graduação e graduação em comunicação do Instituto Metodista de Ensino Superior e da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

Aventura da Reportagem, A (1990) (7)

Ricardo Kotscho
Gilberto Dimenstein
Summus

Dois grandes repórteres brasileiros analisam o jornalismo sob duas vertentes: a cobertura jornalística do poder e a cobertura jornalística das questões sociais. Um autêntico manual do bom jornalismo, este livro nos conduz aos bastidores das notícias, ao modo de produção das matérias mais importantes já publicadas em nosso país.

Ricardo Kotscho é jornalista e começou sua carreira aos 15 anos, quando participou do jornal “*Verbômidas*”, do Colégio Santa Cruz. Três anos depois, assumiu seu primeiro emprego de importância, ao ser contratado como repórter, chefe de reportagem e editor do jornal *O Estado de São Paulo*. Durante o regime militar, coordenou a série de reportagem “*Mordomias*”, sobre gastos, compras e hábitos de políticos do país.

Ameaçado e pressionado pelos resultados das reportagens, Kotscho viu-se impelido a virar correspondente na Alemanha, em 1977. Retornou um ano depois para trabalhar na revista *Isto É*. Em 1984, Kotscho trabalhava como repórter na *Folha de S.Paulo* e cobria o movimento pelas Diretas-Já. Trabalhou como diretor de jornalismo do *Canal 21*, da *TV Bandeirantes* e da *CNT/Gazeta*, além do *SBT Repórter*. Publicou, entre outros, *Serra Pelada - Uma Ferida Aberta na Selva* (1984), *Caravana da Cidadania: Diário de Viagem ao Brasil Esquecido* (1993), e *Coitadinhos e Malandrões* (1990).

Gilberto Dimenstein é membro do Conselho Editorial e articulista da *Folha de S. Paulo*. Suas reportagens sobre violência contra as crianças alcançaram repercussão internacional e lhe conferiram vários prêmios de jornalismo, entre eles dois prêmios Esso, dois prêmios Líbero Badaró de Imprensa e o prêmio Criança e Paz, do Unicef. Fundador do Projeto Aprendiz, é autor de vários livros, destacando-se *Cidadão de papel* (Prêmio Jabuti de 1993), *Aprendiz do futuro*, *Meninas da noite* e, mais recentemente, a coleção *Cidadão-Aprendiz*, em parceria com Heloisa Prieto.

Telejornalismo (1990) (1)

Albertino Aor da Cunha

Atlas

Existem poucos livros que estudem o telejornalismo produzido pelas emissoras nacionais. Este livro preenche a carência de obras didáticas na área. O autor analisa desde o trabalho da repórter até os críticos ideológicos que podem influenciar a edição de um noticiário. A crônica, o comentário, a crítica e o documentário também são examinados em suas particularidades para a televisão. Ainda discute o enfoque sobre a função do âncora nos telejornais, o entrosamento do estilo de uma emissora com o padrão de textos de seus telejornais e a função dos efeitos eletrônicos disponíveis pela alta tecnologia.

Albertino Aor da Cunha é jornalista formado pela Caspér Líbero, onde também fez pós-graduação. Foi Professor da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Universidade de Taubaté (Unitau). Atualmente leciona telejornalismo na Universidade Santa Cecília de Santos (Unisantia). Trabalhou na antiga *TV Tupi* de 1974 a 1982, no *Sistema Brasileiro de Televisão* (SBT) e na *TV Bandeirantes*. Foi repórter da *Televisión Cerro Cora de Asunción* (Paraguai).

Jornalismo Alternativo no projeto popular (1990) (8)

Pedro Gilberto Gomes

Paulinas

Jornalismo Alternativo no projeto popular toma o ponto de vista da comunicação e do jornalismo popular e católico, o autor caracteriza o “grito do povo” no seu contexto, marcado por intensa atividade pastoral no campo social. Determina o tipo de jornalismo praticado, analisa o modo de produção do jornal a partir da estrutura do texto, ângulo de observação, condições de produção, criatividade e participação popular na sua feitura. Enquanto conteúdo, Pedro Gilberto Gomes enfoca os assuntos vinculados, a área de abrangência e as categorias e gêneros jornalísticos utilizados.

Pedro Gilberto Gomes, padre jesuíta, é formado em Filosofia, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e em teologia pelo Colégio Máximo Cristo

Rei-Unisinos. Ele tem especialização em Teologia, pela Pontifícia Universidade Católica de Santiago, no Chile. Ele é mestre e doutor em Comunicação, pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente, é professor e pesquisador do PPG em Comunicação e pró-reitor acadêmico da Universidade do Vale dos Rios dos Sinos (Unisinos). É autor de diversas obras, tais como: *Televisão, escola e juventude* (Porto Alegre: Mediação, 2001); *Tópicos de Teoria da Comunicação. Processos midiáticos em debate* (São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004); e *Filosofia e ética da comunicação na midiatização da sociedade* (São Leopoldo: Editora Unisinos, 2006).

“Não quebre a cara!” – Introdução à prática do jornalismo (1990) (7)

Darci Demetrio

Vozes

Este livro é obra da experiência de Darci Demetrio que ao longo do livro discute e faz reflexões sobre o trabalho dos jornalistas. O autor comenta sobre os tenebrosos caminhos que levaram o público a dar à imprensa um baixo índice de credibilidade, discute sobre os truques que desvendam o segredo de uma boa reportagem, de uma boa entrevista e de um bom texto, a importância da fotografia na imprensa e os desafios do trabalho de seus profissionais.

Darci Demetrio é jornalista prático – licenciado, começou no jornalismo em 1958, no semanário *Alvorada*, de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul. Como repórter ou redator, trabalhou não só em jornais grandes e pequenos, mas também em rádio, televisão e agências de notícia do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro. Ao final dos anos de 1960, passou a trabalhar em agências de publicidade gaúchas e cariocas. Em 1976, retornou a imprensa como editor em jornais e revistas do sul do país. Por uma série de reportagens publicadas no *Zero Hora* em 1987, com o título de “O homem Errado”, ganhou o prêmio Esso Regional e o Prêmio Direitos Humanos do Movimento de Justiça e Direito Humanos Gaúcho.

Perfis de jornalistas (1991) (6)

José Marques de Melo

Editora USP

O livro analisa o jornalismo sob o ponto de vista de vinte importantes jornalistas brasileiros. Realizada sob a forma de atividade didática, através de leituras e discussões da bibliografia, que deram embasamento as entrevistas, datadas de 1986 a 1987. Aborda questões da obrigatoriedade do diploma de jornalismo para o exercício da profissão e da censura. Os textos resultantes são heterogêneos, privilegiando a biografia do entrevistado, as interpretações sobre os episódios marcantes da imprensa ou as questões conjunturais vividas pelos mesmos.

José Marques de Melo é jornalista, professor universitário, pesquisador científico, consultor acadêmico e coordenador do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Anteriormente, foi professor do Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco e da Faculdade Cásper Líbero. Dirigiu em Recife, o Departamento de Investigação Científica do ICINFORM (Instituto de Ciência de Informação), e fundou em São Paulo, o Centro de Pesquisas da Comunicação Social. Autor de alguns livros como: *Comunicação*

Social: Teoria e Pesquisa (1970); *Comunicação, Opinião e Desenvolvimento* (1971), *Reflexões Sobre Temas de Comunicação* (1972).

Jornalistas e Revolucionários: Nos tempos da Imprensa Alternativa (1991) (2)

Bernardo Kucinski

Scritta Editorial

Este livro de Bernardo Kucinski recupera a memória de importante e rico período da imprensa brasileira, a dos jornais ditos “alternativos” que circularam no país nos anos da ditadura militar. Apresentado originalmente como tese de doutorado, o livro apresenta um panorama do surto alternativo, distinguindo as várias categorias de jornais e as situações em que foram criados. O autor apresenta a história de vida de alguns dos jornalistas que se confundiram com seus veículos, como *O Pasquim*, *Versus*, *Coojornal*, entre outros. Os grandes jornais revolucionários ligados a partidos ou movimentos políticos, como *Opinião*, *Movimento* e *Em Tempo*.

Bernardo Kucinski nasceu em São Paulo em 1937. É jornalista e cientista político, colaborador do PT e professor da Universidade de São Paulo (USP). Professor de Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da USP. Ministra a cátedra de Jornalismo Internacional, entre outras. Trabalhou como assessor da Presidência da República durante o primeiro mandato de Luís Inácio Lula da Silva. Kursou graduação em Física na USP entre 1967 e 1968. Militante estudantil durante o regime militar, foi preso e exilado. Retornou e entrou para os quadros da USP na Escola de Comunicações e Artes em 1986. Em 1991, obteve grau de Doutor em Ciências da Comunicação pela USP, com tese sobre a imprensa alternativa no Brasil entre 1964 e 1980. Ganhou o Prêmio Jabuti de Literatura em 1997.

Complexo de Clark Kent – São super-homens os jornalistas? (1991) (6)

Geraldinho Vieira

Summus Editorial

Através dos depoimentos dos mais bem-sucedidos jornalistas brasileiros, o autor reconstrói os caminhos desta complicada profissão nos seus mais diversos segmentos: rádio, televisão, revistas e jornais. Um retrato crítico e dinâmico da imprensa em nosso país. As opiniões, entre outros, de Gilberto Dimenstein, Marília Gabriela, Boris Casoy, Joelson Beting, Otávio Frias Filho e Caio Túlio Costa.

Geraldinho Vieira é sergipano de Aracaju. Antropólogo e jornalista, atual editor do "Caderno 2" do *Jornal de Brasília*. É representante da Fundação Avina no Brasil e professor de Jornalismo Social na *Fundación para um Nuevo Periodismo Iberoamericano*, entidade presidida pelo escritor e Prêmio Nobel, Gabriel Garcia Marques. Foi chefe de reportagem da *Rede Globo de Televisão* em Brasília e editor da área cultural do *Correio Braziliense* e *Jornal de Brasília*. Foi chefe de gabinete do Ministro da Cultura, Antonio Houaiss.

Jornalismo, linguagem da simplicidade (1991) (1)

Marcos Alexandre de Souza Gomes

Litteris

Credibilidade, clareza e objetividade, concisão, atualidade, são palavras – chaves em *Jornalismo, linguagem da simplicidade*, uma obra trabalhada didaticamente, e proporciona o entendimento da mecânica do texto jornalístico. Este livro apresenta os primeiros passos no universo dos veículos impressos, através do que se propõe nas redações e nas salas de aulas, ou seja, jornalismo se aprende na prática, que se torna menos árdua quando bem orientada. Uma obra desenvolvida com linguagem simples e objetiva, onde autor apresenta parte da sua experiência de 20 anos no magistério superior, no ensino das técnicas jornalísticas.

Marcos Alexandre de Souza Gomes nasceu em 1958 em Petrópolis, RJ. Iniciou seu percurso no jornalismo como repórter na *Rádio Difusora* em 1976. cursou faculdade de comunicação no Rio de Janeiro, mas continuou como correspondente da *Tribuna da Imprensa* em Petrópolis. Editou diversos jornais e revistas de faculdades, sindicatos, clubes e partidos políticos. Trabalhou como repórter no jornal *O Globo*. Desde 1981 ele passou a lecionar em faculdades de jornalismo particulares como a UNISUAM (Centro Universitário Augusto Motta), FACHA (Faculdades Integradas Hélio Alonso), Pinheiro Guimarães e Universidade Gama Filho.

Jornalismo e produção de moda (1991) (1)

Ruth Joffily

Nova Fronteira

Um livro que procura mostrar a importância em termos sociais, econômicos e históricos da especialização do jornalismo de moda, que, segundo a autora, ainda é vista de forma distorcida. Entre os temas abordados estão: a caracterização da moda como fenômeno cultural, os grandes costureiros, a história da moda brasileira, além da elaboração de pauta, o texto e o clima das matérias sobre moda.

Ruth Joffily é jornalista, redatora, produtora, autora de seis livros na área de Moda, ex-editora das revistas *Desfile* e *Desfile Coleções*. Mestre em Moda nos anos 30 e 40, na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora de História da Moda e História da Moda no Brasil na Escola de Moda da Universidade Cândido Mendes e professora de Produção de Moda no Instituto Zuzu Angel na Universidade Veiga de Almeida. Ruth foi uma das fundadoras da Escola de Moda da Universidade Cândido Mendes, criando o primeiro curso de Jornalismo e Produção de Moda no Rio de Janeiro. Na *TVE*, desenvolveu o documentário "*História da Moda no Brasil*". Em mais de 25 anos de carreira, sempre se preocupou em incrementar o teor informativo do Jornalismo de Moda.

Folhas ao vento – Análise de um conglomerado jornalístico no Brasil (1992) (2)

Gisela Tascher

Paz e Terra

Este livro analisa o período de consolidação da indústria cultural no Brasil, as décadas de 1960 e 1970, a partir da formação do Grupo Folhas, Gisela Tascher mostra como através das sucessivas mudanças de propriedade, foi pouco a pouco afirmando uma postura empresarial, que somado a diversificação dos produtos às necessidades impostas pelo autoritarismo então vigente, foi responsável nos anos pós-64, por diversas alterações na linha política dos jornais do grupo.

Gisela Tascher nasceu em São Paulo, graduou-se em ciências sociais pela Universidade de São Paulo, onde também concluiu seus programas de mestrado e doutorado, especializou-se em sociologia. Leciona na Escola da Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas, onde é professora adjunta, na área de sociologia e política. Na Fundação Getúlio Vargas também dirigiu a *Revista de Administração de Empresas*, de 1986 á 1991 e ajudou a criar em 1990 o Centro de Estudos de Cultura e Consumo. Desde 1991 é também professora do departamento de sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Linguagem fotográfica e informação (1992) (1)

Milton Giran

Rio Fundo

O que faz uma imagem no jornal ser tão contundente e em outra tão desinteressante, apesar de tratarem do mesmo assunto, e muitas vezes retratarem a mesma cena? *Linguagem fotográfica e informação* propõe responder essa e outras questões pelo conceito mais objetivo de “foto eficiente” na transmissão de uma mensagem. Essa eficiência é o resultado do bom uso da linguagem fotográfica. O enquadramento, a luz, o momento do click e os diversos recursos técnicos.

Milton Giran é repórter-fotográfico e mestre em Comunicação pela Universidade de Brasília. Um dos fundadores da *AGIL Fotojornalismo* (Brasília - 1980). É autor de *Encontro na Bahia* (1979). Como editor da *Livraria Dazibão* (Rio de Janeiro) editou, entre outros títulos, a coleção *Antologia Fotográfica*. Como fotógrafo, especializado em antropologia visual (Universidade Católica de Goiás / CAPES), responsável pelo setor de antropologia fotográfica de Brasília (1980-1982). Diretor da FENAJ (Federação nacional dos Jornalistas) (1980-1983) e membro da Executiva Nacional dos Repórteres – Fotográficos.

Imprensa e Poder – A comunicação em Santa Catarina (1992) (2)

Moacir Pereira

Lunardelli

Imprensa e poder traça um painel histórico, ainda que breve, dos principais grupos e órgãos do Estado catarinense. É o desenho histórico da evolução da imprensa de Santa Catarina, os seus saltos de qualidade e evolução, os momentos em que se produziram e as etapas em que se sucederam as mudanças, até o estágio atual. Este livro mostra que as relações entre poder e imprensa têm nome e sobrenome. As facções de poder e os grupos beneficiados sempre pertencem ao campo conservador. Não há espaço nos meios de comunicação para sociedade civil, para uma instituição comunitária ou cultural, para a universidade.

Moacir Pereira é colunista político do *O Estado* e *A Notícia* do Jornal de Santa Catarina, comentarista político da *RBS – TV* e *RCE – TV*, mestre em ciências políticas pela Universidade Federal de Santa Catarina, conselheiro da União Cristã Brasileira de Comunicação (UCBC); ex-presidente do Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina; ganhou o prêmio Esso de Jornalismo em 1983, regional por equipe, prêmio Jerônimo Coelho de Reportagem – Sesquicentenário da imprensa de Santa Catarina (TV). E é fundador do curso de jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina.

Música e Jornalismo (1993) (7)

Mário de Andrade/ Paulo Castagna (Org.)

EDUSP

Este livro reúne cerca de 160 artigos sobre música de Mário de Andrade (1893-1945), publicados no jornal *Diário de S. Paulo*, entre 1933 e 1935. São críticas de concertos e conferências, além de ensaios sobre folclore, livros, compositores e obras musicais, organizados e anotados pelo pesquisador Paulo Castagna, com base na coleção completa do periódico no acervo do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo e do Arquivo do Estado de São Paulo. Por meio desses escritos pode-se acompanhar a movimentação do cenário musical paulistano na década de 1930, assim como a opinião do escritor e musicólogo, expressa em sua linguagem característica, a respeito de cantores, instrumentistas e compositores, brasileiros e estrangeiros, como Bidu Sayão, Tito Schippa, Guiomar Novaes, Jascha Heifetz, Arthur Rubinstein, Claudio Arrau, Beethoven ou Ernesto Nazaré.

Paulo Castagna é pesquisador da música brasileira. Professor e Pesquisador do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista, coordenador da Equipe de Organização e Catalogação da Seção de Música do Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo e diretor da revista ARTEunesp, trabalhando atualmente na pesquisa da música paulista e mineira dos séculos XVIII e XIX. Graduou-se em 1987 no Departamento de Música da Escola de Comunicações e Artes da USP. Mestrado em 1992; e doutorado no Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Humanas da Universidade de São Paulo. Idealizou e apresentou séries de programas para a *Rádio Cultura FM* de São Paulo entre 1993 e 1994, desenvolveu pesquisas para o Instituto de Estudos Brasileiros, que resultaram no livro *Música e Jornalismo*, de Mário de Andrade, (Hucitec e Edusp, 1993), escreveu os verbetes sobre música para o Dicionário da Colonização Portuguesa no Brasil (Verbo, 1994) e foi o musicólogo responsável pela série de 10 programas *História da Música Brasileira* (TV Cultura, São Paulo, 1999).

Tendências do Jornalismo (1993) (2)

Francisco Rüdiger

UFRGS

Estudo da história do jornalismo rio-grandense e importante contribuição para o seu conhecimento e desenvolvimento. Do ponto de vista da história social, mostra que o jornalismo gaúcho conheceu até agora dois regimes: o político-partidário, dominante desde sua formação até a década de trinta, e o regime dominado pelo jornalismo informativo e as indústrias culturais, surgidos no início do século e, mais tarde, consolidado com a formação das atuais redes e monopólios de comunicação.

Francisco Rüdiger é professor titular da Faculdade de Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul desde 1986. Leciona também na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutor em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (1995) e Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1987). Autor de vários livros, como: *Martin Heidegger e a Questão da Técnica* (2006), *Introdução às teorias da cibercultura* (2004), *Elementos para a*

crítica da cibercultura (2002), *Theodor Adorno e a crítica à indústria cultural* (1999), *Literatura de auto-ajuda e individualismo* (1996) e *Tendências do Jornalismo* (1993).

Boris Casoy, o âncora no telejornalismo brasileiro (1993) (7)

Sebastião Carlos de Moraes Squirra

Vozes

Este livro discute o formato de telejornalismo com a presença do âncora. Afirma que essa figura pressupõe a prática democrática e o espírito de liberdade social. Define que o âncora seja o editor-chefe do telejornal que apresenta. No Brasil, o modelo melhor sucedido desta fórmula é o do telejornal *TJ-Brasil*, do Sistema Brasileiro de Televisão - SBT, com o Boris Casoy. Apresenta depoimentos do jornalista e conclui que o jornalismo brasileiro importa seus modelos, mas que os adapta de forma inteligente.

Sebastião Carlos de Moraes Squirra é mestre e doutor em jornalismo pela Escola de comunicação e Arte da Universidade de São Paulo. Jornalista profissional pelo Instituto Metodista de São Bernardo e comunicação visual pela FAAP (Fundação Armando Álvares Penteado), São Paulo. Começou na televisão na *TV Cultura* (São Paulo) como assistente de produção do programa *Vila Sésamo* e Teatro 2. Foi produtor de comerciais da *Blimp Filmes*, *Banespa* e *Sele propaganda*. Repórter do *Programa 90 Minutos* e realizador de reportagens especiais na *TV Bandeirantes* (São Paulo). Passou pelo jornalismo da *TV Globo* e foi editor no departamento de jornalismo da *TV Cultura* (São Paulo).

Foi professor da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, do IADÊ (Instituto de Artes Visuais, Design e Marketing – SP), da FAAP (SP), da Metodista (São Bernardo), da Pontifícia Universidade Católica (SP) e da FIAM (Faculdades Integradas Alcântara Machado - SP). Estudou na Sorbonne em Paris IV (França) e estagiou no *Société Françai de Productions e Antenne – 2*. É professor de telejornalismo e laboratório eletrônico na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

Que é Livro-Reportagem, O (1993) (1)

Edvaldo Pereira Lima

Brasiliense

Partindo de conceitos básicos do jornalismo, este livro mostra como o livro-reportagem extrapola as limitações da imprensa convencional, auxiliando o leitor a conquistar uma compreensão mais ampla do mundo contemporâneo. É um mergulho na fronteira em que o jornalismo, a literatura e a história se cruzam.

Edvaldo Pereira Lima é jornalista, escritor, pesquisador e professor da Escola de Comunicações e Arte da Universidade de São Paulo (USP). Doutor em Ciências da Comunicação pela USP. Autor de cinco livros. Coordenador de três livros produzidos em equipe. Colaborador de publicações nacionais e internacionais. Criador e organizador do método *Escrita Total - Escrevendo a Partir do Lado Direito do Cérebro* bem como da modalidade *Jornalismo Literário Avançado*. É professor dos programas da Fundação Petrópolis e do Instituto de Estudos do Futuro.

Mundo do Jornalista, O (1993) (6)

Isabel Travancas

Summus

A autora busca neste livro a constituição da identidade social do jornalista através de entrevistas com vários profissionais, em seu trabalho e em seu cotidiano. Uma análise da profissão, de suas implicações efetivas e pessoais, dos problemas que envolvem as empresas jornalísticas. Depoimentos de Sérgio Augusto, Zuenir Ventura, Newton Carlos, Jânio de Freitas e outros importantes profissionais.

Isabel Travancas é pesquisadora visitante da Fundação Casa de Rui Barbosa. Graduada em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Pós-doutora em Antropologia social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, doutora em Literatura Comparada pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro e mestre em Antropologia Social pelo Museu Nacional -UFRJ. Autora de *Juventude e televisão* (Editora FGV, 2007), *O mundo dos jornalistas* (Summus, 1993), *O livro no jornal* (Ateliê Editorial, 2001) e organizadora com Patrícia Farias de *Antropologia e comunicação* (Garamond, 2003).

Sorte e Arte – Como foram feitas algumas reportagens que você leu (1993) (3)

José Roberto de Alencar

Edicon

Em *Sorte e Arte*, José Roberto de Alencar conta histórias sobre os bastidores de algumas das suas reportagens, listadas entre as melhores do jornalismo brasileiro. O livro mostra o mundo do jornalismo informativo de qualidade e abre a porta para discussões éticas. O repórter pode enganar a fonte? Roubar documentos? Na hora de escolher entre a honestidade, a honra, o direito à vida e o sagrado direito do povo à informação, quem ganha?

José Roberto de Alencar é jornalista mineiro de Santa Rita de Caldas, começou a carreira na década de 70, quando teve sua primeira matéria publicada pela revista *Exame*. Nesses mais de 30 anos de carreira, passou por cerca de 50 redações. Entre elas estão, *Gazeta Mercantil, Jornal da República, Folha de S. Paulo, Estado de S. Paulo, Folha da Tarde, Jornal da Tarde, DCI, Jornal do Brasil, Jornal de Brasília, Diário do Povo* de Campinas e *Hoje em Dia* de Belo Horizonte, *Opinião, Movimento, Coojornal e 5 de Março, Exame, Realidade, Senhor, Istoé e Época* e três dezenas de publicações menores, e como free-lance na *Veja* e *4 Rodas*. É autor de vários livros, como *Sorte e Arte, Muita sorte & pouco juízo* e *ABC do Nhe, Nhe, Nhém*. Morreu em junho de 2007 aos 62 anos.

Assessoria de Imprensa – Teoria e prática (1993) (1)

Elisa Kopplin e Luiz Artur Ferraretto

Sagra Luzatto

Como intermediário entre as informações disponíveis em uma organização e os diferentes públicos que ela atinge, a profissional de Assessoria de Imprensa realiza importante e complexa tarefa no mundo da comunicação. *Assessoria de imprensa – Teoria e prática* é um estudo abrangente sobre esta área, hoje um dos maiores mercados de trabalho para os jornalistas brasileiros. O livro engloba das origens históricas, á

redação de *releases* e a produção de periódicos, passando, ainda pelos aspectos éticos e legais da Assessoria de Imprensa.

Eliza Kopplin é jornalista formada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e atua como assessora de imprensa do Hospital das Clínicas de Porto Alegre. Já lecionou para o curso de Jornalismo, foi repórter, redatora, revisora entre outras funções.

Luiz Artur Ferraretto é formado em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, já atuou como repórter, gerente de radiojornalismo da rede *Bandeirantes* do Rio Grande do Sul, entre outras funções desempenhadas em assessoria. É professor do Curso de Jornalismo da Universidade Luterana do Brasil, em Canoas, na região metropolitana de Porto Alegre. Junto com jornalista Elisa Kopplin, escreveu *Técnica de Redação Radiofônica* (1992) e *Assessoria de Imprensa: Teoria e Prática* (1993), ambos publicados pela Editora Sagra Luzzato. Participou também da coletânea *Tendências da Comunicação* (1999).

Manual da Fonte - Como lidar com jornalistas (1993) (6)

Geraldo Sobreira
Geração

Este livro trata de como se deve lidar com os jornalistas, para aparecer, e aparecer bem na imprensa. Como fazer para que as notícias de seu interesse sejam transmitidas corretamente pelos meios de comunicação? O autor propõe responder essas questões e outras. Ele é auxiliado por repórter e editores da *TV Globo*, *SBT* e outros veículos. E também por políticos cujo talento para se relacionar com os jornalistas tem sido inquestionável. Sobreira revela também como funcionam as redações de jornal, rádio, televisão e revistas, com as opiniões de entrevistados como Antônio Carlos Magalhães, José Serra, Carlos Castelo Branco e outros.

Geraldo Sobreira é jornalista em Brasília. Trabalhou no *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *Folha de S. Paulo*, *Veja*, *Isto É*, *Senhor*, *Opinião*, *Movimento*, *Diário de Pernambuco*, *Jornal do Comércio*; e como assessor de imprensa de ministros e lideranças de partidos políticos.

A impressão da palavra – Literatura e jornalismo cultural (1993) (7)

Hildeberto Barbosa Filho
Idéias

Os ensaios, reunidos neste livro produzidos pelo professor Hildeberto Barbosa Filho sobre literatura e jornalismo cultural redimensionam as fronteiras entre arte e informação. *A palavra impressa* conclui várias impressões. Hildeberto traz para o leitor os discursos jornalísticos e literários, que aparecem ora geminados, ora separados por conceitos que não que não resistem à acuidade das formas criativas de ler o mundo. A partir da incursão pelos textos os leitores poderão entender que a linguagem poética nem sempre se traduz por sua opacidade ou a linguagem jornalística por seus referentes. Mas que ambas pressupõem diante dos livros, filmes, quadros ou programas televisuais.

Hildeberto Barbosa Filho nasceu em 1954, na cidade de Aroeiras, Estado da Paraíba. Bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB); tem curso de Licenciatura em Letras Clássicas e Vernáculas (UFPB); Especialização em Direito Penal, pela Universidade de São Paulo e Mestrado em Literatura Brasileira, pela UFPB. Logo cedo, iniciou sua vida de professor, lecionando Língua Portuguesa e Literatura Brasileira em colégios públicos e particulares. Atualmente, é professor da Universidade Federal da Paraíba, lecionando Literatura Brasileira, Teoria da Literatura e Literatura Portuguesa, no curso de Letras, ministrando aulas, também, no curso de Comunicação Social. Hildeberto é crítico literário, escritor, poeta e jornalista; mantém uma coluna em o Jornal *O Norte*, escrevendo sobre literatura. Colabora em os jornais *A União*, *Correio da Paraíba*, *O Momento*, *Correio das Artes*; *Jornal do Comércio* e *Diário de Pernambuco* (PE); *O Galo* (RN), *O Pão* (CE); *D.O. Leitura* (SP); *Suplemento Literário de Minas Gerais* (MG) e a *Revista Cultura Vozes* (RJ).

A Memória e o Esquecimento (1993) (6)

Rodolfo Konder

Ed. Global

Rodolfo Konder em *A Memória e o Esquecimento* passa a limpo as intensas e sucessivas mudanças sociais, políticas e culturais, pelas quais o mundo passou desde 1968. Para retratar essas mudanças, presentes ainda na lembrança de muitos e com a intenção de apresentar àqueles que não viveram ou perceberam as tais mudanças, o autor escolheu com muito critério 53 artigos e crônicas suas, publicadas em diversos jornais e revistas do país. Os artigos são independentes, mas se completam. O livro trilha o percurso do tempo como se Rodolfo Konder estivesse fazendo duas viagens: uma reflexiva, que ele faz quase que diariamente em seu gabinete repensando temas que variam da política internacional aos pequenos fatos do cotidiano, e a outra viagem, essa física, o autor fez a muitos países. O resultado é um painel que permite ao leitor analisar o crescimento e o amadurecimento da sociedade.

Rodolfo Konder é jornalista e escritor. Como jornalista trabalhou em revistas como *Realidade*, *Singular* e *Plural*, *Visão*, *Istoé*, *Afinal*; também trabalhou em jornais e estações de rádio (inclusive rádio *Motreal* no Canadá, durante dois anos) e canais de televisão. Foi editor-chefe e apresentador do *Jornal Cultural* da TV Cultura de São Paulo. Publicou vários livros, como: *As Portas do Tempo* (1996) e *Cadeia para os Mortos* (1977) Em 1993 assumiu o cargo de secretário Municipal de Cultura. Além disso, é membro do Conselho da Fundação Padre Anchieta (TV Cultura); faz parte do Conselho de Cultura Hebraica e da Diretoria do Museu de Arte de São Paulo – Assis Chateaubriand.

Bola no Ar, A: o Rádio esportivo em São Paulo (1994) (7)

Edileuza Soares

Summus

O rádio esportivo foi essencial para a transformação do futebol em esporte popular e um importante complemento na definição do rádio como meio de comunicação de massa. A partir das primeiras narrações de jogos de futebol e de entrevistas com veteranos radialistas, a autora nos traz a história do rádio esportivo. De forma criativa e original, ela analisa os diversos estilos de narração e sua evolução até os tempos atuais, desde o primeiro locutor até os astros do momento no radiojornalismo esportivo. Nesse estudo, a autora demonstra que o rádio continua um instrumento de comunicação vibrante.

Edileuza Soares é jornalista formada pela Universidade de São Paulo, mestra em Comunicação Social com a tese que resultou no livro *A Bola no Ar*, no Instituto Metodista de Ensino Superior. Atua como repórter no *INFOOnline* e *WNews*.

Espreme que sai sangue – Um estudo do sensacionalismo na imprensa (1994) (3)

Danilo Angrimani
Summus

O autor investiga o fenômeno do sensacionalismo na imprensa sob várias dimensões: sua história através dos tempos, sua produção, e as razões mais profundas que fazem com que um amplo público seja atraído por este produto. O livro analisa como a linguagem utilizada remete ao inconsciente dos consumidores atendendo a necessidades psicológicas coletivas, e investiga os mecanismos que interagem no processo de atração e compra sensacional.

Danilo Angrimani Sobrinho nasceu em São Paulo. É Bacharelado em Licenciatura Plena em Português-Inglês pela Faculdade Paulistana de Ciências e Letras (1977); Bacharelado em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo pelas Faculdades Integradas Alcântara Machado (1981). Mestrado em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (1985). Doutorado em Ciências, área de concentração Jornalismo e Editoração, pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (1994); com passagem pela Academie de Paris Sorbonne/*Université René Descartes Paris V* (1991/1992), como bolsista do CNPQ (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). Foi Professor de Jornalismo no Instituto Metodista de Ensino Superior (1984/1989) e da Universidade Mogi das Cruzes (1997/2000). Trabalhou como redator da *Revista Escrita de Literatura* (1977); Assessor de Imprensa da *Agência Salles/Honda Motor do Brasil* (1979/80); Repórter da *TV Manchete* (1983); Redator da *TV Gazeta* (1987); Repórter especial e editor do caderno *Revista do Diário Popular* (1984/1990); Repórter Especial e editor de Economia do jornal *Diário do Grande ABC* (1993 a 2000); Repórter especial do *Jornal da Tarde* (2000/2002); e voltou ao jornal *Diário do Grande ABC* (2002 a 2005).

O que é Assessoria de Imprensa? (1994) (1)

Boanerges Lopes
Brasiliense

A crescente expansão das assessorias de imprensa no Brasil abriu mais um campo de atuação para os profissionais de comunicação, ao lado dos meios impressos, da televisão e do rádio. Esta obra destaca o comportamento dos assessores de imprensa, as técnicas específicas, o valor da ética, responsabilidade social, conhecimento e criatividade, indispensáveis ao bom exercício profissional.

Boanerges Lopes é doutor pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, jornalista e professor da Universidade Federal de Alagoas, e presidente da Cátedra de Jornalismo para a Cidadania FENAJ/UFAL e diretor regional Nordeste do Fórum Nacional de Professores de Jornalismo. Autor de *O que é assessoria de imprensa* (1994) e *Abaixo o nada a declarar!* (1998).

Pragmática do Jornalismo – Buscas práticas para uma teoria da ação jornalística (1994) (3)

Manuel Carlos Chaparro
Summus

Nos modernos processos de luta por algum dos muitos tipos de poder, o jornalismo vincula-se aos conflitos decisivos para a vida real de pessoas e instituições. Faz parte deles. Porque, como linguagem, dá e garante dimensão comunicativa aos confrontos entre sujeitos sociais divergentes que usam a notícia como a mais eficaz forma de agir, em um mundo globalizado pelas tecnologias de difusão. Ao se falar de jornalismo, fala-se, portanto, de uma atividade inevitavelmente submetida a pressões de poderosos interesses conflitantes. O que impõe aos jornalistas o dever maior de assumir, como fonte de critérios, as razões éticas da sociedade. Nesta obra, Manuel Carlos Chaparro parte do princípio de que não existe objetividade jornalística. Analisando a responsabilidade moral e ética do profissional da notícia, ele estuda o padrão de jornalismo praticado pela *Folha de S. Paulo* e por *O Estado de S. Paulo*.

Manuel Carlos Chaparro é doutor em Ciências da Comunicação e professor de Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). É jornalista desde 1957. Ao longo da carreira jornalística, por quatro vezes conquistou distinções no Prêmio Esso de Jornalismo, com trabalhos individuais. Na vertente acadêmica, formou-se em Jornalismo pela ECA/USP em 1982, tornando-se, dois anos depois, professor na mesma escola. No desenvolvimento da carreira de docente, concluiu o mestrado em 1987, o doutorado em 1993 e a livre-docência em 1997. Aposentou-se em 2001, como professor associado. Entre 1989 e 1991 foi presidente da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom).

Jornalismo eletrônico ao vivo (1994) (6)

Sidney Rezende (org.)

Vozes

O jornalismo eletrônico conduziu a sociedade brasileira a uma total readaptação de conceitos. Na era do cabo, dos semicondutores, da notícia instantânea, alguns dos melhores profissionais do rádio e da televisão do Brasil traçam uma breve história dos meios eletrônicos em nosso país. A partir da experiência de cada um em diferentes setores do jornalismo eletrônico, contam dessa aventura de pertencer a um tempo em que o mundo é invadido por sinais e suas imagens atravessam o planeta. Os depoimentos contidos neste livro são resultados do seminário “*Jornalismo Eletrônico Ao Vivo*”, promovido pelo Centro Cultural Candido Mendes em 1992.

Sidney Rezende nasceu Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Formado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC/Rio (1983) É jornalista desde 1985. A primeira vez que entrou em uma redação foi no “*Gente da Terra, Terra da Gente*”, ao ar na *Rádio Roquette Pinto*. Observado pelo diretor da rádio, Procópio Mineiro, recebe o convite para integrar a nova equipe de jornalismo que estava sendo montada. Seu sucesso com a classe média e formadores de opinião se deu a partir da sua estréia na Rádio Jornal do Brasil, em 1987, como apresentador do programa *Encontro com a Imprensa*, onde entrevistou as personalidades mais importantes da política e da cultura do país. Em 1988 é convidado para participar do primeiro programa sobre ecologia da televisão brasileira, *Baleia Verde*, produzido pela *Intervideo*. E se torna apresentador do Jornal do Rio, na TV Bandeirantes. Em 1989, cria o *Panorama Brasil*, o primeiro programa jornalístico da FM brasileira. Em 1993, torna-se professor da PUC/Rio. No ano seguinte, coordena o *Seminário de Jornalismo Eletrônico ao Vivo*, que se transforma em livro, publicado pela Editora Vozes. Em 1995 passa a apresentar o *Show*

de Notícias, da CBN. Em 1996, volta a ser âncora da CBN no Rio de Janeiro e apresenta o jornal *Em Cima da Hora*, na *Globo News*. Em 2001, sem deixar a CBN, passa a apresentar o *Conta-Corrente*, na *Globo News* e o telejornal *Bom Dia Rio*, da *TV Globo*. Em 2002, Sidney Rezende lança o livro *Deve ser Bom ser Você - 102 brasileiros bem-sucedidos dizem o que pensam do sucesso*, publicado pela Futura.

Como virar notícia e não se arrepende no dia seguinte (1994) (7)

Vera Dias

Objetiva

A autora mostra exatamente como se dá a dinâmica do relacionamento com os jornalistas. Responde a perguntas básicas como: Que tipo de assunto pode ter interesse como notícia; o que o jornalista espera obter de uma entrevista; em que circunstância pode-se dar declarações “*off-the-records*”. Mais que isso, o livro procura de forma didática, abordar as questões mais comuns do relacionamento com a imprensa.

Vera Dias é jornalista com mais de vinte e cinco anos de profissão de experiência em comunicação. Começou sua carreira no jornalismo, no jornal *O Globo*. No final da década de 1980, migrou para o mundo da comunicação corporativa, atendendo, com a própria consultoria, a empresas como IBM, *Cervejarias Kaiser*, *Chocolates Garoto* e AT&T. Em 1998, tornou-se gerente de comunicação da IBM Brasil, respondendo pela comunicação interna e pelo suporte de comunicação ao time executivo, além de cuidar do relacionamento da empresa com a imprensa. Atualmente, é Diretora de Comunicação da IBM para a América Latina.

Jornalismo de televisão (1995) (1)

Pedro Maciel

Sagra Luzatto

Este livro de Pedro Maciel reúne a rotina profissional que todos os estudantes de comunicação e todos que se interessa por saber como é o funcionamento do jornalismo dentro da televisão que deveriam conhecer. A orientação do autor neste texto é de quem procura casar o conhecimento prático, adquirido no dia-a-dia da redação, com a comunicação teórica desenvolvida ao longo de anos na carreira acadêmica, e assim trazer ao leitor um pouco do dia-a-dia prático do telejornalismo.

Pedro Maciel é jornalista e professor do curso de comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Como jornalista trabalhou como repórter especial no jornal *Zero Hora* (1971-1972) e (1986-1987), como repórter na sucursal gaúcha da *Revista Veja* (1972-1982) e como formulador de pauta e chefe de reportagem da RBS TV (1982-1986) e (1997-1988).

Desde 1982 é Professor, com disciplinas de jornalismo gráfico e áudio-visual e com editoração eletrônica. É autor de dois livros: *Guia para falar (e aparecer) bem na TV* (1993) e *As universidades do Rio Grande do Sul* (1994).

Manual de Sobrevivência na selva do Jornalismo (1995) (7)

Luiz Antonio Mello

Casa Jorge

Este livro é um guia prático para todos aqueles que pretendem ingressar na carreira jornalística ou já estão iniciando-se na profissão; é um resultado de vivências, acertos e erros. Ao longo de vinte e cinco anos ininterruptos de atividade jornalística, que o autor transformou num guia prático, cheio de dicas, macetes que vão desde “como entrevistar” até “como escrever e editar um texto”, os dramas do primeiro estágio, os equipamentos fundamentais para um jornalista tudo passando pelos “humores dos chefes”. Apresenta ainda sugestões e atalhos que podem facilitar a vida de quem, um dia terá de sobreviver na selva das redações.

Luis Antonio de Farias Mello nasceu em 18 de fevereiro de 1955, no Rio de Janeiro. É bacharel em Comunicação Social pela Universidade Estácio de Sá. Começou na imprensa em 1971, como cronista do *Jornal de Icarai* (Niterói). Em 1972, passou a trabalhar como programador musical, produtor e redator da *Rádio Federal AM*, a primeira emissora no Brasil dedicada a rock, jazz, blues e MPB alternativa. Em seguida, foi para o Departamento de Radiojornalismo da *Rádio Tupi AM*. Em 1973, como repórter da extinta *Última Hora*, mudando um ano depois para a *Rádio Jornal do Brasil* onde fez um programa diário chamado “*Vida no Rio*”, sobre o cotidiano carioca. Montou, em 1981, o projeto “*Maldita*” da *Rádio Fluminense FM* e foi ensaísta da revista *Somtrês*, redator da *Roll* e crítico de música de vários programas de TV. Quatro anos depois, deixou a *Fluminense FM* para se dedicar à elaboração da nova *Globo FM*, enquanto assumia a subeditoria do *caderno B*, do *Jornal do Brasil*. Já em 1989, assumiu a presidência da Fundação Niteroiense de Arte -FUNIARTE. É autor dos livros como: *A Onda Maldita* (1992) *Torpedos de Itaipu* (1995) *Manual de sobrevivência na selva do jornalismo* (1996) *Jornalismo na Prática* (2006) Atualmente é Secretário de Cultura de Niterói, redator, cronista e colunistas dos jornais *Folha de Niterói*, *Internacional magazine*, *Rock Press* e *Verbo & Imagem*, além de produtor fonográfico.

Exemplo e palavra de jornalista (1995) (2)

Pedro Rocha Jucá
Memórias Cubanas

O jornalismo é impressionante. Está acima da mídia e dos fatos submetendo-se apenas à democracia, justa e responsável. Não existe jornalismo sob qualquer império de grupos ou pessoas isoladas, até mesmo do próprio jornalista como ser humano igual os demais. O jornalismo é o método. A comunicação é apenas o processo. A informação o objeto a ser esculpido. Este livro é em homenagem ao jornalista Archimedes Pereira Lima que conta junto um pouco da história da imprensa de Mato Grosso.

Pedro Rocha Jucá nasceu em Crato, Estado do Ceará, em 1941, e reside em Cuiabá, Estado de Mato Grosso, desde o ano de 1959. Formado em Direito e Pedagogia, possui o registro de Jornalista mais antigo de Mato Grosso em atividade. Foi fundador e presidente do Centro dos Estudantes Secundários de Corumbá (MT); fundador, vice-presidente e presidente da União Mato-grossense dos Estudantes Secundários; fundador e o primeiro presidente (três mandatos) do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de Mato Grosso; e fundador e presidente em dois mandatos da Academia Mato-grossense Maçônica de Letras. É, ainda, membro efetivo da Academia Mato-grossense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Foi o primeiro assessor de Imprensa e o primeiro secretário municipal de Cultura e Turismo, da Prefeitura de Cuiabá. Durante quase 25 anos dirigiu *O Estado de Mato Grosso*, o jornal pioneiro da imprensa contemporânea mato-grossense. Foi correspondente em Cuiabá do jornal *O*

Estado de S. Paulo, durante 12 anos, e da revista *Visão*, por três anos. Edita na Internet o jornal eletrônico *Varanda Cuiabana*, sem finalidade lucrativa, para divulgar a cultura do Estado de Mato Grosso.

Estilo Magazine, O – Texto em revista (1996) (1)

Sérgio Vilas Boas
Summus

Estudo único, que analisa as características e especificidades do texto jornalístico das revistas de informação. Rico em exemplos, o livro traz um pequeno histórico do desenvolvimento desse tipo particular de texto, mostrando como evoluíram as características que o diferenciaram de outros tipos de textos jornalísticos. Fundamental para estudiosos na área de comunicação, tem como apêndice duas matérias significativas, publicadas em revistas conhecidas.

Sérgio Vilas Boas é jornalista, professor e escritor. Nasceu em Lavras – Minas Gerais, morou em Belo Horizonte, Nova Iorque – EUA e São Paulo. Mestre em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicação e Arte da Universidade de São Paulo, onde desenvolve tese de doutorado. Autor, entre outros, de *Os Estrangeiros do Trem N* (Prêmio Jabuti 1998 na categoria livro-reportagem) e *Perfis: e como escrevê-los* (Summus, 2003). Um dos criadores e editor-executivo do site www.textovivo.com.br.

Pauta e Notícia – Uma abordagem Semiótica (1996) (7)

Rolando Henn
Ulbra

Uma análise da produção de pautas que são transformadas em notícias pelos jornais. Uma pesquisa duplamente inédita: a pauta olhada sob o ponto de vista da semiótica e a semiótica preenchendo a generalidade dos seus conceitos com o conteúdo fornecido pelo jornalismo. Um trabalho inserido em um campo estreitamente ligado ao fazer e tão carente no que diz respeito à reflexão sistematizada e à bibliografia específica.

Ronaldo Henn é doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo é autor de *Pauta e Notícia* (1996, Ulbra) e *Fluxos da Notícia* (2003, Unisinos). Atualmente coordena o Grupo de Estudos Transdisciplinares sobre Criminalidade e Violência da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).

Comunicação: Tramas de desejos e Espelhos (1996) (3)

Maria Luiza Cardinale Baptista
Ulbra

A relação entre telenovela e jornalismo é multifacetada e contraditória. Há inúmeros cruzamentos entre ambos, e há momentos em que não sabemos onde está a ficção, no telejornal? Ou a narração do “real”, feita com técnicas sofisticadas de ficção. O objetivo da autora, neste livro, é estimular os leitores a repensarem melhor suas relações com os meios e a utilizarem-nos para evoluir como pessoas, não se acomodando num consumismo infantil e empobrecido.

Maria Luiza Cardinale Baptista é jornalista, empresária e professora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo. Diretora da *Pazza Comunicazione*, empresa que oferece serviços de diversas áreas especializadas da

Comunicação, como criação, produção gráfica, fotografia, produção de sites e multimídia, serviços gráficos, traduções e serviços de biblioteconomia.

Olha a Folha – Amor, Traição e Morte de Um Jornal (1996) (2)

Walter Galvani

Sulina

Walter Galvani conta os 48 anos de existência do jornal gaúcho que circulou de 1936 a 1984. E também revela um importante período do cotidiano de Porto Alegre. O texto traça a fundação, ascensão, apogeu, decadência e morte de um jornal que foi pioneiro e traçou linhas de ação para toda a imprensa do Rio Grande do Sul, baseado no sucesso do também mítico "*Crítica*" que se editava em Buenos Aires. Porto Alegre tinha um caso de amor com este jornal, que alcançou as maiores tiragens relativas de sua época. Como era feito, por quem, e a quem se destinava. Uma história cheia de lances de aventura e desventuras.

Walter Galvani é escritor e jornalista, nascido em 1934 em Canoas (RS). Deu os primeiros passos na carreira jornalística, atuando no órgão interno *Ecos de São Luiz*, sob a égide do Irmão Henrique Justo. Ali mesmo fez curso de Artes Gráficas e mais tarde, iniciou sua carreira jornalística, no jornal *Expressão*, em setembro de 1954. Em fevereiro de 1955 transferia-se para a redação do *Correio do Povo*, então o maior jornal do Rio Grande do Sul, iniciando sua atividade na seção de Esportes, setor em que permaneceu por doze anos, em 1958 foi para a redação da *Folha da Tarde*. Passou a atuar também no rádio, na Rádio Guaíba AM de Porto Alegre, a partir de 1960. Ao longo deste mais de meio século de carreira, exerceu sua atividade nos seguintes veículos: *Expressão*, *Correio do Povo*, *Folha da Tarde*, *Folha Esportiva*, *Folha da Manhã*, *O Momento*, *O Timoneiro*, *Jornal da Semana*, *Revista do Globo*, revista "*Rua Grande*" de São Leopoldo, *Jornal da Semana*, rádios: *Pampa* (1986) e *Guaíba* (de volta em 1991) e jornais *Diário de Canoas*, *ABC DOMINGO*, Foi repórter, redator, subchefe de reportagem, chefe de reportagem, subsecretário e secretário de redação, e finalmente diretor de redação, nesse caso, no jornal *Folha da Tarde* de 1981 a 1984. Hoje é colunista de diversos veículos. Publicou vários livros, entre eles: "*Brasil por linhas tortas*" (1970); "*Informação ou... morte*" (1972); "*Andanças e Contradanças*" (1974); "*Olha a Folha - amor, traição e morte de um jornal*" (1996) e "*Nau Capitânia - Pedro Álvares Cabral, como e com quem começamos*" (1999). "*Anacoluto do princípio ao fim*" (2003) e "*A Feira da Gente*" (2004).

Jornalismo Econômico (1996) (1)

Bernardo Kucinski

EDUSP

Os temas principais da Economia são abordados neste livro de forma acessível, com linguagem clara e didática, sem perder o rigor no tratamento dos conceitos, procurando fornecer subsídios técnicos aos jornalistas da área e fomentar a discussão sobre temas candentes que, muitas vezes, são tratados de forma equivocada pela imprensa. O autor contextualiza historicamente e elucida cada tema ou conceito que apresenta, entre eles o comércio internacional, a taxa cambial, o mercantilismo, as reservas internacionais, o PIB e suas controvérsias, a questão da distribuição da renda, a inflação no Brasil, a globalização econômica e as discussões sobre o neoliberalismo.

Bernardo Kucinski, nascido em 1937 em São Paulo. É jornalista e cientista político, colaborador do PT. Professor de Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo - USP. Ministra a cátedra de Jornalismo Internacional, entre outras. Trabalhou como assessor da Presidência da República durante o primeiro mandato de Luís Inácio Lula da Silva. Kursou graduação em Física na USP entre 1967 e 1968. Militante estudantil durante o regime militar, foi preso e exilado. Retornou e entrou para os quadros da USP na Escola de Comunicações e Artes em 1986. Em 1991, obteve grau de Doutor em Ciências da Comunicação pela USP, com tese sobre a imprensa alternativa no Brasil entre 1964 e 1980. Ganhou o Prêmio Jabuti de Literatura em 1997.

Evolução do Jornalismo em São Paulo (1996) (4)

Dirceu Fernandes Lopes

José Coelho Sobrinho

José Luiz Proença

Edicon

Esta coletânea é resultado de trabalhos da disciplina “*A Evolução do Jornalismo em São Paulo*” ministrada por professores do curso de Pós-Graduação em Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Uma tentativa de criação de um método pedagógico centrado no conteúdo e no estudante.

Dirceu Fernandes Lopes é jornalista graduado pela Universidade Católica de Santos (1966), mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (1982) e doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (1986). Atualmente é Professor doutor da Universidade de São Paulo. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Jornalismo e Editoração.

José Luiz Proença é jornalista graduado pela Faculdade de Comunicação Social Caspér Líbero (1970), mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (1985) e doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (1993). Atualmente é professor doutor da Universidade de São Paulo e Sócio da Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo.

José Coelho Sobrinho é jornalista graduado pela Universidade de São Paulo (1971), especialização em Jornalismo pela Universidade de São Paulo (2001), mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (1980), doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (1986) e pós-doutorado pela Universidade Fernando Pessoa - Porto (PT) (1996). Atualmente é Professor Associado da Universidade de São Paulo.

Imprensa em transição, A – O Jornalismo brasileiro nos anos 1950 (1996) (2)

Alzira Alves de Abreu

FGV

O livro conta uma parte das aventuras da imprensa dos anos de 1950. Um período marcado por um rico processo de transformações, que vai se completar na década seguinte com a regulamentação da profissão de jornalista. Através de quatro ensaios históricos é possível compreender um pouco das transformações, mudanças de

linguagem, notificações gráficas e, principalmente, os caminhos editoriais da imprensa brasileira. Este livro amplia o espaço dos estudos descritos sobre a imprensa do Brasil e cria as bases indispensáveis para caminhadas mais longas.

Alzira Alves de Abreu é doutora em sociologia pela Universidade de Paris V – Sorbonne e pesquisadora da CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil) da Fundação Getúlio Vargas. Professora aposentada de sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. É editor-executiva da *Editora FGV* desde 1994. Coordena ainda o projeto “*Brasil em transição: Um balanço do final do século XX*”, apoiada pelo Pronex (1998-2002), dentro do qual desenvolve pesquisa sobre a imprensa e jornalistas. Publicou, entre outros, o livro “*Intelectuais e Guerreiros. O Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro de 1948 à 1968*” (1992). Organizou o livro “*Imprensa em transição: O jornalismo brasileiro dos anos de 1950*” (1996) e foi coordenadora geral do “*Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930*” (2001).

Via satélite – História de um correspondente internacional (1996) (6)

Hermano Henning
Globo

Guerras, revelações, copas do mundo, sucessão papal, descoberta de lugares perdidos, todos esses grandes acontecimentos da história mundial têm protagonistas e testemunhas. Na categoria testemunha o jornalista quase sempre é imbatível. À caça da informação não mede distâncias nem economiza direções. Presente ao fato, ele tem um compromisso com a verdade. O livro fala sobre o jornalismo internacional, tendo como apoio a experiência de vários anos de Hermano Henning como correspondente em outros países.

Hermano Henning nasceu em Guararapes, São Paulo, em 12 de outubro de 1942. Teve uma longa carreira na rádio onde começou aos 17 anos narrando partidas de futebol em emissoras do interior paulista. Já na imprensa escrita, foi correspondente em Guarulhos do jornal *Estado de São Paulo* e, posteriormente, repórter da revista *Veja*. Sua trajetória como jornalista internacional iniciou-se em 1976, quando foi contratado pela rádio da Alemanha, *Deutsche Welle*. Nessa mesma época começou a fazer reportagens para a *Rede Globo* de TV. Em 1979 foi transferido para Londres, já como correspondente “*full time*” da *Rede Globo* na Europa. Voltou para o Brasil nos anos de 1980 para ser repórter especial da *TV Globo*. Em 1989 transferiu-se para o *Sistema Brasileiro de Televisão* (SBT), atuando como âncora do primeiro jornal da televisão brasileira apresentado via satélite: *O telejornal Internacional*. De volta à *Rede Globo*, foi correspondente da emissora em Nova Iorque entre 1992 e 1995. Retornou ao Brasil para atuar como repórter especial do *SBT – Repórter*, participando da cobertura de eventos internacionais.

Melhor TV do mundo, A – modelo britânico de televisão (1997) (7)

Laurindo Lalo Leal Filho
Summus

Em qualquer parte do mundo, quando alguém quer se referir a uma televisão de alta qualidade, a primeira lembrança invariavelmente é a BBC inglesa. As emissoras educativas brasileiras e alguns canais de TV por assinatura transmitem um número cada

vez maior de programas produzidos na Inglaterra. Este livro que analisa o modelo britânico de rádio e televisão, onde até mesmo as emissoras mantidas por propaganda são submetidas a um rigoroso controle público. É isto que determina o surgimento de padrões de qualidade sem comparação no mundo, padrões estes analisados em detalhe nesta obra.

Laurindo Lalo Leal Filho é sociólogo e jornalista. Professor do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Professor do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero. Fundou e presidiu a ONG Tver, voltada para o acompanhamento da qualidade da televisão brasileira. Integra a Comissão de Acompanhamento da Programação de TV da Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados e é membro da ONG Midiativa. Apresenta o VerTV, primeiro programa de análise de televisão brasileira, transmitido pela TV Câmara e pela TV Nacional de Brasília. Assinou por cinco anos a coluna de televisão da revista Educação.

Jornalismo, Ética e Liberdade (1997) (3)

Francisco José Karam

Summus

Neste livro, o autor defende uma ética universal específica para o jornalista, com traços operativos distintos das demais profissões. Demonstra que a ética jornalística não se reduz à regularização da escrita, mas faz parte do processo interior do profissional, que deve se refletir no trabalho cotidiano e se relacionar à totalidade social. Com base em teoria e filosofia do jornalismo, faz um balanço de diversos códigos de conduta jornalísticos vigentes no país e no exterior, analisando temas como cláusula de consciência, interesse público e privacidade, métodos lícitos e ilícitos na obtenção de informação. Analisa também princípios como verdade, objetividade e exatidão.

Francisco José Karam é jornalista e professor do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo e doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Karam é autor de *Jornalismo, Ética e Liberdade* (1997) e *A Ética Jornalística e o interesse Público* (2004). Trabalhou como jornalista no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. Participou de programas de jornalismo em Cuba, Estados Unidos e na Espanha e integrou a Comissão Nacional de Ética da Federação Nacional dos Jornalistas.

Jornalistas (1997) (6)

A.P. Quartim de Moraes

Senac São Paulo

Registro inédito de imagens de jornalistas que constitui uma homenagem a esses profissionais e contribui para a preservação da memória do jornalismo paulista, tão carente de referências documentais. *Jornalistas* é resultado de um trabalho de equipe que envolveu fotógrafos, editores, diretores de arte, produtores e vários outros colaboradores que contribuíram com fotos retiradas de seus arquivos pessoais ou com sugestões, indicações e informações sobre o tema.

A.P. Quartim de Moraes, é jornalista e editor foi responsável pelo planejamento e gerenciamento do projeto de implantação da Editora Senac-SP e hoje dirige sua própria casa de publicação, a Conex (antiga Códex), associada ao Grupo Nobel.

Mito e telejornalismo (1997) (3)

Carolina Matos

Litteris

Mitos e telejornalismo aborda o campo da vivência dos mitos na televisão, particularmente nos telejornais. É de senso comum que os meios de comunicação não estão simplesmente a serviço da população; não defendem a ética, moral e a democracia. De fato, o telejornal utiliza as narrativas míticas como forma de torna a notícia mais agradável e mais persuasiva para o público, o que contribui para conservar a ordem dominante. O livro analisa a problemática em torno da interpretação da palavra, recorrendo, a princípio, às teses de diversos estudiosos das ciências humanas, para depois dissecar os vários mitos e heróis presentes na imagem em discurso televisivo.

Carolina Matos é formada em jornalismo pela Universidade Estácio de Sá, em inglês pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro e pela Universidade de Cambridge, na Inglaterra. Jornalista e professora de inglês desde os 18 anos. A autora já passou por várias redações da imprensa carioca, com os jornais *Tribuna da Imprensa*, *O Fluminense* e *O Povo*, além da *Rádio Tupi* e a *TV Educativa*. Também foi professora de inglês no IBEU. Atualmente é *free-lance* para diversas assessorias para o jornal *Folha de São Paulo*.

O Pitoresco e o Hilariante na imprensa – Crônicas (1997) (2)

Almir Diniz

Scortecci

O pitoresco e o hilariante na imprensa - Crônico é um livro de crônicas escritas em linguagem simples e oferece uma imagem nítida do que foi o jornalismo amazonense, nas décadas de 1950 à 1970. Resgatando assim, em parte, do esquecimento para gerações futuras um capítulo da história da imprensa amazonense.

Almir Diniz nasceu em 1929 em Cambixé – Amazonas. É jornalista e advogado. Em 1948 começou na imprensa de Manaus, trabalhando nos jornais *Folha do Povo*, *O Combate*, *A Critica*, *O Jornal* e *Diário da Tarde*, além de algum tempo nas rádios *Rio Mar* e *Baré*, como cronista. É detentor do Esso de Reportagem (Norte-Nordeste) de 1956. Somente em 1996 publicou seu primeiro livro de poesias, *Encontros com a Natureza*. É membro da Associação dos Escritores do Amazonas e da Academia Amazonense de Poesia.

Retórica e Jornal Televisivo (1997) (7)

Kenia Pozenato

EDUCS

Esta obra apresenta o contexto histórico da televisão no mundo e no Brasil situando principalmente a importância do papel executado por esse veículo de comunicação em nosso país. Situa o *Jornal Nacional*, que é o noticiário com maior índice de audiência no contexto telejornalístico brasileiro, apresentando seus aspectos caracterizadores e os

processos retóricos que tem um telejornal, que podem vir a ser fatores de manipulação das notícias.

Kenia Maria Menigotto Pozenato nasceu em Caxias do Sul – Rio Grande do Sul. Formou-se professora primária e depois, graduou-se em professorado de desenho. Especializou-se em história da arte e estética pela Universidade de Caxias do Sul e é mestre em informações e comunicação, defendeu sua tese de mestrado e doutorado na *Universidade D’Aix - Marseille II*, na cidade de Marselha, França. Atualmente trabalha na Universidade de Caxias do Sul, no departamento de comunicação, com disciplinas que envolvam Estética, Semiótica, Comunicação de Massa, Cinema e Teatro. Foi coordenadora do projeto “*Salas de Leitura*”, pela FAE / MEC / USC, na região da abrangência da Universidade de Caxias de Sul. É coordenadora do curso de pós-graduação em comunicação organizacional, na mesma Universidade.

Jornalismo e literatura (1997) (1)

Fagundes de Menezes

Razão Cultural

As fronteiras entre jornalismo e literatura parecem diluir-se cada vez mais, sobretudo em decorrência do aparecimento de novos meios de comunicação. Isto é o que mostra o autor neste livro, em que fala de uma reformulação na técnica e no estilo jornalísticos. Faz uma análise em quatro capítulos: Fronteiras entre jornalismo e literatura; Novas linguagens e novas técnicas jornalísticas; Sentido ético, estético e social do jornalismo; Jornalismo literário e liberdade.

Fagundes de Menezes nasceu em Macau, no Rio Grande do Norte. É escritor, poeta, jornalista e advogado. Preside há vários anos a União Brasileira de Escritores (UBE) no Rio de Janeiro e faz parte do Conselho Consultivo da Federação Latino Americana de Sociedade de Escritores da Venezuela. Foi diretor da *Rádio Nacional*, no Rio de Janeiro, diretor do *Correio do Povo* do Recife, secretário de redação do *Diário de Notícias* e do *Jornal do Brasil*, repórter especial do *Última Hora* no Rio de Janeiro, repórter e cronista parlamentar da *Folha do Povo* em Recife; colaborou nas revistas: *O Cruzeiro*, *Manchete* e *Revista do Livro* e nos suplementos literários do *Correio do Amanhã* e *Jornal do Commercio* de Recife, de *A República* e *Diário de Natal* do Rio Grande do Norte. Publicou entre outros livros, *O Vagonauta* (poesia), *O valente dos cata-ventos* (conto) e *A dissipação* (crônica).

Imprensa em questão, A (1997) (3)

Alberto Dinis

José Marques de Melo

Carlos Vogt

Unicamp

Este livro é uma análise do desenvolvimento da mídia e a falta do pensamento crítico. Jornalistas que enfrentaram os desafios do conhecimento e conseqüentemente os desafios de levar, com qualidade, a informação, que seja seu grau de especialização ao seu público leigo. É uma reflexão consistente e preocupante sobre a formação dos futuros jornalista do país e com o papel da imprensa no processo dinâmico e complexo da própria formação de opiniões.

Alberto Dines nasceu no Rio de Janeiro em 1932 é um jornalista, crítico de cinema, roteirista e escritor. Em seus mais de 50 anos de carreira, Dines dirigiu e lançou diversas revistas e jornais no Brasil e em Portugal. Leciona jornalismo desde 1963, e, em 1974, foi professor visitante da Escola de Jornalismo da Universidade de Columbia, Nova York. Foi editor-chefe do Jornal do Brasil durante 12 anos e diretor da sucursal da Folha de São Paulo no Rio de Janeiro. Dirigiu o *Grupo Abril* em Portugal, onde lançou a revista Exame. Criou o site Observatório da Imprensa, o primeiro periódico de acompanhamento da mídia, que conta atualmente com versões no rádio e na TV. Escreveu mais de 15 livros, entre eles *Morte no paraíso, a tragédia de Stefan Zweig* (1981) e *Vínculos do fogo – Antônio José da Silva, o Judeu, e outras história da Inquisição em Portugal e no Brasil, Tomo I* (1992). Atualmente é pesquisador sênior do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Unicamp, onde foi co-fundador, além de coordenar o Observatório da Imprensa on-line e pela televisão.

José Marques de Melo é jornalista, professor universitário, pesquisador científico, consultor acadêmico e coordenador do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Anteriormente, foi professor do Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco e da Faculdade Cásper Líbero. Dirigiu em Recife, o Departamento de Investigação Científica do ICINFORM (Instituto de Ciência de Informação), e fundou em São Paulo, o Centro de Pesquisas da Comunicação Social. Autor de alguns livros como: *Comunicação Social: Teoria e Pesquisa* (1970); *Comunicação, Opinião e Desenvolvimento* (1971), *Reflexões Sobre Temas de Comunicação* (1972).

Carlos Vogt é um linguista e poeta, nascido em 6 de fevereiro de 1943 na cidade de Sales Oliveira, São Paulo. Graduiu-se em Letras na Universidade de São Paulo e fez mestrado na Universidade de Besançon, França. Posteriormente doutorou-se em Ciências no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp (Universidade de Campinas). Em 1990 foi eleito reitor da Unicamp, cargo que exerceu até o ano de 1994. Sua gestão se caracterizou pelo aumento no número de vagas dos cursos noturnos da universidade. Foi presidente da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP até agosto de 2007, quando assumiu a Secretaria de Ensino Superior do Estado de São Paulo, criada pelo governador José Serra.

Repórteres (1997) (6)

Audálio Dantas

Senac São Paulo

Reunião de textos que trazem uma história dos fatos subjacentes à organização de reportagens que marcaram o jornalismo brasileiro. São dez textos de renomados repórteres que contam suas experiências, revelando aspectos técnicos para uma boa reportagem e emoção que a procura da objetividade acaba por sufocar. São textos que exemplificam as principais tendências e estilos de alguns dos melhores repórteres brasileiros surgidos na segunda metade deste século, trazendo características que marcaram a atuação desses profissionais e de suas reportagens. Audálio Dantas, Caco Barcellos, Carlos Wagner, Domingos Meirelles, Joel Silveira, José Hamilton Ribeiro, Lúcio Flávio Pinto, Luiz Fernando Mercadante, Marcos Faerman, Mauro Santayana e Ricardo Kotscho.

Audálio Dantas é jornalista e escritor, atuou nas mais importantes publicações brasileiras, nas quais exerceu funções jornalísticas e administrativas. Realizou viagens em missões profissionais e de estudos por toda a América Latina, Estados Unidos, Canadá, Europa e Norte da África. Participou de vários congressos de comunicação social e pronunciou palestras em instituições universitárias do Brasil e do exterior. Entre outros ocupou os seguintes cargos - Redator da *Folha de S. Paulo*; Redator-chefe da revista *Quatro Rodas*; Editor da revista *Realidade*; Presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo; Presidente da Federação Nacional dos Jornalistas; Deputado Federal (PMDB-SP); Diretor-superintendente da Imprensa Oficial do Estado - IMESP; Presidente do Conselho Curador da Fundação Cásper Líbero; Superintendente de Comunicação da Eletropaulo - Eletricidade de São Paulo – SP. É autor dos livros *Tempo de Luta* (1981) *O circo do desespero* (1976) e *Repórteres* (1997). Atualmente é colunista do *Diário Popular*.

Síndrome da Antena Parabólica (1998) (3)

Bernardo Kucinski

Perseu Abramo

Analisa a construção e a função do espaço público configurado pelos meios de comunicação de massa em nosso país. Ao mesmo tempo, destaca o comportamento dos jornalistas nesse processo, com uma instigante análise da função desempenhada pela auto-censura na atuação e na conformação da auto-imagem do jornalista brasileiro. A partir desta perspectiva, o livro aborda a participação da mídia nas três eleições diretas para presidente realizadas depois do fim da ditadura, o papel do jornalismo econômico em nossa imprensa, o projeto Folha e a atuação das revistas semanais *Veja* e *IstoÉ* na condução do *impeachment* de Collor. Traz também uma síntese da história da imprensa alternativa no Brasil.

Bernardo Kucinski nasceu em São Paulo em 1937. É jornalista e cientista político, colaborador do PT e professor da Universidade de São Paulo (USP). Professor de Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da USP. Ministra a cátedra de Jornalismo Internacional, entre outras. Trabalhou como assessor da Presidência da República durante o primeiro mandato de Luís Inácio Lula da Silva. cursou graduação em Física na USP entre 1967 e 1968. Militante estudantil durante o regime militar, foi preso e exilado. Retornou e entrou para os quadros da USP na Escola de Comunicações e Artes em 1986. Em 1991, obteve grau de Doutor em Ciências da Comunicação pela USP, com tese sobre a imprensa alternativa no Brasil entre 1964 e 1980. Ganhou o Prêmio Jabuti de Literatura em 1997.

Imprensa e o caos na ortografia, A (1998) (7)

Marcos de Castro

Record

Dáblios e ipsilones, duplos ll e duplos tt, formulações absurdas invadem os nomes próprios com a licença da imprensa. Por pedantismo, servilismo e ignorância, locutores inventam uma pronúncia a meio caminho entre o português e o inglês. A crítica à ausência de critérios e a denúncia da degradação do português falado no Brasil são o tema deste livro, que traz ainda um elenco dos erros, vícios de linguagem e vulgarismos mais comuns. Esse livro foi escrito por um jornalista que respeita como poucos seu idioma. Dedicado não apenas a jornalistas e estudantes, mas a todos que se orgulham de sua própria língua.

Marcos de Castro é escritor, tradutor e jornalista há mais de 40 anos. Licenciado em Letras Clássicas pela Faculdade Nacional de Filosofia da antiga Universidade do Brasil. Trabalhou em veículos como *Jornal do Brasil*, *Jornal da Tarde* (sucursal Rio), *O Globo*, *O Dia* e *TV Globo*, além das revistas *Realidade*, *Enciclopédia Bloch*, *Manchete* e *Veja Rio*.

O Mundo dos fatos e a Estrutura da Linguagem – A Notícia jornalística na perspectiva de Wittgenstein (1998) (7)

Marconi Oliveira da Silva

Edipucrs

O objetivo deste livro é a investigação, dentro do jornalismo informativo impresso, da notícia como sendo, ela mesma, o fato jornalístico. Expõe a questão: A proposição jornalística, na sua tentativa de representar os fatos reais, parece mais escondê-los do que propriamente revelá-los. Segue-se uma análise da posição do segundo Wittgenstein, no qual o autor sustenta que a linguagem tem duplo funcionamento, isto é, ao dizer um fato, a proposição mostra um outro, aquele que é produzido pelo fato de dizer. A investigação conduz à constatação de que a linguagem jornalística não sendo nem cotidiana, nem a filosófica ou científica, ela também enfeitam a realidade.

Marconi Oliveira da Silva é graduado em Filosofia e Comunicação Social - Jornalismo, mestre em Filosofia e doutor em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). É professor de Jornalismo no Departamento de Comunicação Social da UFPE e pesquisador na área da epistemologia e da linguagem jornalística. Publicou os livros *O mundo dos fatos e a estrutura da linguagem – a notícia jornalística na perspectiva de Wittgenstein* (1998) e *Imagem e verdade – Jornalismo, linguagem e realidade* (2006)

Jornalismo e vida social – A história amena de um jornal mineiro (1998) (2)

Vera Veiga França

UFMG

Um jornal é mais que um órgão informativo ou o registro cotidiano de uma época. É sob essa perspectiva que *Jornalismo e vida social – A história amena de um jornal mineiro* percorre a história e as páginas do jornal *Estado de Minas*, na tentativa de compreender sua trajetória bem sucedida. Fundado a mais de 70 anos, ele constitui ainda hoje, no campo da mídia impressa, a principal referência jornalística em Minas Gerais. As razões dessa permanência foram buscadas nas suas relações de reciprocidade; a reflexão desenvolvida nesta obra procura esclarecer o enredo que compõe a identidade do jornal e sua estreita relação com os leitores.

Vera Regina Veiga de França é graduada em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1974), mestrado em Comunicação pela Universidade de Brasília (1978), mestrado em D.E.A. em Sociologia pela *Université Paris V (René Descartes)* (1990) e doutorado em Ciências Sociais pela *Université Paris V (René Descartes)* (1993). Atualmente é Professora Adjunto IV da Universidade Federal de Minas Gerais. Atua principalmente nos seguintes temas: Comunicação e Cultura.

Enviado Especial – 25 anos ao redor do mundo (1999) (6)

Clóvis Rossi

Senac São Paulo

Este livro traz registros e episódios marcantes das décadas finais do Século XX, pelo autor Clóvis Rossi no tempo que viajou ao redor do mundo. O livro permite acompanhar aspectos técnicos relevantes do “fazer reportagem” e da necessária ética que deve orientar a atividade do repórter. Fala sobre a prática do jornalismo dentro das condições específicas do País.

Clóvis Rossi é paulistano, nascido em 1943, formado em Jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero. Trabalhou na sucursal de São Paulo do Jornal carioca *Correio da Manhã*; no *Estado de São Paulo* (1965 – 1977), do qual foi editor-chefe; na sucursal de Brasília do *Jornal do Brasil*; na revista *IstoÉ*; no efêmero *Jornal da República* e está na *Folha de São Paulo* desde 1980.

Repórter e o Poder, O (1999) (6)

José Carlos Bardawil

Alegro BB

Até que ponto interesses particulares ou políticos influenciam na cobertura dos fatos jornalísticos? Quem decide sobre a importância dos assuntos a serem enfocados? Como são as relações pessoais entre jornalistas e autoridades? De que forma se trabalha numa redação? Esta autobiografia do jornalista José Carlos Bardawil responde a algumas dessas perguntas. Ao mesmo tempo em que narra sua trajetória pessoal, na forma de entrevista ao jornalista Luciano Suassuna, Bardawil relata importantes etapas da história mais recente da imprensa nacional e mostra o funcionamento interno de jornais e revistas, bem como o clima nas redações durante a cobertura de episódios fundamentais da história do Brasil.

José Carlos Bardawil era jornalista. Cobriu os principais acontecimentos políticos do país. Fez parte da primeira turma da revista *Veja*. Passou por diversos órgãos de imprensa, desde jornais diários até as revistas semanais. Sua carreira foi marcada por colunas e matérias especiais, como a ampla cobertura do regime militar argentino e brasileiro. Assinava a coluna Fax Brasília da *IstoÉ*. Quando teve a certeza de que não lhe restava muito tempo de vida, encomendou ao jornalista e amigo Luciano Suassuna um testamento em forma de livro, *O Repórter e o Poder*. Morreu em janeiro de 1997, com o câncer na medula aos 55 anos de idade.

Discursos jornalísticos, Os – Manchetes, reportagem, classificados e artigos (1999) (7)

Silvia Inês C.C. de Vasconcelos (org.)

Univali e Uduem

Neste livro são apresentadas análises referentes a artigos assinados, aos anúncios classificados de emprego em jornais nacionais e estrangeiros, à manchete e à submanchete, à reportagem televisiva e ao jornalismo científico. Os veículos analisados cobrem um grande espectro de jornais nacionais de grande circulação como *Folha de São Paulo*, *O Estado de São Paulo*, *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *Correio Brasiliense*,

Zero Hora, Gazeta do Povo, quanto latino americano como *El País, ABC Color, El Universal, Diário de Caracas*, ou franceses *Le Monte e Le Figaro* e até reportagens da *Globo* e o *SBT*.

Silvia Inês Coneglian Carrilho de Vasconcelos é formada em Letras pela Universidade Paulista (1976), mestrado em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1980), doutorado em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1992) e pós-doutorado em Lingüística Aplicada pela Universidade de Campinas – UNICAMP (2000-2001). Foi professora da Universidade Estadual de Maringá (graduação e pós-graduação - Mestrado em Letras, de 1990 a 2003). Atualmente é professor doutor da Faculdade Estácio de Sá de Santa Catarina (Jornalismo e Publicidade e Propaganda) e da UDESC - Universidade do Estado de Santa Catarina (Centro de Educação a Distância). Tem experiência na área de Lingüística, com ênfase em Lingüística Aplicada.

Imprensa – Política e cidadania (1999) (3)

Andréa Sanhudo Torres
EDIPUCRS

O estudo apresentado nesta obra busca demonstrar a complexidade em que se deu a utilização das emissoras: *Rádio Sociedade Gaúcha, Rádio Difusora porto-alegrense e Rádio Farroupilha* e dos jornais *Correio do Povo e Dicionário de Notícias* para difusão do projeto de construção nacional e para a perpetuação da ideologia estadonovista implantada pelo governo de Getúlio Vargas. A análise desses meios de comunicação fundamenta-se na compreensão do discurso por órgãos formadores de opinião, como a *Liga de Defesa Nacional* e o *Departamento de Imprensa e Propaganda*, durante os preparativos e as comemorações da Semana da Pátria, entre os anos de 1937 a 1945.

Andréa Sanhudo Torres é doutora pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, com a tese: “A Campanha Nacionalizadora Cívico-Educativa e a Semana da Pátria na Imprensa de Porto Alegre (1937-1945)” (1997).

Nos Bastidores D’ O Pasquim (1999) (2)

João Baptista M. Vargens
GSM

João Baptista neste livro imortaliza *O Pasquim*, jornal que sem dúvidas, influenciou na formação de pelo menos uma geração de brasileiros de todas as regiões. *O Pasquim* era o que se pode chamar de uma escola risonha e franca. Em apenas 78 páginas, Vargens consegue sintetizar não apenas os principais feitos do semanário, como mapear suas origens e do jornalismo alternativo, pós-golpe de 64. Ele ainda se dá o luxo de contextualizar *O Pasquim* no momento histórico de seu surgimento em 1969. Além de casos anedóticos, *Nos Bastidores D’ O Pasquim* traz trechos de entrevistas (uma delas a antológica de Leila Diniz), documentos (como um bilhete manuscrito de Chico Buarque) ou a íntegra da crônica *O Processo dos Humoristas*, assinada por Carlos Castelo Branco, no *Jornal do Brasil*, em novembro de 70. Este foi único texto saído na grande imprensa a se pronunciar contra a prisão dos redatores de *O Pasquim*. O livro é didático e a todo instante lembra que somos príncipes em *non sense*.

João Baptista M. Vargens nasceu no Rio de Janeiro, em 1952. É bacharel e licenciado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde é professor adjunto da faculdade de Letras. Realizou seus estudos de pós – graduação em Damasco e Lisboa. No Marrocos foi professor na Faculdade de Letras de Tetuão e colaborou nos jornais “*Al – Alam*” e “*L’ Opinión*”. É membro honorário da Academia de Altos Estudos Ibero – Árabes.

Ano 2000

Edição em Jornalismo Eletrônico (2000) (7)

Dirceu Fernandes Lopes

José Coelho Sobrinho

José Luiz Proença

Edicon

Este livro-texto complementa um ciclo no projeto de trabalho do Núcleo de Jornalismo Comparado do programa de Pós-Graduação em Comunicação na área de concentração de jornalismo da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Os autores flagraram a imagem do Jornalismo em um momento de transição do jornalismo impresso para o jornalismo digital, não só os modelos, mas os que editavam os formatos de até então. É um documento para a história e para a ciência, que deverá ser retomado por futuros pesquisadores na área.

Dirceu Fernandes Lopes é jornalista graduado pela Universidade Católica de Santos (1966), mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (1982) e doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (1986). Atualmente é Professor doutor da Universidade de São Paulo. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Jornalismo e Editoração. Atuando principalmente com jornal laboratório e técnica laboratorial.

José Luiz Proença é jornalista graduado pela Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero (1970), mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (1985) e doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (1993). Atualmente é professor doutor da Universidade de São Paulo e Sócio da Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo.

José Coelho Sobrinho é jornalista graduado pela Universidade de São Paulo (1971), especialização em Jornalismo pela Universidade de São Paulo (2001), mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (1980), doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (1986) e pós-doutorado pela Universidade Fernando Pessoa – Porto em Portugal (1996). Atualmente é Professor Associado da Universidade de São Paulo.

Telejornalismo no Brasil – Um perfil Editorial (2000) (1)

Guilherme Jorge de Rezende

Summus

Cuidadoso estudo dos critérios que norteiam o telejornalismo. Traça uma comparação entre os diversos gêneros praticados, estudando com o status dos diversos tipos de apresentadores (repórter, comentarista etc) reflete o perfil editorial de cada telejornal. Analisa o importante papel da palavra em contraponto a apregoada soberania da imagem. Inclui reflexões de expoentes do jornalismo como Armando Nogueira e Boris Casoy.

Guilherme Jorge Rezende nasceu em 1950 na cidade de São Vicente de Minas, localizada no Sul de Minas Gerais. Em 1974, graduou-se em Comunicação Social pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Entre 1976 e 1977, Guilherme fez uma especialização em Teoria e Técnica da Comunicação na Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Iniciou o curso de mestrado em Ciências da Comunicação na Universidade de São Paulo (USP) no ano de 1979. Sua carreira profissional começou na Universidade Federal do Maranhão, em 1975, como professor assistente. Ministrou quatro disciplinas até o ano de 1987. Trabalhou a maior parte de sua carreira na Fundação de Ensino Superior de São João Del-Rei (FUNREI). Atuou com cargo de confiança do Governo do estado do Maranhão como assessor de Imprensa entre 1976 e 1977.

Rádio - 24 horas de jornalismo (2000) (1)

Marcelo Parada

Panda Books

O autor relata de maneira simples e objetiva o significado do radiojornalismo e a importância que o rádio tem nas nossas vidas. Fornece ao leitor uma série de regras e dicas, desde a elaboração de textos radiofônicos, até como funciona uma rádio, os dez mandamentos para o trânsito e estradas; o ouvinte-repórter; campanhas que mobilizam a comunidade; o rádio nos Estados Unidos; como é o ambiente de uma redação; os horários, e até de como conseguir o primeiro emprego numa emissora.

Marcelo Parada é jornalista, trabalha na *Band* desde 97 e já atuou como vice-presidente da emissora. Antes foi diretor de jornalismo da *Rádio Eldorado*, editor de política da *Isto É*, repórter da *Folha de São Paulo* e rádio *Jovem Pan*. Na *Eldorado*, criou o Ouvinte-repórter e participou ativamente da campanha pelo fim da obrigatoriedade da *Voz do Brasil*. Lançou em maio de 2000 o livro *Rádio - 24 horas de jornalismo*.

Papel-Jornal – Artigos de Jornalismo cultural (2000) (7)

Marcello Rollemberg

Ateliê Editorial

Marcello Rollemberg propõe em *Papel-Jornal*, o ensaio jornalístico, que parte de uma discussão objetiva, para propor um diálogo com o leitor, e uma troca de experiências intelectuais em que não falta o bom humor, a perspicácia e o exercício da inteligência como um fim em si mesmo. O livro reúne artigos originalmente editados nas diversas publicações em que o autor colaborou como jornalista e escritor.

Marcello Rollemberg, nascido em Niterói - Rio de Janeiro, em 1961, é jornalista, escritor e crítico literário. Trabalhou nos principais órgãos de imprensa do país, como *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *Veja*, *Isto É* e *Quatro Rodas*. Colabora regularmente para a revista *Cult* e atualmente é diretor de redação do *Jornal da USP*. Como escritor, publicou os volumes de poesia *Ao pé do Ouvido* (1981), *Coração Guerrilheiro* (1983) e *Encontros Necessários* (1997).

Comunicação e Jornalismo – A saga dos Cães perdidos (2000) (7)

Ciro Marcondes Filho

Hacker Editores

Desde o seu aparecimento, há duzentos anos, jornais e jornalistas provocaram verdadeira reviravolta na maneira de ver, sentir e vivenciar o mundo. Contudo, diante das transformações por que passa o mundo contemporâneo e da presença cada vez maior da Internet e outros sistemas de transmissão e consulta de informações, o jornalismo vem perdendo espaços. Permanecer em uma atividade que cada vez mais se fragmenta nas teias dos novos meios de comunicação e informação, afastando-se de sua forma original, é um dilema contemporâneo que o professor **Ciro Marcondes Filho** nos descreve e analisa cuidadosamente neste livro *Comunicação e jornalismo - A saga dos cães perdidos*. **Ciro Marcondes** permite que o leitor conheça, de forma sintética, as etapas pelas quais o jornalismo passou desde a sua origem, acompanhado de uma perspectiva crítica que busca identificar os fenômenos e explicar as causas que modificam hoje a prática jornalística.

Ciro Marcondes Filho é professor titular na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, concluiu seu doutorado na Universidade de Frankfurt e fez pós-doutoramento na Universidade de Grenoble. São livros de sua autoria: *Viagem pela irrealidade da comunicação*; *Cenários do Novo Mundo* (Edições NTC, 1998); *Super-Ciber*; *A civilização místico-tecnológica do século 21* (Ática 1997); *Televisão* (1994); *Sociedade Tecnológica* (Scipione, 1994); *Jornalismo fin-de-siècle* (Scritta, 1993); *Televisão, a vida pelo vídeo* (Moderna, 1988); entre outros.

A Miséria do Jornalismo Brasileiro – As Incertezas da Mídia (2000) (3)

Juremir Machado da Silva

Vozes

O Jornalismo vive de mitologias. Com a derrubada do Collor, a mídia brasileira imaginou ter entrado na era da investigação total, mas a ilusão demorou muito. Permanece na virtual atualização dos mitos que fazem sombra à verdade. Atolada no marketing, a mídia cada vez mais adere ao sensacionalismo, do qual nem os grandes escapam. *A miséria do Jornalismo Brasileiro* mostra, com exemplos colhidos nos veículos e nas redações, o funcionamento do único poder realmente intocável no Brasil: os dos jornalistas que geram a visibilidade do candidato à glória nacional. Na era do marketing, a visibilidade vale mais do que a transparência.

Juremir Machado da Silva nasceu em Santana do Livramento – RS em 1962. Graduou-se em Jornalismo e em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, onde se especializou em Comunicação Social. Doutor em Sociologia pela Sorbonne em Paris. Foi correspondente do jornal *Zero-Hora* de Porto Alegre (1993-1995). Leciona nos cursos de graduação e pós-graduação da faculdade de Comunicação da Pontifícia Universidade Católica. Publicou dez livros individuais, entre os quais três romances: *Anjo da Perdição* (1996), *Adiós, Baby* (2003) e *Aprender a Viver* (2006). Atualmente é pesquisador do CNPq e correspondente das revistas francesas *Sociétés* e *Cultures en Mouvement*.

Grandes pecados da imprensa (2000) (7)

Sebastião Nery

Geração

Este livro é uma vasta pesquisa sobre a imprensa e a história. Quando a história desmente a imprensa. *Grandes pecados da imprensa* selecionou quatro personagens do passado e do presente para demonstrar o quanto foram injustiçados pelos meios de comunicação, revelando, reportando e transmitindo o contraponto daquilo que foi publicado. Deixa para o leitor as conclusões, mesmo em determinados momentos em que não consegue conter a indignação com a imprensa.

Sebastião Nery é jornalista, político e escritor, começou cedo com 18 anos, ensinando latim e português em Pedra Azul no interior de Minas Gerais. Com 19 anos estudou filosofia e depois direito, em Belo Horizonte. Com 20 anos já era jornalista e aos 22 anos trabalhava em Moscou. Vereador em Minas Gerais, deputado estadual na Bahia, deputado federal do Rio de Janeiro. Foi correspondente em Lisboa e Madrid e adido cultural em Roma e Paris. Cobriu eleições nos Estados Unidos, França, Alemanha, Portugal, Espanha, Inglaterra, Itália, Grécia, Suécia e Israel. Do Uruguai ao Canadá viajou e escreveu sobre todos os países das três Américas. E colunista diário em numerosos estados.

Jornalismo e ciência da linguagem (2000) (7)

Mayra Rodrigues Gomes

Hacker Editores

Antes de registrar ou informar, o jornalismo é ele próprio um fato da língua. Pesquisar o fazer jornalismo no invés das ciências da linguagem exige levar em conta seu papel e sua função como instituição social. A prática é entendida pela professora Mayra Rodrigues Gomes, como aquela que organiza discursivamente as hierarquias do espaço social.

Mayra Rodrigues Gomes é Professora Doutora, Livre Docente do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, onde ministra as disciplinas Ciências da Linguagem, Práticas Midiáticas e Ética no Jornalismo. Desde o Pós-Doutorado desenvolve pesquisa em que explora conceitos introduzidos por Gilles Deleuze e Michel Foucault sobre comunicação, aplicando-os ao campo do jornalismo.

O papel do webjornal – Veículo de comunicação e sistema de informação (2000) (7)

Marcus Vinicius Rodrigues Mannarino

EDIPUCAS

O autor estabelece a relação entre o jornalismo impresso e o *on-line*, fazendo um mapeamento dos serviços e informações dos grandes jornais disponíveis na internet. Mas ele vai além de um simples levantamento dos jornais digitais, para buscar nos postulados da ciência da informação, meios de acessar os sistemas de busca e instrumentos de classificação dessa imensa massa de informação na internet. *O papel do webjornal – Veículo de comunicação e sistema de informação* defende uma tese, em última instância, que é a necessidade de ordenamento das informações e conseguiu comprovar, por meios convincentes, que a ciência da informação está apta a realizar este desafio, transferir para área de webjornal todo seu arsenal teórico.

Marcus Vinicius Rodrigues Mannarino é Mestre em Ciência da Informação pela Escola de Comunicação Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Ponto de Vista (2000) (6)

Stephen Kanitz (org.)

Cláudio de Moura Castro (org.)

Roberto Campos (org.)

Senac São Paulo

Esta coletânea de artigos apresenta o “ponto de vista” de quatro escritores que o Brasil conhece não apenas graças a seus livros, mas também porque são colaboradores de toda semana de uma revista com ampla distribuição nacional, a *Veja*. Muitos leitores estão habituados a acompanhar o pensamento desses observadores da realidade nacional ou mundial na certeza de encontrar, em cada qual, um modo peculiar de situar-se, sendo essa variedade um fator a mais de interesse e encanto da leitura. Pode-se até não concordar com alguma coisa do que digam e a não-concordância é um postulado que eles próprios defendem e mesmo esperam de nós-, mas sempre haverá o que admirar e aprender nestas opiniões de mestres do comentário cultural, social, político, econômico. Eles sabem, por exemplo, valer-se do fato contingente para tirar conclusões que o ultrapassam, que remetem ao duradouro ou ao permanente. Por isso, é de forte conveniência a reprodução destes artigos que a veloz sucessão das semanas ameaça transformar numa lembrança impressiva, mas incompleta. Reunidas em livro, estas reflexões semanais têm a vantagem adicional de mostrar a coerência, mesmo que relativa, de cada autor em estimulante confronto com a dos demais.

Stephen Kanitz é consultor de empresas e conferencista, realiza seminários em grandes empresas no Brasil e no exterior. Já realizou mais de 500 palestras nos últimos 10 anos. Mestre em Administração de Empresas pela Harvard University, foi professor Titular da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo. Criador do Prêmio Bem Eficiente para entidades sem fins lucrativos e do site www.voluntarios.com.br. Criador de Melhores e Maiores da *Revista Exame*, avaliou até 1995 as 1000 maiores empresas do país. Sua experiência como consultor lhe rendeu vários prêmios: Prêmio ABAMEC Analista Financeiro do Ano, Prêmio JABUTI 1995 - Câmara Brasileira do Livro e o Prêmio ANEFAC. É árbitro da BOVESPA na Câmara de Arbitragem do Novo Mercado.

Cláudio de Moura e Castro nasceu no Rio de Janeiro em 1938. Formou-se em economia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com especialização pela Fundação Getúlio Vargas, mestrado pela Universidade de Yale e doutorado pela Universidade Vanderblit. Foi economista sênior do IPEA e lecionou na PUC/RJ, na Universidade de Chicago, na Universidade de Brasília, em Genebra e em Borgonha (Dijon). Coordenador do Projeto Educacional e Desenvolvimento, Programa ECIEL (1974-79), ele foi diretor geral da CAPES e secretário-executivo do Centro Nacional de Recursos Humanos do IPEA. De 1986 a 1992 chefiou uma unidade de pesquisa e política de formação profissional na Organização Internacional do Trabalho, em Genebra. Desde 1992, trabalha no Banco Mundial, em Washington, como economista sênior na área de recursos humanos, focalizando os países do Leste Europeu, Ásia Central e o mundo árabe. Autor de 25 livros, ele tem inúmeros artigos e monografias publicados em revistas no Brasil e no exterior.

Roberto de Oliveira Campos nasceu em Cuiabá, 17 de abril de 1917 era economista, diplomata e político. Ocupou os cargos de deputado federal, senador e ministro do

Planejamento de Castello Branco. Trabalhou no segundo governo de Getúlio Vargas e no governo de Juscelino Kubitschek, quando teve participação importante no plano de metas. Exerceu os cargos de Embaixador do Brasil em Washington no governo João Goulart e Londres no governo Geisel. Apoiou, em 1964, o golpe militar ou Revolução de 1964 no Brasil, e tornou-se ministro do Planejamento no governo Castello Branco. Roberto Campos criou o Banco Nacional da Habitação (BNH), o salário-educação, o cruzeiro-novo, a indexação de preços na economia brasileira através das ORTNs. Criou o Banco Central do Brasil, a lei do inquilinato, o FGTS, o Estatuto da Terra. Foi o autor dos artigos econômicos da Constituição de 1967, a qual foi, nas palavras dele, "*a constituição menos inflacionista do mundo*". Foi senador por Mato Grosso por oito anos (1983-1991), e deputado federal pelo Rio de Janeiro por duas legislaturas (1991-1999). Candidatou-se ao Senado Federal em 1998. Em 1999 foi eleito para a cadeira 21 da Academia Brasileira de Letras. Faleceu no Rio de Janeiro, 9 de outubro de 2001.

Sobre Ética e Imprensa (2000) (3)

Eugênio Bucci

Companhia das letras

Conseqüência do monopólio dos meios de comunicação, da pressa inerente ao jornalismo, da briga acirrada e diária pela notícia exclusiva ou da guerra pela audiência, o fato é que os jornalistas e seus patrões muitas vezes se afastam da conduta ética e oferecem ao público uma informação de má qualidade. Em *Sobre Ética e Imprensa*, o jornalista Eugênio Bucci examina o problema de vários ângulos, num texto voltado para o leitor comum, que é o maior interessado numa imprensa de credibilidade. Neste momento em que a lógica do espetáculo e do entretenimento contamina os veículos jornalísticos, em que as *megafusões* de empresas de comunicação aumentam como nunca o poder da mídia em todo o mundo, *Sobre ética e imprensa* traz uma reflexão de primeira necessidade.

Eugênio Bucci é jornalista, doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, e atualmente preside a *Radiobrás*. É secretário editorial da *Editora Abril* e diretor de redação da revista *Superinteressante*, também da Abril. Assina a coluna "*Tempo de TV*" na revista *Veja*. Publicou, entre outros, os livros *O Peixe Morre pela Boca - Oito Artigos sobre Cultura e Poder* (São Paulo, Editora Scritta, 1993), *Brasil em Tempo de TV* (Boitempo Editorial, 1996) e *Sobre ética e imprensa* (2000).

Ano 2001

Livro no jornal, O (2001) (7)

Isabel Travancas

Ateliê

Neste livro, Isabel Travancas empreende um fascinante estudo comparativo entre suplementos literários brasileiros (*Mais!* e *Idéias*) e franceses (*Le Monde des Livres* e *Les Livres*) dos anos 1990. Analisando como a mídia jornal retrata o livro. Destaca-se a sua visão da imprensa como mediadora entre o mundo da alta cultura e a sociedade em geral.

Isabel Travancas é pesquisadora visitante da Fundação Casa de Rui Barbosa. Graduada em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de

Janeiro, Pós-doutora em Antropologia social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro e mestre em Antropologia Social pelo Museu Nacional - UFRJ. Autora de *Juventude e televisão* (Editora FGV, 2007), *O mundo dos jornalistas* (Summus, 1993), *O livro no jornal* (Ateliê Editorial, 2001) e organizadora com Patrícia Farias de *Antropologia e comunicação* (Garamond, 2003).

Shownalismo – A Notícia Como Espetáculo (2001) (3)

José Arbex Jr.
Casa Amarela

O jornalista José Arbex Jr. escreveu essa obra inicialmente como tese de doutorado para o Departamento de História da Universidade de São Paulo. Trata do poder manipulador da imprensa e de como induz na maneira das notícias serem percebidas e lidas. E mostra os processos utilizados pela grande mídia para construir suas fabulações do mundo e demonstra a evolução do poder da televisão, sua capacidade de transformar ficção em realidade, e de tratar os fatos da vida real como se fossem capítulos de uma telenovela.

José Arbex Jr. é jornalista e escritor. Trabalhou vários anos na *Folha de S. Paulo*, quando chegou até editor da editoria *Mundo*. Arbex foi editor-chefe da do jornal *Brasil de Fato*, criado no Fórum Social Mundial de Porto Alegre. Deixou o periódico por discordar das políticas pró-governo Lula. É doutor em história social pela Universidade de São Paulo (USP) e professor de jornalismo na Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP). Atualmente Arbex é editor especial da revista *Caros Amigos*. Também é autor dos livros "*Showrnalismo - A Notícia Como Espetáculo*" e "*O jornalismo canalha*", da editora Casa Amarela.

Influência da Literatura no jornalismo, A – O folhetim e a crônica (2001) (7)

Héris Arnt
E-papers

A autora trabalha os limites do jornalismo e da literatura no século XIX, dando destaque à contribuição de escritores/jornalistas como Alencar e Machado, no Brasil; Dickens ou Balzac, na Europa e Mark Twain nos Estados Unidos. Sem ser um texto com pretensões históricas, oferece um panorama dos cruzamentos do discurso ficcional com o jornalismo na época do surgimento da cultura de massa. Numa visão comparativa, focaliza especialmente o folhetim e a crônica para a compreensão das diferentes situações históricas e sua dinâmica sócio-econômica. Com rápido retrospecto busca a temática central e nos dá a trajetória do jornalismo desde as folhas manuscritas às impressas. No Brasil, o jornalismo literário nunca chegou a ter, segundo a autora, uma penetração ampla no seio da sociedade.

Héris Arnt é formada em Jornalismo Faculdade de Filosofia e Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1967), especialização em *Sciences Politiques* pela *Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales* (1973), especialização em *Langue Et Littérature Française* pela *Université de Nancy II* (1976), mestrado em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1990) e doutorado em Sociologia pela

Universite de Paris V (1993). Atualmente é professor titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Manual de Radiojornalismo – Produção, Ética e Internet (2001) (1)

Heródoto Barbeiro

Paulo Rodolfo de Lima

Campus

Neste livro, os autores ensinam o radiojornalista a manter-se sintonizado com a velocidade do veículo, e a trabalhar a linguagem adequada, o conteúdo da informação, a clareza da notícia, o respeito ao ouvinte. Aliás, por falar em respeito, eles também ensinam ao repórter de primeira viagem como cultivar um belo relacionamento com as fontes. Enfim, atualizados, de olhos e ouvidos abertos para o mundo, Heródoto Barbeiro e Paulo Rodolfo de Lima analisam as perspectivas do rádio via Internet, apresentam técnicas específicas de redação e edição para o rádio, além de mostrar como fazer reportagens, elaborar pautas, conduzir entrevistas, e produzir programas jornalísticos.

Heródoto Barbeiro é jornalista e escritor. Formado em História, Direito e Jornalismo, é gerente de jornalismo da *rádio CBN*, onde apresenta o *Jornal da Cultura*, o *Jornal da CBN*, e é articulista do *Diário de São Paulo*, *Revista Imprensa* e da *America On Line*. É gerente regional de jornalismo do Sistema Globo de Rádio. Autor de vários livros, entre eles: *Você na Telinha* (2002) e *Liberdade de Expressão* (2004).

Paulo Rodolfo de Lima nasceu em São José dos Campos, São Paulo. É editor da *Rádio CBN*, em São Paulo.

O Rádio, o futebol e a vida (2001) (7)

Flávio Araújo

Senac São Paulo

Flávio Araújo conta nesse livro histórias, crônicas e reflexões sobre eventos esportivos que ele presenciou como radialista esportivo desde os anos de 1960. Tendo o rádio como um dos maiores difusores do jornalismo esportivo. Como o tricampeonato do Mundial de futebol no México, até luta para fazer funcionar um transmissor em um jogo entre do Brasil x Israel. Desfilam por esse livro além de grandes atletas do país, também grandes personagens da história do século XX.

Flávio Araújo nasceu em São Paulo em 1934. Transmitiu futebol, boxe, automobilismo, basquete, etc. Durante 25 anos pela *Rádio Bandeirantes*, seus últimos anos como narrador esportivo foi na *Gazeta*. Hoje é comentarista na *Rádio Central* de Campinas. Estudou Direito na Fundação Karnig Bazarian, de Itapetininga.

Romance – Reportagem, o gênero (2001) (1)

Rildo Cosson

UNB

Este livro tem como finalidade discutir a identificação do romance – reportagem como gênero autônomo situado nas fronteiras dos dois discursos: o literário e o jornalístico. Este tem se apresentado como um paradoxo narrativo. Por um lado não é jornalismo,

uma vez que é romance; por outra não é literário, uma vez que é reportagem. E por essa razão neste livro procura-se oferecer a maneira de se ler o romance-reportagem a partir de seus próprios traços e não apenas em comparação a, ou como negação de outras produções culturais.

Rildo Cosson licenciou-se em Letras pela Universidade Federal do Acre, onde lecionou posteriormente. Mestre em Literatura, com concentração em teorias literárias, pela Universidade de Brasília e doutor em letras, com concentração em literatura comparada, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É professor de literatura do curso de graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas desde 1992. Apresenta estudos em congressos e publica ensaios em revistas especializadas da área de letras sobre as relações entre literatura e jornalismo e romance – reportagem.

Jornalismo e Desinformação (2001) (7)

Leão Serva

Senac São Paulo

Nunca antes o homem dispôs de tantos recursos técnicos para bem informar-se. Jornais e revistas, televisão, rádio, cinema e computador estão a serviço das pessoas para lhes dizer o que passa no mundo, desde o documentário sobre os fatos menos recentes até o noticiário do momento presente, “ao vivo”. Mas a riqueza dos meios frustra-se na obtenção dos fins, em todos os lugares as pessoas andam mal-informadas, desinformadas. Nesse processo, a desinformação favorece alguns em prejuízo de muitos. Não é pluralista nem democrática. Leão Serva, um repórter que já foi em busca da informação até na ex-Iugoslávia conflagrada, discute neste livro o importante tema: jornalismo e desinformação.

Leão Pinto Serva é formado em jornalismo e mestre em comunicação e semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. É professor de ética do jornalismo na Faculdade Cásper Líbero. É ex-correspondente de guerra na Bósnia Trabalhou em vários jornais e revistas, entre eles: *Folha de São Paulo*, *Jornal de Tarde*, *Lance*, *Placar*, etc. Atualmente é diretor de jornalismo do iG (*Internet Group* do Brasil) e editor do site *Último segundo*.

Reportagem, A – Teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística (2001) (1)

Nílson Lage

Record

Este livro apresenta dicas e teorias para os que quiserem se aprofundar e se aperfeiçoar nas técnicas jornalísticas. A intenção do autor é mostrar, numa progressão didática, as técnicas básicas da reportagem, comentá-las, revelar alguns recursos que têm se provado eficientes na busca da verdade. Sob esse ponto de vista, reúne a experiência do velho jornalista, com 45 anos de prática. O livro fala inclusive de técnicas de pesquisa recentes, como a Internet, que têm um baixo custo, e proporciona uma gama imensa de resultados.

Nilson Lage é jornalista, professor titular da Universidade Federal de Santa Catarina desde 1992. É doutor em Lingüística, Mestre em Comunicação e Bacharel em Letras. Trabalhou no *Diário Carioca*, *Jornal do Brasil*, *Última Hora*, *O Globo*, *Bloch Editores* e na *Televisão Educativa* do Rio de Janeiro, entre outros. Também trabalhou nas assessorias de comunicação da *Estrada de Ferro Central do Brasil*, *Caixa Econômica*

Federal e Eletrobrás. Foi professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal Fluminense e de instituições particulares.

Jornalismo Magia Cotidiano (2001) (7)

Ana Taís Martins Portanova Barros

Ulbra

Quanto o Jornalismo deve ao cotidiano? E de que modo a mediação jornalística é capaz de dar brilho, tornar mágico esse cotidiano? Mais do que respostas a questões assim, a autora procura construir questionamentos, que apontam para a necessidade de o jornalismo aventurar-se em um solo movediço: o imaginário. A autora traça, neste livro, algumas das linhas de forças do imaginário que partem de uma comunidade do interior gaúcho (Taquara) e cruzam-se nos repórteres, refletindo ou não no jornal local, o semanário *Panorama*.

Ana Taís Martins Portanova Barros, é jornalista e professora. Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Arte da Universidade de São Paulo, autora do livro *Jornalismo, magia, cotidiano* (2001).

Ficção e História – Imprensa e Construção da realidade (2001) (7)

Maria Lourdes Motter

Arte & Ciência

Num percurso que considera a linguagem sob a perspectiva da teoria do conhecimento, Maria Lourdes Motter discute a complexidade da interpenetração dos universos discursivos da história e da imprensa brasileira na explicação, descrição e construção da realidade. Com linguagem clara e fluente, importantes questões teóricas são trazidas para o leitor que percorre, com igual interesse, um conjunto de universos - o da linguagem, o do conhecimento, o da história, o da memória, o do cotidiano, o dos meios de comunicação.

Maria Lourdes Motter concluiu o Doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo em 1992. Atualmente é Professora Livre-Docente do Departamento de Comunicações e Artes da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, ministrando cursos de Graduação e pós-graduação. Ministra disciplina na graduação, com ênfase em Roteiro Ficcional, e na pós-graduação enfatiza as inter-relações ficção-realidade e seus vínculos com cotidiano, história e memória. Parceira da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Publicou 22 artigos em periódicos especializados e 57 trabalhos em anais de eventos. Tem seis livros publicados. É vice-coordenadora e pesquisadora do Núcleo de Pesquisa de Telenovela da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo e coordena, desde 2001, o NP (Núcleo de Pesquisa) - Ficção Seriada da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação Intercom.

Imparcialidade é mito (2001) (4)

Sergio Mattos

Unibahia

Este livro é composto por artigos, palestras, entrevistas nas quais, em linguagem coloquial, o professor conversa com o público sobre os mais variados temas relacionados ao jornalismo diário, a pedagogia dos meios de comunicação, o papel do jornal laboratório nos cursos de comunicação/jornalismo, a relação entre imprensa e a televisão, as tendências do jornalismo diante das novas tecnologias e entre outros temas, a experiência do autor com obras publicadas.

Sérgio Mattos é natural de Fortaleza, Ceará. Jornalista formado pela Universidade Federal da Bahia (1971), Mestre em Comunicação pela Universidade do Texas, em Austin, Estados Unidos(1980), Doutor em Comunicação pela Universidade do Texas, em Austin, Estados Unidos(1982). Poeta, cronista, compositor e pesquisador universitário com 25 livros publicados no Brasil e no exterior.

Rádio na era da informação, O – Teoria e técnica no novo jornalismo (2001) (1)

Eduardo Meditsch

Insular

O rádio na era da informação observa a realidade profissional, busca as origens e aponta as tendências do radiojornalismo contemporâneo. O autor acompanhou o dia-a-dia de emissoras do Brasil e de Portugal e reuniu uma extensa bibliografia internacional para analisá-la. Este livro é uma obra de referência que desvenda os artifícios que sustentam a poderosa magia do rádio informativo, colocando um variado arsenal de teorias a serviço da compreensão da prática.

Eduardo Meditsch é professor da Universidade Federal de Santa Catarina. Nasceu em Porto Alegre e estudou jornalismo na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e começou a carreira profissional em 1974. Trabalhou em diversas emissoras do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro, elaborou as normas de redação da *Rádio Jornal do Brasil* e recebeu vários prêmios de jornalismo. Mestre pela Universidade de São Paulo e doutor pela Universidade Nova de Lisboa, coordena o grupo de estudos em jornalismo da Associação Latino-americana dos Pesquisadores da Comunicação e faz parte da Comissão Nacional de Ética da Fenaj (Federação Nacional de Jornalistas). Publicou antes os livros *Conhecimento do Jornalismo* (1992) pela Editora UFSC e *Rádio Pânico* (1998) pela Insular.

Última Hora – Populismo nacionalismo nas últimas de um jornal (2001) (2)

Antônio Hohlfeldt

Sulina

O livro retrata a história de um dos diários mais polêmicos e mais importantes da cultura brasileira e sul-rio-grandense, a *Última Hora* gaúcha. Obra de história, segue as linhas da imprensa, do local ao universal, selecionando os fatos que deram a chamada primeira manchete da *Última Hora*. Apresenta a radiografia das suas características gráficas, distribuição do material nas páginas, colunistas, principais jornalistas e grandes linhas editoriais, que privilegiaram o projeto nacionalista-populista de Getúlio Vargas e apoiaram criticamente a administração Leonel Brizola no Rio Grande do Sul, atacando, contudo, tudo o que lhe fizesse oposição. O livro mostra, ainda, o funcionamento editorial do jornal e a sua relação com o leitor, discutindo-se a aplicação de um ideário nacionalista e populista em suas páginas. Este volume é enriquecido com uma série de anexos em que se apresenta exaustivo levantamento das colunas e espaços que

marcaram o jornal, com a equipe completa de profissionais que nele atuaram e, sobretudo, a relação de matérias especiais e reportagens e séries de maior destaque.

Antônio Carlos Hohlfeldt nasceu em Porto Alegre, em 22 de dezembro de 1948. É jornalista, escritor, professor universitário e político filiado ao PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro). Foi vereador na capital gaúcha por quase vinte anos e vice-governador do Rio Grande do Sul durante o mandato de Germano Rigotto. Atualmente é professor na Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre. Formado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com mestrado e doutorado em Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Autor de treze livros de ficção infanto-juvenil, escreveu também quinze obras de ensaio e é ativo no mundo acadêmico. Foi professor nas universidades gaúchas Universidade do Vale do Rio dos Sinos e Universidade Luterana do Brasil. Docente no curso básico e no mestrado em Comunicação Social, foi também coordenador do programa de Pós-Graduação em Comunicação Social na Faculdade de Comunicação Social (FAMECOS) da PUCRS de 1999 até 2002. Durante dezessete anos foi jornalista do *Correio do Povo*, e integrou a equipe do *Diário do Sul*, sempre na área de jornalismo cultural. Atualmente, é o único crítico teatral em atividade na capital gaúcha, mantendo sua coluna semanal no *Jornal do Comércio*.

Ano 2002

Arte de Fazer um Jornal Diário, A (2002) (1)

Ricardo Noblat

Contexto

Este livro é uma tribuna na qual Ricardo Noblat faz uma defesa empenhada do jornalismo responsável e realmente informativo. A leitura de *A arte de fazer um jornal diário* é tão importante quanto a dos cadernos de política ou de atualidades, mas com texto preciso, leve e bem-humorado. O livro é uma verdadeira aula para jornalistas, aspirantes a jornalistas e para o público em geral que tem interesse em saber como é um jornal, ou como deveria ser feito.

Ricardo Noblat é jornalista formado pela Universidade Católica de Pernambuco. Trabalhou como repórter dos jornais *Diário de Pernambuco*, *Jornal do Comércio* e das sucursais do *Jornal do Brasil* e da revista *Veja* em Recife. Noblat também foi chefe de redação da sucursal da revista *Manchete*. Chefiou a sucursal da revista *Veja* durante dois anos, em Salvador. Depois foi editor-assistente da mesma revista em São Paulo.

Em Brasília desde 1982, foi editor regional da sucursal do *Jornal do Brasil*. Trabalhou novamente como repórter da sucursal de *O Globo*, em 1989, de onde foi chefiar a sucursal da revista *ISTOÉ*. Assumiu em 1994 a direção de redação do jornal *Correio Braziliense*, permanecendo no cargo até novembro de 2002. Em março de 2004 criou o Blog do Noblat, hospedado no site do jornal *O Globo*. Hoje, ele escreve às segundas-feiras para o jornal *O Globo*.

Jornalismo Científico (2002) (1)

Fabíola de Oliveira

Contexto

Jornalismo científico fornece um panorama histórico dessa que é uma das áreas mais polêmicas do jornalismo. Além disso, oferece um guia referencial de órgãos de pesquisa e divulgação no Brasil, fonte imprescindível para jornalistas e divulgadores científicos iniciantes. Este livro é chave para quem pesquisa, trabalha ou mesmo reflete sobre a divulgação da Ciência, seu papel na sociedade e suas perspectivas.

Fabiola de Oliveira é doutora em Jornalismo Científico pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Autora de várias obras como: *Jornalismo Científico* (2002) e *Descobrendo o Universo* (2004). Com vasta experiência em associações de divulgação científica. Recebeu em 2002 o prêmio José Reis de Jornalismo Científico.

Jornalismo em tempo real – O fetiche da Velocidade (2002) (3)

Sylvia Moretzsohn

Revan

Este livro propõe exatamente realizar essa crítica, tornando por base os conflitos presentes na tradicional promessa do jornalismo de dar “a verdade em primeira mão”. Assim, divide o lema em duas partes: a primeira analisa o contexto no qual se constitui a percepção de “aceleração do tempo”, que a imprensa, consolidando-se como atividade industrial, ajuda a sedimentar. Em seguida, trata dos princípios e métodos segundo os quais o jornalismo pretende cumprir o ideal iluminista de “dizer a verdade”. Por fim retornando um conceito clássico da teoria marxista, expõe as implicações contidas na definição da notícia como mercadoria e conclui que a velocidade é um fetiche reproduzindo sistematicamente pelo jornalismo.

Sylvia Moretzsohn é professora de jornalismo no curso de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense e Mestre em Comunicação, *Imagem e Informação*, da mesma universidade. Foi repórter e redatora na imprensa diária: *Jornal do Brasil*, *O Globo*, sucursal de *O Estado de S. Paulo*, por cerca de oito anos. Foi membro da comissão de ética do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Município do Rio de Janeiro entre 1987 e 1991, período em que edito o livro *Jornalistas pra quê? - os profissionais diante da ética*, lançado em fins de 1989. Autora ainda de *Jornalismo em tempo real – O fetiche da velocidade* (2002) e *Pensando contra os fatos - Jornalismo e Cotidiano* (2007).

Pesquisas de opinião no Jornalismo Político (2002) (3)

Ciro Coutinho

Scortecci Editora

As pesquisas de opinião estão, a cada campanha, se tornando mais imprescindíveis e sendo utilizadas não apenas para orientá-las, mas também para tentar influenciar a decisão de voto dos eleitores, como parte da estratégia de marketing político dos candidatos. Neste livro **Ciro Coutinho** analisa a influência da mídia nas pesquisas de opinião durante as campanhas de eleição e refletir que neste campo a mesma sondagem pode permitir diferentes interpretações.

Ciro Ribeiro Coutinho é consultor de pesquisas e professor universitário. Especialista em Jornalismo Político pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo. Autor do livro *Pesquisas de*

Opinião no Jornalismo Político (Scortecci, 2002) e co-autor de *Introdução à Política Brasileira* (Paulus, 2007), além de tradutor da versão brasileira do *Dicionário de Mensuração e Pesquisa em Relações Públicas e Comunicação Organizacional* (ABERJE, 2007)

Biografias & Biógrafos (2002) (1)

Sérgio Vilas Boas

Summus

As biografias tornaram-se definitivamente um dos gêneros de leitura prediletos no Brasil e no mundo. Pioneiro em sua abordagem, este livro estuda o modo de operação de jornalistas-biógrafos, resgatando, dessa forma, a biografia como valioso campo de estudo. Apoiando em teorias historiográficas, literárias e jornalísticas, o autor demonstra com clareza o caráter transdisciplinar desse gênero literário, à medida que combina recursos e conceitos de vários campos de conhecimento. Ao analisar com cuidado e meticulosidade as instâncias que interferem no resultado da obra, Sergio Vilas Boas nos oferece uma instigante proposta para descobrir e compreender a arte de narrar vidas.

Sérgio Vilas Boas é jornalista, professor e escritor. Nasceu em Lavras – Minas Gerais, morou em Belo Horizonte, Nova Iorque – EUA e São Paulo. Mestre em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicação e Arte da Universidade de São Paulo, onde desenvolve tese de doutorado. Autor, entre outros, de *Os Estrangeiros do Trem N* (Prêmio Jabuti 1998 na categoria livro-reportagem) e *Perfis: e como escrevê-los* (Summus, 2003). Um dos criadores e editor-executivo do site www.textovivo.com.br.

Elementos do Jornalismo Econômico – A Sociedade bem informada é uma sociedade melhor (2002) (3)

Sidnei Basile

Negócio BB

Neste livro, Sidnei Basile aborda a questão da ética jornalística, o papel do jornalismo na cobertura de assuntos econômicos, o relacionamento com as empresas e assessorias de imprensa, e a postura adequada frente às diversas fontes de pressão. Relata com vivacidade o dia-a-dia nas redações, comentando as relações com colunistas e editores, que muitas vezes são instáveis e complexas. Discute questões atuais sobre democracia e participação. Como um manual completo de jornalismo econômico.

Sidnei Basile é jornalista. Diretor Secretário Editorial e de Relações Institucionais da *Editora Abril*, é advogado formado pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (1970), sociólogo formado pelo Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (1975) e autor do livro *Elementos de Jornalismo Econômico*, publicado em 2002 a partir de experiência como professor de jornalismo.

Nada Mais que a verdade - Notícias populares – A extraordinária história do jornal Notícias Populares (2002) (2)

Celso de Campos Jr.

Denis Moreira

Giancarlos Lepiani

Maik Rene Lima

Carrenho editorial

Nada mais que a verdade conduz o leitor em uma viagem pelos 37 anos de vida do polêmico periódico paulista, o *Notícias Populares*, também conhecido por muitos como

o “espreme que sai sangue”. Mais que um importante documento para a memória do jornalismo nacional, o livro é um relato da relação de amor e ódio entre sociedade e Imprensa.

Celso de Campos Jr., nascido em São Paulo em 1978, é jornalista formado pela Faculdade Cásper Líbero. Graduação em História na Universidade de São Paulo. Teve seus textos publicados em diversos veículos da imprensa brasileira, como os jornais *Diário Popular*, *Folha de S. Paulo* e *Valor Econômico*. Também já colaborou com publicações estrangeiras, entre elas a americana *Soccer America* e a britânica *FourFourTwo*.

Denis Clemente Moreira, nascido em São Paulo em 29 de janeiro de 1978. Com outros três amigos da Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero, iniciou o livro *Nada Mais Que A Verdade I* como trabalho de conclusão de curso de Jornalismo, concluído em 1999. Denis iniciou sua carreira profissional em 1999 na rádio *Bandeirantes AM*, onde permaneceu até março de 2000 para trabalhar no site *Folha Online*. Em setembro do mesmo ano, foi contratado como repórter de Cultura do extinto jornal *Diário Popular* (hoje, *Diário de S. Paulo*).

Giancarlo Lepiani nascido em janeiro de 1978, em São Paulo, é graduado em jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero. Iniciou a carreira em outubro de 1998, na editoria Geral do diário paulistano *Jornal da Tarde*. Em maio de 2000, passou a integrar a editoria Turismo do portal *Universo Online*. Em novembro daquele ano, transferiu-se para a redação de *Veja*, onde trabalha na editoria internet.

Maik Rene Lima é paulistano e jornalista graduado pela Cásper Líbero. Trabalhou na *Folha de S. Paulo* e foi *free-lance* de outros veículos de mídia.

Muita Sorte e Pouco juízo (2002) (7)

José Roberto de Alencar

Atelie Editorial

Nesse livro, o jornalista José Roberto de Alencar traz várias reportagens suas comentadas por Zé Grandão, o personagem criado por ele há trinta anos com o propósito único de atazanar chefes e comover leitores. Trabalhador incansável, ele narra nessa coletânea histórias maravilhosas, pontilhadas com detalhes picarescos e figuras humanas notáveis, que publica na imprensa diária e, de um tempo a outro, junta num livro como este. As reportagens narradas no livro são frutos de um processo intensivo de horas de afinco, pesquisas e incansável busca da verdade, mesmo que tenha sido necessário se meter em problemas, ferir interesses de gente poderosa e tomar as dores de brasileiros modestos e desprovidos de influência.

José Roberto de Alencar é jornalista mineiro de Santa Rita de Caldas, começou a carreira na década de 70, quando teve sua primeira matéria publicada pela revista *Exame*. Nesses mais de 30 anos de carreira, passou por cerca de 50 redações. Entre elas estão, *Gazeta Mercantil*, *Jornal da República*, *Folha de S. Paulo*, *Estado de S. Paulo*, *Folha da Tarde*, *Jornal da Tarde*, *DCI*, *Jornal do Brasil*, *Jornal de Brasília*, *Diário do Povo* de Campinas e *Hoje em Dia* de Belo Horizonte, *Opinião*, *Movimento*, *Coojornal* e *5 de Março*, *Exame*, *Realidade*, *Senhor*, *Istoé* e *Época* e três dezenas de publicações menores, e como *free-lance* na *Veja* e *4 Rodas*. É autor de vários livros, como *Sorte e Arte* (1993), *Muita sorte & pouco juízo* (2002) e *ABC do Nhe, Nhe, Nhém* (1996). Morreu em junho de 2007 aos 62 anos.

Jornalismo em Revista no Brasil (2002) (3)

Patrícia Ceolin Nascimento

Annablume

Neste livro, a autora analisa, com base nos pressupostos das ciências de linguagem, o discurso veiculado em duas revistas brasileiras *Veja* e *Manchete*, a partir de reportagens publicadas no ano de 1997. *Veja* apresenta-se como legitimadora do saber, ao “explicar” o mundo a seus leitores; *Manchete* constata o saber por meio de uma cenografia mítica, generalizante.

Patrícia Ceolin Nascimento é Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo - USP (1999) com a dissertação que deu origem a esse livro e Doutora em Ciências da Comunicação pela USP. (2002)

Webjornalismo – Uma reportagem sobre a prática do jornalismo online (2002) (1)

Rafael Rodrigues Silva

Luciano Iuri Pereira

Reinaldo Marangoni

Indaiatuba

O livro apresenta um estudo da prática do jornalismo na Internet. Desde o surgimento da rede em seu modo gráfico, as tecnologias surgiram e se desenvolveram, melhorando a interatividade, a transmissão de vídeo e áudio, a implementação de serviços assistidos por Bancos de Dados, entre outras ferramentas. Além de causar transformações profundas na produção jornalística em relação aos veículos tradicionais.

Rafael Rodrigues Silva, Luciano Iuri Pereira e Reinaldo Marangoni são jornalistas formados pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas e pesquisadores de conteúdos da Web.

Deus é Inocente a Imprensa Não (2002) (3)

Carlos Dorneles

Globo

Deus é inocente é a desconstrução de muitos outros mitos criados pela mídia. Numa análise que incluiu a leitura dos mais renomados jornais e revistas do planeta em todo o ano que se seguiu ao fatídico 11 de setembro de 2001, Carlos Dorneles revela a unilateralidade da imprensa mundial, condescendente com a hegemonia política norte-americana. E mostra como ela pode vender ideologias, publicar fatos não comprovados, transformar religiões e povos em ameaças para toda a civilização.

Carlos Dorneles, gaúcho, é jornalista. Repórter especial na *TV Globo* há 20 anos, ex-correspondente em Londres e Nova Iorque. Cobriu várias guerras, como a do Iraque, a serviço da *Rede Globo*.

Notícia na TV, A – O dia-a-dia de quem faz telejornalismo (2002) (7)

Olga Curado

Alegro

Em *A notícia na TV* a autora procura apresentar de maneira extensa os elementos que contribuem, no cotidiano, para a construção da notícia que é dada pela televisão. E

mostra que o jornalismo de televisão necessita de credibilidade e da qualidade para cativar o expectador. E além de conhecimento são fundamentais a dedicação e o trabalho exaustivo e incansável em busca das notícias e da perfeição ao apresentá-las.

Olga Curado, goiana, é jornalista, graduada em Comunicação Social com especialização pelo *World Press Institute*, nos Estados Unidos. Possui treinamento em *Gestalterapia* pelo Instituto Gestalt de Florença, Itália. Atuou nos jornais *O Estado de São Paulo*, *Jornal do Brasil* e *O Globo*, onde foi coordenadora da sucursal em Brasília. Foi chefe de reportagem da *Rede Manchete*, em Brasília e na *Rede Globo* de televisão foi produtora, editora política do *Jornal Nacional*, dirigiu a *Editora da Globo* Rio de Janeiro e o jornalismo da *Rede Globo* de Minas de Gerais. Durante quase dois anos foi diretora de jornalismo de plantão da Central Globo de Jornalismo. Em janeiro de 1999 foi transferida para Londres para chefiar o escritório de correspondentes da Rede Globo. Consultora independente e colunista da Revista *Imprensa*. Atualmente, é professora da Aberje – Associação Brasileira de Jornalismo Empresarial e jurada do Prêmio Aberje.

Vida de repórter (2002) (6)

José Maria Mayrink
Geração

Este livro faz parte de uma coleção que profissionais do jornalismo contam como é a aventura do trabalho de repórter. O primeiro a relatar as técnicas e os fatos de sua profissão e José Maria Mayrink que valoriza a arte narrativa do jornalismo sem delongas, esbanja capacidade de síntese, alentando para o essencial produz contrastes que conduzem o leitor à compreensão ágil dos episódios e situações.

José Maria Mayrink nasceu em 1938 em Minas Gerais. Em 1961 começou a dar aulas de latim e português em Ponte Nova, onde colaborou no semanário *Jornal do Povo*. No ano seguinte iniciou a faculdade de jornalismo na Universidade Federal de Minas Gerais, trabalhando no correio de Minas Gerais. Escreveu para revistas: *Três Tempos* e *Alterosa*, passou dois meses no *Diário de Minas* e transferiu-se para o Rio de Janeiro, trabalhou nos jornais *Correio da Manhã*, *O Globo* e *Jornal do Brasil*. Em 1968, a convite da Revista *Veja* foi para São Paulo. Concluiu a faculdade de jornalismo, interrompida oito anos antes, na Faculdade de Comunicação Cásper Líbero. Mayrink é repórter especial de *O Estado de São Paulo*, jornal para o qual voltou como editor executivo em 2000.

TV Universitária – limites e possibilidades (2002) (4)

Flávio Porcello
EDIPUCRS

Este livro consiste em uma obra interessante e reflexiva sobre o desafio da TV Universitária e o comprometimento desta televisão com a instituição acadêmica e, conseqüentemente, com a educação, com a arte, mas também com a mídia. O propósito do livro é oferecer desafios, provocar questionamentos, fugir dos modelos e apontar propostas de qual é o papel da televisão universitária e assim melhorar a qualidade da televisão brasileira.

Flavio Antonio Camargo Porcello é jornalista formado pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1977), e advogado formado pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1976), com mestrado em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2001) e doutorado em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2004). Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e pesquisador da área de Televisão, com ênfase nas relações entre Mídia e Poder. Tem experiência na área de Comunicação, em jornais rádio e TV, como correspondente no Rio Grande do Sul de jornais de Rio de Janeiro e São Paulo e repórter especial e correspondente internacional de redes nacionais de TV.

Deu no Jornal – O Jornalismo Impresso na Era da Internet (2002) (3)

Álvaro Machado Caldas (org)

Edições Loyola

Atualmente não se discute mais a importância da imprensa na sociedade contemporânea. O que hoje se questiona é se a imprensa seria ou não o “quarto poder”. Os artigos deste livro tratam do engenho e da arte de se praticar o jornalismo impresso em plena era de ebulição tecnológica. São textos valiosos, escritos por uma seleção de craques da imprensa brasileira que também se dedicam ao magistrado do jornalismo.

Álvaro Machado Caldas nasceu em 1940, em Goiânia, Goiás. Formado em jornalismo pela Faculdade Nacional de Filosofia, atual Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Trabalhou na imprensa estudantil, jornais *Movimento* da UNE e *O Metropolitano*, da UNE, de 1962 a 1964. Foi repórter do *O Globo* (1963-1964), e da *Agência France-Presse* (1966-1967). Trabalhou seis anos no *Jornal do Brasil*, de onde saiu como repórter especial no final de 1969. Repórter e redator do *Jornal dos Sports*, de 1972 a 1973. Na sucursal Rio de Janeiro do jornal *Estado de São Paulo* trabalhou como repórter de 1973 a 1978. Foi repórter e chefe de redação da sucursal Rio de Janeiro do *Diário do Comércio e Indústria* de 1978 á 1980. Foi editor do *Última Hora* de 1984 à 1985. Na *TV Globo*, foi editor de pauta de telejornais em 1985. Na *Tribuna da Imprensa* foi editor de economia entre 1985 a 1987. Trabalhou e colaborou com jornais da imprensa alternativa nas décadas de 1970 e 1980. Professor do departamento Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e da UniverCidade. Autor dos livros *Tirando o Capuz* (1981) e *Balé da Utopia* (1993).

Literatura e jornalismo no oitocentos brasileiro (2002) (2)

Patrícia Kátia da Costa Pina

UESC

Neste livro a professora Patrícia Kátia da Costa Pina convida o leitor a refletir e discutir sobre a formação de um mercado cultural brasileiro, que a seu ver, se faz iniciar pela necessidade de um público leitor, a partir dos jornais e periódicos da época. O assunto se polemiza, pelo fato de a sociedade brasileira do oitocentos ser particularmente iletrada, era mínima a parcela de populares escolarizados. Era uma sociedade de forte apelo à oralidade ou à audibilidade. No caminho dessas reflexões, a autora analisa um significativo número de jornais e periódicos da época, apreciando-os em seus aspectos

gráficos e formais e, especialmente, na relação informal e bem humorada que os editores mantinham com um leitor.

Patrícia Kátia Costa Pina é professora, lecionou no ensino médio por 14 anos. E literatura brasileira na Universidade Estadual do Rio de Janeiro por um ano e foi para a Universidade Estadual de Santa Catarina, onde trabalha com Teoria da Literatura. É especialista em orientação educacional pela CEP, fez mestrado em literatura portuguesa pela Universidade Federal Fluminense, mestrado em literatura brasileira pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro e doutora em literatura comparada também pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Organizou e publicou o livro *Vindicial: Em defesa de Machado de Assis – Polêmica e Crítica*, pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro. É autora de artigos, entre eles “*Criticas da literatura e Polêmica*”, “*Caderno das pós-letas*” (Universidade Estadual do Rio de Janeiro) e “*A Discussão Impressa*” (Intercephs / Universidade Estadual de Santa Catarina).

A Modernização da imprensa (1970-2000) (2002) (1)

Alzira Alves de Abreu

Jorge Zahar

Nas três últimas décadas do século XX, em meio ao processo de transição política que conduziu o país da ditadura à democracia, a imprensa brasileira enfrentou grandes transformações: Novos equipamentos e tecnologia, renovação da estrutura das empresas e da formação do pessoal, aumento e diversificação das publicações e dos leitores. Este livro acompanha o processo com clareza e objetividade, conduzindo o leitor ao portal de entrada da nova etapa inaugurada com a internet.

Alzira Alves de Abreu é doutora em sociologia pela Universidade de Paris V – Sorbonne e pesquisadora da CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil) da Fundação Getulio Vargas. Professora aposentada de sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. É editor-executiva da *Editora FGV* desde 1994. Coordena ainda o projeto “*Brasil em transição: Um balanço do final do século XX*”, apoiada pelo Pronex (1998-2002), dentro do qual desenvolve pesquisa sobre a imprensa e jornalistas. Publicou, entre outros, o livro “*Intelectuais e Guerreiros. O Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro de 1948 à 1968*” (1992). Organizou o livro “*Imprensa em transição: O jornalismo brasileiro dos anos de 1950*” (1996) e foi coordenadora geral do “*Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930*” (2001).

Jornalismo no cinema (2002) (7)

Christa Berger (org)

UFRGS

Este livro se insere na investigação do campo da comunicação social que privilegia o conhecimento das representações de suas práticas. Este conhecimento da causa faz emergir vários caracteres de significação do jornalismo, retratando aqui através do cinema. Foram consultadas sinopses de aproximadamente 25 mil filmes, 785 deles listados, 60 filmes assistidos e categorizados e 15 deles foram analisados desde a perspectiva da construção de uma imagem do ofício jornalístico. Portanto, os filmes analisados são ícones dos limites dos ideais democráticos da liberdade de expressão da imprensa e da mídia audiovisual.

Christa Berger é doutora em Ciência da Comunicação pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Mestre em Ciência Política pela Universidade Nacional Autônoma do México e bacharel em jornalismo. Professora adjunta do departamento de comunicação e do programa de pós-graduação em comunicação e informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Autora dos livros: *Campos em confronto: A Terra e o texto* (1998). Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e de artigos sobre Teoria da Comunicação.

Ética e Jornalismo – Uma cartografia dos Valores (2002) (3)

Mayra Rodrigues Gomes

Este livro é uma cartografia de grandes relevos e não dos pequenos acidentes ou dilemas éticos das jornadas jornalísticas. Seu roteiro é o da análise de algumas dicotomias clássicas da ética. O individual e o coletivo, o público e o privado, deveres e direitos, determinismo e liberdade. Sua bússola é a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Uma das facetas mais interessantes dessa cartografia é a forma como cada relevo mapeado é referido à Declaração Universal dos Jornalistas brasileiros.

Mayra Rodrigues Gomes é Professora Doutora, Livre Docente do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, onde ministra as disciplinas Ciências da Linguagem, Práticas Midiáticas e Ética no Jornalismo. Desde o Pós-Doutorado desenvolve pesquisa em que explora conceitos introduzidos por Gilles Deleuze e Michel Foucault sobre comunicação, aplicando-os ao campo do jornalismo.

Manual de Telejornalismo – Segredos da Notícia na TV (2002) (1)

Heródoto Barbeiro

Paulo

Rodolfo

De

Lima

Campus

Este livro apresenta as práticas nas redações de TV para os mais variados temas e situações. Enfatiza e incentiva uma postura ética diante de cada fato da prática no Telejornalismo. Entre os tópicos desta obra encontra-se como fazer uma reportagem e conduzir uma entrevista na TV; Como elaborar uma pauta e produzir um programa de telejornalismo; Técnicas específicas de redação e edição na TV.

Heródoto Barbeiro é jornalista e escritor. Formado em História, Direito e Jornalismo, é gerente de jornalismo da *rádio CBN*, onde apresenta o *Jornal da Cultura*, o *Jornal da CBN*, e é articulista do *Diário de São Paulo*, *Revista Imprensa* e da *America On Line*. É gerente regional de jornalismo do Sistema Globo de Rádio. Autor de vários livros, entre eles: *Você na Telinha* (2002) e *Liberdade de Expressão* (2004).

Paulo Rodolfo de Lima nasceu em São José dos Campos, São Paulo. É editor da Rádio CBN, em São Paulo.

O Império do Grotesco (2002) (3)

Muniz Sodré

Mauad

No começo do novo milênio, torna-se cada vez mais evidente que o grotesco é algo recorrente não apenas nas artes, como também na vida contemporânea, com um retorno preponderante na televisão, sem que se registrem estudos compreensivos sobre o fenômeno. Este livro traz uma visão ampla sobre a questão, examinando a sua genealogia como uma categoria estética importante, associando-a a atitudes e o seu papel na formação de públicos de massa na contemporaneidade. O livro apresenta uma conceituação clara do grotesco como estética da tensão dos estados fronteiriços entre o humano e o animal e, depois, a sua articulação com as diversas manifestações na indústria do entretenimento, sem esquecer os seus momentos críticos. Esta análise aborda literatura, cinema e até formas de vida, com ênfase especial à televisão, cujos pactos simbólicos com o grande público privilegiam o grotesco chocante.

Muniz Sodré de Araújo Cabral é um jornalista e sociólogo brasileiro, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, na Escola de Comunicação. Atualmente exerce o cargo de diretor da Biblioteca Nacional. É um dos maiores pesquisadores brasileiros e latino-americanos no campo da Comunicação e do Jornalismo. Publicou mais de trinta livros, vários importantes na área de comunicação, como *Monopólio da Fala* (1977), sobre o discurso da televisão, e *Comunicação do Grotesco* (1971), sobre programas de TV que exploram escândalos e aberrações.

Ano 2003

Decidindo o que é notícia – Os bastidores do telejornalismo (2003) (7)

Alfredo Eurico Vizeu Pereira Jr.

Edipucrs

Este livro foi produzido a partir da tese de mestrado de Alfredo Eurico Vizeu Pereira Jr. Pesquisa a sociologia do jornalismo, de modo a analisar as rotinas dos profissionais da área que são encarregados de selecionar o material que será transformado efetivamente em notícia. Conceito fundamental ligado à teoria de *Newsmaking* e do *Gatekeeper*. Um estudo de casos do nosso país, na TV brasileira e sua grade de programação.

Alfredo Eurico Vizeu Pereira Jr. é mestre em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1997) e Doutor em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2002). Atualmente é vice-coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), membro do conselho científico da Sociedade Brasileira dos Pesquisadores em Jornalismo, coordenador do GT de estudos de jornalismo da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação e conselheiro fiscal da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Exerceu a profissão de jornalista a partir de 1979 na *TV Guaíba*, *TV Bandeirantes*, *Jornal Zero Hora*, no Rio Grande do Sul; *TV Globo*, São Paulo; *TV Manchete* e *TV Bandeirantes*, Rio de Janeiro; revistas *Tela Viva* e *PayTV*, como correspondente no Rio de Janeiro.

Em Branco não sai – Um olhar semiótico sobre o jornal impresso diário (2003) (7)

Djalma L. Benette

Conex

Este ensaio é sobre o jornal impresso diário (JID) como um gênero, um veículo, dentro do vasto universo do *mass media*. Não se trata, ainda, de um estudo sobre qualquer tipo de jornal; o jornal investigado é o impresso em papel e com circulação diária, específica, o que descarta o jornal da Internet, o noticiário da talvez ou do rádio, o jornal-mural etc. O autor pretende de modo didático, demonstrar que o JID é um gênero, e assim dar a quem se inicia nessa relação de consumo com o JID ou a quem não está satisfeito com a relação mantida com ele, a possibilidade de saber o que há por trás de cada exemplar, de cada dia, e de ter uma visão mais ampla do que está em questão a cada nova edição. Este ensaio busca fazer com que o jornal seja entendido não apenas como mais um elemento da existência cotidiana, dando-se dar ao leitor a chance de conhecer a explicação que está por trás do jornal.

Djalma L. Benette é jornalista, natural de Sorocaba, SP, tem quinze anos de ofício em redação de jornal impresso diário; mestre pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica (PUC/SP) de São Paulo. Pesquisador da comunicação e seus meios, pertence ao núcleo fundador do Grupo de Pesquisa da Semiótica Russa e da Semiótica da Cultura, também da PUC. É pioneiro no estudo da aplicabilidade dos conceitos semióticos no processo de produção jornalística e autor de resenhas de obras em *Galáxia*, revista transdisciplinar de Comunicação, Semiótica e Cultura.

Jornalismo Esportivo (2003) (1)

Paulo Vinicius Coelho

Contexto

O Jornalismo Esportivo é considerado por muitos uma editoria de menor importância, então o que atrai excelentes profissionais para esta área? Como fazer para desvencilhar-se do mau costume de ser apenas jornalismo de palpites e opiniões? Este livro apresenta as respostas pregando a necessidade de uma atuação mais profissional, baseada nos princípios consagrados do bom jornalismo: esforço, independência, imparcialidade e criatividade.

Paulo Vinicius Coelho é jornalista nascido em 1969 em São Paulo, formou-se em jornalismo em 1990, pela Universidade Metodista de São Bernardo do Campo. Começou a carreira como repórter do *Diário do Grande ABC*, em 1990, depois de trabalhar em pequenos jornais em São Bernardo do Campo. Em 1991, ingressou na *Editora Abril*, primeiro como estagiário da revista *Ação*, depois como repórter da revista *Placar*. Ganhou os prêmios Abril de 1993, 1995 e 1997 pela melhor matéria de esportes da editora. Em 1997, mudou-se para o *LANCE!*, como repórter-especial, colunista e, mais tarde, editor-executivo. Desde 2000, é comentarista da *ESPN Brasil*, emissora da qual se tornou um dos maiores símbolos. Em 2002, passou a função de chefe de reportagem.

Jornalismo Investigativo (2003) (7)

Dirceu Fernandes Lopes (Org.)

José Luiz Proença (Org.)

Publisher Brasil

Jornalismo Investigativo é resultado de uma série de entrevistas realizadas por estudantes de mestrado e doutorado da Universidade de São Paulo (ECA-USP), com os mais experientes jornalistas do Brasil: Agostinho Teixeira, Antonio Carlos Fon, Audálio Dantas, Bob Fernandes, Caco Barcellos, Fernando Rodrigues, Gilberto Nascimento, Jamildo Melo, José Arbex Jr., Mario Sergio Conti, Mônica Teixeira, Percival de Souza, Raimundo Pereira, Ricardo Kotscho, Roberto Cabrini e Willian Waack. É uma aula de jornalismo, mas também é uma leitura agradável para quem tem o interesse de conhecer os bastidores de instigantes reportagens.

Dirceu Fernandes Lopes é jornalista graduado pela Universidade Católica de Santos (1966), mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (1982) e doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (1986). Atualmente é Professor da Universidade de São Paulo. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Jornalismo e Editoração.

José Luiz Proença é jornalista graduado pela Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero (1970), mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (1985) e doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (1993). Atualmente é professor da Universidade de São Paulo e Sócio da Sociedade Brasileira de Pesquisadores Em Jornalismo.

Páginas Ampliadas (2003) (1)

Edvaldo Pereira Lima
Manole

De inspiração multidisciplinar, aborda vários assuntos onde se conectam o jornalismo, a literatura, a história, a antropologia, a sociologia, a psicologia social, a física quântica. Ao longo do livro, exemplos, brilhantes casos e iniciativas memoráveis. No Brasil e no exterior. De Euclides da Cunha à revista *Realidade*. De John Reed a Tom Wolfe. No centro, o jornalismo literário. Técnicas discutidas. Procedimentos analisados. Atitudes sugeridas. Como se pauta, se observa o real, se apura informações, se escreve. Como se desenha o retrato vivo de pessoas, lugares, acontecimentos, situações, cenários, épocas.

Edvaldo Pereira Lima é jornalista, escritor, pesquisador e professor da Escola de Comunicações e Arte da Universidade de São Paulo - USP. Doutor em Ciências da Comunicação pela USP. Autor de cinco livros. Coordenador de três livros produzidos em equipe. Colaborador de publicações nacionais e internacionais. Criador e organizador do método *Escrita Total - Escrevendo a Partir do Lado Direito do Cérebro* bem como da modalidade *Jornalismo Literário Avançado*. É professor dos programas da Fundação Peirópolis e do Instituto de Estudos do Futuro.

Jornalismo e Literatura – A Sedução da palavra (2002) (1)

Gustavo Castro
Alex Galeno
Escrituras

Este livro é uma coletânea de ensaios sobre a relação entre o jornalismo e a literatura. Os textos explicitam alianças, simbioses, diferenças, insídias, limites e propósitos possíveis relativamente aos dois tipos de narrativa. Autores como Moacyr Scliar,

Deonísio Silva, Daniel Piza, Marcelo Coelho, José Marques Melo, entre outros, exploram as fronteiras entre os dois temas de modo instigante para leitores de todos os matizes.

Gustavo de Castro é jornalista, professor de Comunicação Social do Centro Universitário de Brasília e Doutor em Antropologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Alex Galeno é professor Doutor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Autor de *Complexidade a flor da pele* (2003), *Antonin Artaud – A revolta de um Terrível* (2005), junto com Aldo Dantas Silva escreveu *Geografia Ciência do Complexus* (2003) e com Gustavo de Castro *Jornalismo e Literatura* (2002).

Jornalismo Opinativo – Gêneros Opinativos no Jornalismo Brasileiro (2003) (1)

José de Marques Melo
Editora Mantiqueira

Esta obra é utilizada por estudantes e professores de Jornalismo para compreender bem os gêneros opinativos em Jornalismo - editoriais, comentários, artigos, resenhas, colunas, crônicas, caricaturas, cartas, etc. São cinco capítulos que abordam a Teoria do jornalismo, Gêneros Jornalísticos, A expressão opinativa, Gêneros opinativos e uma Bibliografia Essencial. No primeiro capítulo, professor Marques de Melo explica a natureza do jornalismo, enfocando as características da área, como a efemeridade, a rapidez dos acontecimentos. Fala também da constante mutação do jornalismo, enquanto ciência. O livro oferece ao leitor a oportunidade de estabelecer um cenário, uma imagem da maneira como os gêneros opinativos se articulam no jornalismo. O professor Marques aborda a natureza ideológica desses gêneros.

José Marques de Melo é jornalista, professor universitário, pesquisador científico, consultor acadêmico e coordenador do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Anteriormente, foi professor do Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco e da Faculdade Cásper Líbero. Dirigiu em Recife, o Departamento de Investigação Científica do ICINFORM (Instituto de Ciência de Informação), e fundou em São Paulo, o Centro de Pesquisas da Comunicação Social. Autor de alguns livros como: *Comunicação Social: Teoria e Pesquisa* (1970); *Comunicação, Opinião e Desenvolvimento* (1971), *Reflexões Sobre Temas de Comunicação* (1972).

Jornalismo Brasileiro (2003) (7)

José de Marques Melo
Sulina

Neste livro, o Professor Marques de Melo apresenta o perfil do jornalismo brasileiro. A obra enfoca as origens do jornalismo no Brasil e estabelece a relação das tendências internacionais da produção noticiosa com a produção que é feita na imprensa brasileira. Para caracterizar a identidade assumida pela informação de atualidades no Brasil contemporâneo, o autor analisa comparativamente os processos jornalísticos, no tempo e no espaço.

José Marques de Melo é jornalista, professor universitário, pesquisador científico, consultor acadêmico e coordenador do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Anteriormente, foi professor do Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco e da Faculdade Cásper Líbero. Dirigiu em Recife, o Departamento de Investigação Científica do ICINFORM (Instituto de Ciência de Informação), e fundou em São Paulo, o Centro de Pesquisas da Comunicação Social. Autor de alguns livros como: *Comunicação Social: Teoria e Pesquisa* (1970); *Comunicação, Opinião e Desenvolvimento* (1971), *Reflexões Sobre Temas de Comunicação* (1972).

Jornalismo Econômico (2003) (1)

Suely Caldas

Contexto

Este livro mostra que cabe ao jornalista traduzir para o leitor comum, em linguagem clara e acessível, os complicados e impenetráveis gráficos, números e índices do mercado. Esta é, também, uma área que permite ao bom repórter o exercício do melhor jornalismo investigativo. A autora derruba assim dois mitos equivocados sobre o tema. Primeiro: o de que as páginas de Economia são direcionadas apenas aos senhores de paletó e gravata. Segundo: a idéia de que elas têm que ser necessariamente escritas em linguagem burocrática, enfadonha e, muitas vezes, ininteligível.

Suely Caldas é diretora da sucursal de *O Estado de S. Paulo* no Rio de Janeiro. Vencedora de dois prêmios Esso, já trabalhou em *O Globo*, *Folha de S. Paulo*, *Jornal do Brasil*, *Exame* e *Visão*. No *Estadão*, assina uma coluna de economia aos domingos. Lecionou jornalismo na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro na década de 1980.

Jornalismo Cultural (2003) (1)

Daniel Piza

Contexto

Embora muitas vezes relegado a segundo plano pelos veículos de comunicação e costuma ser uma das primeiras vítimas de cortes de pessoal e reduções de custos. O jornalismo cultural continua entre os preferidos do público e ganha cada vez mais *status* entre os jovens que pretendem seguir a profissão de jornalista. Praticá-lo, no entanto, é muito mais do que emitir opiniões sobre filmes, livros, peças de teatro e novelas. É um exercício constante de aprimoramento e busca pela informação. Este livro descreve a fascinante trajetória do jornalismo cultural e dá orientações preciosas a quem se dispuser a produzi-lo.

Daniel Piza nasceu em São Paulo em 1970 e estudou Direito no Largo de São Francisco Universidade de São Paulo, começou sua carreira de jornalista em *O Estado de S. Paulo* (1991-92), onde foi repórter do *Caderno2* e editor-assistente do *Cultura*. Trabalhou em seguida na *Folha de S. Paulo* (1992-95), como redator, repórter e editor-assistente da *Ilustrada*, cobrindo especialmente as áreas de livros e artes plásticas. Foi editor e colunista do caderno *Fim de Semana* da *Gazeta Mercantil* (1995-2000). Em maio de 2000, retornou ao *Estado* como editor-executivo e colunista cultural; desde 2004 assina também uma coluna sobre futebol. Colabora com a revista *Continente Multicultural*,

entre outras, e é comentarista do canal *Globo News* e da rádio *CBN*. Publicou treze livros e escreveu também o roteiro do documentário *São Paulo - Retratos do Mundo*.

Jornalismo de Revista (2003) (1)

Marília Scalzo

Contexto

Neste livro, Marília Scalzo desvenda os segredos do jornalismo de revista, discute as técnicas de construção de um texto mais arejado, específico ao gênero, e chama atenção para os elementos básicos da esmerada linguagem visual, tão característica do produto. Debate ainda a situação e os rumos do mercado de trabalho no setor, bem como convida o leitor para um passeio histórico ao mundo das revistas: das origens do gênero às tendências que se anunciam com as novas tecnologias.

Marília Scalzo é jornalista, consultora para projetos editoriais e professora do curso de Jornalismo de Moda no Senac. Formada pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, trabalhou no jornal *Folha de S. Paulo* e nas revistas *Veja* São Paulo, *Playboy*, *Capricho*, *Casa Claudia*, *A&D* e *Bravo!*, todas da Editora Abril. Também na Abril, desenvolveu o projeto da revista *Claudia Cozinha*. De 1992 a 2004, dirigiu o Curso Abril de Jornalismo e foi responsável pela área de treinamento de jornalistas, designers e fotógrafos do Grupo.

Jornalismo Digital (2003) (1)

Pollyana Ferrari

Contexto

A internet despontou como um novo e fascinante campo de trabalho para jornalistas. Após a fase de deslumbramento, quando proliferaram projetos mirabolantes, é hora de colocar os pés no chão e perceber que a grande rede continua oferecendo vastas possibilidades para os profissionais da comunicação. Afinal, milhões de pessoas ao redor do mundo navegam à procura daquilo que o bom jornalismo é capaz de oferecer: informação. Ao unir orientações práticas com reflexões teóricas, este livro é uma valiosa ferramenta de aprimoramento para quem continua apostando na internet como um veículo de comunicação revolucionário e promissor.

Pollyana Ferrari é professora de Jornalismo Digital na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e no Centro Universitário Fundação Instituto de Ensino de Osasco (Unifieo), dedica-se ao mercado editorial de informática desde o final dos anos 1980 e à internet desde 1995. Foi diretora da unidade de Internet da *Editora Globo*; editora do site da revista *Época*; editora-chefe do programa *Vitrine*, da *TV Cultura*; e diretora de conteúdo do *portal iG*. Atua também como consultora de empresas. Ainda é uma das produtoras do *Remix Narrativo* um site que expõe a evolução da narrativa no jornalismo.

Assessoria de Imprensa – Como fazer (2003) (1)

Rivaldo Chinem

Summus

O livro apresenta os numerosos aspectos de uma Assessoria de Imprensa. Esta atividade tem passado por uma série de transformações em anos recentes, o que exige uma visão renovada e atualizada dos conceitos que a norteiam. Esta obra é extremamente prática: além de analisar a essência da prática profissional, enfoca detalhadamente aspectos da

rotina diária, apresentando sugestões concretas e considerações importantes sobre a ética e a responsabilidade social da empresa e dos profissionais envolvidos.

Rivaldo Chinem é jornalista, foi repórter da *Folha de São Paulo*, do *Estadão* e da *Veja* e dirigiu o jornalismo da *TV Gazeta* e da *Rádio Tupi*. Na *Rádio Bandeirantes*, com Paulo Nassar, apresentou o programa *Imprensa e Comunicação em Debate*. Foi ainda um dos jornalistas que enfrentou a ditadura através da “imprensa nanica”, tendo trabalhado no Repórter, no *Versus* e em *O São Paulo*, o então combativo jornal da cúria metropolitana paulista, além de colaborar em *Opinião e Movimento*.

Arte de tecer o presente, A – Narrativa e Cotidiano (2003) (7)

Cremilda Medina

Summus

Cremilda Medina mergulha na crise epistemológica que assola nosso pensamento ocidental. Presenteia-nos com uma obra que reúne experiências compartilhadas, tecendo conceitos e vivências de forma inseparável. Ao mesmo tempo didática e confessional, a obra ultrapassa o simples debate acadêmico, demolindo idéias e convicções preconcebidas e fundindo teoria e prática, reflexão e experiência, razão e sensibilidade.

Cremilda Medina é jornalista, pesquisadora e professora de comunicação. Atua, desde os anos de 1960, quando se formou em Jornalismo e em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em duas frentes – comunicação social e pesquisa acadêmica. Atualmente é professora titular da Universidade de São Paulo, onde realizou o mestrado (1975), o doutorado (1986), a livre-docência (1989) e a titularidade (1993). Iniciou suas atividades jornalísticas e editoriais em Porto Alegre, na Editora e Revista do Globo. Em São Paulo trabalhou em vários órgãos de imprensa, bem como em telejornalismo. No jornal *O Estado de S. Paulo* (1975-1985) foi editora de artes e cultura. Autora de dez livros sobre comunicação social e literaturas de língua portuguesa, organizou também várias antologias sobre temas da atualidade

Jornalismo Canalha, O: a Promiscua relação da mídia com o poder (2003) (3)

José Arbex Jr.

Casa Amarela

A cobertura jornalística da invasão do Iraque pelos Estados Unidos e Grã-Bretanha, em março de 2003, equivocadamente qualificada como “guerra” pela mídia, ofereceu, com raras exceções, um dramático exemplo de preconceito, parcialidade e mistificação com que os grandes veículos de comunicação tratam os eventos da conjuntura mundial e nacional. Outros acontecimentos cujas coberturas são analisadas ao longo deste livro revelam um padrão: a “grande mídia” tende a adotar um ponto de vista servil aos interesses da Casa Branca e do capital financeiro internacional.

José Arbex Jr. é jornalista e escritor. Trabalhou vários anos na *Folha de S. Paulo*, quando chegou até editor da editoria *Mundo*. Arbex foi editor-chefe da do jornal *Brasil de Fato*, criado no Fórum Social Mundial de Porto Alegre. Deixou o periódico por discordar das políticas pró-governo Lula. É doutor em história social pela Universidade de São Paulo (USP) e professor de jornalismo na Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP). Atualmente Arbex é editor especial da revista *Caros Amigos*. Também é

autor dos livros "*Showrnalismo - A Notícia Como Espetáculo*" e "*O jornalismo canalha*", da editora Casa Amarela.

Jornalismo na Internet – Planejamento e produção da informação online (2003) (1)

J.B. Pinho

Summus

O livro aborda os principais serviços da internet como ferramentas de comunicação, tendo em vista facilitar o desempenho das diversas atividades e funções jornalísticas. A ênfase recai naturalmente sobre o conteúdo jornalístico, discutindo sob esse prisma os princípios gerais de planejamento, de modo a garantir rapidez, simplicidade e objetividade. São examinados o texto jornalístico digital e os elementos da estrutura da notícia, de modo a revelar os componentes principais da redação jornalística na rede, além de serem sugeridas normas de redação específicas para esse veículo.

José Benedito Pinho, é graduado em Publicidade e Propaganda pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1973), especialização em *Proyectos de Comunicación Investigación y Planific* pelo Centro Internacional de *Estudios Superiores de Comunicación Para América La* (1983), mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (1989) e doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (1994). Professor de Comunicação e Marketing Rural da Universidade Federal de Viçosa. Editor da *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, publicada pela Intercom-Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (1997-1999). Autor dos livros *Comunicação em Marketing* (Papyrus, 1998, 3ª ed.), *Propaganda Internacional* (Summus, 1998 – 2º ed.) e *O Poder das Marcas* (Summus, 1996).

Jornalismo na era da Publicidade, O (2003) (7)

Leandro Marshall

Summus

O processo universal de estetização das relações sociais e culturais na sociedade de consumo tem provocado a erosão do muro que separava o jornalismo da publicidade. Publicidade e propaganda passaram a submeter o jornalismo a suas imposições, o que vem atuando significativamente sobre a linguagem jornalística. Este livro analisa tal processo, bem como as conseqüências dessa mútua dependência, entre as quais podemos observar a neutralização da informação e a emergência de um novo paradigma jornalístico.

Leandro Marshall é jornalista, natural de Santa Maria, RS. Graduou-se em Jornalismo em 1986, na Universidade Federal de Santa Maria, fez curso de especialização em Comunicação Social na Universidade de Passo Fundo em 1996 e concluiu mestrado na Universidade de Metodista de São Paulo, em 2000. Foi jornalista da *RBS TV* e do jornal *Correio do Povo*, além de assessor de imprensa, em Porto Alegre. Conquistou o primeiro lugar no Prêmio da Associação Riograndense de Imprensa (ARI) em 1991, por reportagem desenvolvida no jornal *Correio do Povo*. Atualmente, é professor de Sociologia da Comunicação e Teoria da Comunicação na Universidade Estadual de Ponta Grossa, no Paraná. Doutor pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Desenvolve pesquisas nas áreas da estética, da comunicação e da cibercultura.

Participou dos principais congressos e eventos acadêmicos da comunicação no Brasil e no Rio Grande do Sul.

Poder no Jornalismo – Discorrer, Disciplinar, Controlar (2003) (7)

Mayra Rodrigues Gomes
Hacker Editores

A autora dedica-se a esmiuçar as formas de exercício de poderes pelos meios em relação a seus públicos, concentrando-se em três modalidades específicas do discurso das mídias: o discorrer, o disciplinar e o controlar. Analisa exemplos do jornalismo, tanto impresso como televisivo, desde as expressões com as quais os jornalistas firmam um julgamento sobre os fatos até o cotidiano matutino da televisão, com suas receitas culinárias ou técnicas de maquiagem.

Mayra Rodrigues Gomes é Professora Doutora, Livre Docente do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, onde ministra as disciplinas Ciências da Linguagem, Práticas Midiáticas e Ética no Jornalismo. Desde o Pós-Doutorado desenvolve pesquisa em que explora conceitos introduzidos por Gilles Deleuze e Michel Foucault sobre comunicação, aplicando-os ao campo do jornalismo.

Modelos de Jornalismo Digital (2003) (1)

Elias Machado e Marcos Palacios
Calandra

Está reunida em *Modelos de Jornalismo Digital* parte do resultado de oito anos de trabalho do Grupo de Pesquisas em *Jornalismo On-line* da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia que desenvolve estudos sobre esta área do conhecimento, tendo se transformado em uma referência nacional. Organizado pelos professores Marcos Palacios e Elias Machado. A coletânea abriga 10 artigos de doutores, mestres e pesquisadores associados e está dividida em duas partes: Modelos teóricos e Modelos de produção. Um dos destaques da obra é um artigo inédito da professora Carla Schwingel sobre o *Panopticon* uma iniciativa pioneira de produto laboratorial que se transformou em uma eficiente ferramenta de publicação e gerenciamento de conteúdos.

Elias Machado é jornalista profissional graduado pela Universidade Federal de Santa Maria em 1989. Doutorado em Jornalismo na *Universidad Autonoma* de Barcelona em 2000. Atualmente é presidente da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. Consultor da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, (CAPES) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Professor da graduação e do Mestrado em Jornalismo na Universidade Federal de Santa Catarina. Entre 2000 e 2007 participou de 4 projetos de cooperação internacional (CAPES, CNPq e ALFA). Pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Bahia desde 1993, lidera em conjunto com Marcos Palacios o Grupo de *Jornalismo On-line*.

Marcos Palacios é jornalista profissional e Ph.D. em Sociologia. Nascido em São Paulo, em 1949, passou a infância no bairro do Tremembé. No final 1969, foi para a Bahia, onde iniciou sua vida profissional como jornalista, tendo participado da equipe fundadora do jornal *Tribuna da Bahia*, comandada por Quintino de Carvalho. Em 1972, mudou-se para a Inglaterra, onde viveria pelos seguintes onze anos. Estudou Sociologia

em Liverpool, e fez um doutorado no *Center for Latin American Studies*, com um ano de trabalho de campo no Peru. Começou sua carreira acadêmica como docente na *University College of Swansea*, em Gales, em 1980, tendo trabalhado posteriormente no Centro de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará, antes de se transferir para a Universidade Federal da Bahia, onde é hoje Professor Titular de Jornalismo.

Velho Novo Jornalismo (2003) (6)

Gianni Carta

Conex

Este livro reúne reportagens do jornalista Gianni Carta que durante 14 anos foi correspondente nos Estados Unidos e na Europa. Em *Velho Novo Jornalismo*, o leitor se encontrará, por meio da prosa cativante de Carta, diante de Maurice Girodias, o surpreendente editor de *Lolita*, de Nabokov; de Dina Vierny, musa de *Matisse*, conversando com Jorge Amado, em seu apartamento em Paris; ou se embrenhando com o autor no submundo do tráfico de drogas. As matérias foram todas costuradas nesse volume. Com a experiência internacional que tem, Gianni Carta tece um panorama, na introdução, do que acontece no gênero jornalismo literário mundo afora. Os capítulos foram organizados tematicamente: armas, políticos, Jorge Amado, artistas, fim do comunismo, fogueira das vaidades. Essa última divisão tem três matérias, uma a respeito de engenharia genética, outra aborda brasileiros que sonham com Miami e, por fim, a cobertura do concurso de miss mundo.

Gianni Carta nasceu em São Paulo em novembro de 1963. É formado em Ciências Políticas pela Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), e mestre de Relações Internacionais pela Universidade de Boston (BU). Foi correspondente da *Isto É/Senhor* em Nova York de 1988 a 1990. De 1994, baseado em Paris, foi o correspondente europeu da *Isto É*, cobrindo inclusive eleições e eventos nos países do Leste Europeu. Em Londres, tornou-se correspondente da então mensal *Carta Capital* e repórter especial da mensal espanhola *GQ*. No ano seguinte, assumiria o cargo de correspondente do *Diário do Grande ABC* nos próximos três anos. A partir de 1996, foi correspondente, em Londres, da rede televisiva norte-americana *CBS*, também por três anos. Gianni Carta, no meio tempo, foi convidado especial da *Rádio Five Live*, da BBC, escreveu para o site da *BBC World Service*, para o diário *The Guardian*, para a *GQ África do Sul*, e para a mensal européia *Maxim*.

Ciberespaço como fonte para os jornalistas, O (2003) (7)

Elias Machado

Calandra

Além das discussões em torno da especificidade da apuração no jornalismo digital, do ensino, da deontologia nas redes e o futuro desta nova modalidade, este livro apresenta um guia comentado de fontes para jornalistas e pesquisadores. Com a autoridade de quem pesquisa jornalismo digital desde 1995 no Grupo de Pesquisa em Jornalismo Online, o professor Elias Machado espera, com esta coletânea, oferecer subsídios para que o leitor possa perceber que, mais que uma ferramenta que aperfeiçoa o trabalho profissional, a tecnologia digital dá origem a um novo modelo econômico e a uma nova divisão social do trabalho.

Elias Machado é jornalista profissional graduado pela Universidade Federal de Santa Maria em 1989. Doutorado em Jornalismo na *Universidad Autonoma* de Barcelona em 2000. Atualmente é presidente da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. Consultor da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, (CAPES) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Professor da graduação e do Mestrado em Jornalismo na Universidade Federal de Santa Catarina. Entre 2000 e 2007 participou de 4 projetos de cooperação internacional (CAPES, CNPq e ALFA). Pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Bahia desde 1993, lidera em conjunto com Marcos Palácios o Grupo de *Jornalismo On-line*.

Entre o poder e a mídia: Assessoria de Imprensa no governo (2003) (1)

Marcos Antonio de Carvalho Eid

M. Books

O livro mostra a importância da assessoria de imprensa e oferece informações técnicas e exemplos reais, contribuindo para que os jornalistas e relações públicas possam preparar-se adequadamente à prospecção de um nicho cada vez mais promissor de mercado. É uma leitura interessante para políticos, homens públicos, empresários e lideranças da sociedade civil, oferecendo-lhes subsídios para entender melhor o papel e o funcionamento da assessoria de imprensa e melhorar a relação custo-benefício desse serviço especializado.

Marco Antônio de Carvalho Eid é jornalista, diretor de operações da *Ricardo Viveiros – Oficina de Comunicação*. Na Associação Brasileira de Comunicação Empresarial (Aberje), ministra o curso "*Assessoria de Imprensa no Governo*". Dirigiu a Redação da Assessoria de Imprensa do Governo de São Paulo, sendo um dos responsáveis pelo redirecionamento da atividade após as eleições de 1982, quando o voto direto para governador e a abertura política exigiram sensível mudança de enfoque nas relações entre Estado e mídia. À atuação em assessoria de imprensa nos setores público e privado, o autor soma a experiência como jornalista em veículos de comunicação.

Capas de Jornal (2003) (7)

José Ferreira Jr.

Senac São Paulo

Veículo informativo por excelência, o jornal, por intermédio de sua capa, integra-se no contexto dos inúmeros itens que compõem o desenho visual urbano. Sob esse olhar, o livro mostra as transformações gráficas pelas quais passaram os principais jornais do país na segunda metade do século XX. O autor analisa as transformações gráficas ocorridas, tendo como foco três grandes veículos que marcaram época no jornalismo brasileiro: o *Jornal do Brasil*, o *Jornal da Tarde* e o *Correio Braziliense*. No decorrer da pesquisa, é vinculado ao objeto de estudo todo o contexto histórico em que essas capas foram elaboradas. Ferreira consegue resgatar as intenções e os acontecimentos que motivaram tais editorações, expondo imagens que ficaram guardadas na memória dos brasileiros.

José Ferreira Júnior é jornalista e doutor em comunicação e semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Há 11 anos é professor do Departamento de

Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão. É autor do livro *A arena da palavra. Parlamentarismo em debate na imprensa maranhense* (1961-1963).

Páginas da Resistência 1946 a 1958 - Tribuna do Pará (2003) (2)

Francisco Ribeiro do Nascimento
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

O objetivo principal dessa pesquisa e o de resgate a luta travada pelas páginas de um jornal comunista, oferecendo aos pesquisadores material para o conhecimento da verdade histórica, que desmistifica os perigos da suposta “república sindicalista”, usados pelos golpistas de 64 para impor a força das armas, estabelecendo no país, um período de 20 anos de governo ditatorial, de obscurantismo, repressão, e de interrupção do processo democrático.

Francisco Ribeiro do Nascimento faz parte do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de São Paulo desde 1982. Entrou para o jornalismo em 1954, no *Tribuna do Pará* onde permaneceu até 1958 quando assumiu a direção do jornal. Entrou no PCB (Partido Comunista Brasileiro) em com 18 anos. Em 1954 quando era técnico laboratorista foi preso em Parintins – AM, liderava uma manifestação pela pelo aniversário de Prestes. Após o golpe militar, ficou seis meses clandestino para fugir de nova prisão em Belém do Pará. É Jornalista e Professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Do B – Crônicas Críticas para o caderno B do Jornal do Brasil (2003) (2)

Eugenio Bucci
Record

Eugênio Bucci reúne, neste livro, textos publicados no *Caderno B do Jornal do Brasil*, entre abril de 2001 e outubro de 2002. São crônicas que tratam de assuntos tão díspares quanto televisão, futebol, cinema e comportamento. Sempre mantendo o olhar crítico e reflexivo. Os temas abordados na obra são contemporâneos, escritos num ritmo sem licença nem descanso. Os textos bem-humorados tratam de preocupações atuais, passando da idiotice televisiva à vigarice dos economistas. Reunidas em capítulos, as colunas do jornal revelam um pensamento crítico mais amplo.

Eugênio Bucci é jornalista, doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, e atualmente preside a *Radiobrás*. É secretário editorial da *Editora Abril* e diretor de redação da revista *Superinteressante*, também da Abril. Assina a coluna "Tempo de TV" na revista *Veja*. Publicou, entre outros, os livros *O Peixe Morre pela Boca - Oito Artigos sobre Cultura e Poder* (São Paulo, Editora Scritta, 1993), *Brasil em Tempo de TV* (Boitempo Editorial, 1996) e *Sobre ética e imprensa* (2000).

Jornalismo nos anos 90, O (2003) (3)

Luiz Nassif
Furura

Na década de 90, a história das coberturas jornalísticas foi marcada por equívocos. A mídia, um veículo a serviço da sociedade, sofreu uma grave inversão de valores e, em vez de cumprir o papel para o qual foi criada, o de fornecer a verdade de maneira imparcial, prestou-se a pré-julgamentos e condenações, sem ao menos permitir aos

“acusados” qualquer tipo de defesa. Para romper com isso, o jornalista Luís Nassif tem se dedicado a rever as informações que foram veiculadas pela mídia nesse período. Casos como o da Escola Base, da CPI do ex-presidente Fernando Collor, do Bar Bodega, entre outros, são discutidos neste livro, cujo ponto fundamental é montar um panorama de como a mídia se comportou e, principalmente, de como deveria ter se comportado para ser mais ética, justa e imparcial.

Luís Nassif é jornalista econômico, membro do Conselho Deliberativo do Instituto de Estudos Avançados na Universidade de São Paulo e organizador do Projeto Brasil, de discussão de políticas públicas. Em 2002, foi finalista do Prêmio Jabuti, categoria conto-crônica, com o livro *O menino de São Benedito* (2002). É considerado um dos brasileiros que mais ajudou na disseminação dos conceitos de qualidade no país de acordo com a Fundação Nacional de Qualidade.

Manual de Assessoria de Imprensa (2003) (1)

Gilberto Lorenzon

Alberto Mawakdiye

Mantigueira

Este livro mostra, de maneira prática, como promover uma eficiente relação com a mídia; explica como fazer um bom atendimento; orienta a respeito de entrevistas, *releases*, *clippings*, jornalismo empresarial e *house organs*; e introduz o leitor na modernidade da internet. Enquanto alguns outros textos optam por um enfoque teórico e oferecem soluções como receitas, este livro parte de exemplos concretos. Nos 16 capítulos que compõem o livro, os autores partem de situações emblemáticas que pontuam o cotidiano de uma assessoria de imprensa, e a partir daí discutem as várias possibilidades de ação.

Gilberto Lorenzon é jornalista, trabalhou na redação de vários periódicos paulista. Lecionou nas faculdades Cásper Líbero, Anglo Latino e Senac. Conheceu Alberto Mawakdiye, quando ambos trabalhavam na assessoria de imprensa da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM), a maior empresa de transportes públicos da América Latina. Juntos escreveram o livro *Manual de Assessoria de Imprensa*, pela Editora Mantigueira.

Alberto Mawakdiye é jornalista e trabalhou em vários jornais de São Paulo. Trabalhou como assessor de imprensa da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM), onde conheceu Gilberto Lorenzon e durante o desenvolvimento do site da Companhia surgiu a idéia de escrever o livro *Manual de Assessoria de Imprensa*.

Jornalismo radiofônico e vinculação social (2003) (7)

Mozaher Salomão Bruck

Annablume

Neste livro, o autor, com ampla experiência profissional e de pesquisa sobre rádio, tenta mostrar como as programações radiofônicas não apenas idealizam o ouvinte a quem destinam suas mensagens. Mas pauta-se por essas definições, que influenciam seus modos de ver e falar sobre coisas do mundo. São, na verdade, efetivos contratos de leitura pelos quais as emissoras articulam vinculações de caráter efetivo, intelectual e sensorial como receptor, ordenando e redimensionando a comunicação radiofônica.

Mazaher Salomão Bruck é graduado em jornalismo com mestrado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro em Comunicação e Cultura. Começou a trabalhar na rádio aos 16 anos de idade como rádio-escuta esportivo. Foi repórter das rádios *América* e *Globo* em Belo Horizonte é âncora da *CBN* da capital mineira. Foi editor da *TV Bandeirantes* e é apresentador da *TV Horizonte*. Professor de rádio jornalismo na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e da UNI-BH (Centro Universitário de Belo Horizonte), atualmente é diretor *PUC-TV*.

A força do jornal do interior (2003) (7)

Mario Luiz Fernandes

Univale

A força do jornal do interior não se trata de uma apologia aos pequenos jornais, mas sim, de perceber suas potencialidades como fenômeno de comunicação. O autor propõe que este livro contribua para algumas reflexões e questionamentos de estudantes, jornalistas, empresários, professores e do mercado publicitário sobre a pequena imprensa. Este livro é uma análise do mais completo levantamento da imprensa comunitária do estado de Santa Catarina, seu estudo permitiu elaborar uma série de formulações de caráter prático assim como de “insights” teóricos deste que é um típico do estado catarinense.

Mario Luiz Fernandes é natural de Joinville, Santa Catarina. Onde iniciou no jornalismo aos 16 anos, atuando como auxiliar de redação e posteriormente como repórter na sucursal do *Jornal de Santa Catarina*. Ingressou no curso de jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa no Paraná em 1986. Foi repórter do jornal *A Notícia* e editor do semanário *Evolução* (São Bento do Sul) e *O Município* (Brusque). Desde 1995 é professor do curso de jornalismo da Universidade Vale do Rio Doce – Univale, também com atuação no curso de relações públicas. É mestre em comunicação pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e atualmente coordena o curso de jornalismo da Univale.

Mídia e Política no Brasil (2003) (7)

Alzira Alves de Abreu

Fernando Latlman Wetnan

Mônica Almeida Kornis

FGV

Falar de mídia e de sua história, especialmente a atual, é sempre um desafio, cheio de riscos e dificuldades. Desafio que os autores transformaram em uma leitura enriquecedora, na qual abordam as relações entre cultura e a política através da mídia e sua periodização, em três perspectivas: Sua profissionalização e especialização, suas construções narrativas e suas institucionalização política.

Alzira Alves de Abreu é doutora em sociologia pela Universidade de Paris V – Sorbonne e pesquisadora da CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil) da Fundação Getúlio Vargas. Professora aposentada de sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. É editora-executiva da *Editora FGV* desde 1994. Coordena ainda o projeto “*Brasil em transição: Um balanço do final do século XX*”, apoiada pelo *Pronex* (1998-

2002), dentro do qual desenvolve pesquisa sobre a imprensa e jornalistas. Publicou, entre outros, o livro *“Intelectuais e Guerreiros. O Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro de 1948 á 1968”* (1992). Organizou o livro *“Imprensa em transição: O jornalismo brasileiro dos anos de 1950”* (1996) e foi coordenadora geral do *“Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930”* (2001).

Fernando Latlman Wetnan é doutor em comunicação política pela Iuperj (Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro), pesquisador do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil na Fundação Getúlio Vargas e professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Mônica Almeida Kornis é doutora em ciência da comunicação pela Escola de Comunicação e Artes pela Universidade de São Paulo e pesquisadora do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas.

Eles Mudaram a Imprensa (2003) (7)

Alzira Alves de Abreu

Fernando Lattman - Weltman

Editora FGV

Este livro reúne depoimentos de jornalistas que tiveram uma participação fundamental na reformulação ou na criação de órgãos de imprensa brasileiros nas últimas três décadas do século XX - Evandro Carlos de Andrade; Alberto Dines; Mino Carta; Roberto Müller Filho; Augusto Nunes e Otavio Frias Filho. As inovações por eles introduzidas tiveram repercussão em toda a imprensa do país e contribuíram para desenhar a face que hoje ela tem. As entrevistas constituem fontes indispensáveis para a recuperação de suas carreiras jornalísticas e para a reconstrução de um dos períodos mais significativos da história brasileira, o da transição da ditadura militar para o regime democrático.

Alzira Alves de Abreu é doutora em sociologia pela Universidade de Paris V – Sorbonne e pesquisadora da CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil) da Fundação Getulio Vargas. Professora aposentada de sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. É editor-executiva da *Editora FGV* desde 1994. Coordena ainda o projeto *“Brasil em transição: Um balanço do final do século XX”*, apoiada pelo Pronex (1998-2002), dentro do qual desenvolve pesquisa sobre a imprensa e jornalistas. Publicou, entre outros, o livro *“Intelectuais e Guerreiros. O Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro de 1948 á 1968”* (1992). Organizou o livro *“Imprensa em transição: O jornalismo brasileiro dos anos de 1950”* (1996) e foi coordenadora geral do *“Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930”* (2001).

Fernando Lattman - Weltman é Cientista político e sociólogo, desenvolve pesquisas sobre mídia e política, teoria democrática, instituições políticas e pensamento social e político. Doutor em Ciência Política pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Estado do Rio de Janeiro – IUPERJ. Ingressou no CPDOC em 1991, engajando-se então nos projetos de informatização e atualização do *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro Pós 1930* (DHBB) e na constituição de um núcleo de pesquisas sobre mídia, política e história da imprensa no Brasil. Dessa última experiência resultaram trabalhos como a

co-autoria dos livros *A imprensa faz e desfaz um presidente* (1994), *Mídia e Política no Brasil* (2003) e *Eles mudaram a imprensa* (2003), entre vários outros artigos publicados em livros e periódicos acadêmicos. Ministra para a graduação ou para a pós, cursos sobre Teoria Sociológica, Teoria Política, Interpretações do Brasil, Introdução às Ciências Sociais, Instituições Políticas Brasileiras e Mídia & Política.

Perguntar Ofende! – Perguntas cretinas que jornalistas não podem fazer! Mas fazem (2003) (7)

José Nello Marques

Disal

Abordagens mal feitas acabam com as pretensões de uma boa entrevista. E, como mostra José Nello Marques neste livro e são mais comuns do que se imagina. O livro é de grande aplicação prática, o experiente jornalista reuniu uma série de histórias engraçadas, todas verdadeiras, e as combinou com relatos de respeitados profissionais da imprensa brasileira, oferecendo ao leitor páginas de risadas e uma importante advertência em relação à prática jornalística.

José Nello Marques começou a carreira jornalística em 1970, na *Rádio Clube de Garça* e no jornal *Correio de Garça*. Em 1973, passou pela *Rádio Verinha*, de Marília, e então foi para a capital paulista. Nos últimos 30 anos, trabalhou nos extintos jornais *Diário de São Paulo* e *Diário da Noite*, nas rádios *Jovem Pan*, *Capital*, *Globo*, *CBN* e *Bandeirantes*. Foi correspondente da *Voz da América* no Brasil e atuou nas *TV's Record*, *Jovem Pan*, *Manchete* e *Bandeirantes*. Ex-professor de jornalismo da FIAM, desde 1995 é diretor de rádio e televisão na Universidade Bandeirantes (UNIBAN).

Jornalismo, sangue que corre nas veias (2003) (6)

Marina Medina Sábber

UCDB

Jornalismo, sangue que corre nas veias é uma obra que mostra como a profissão de jornalista pode ser estressante e prazerosa ao mesmo tempo. Através de experiências reais, percebe-se ao longo do livro que além da curiosidade é preciso ter equilíbrio emocional para enfrentar a pressão do dia-a-dia. Este livro leva o leitor a participar de debates sobre princípios que rondam o mundo do jornalismo. É uma viagem que inclui ainda histórias engraçadas sobre a descoberta da profissão, mercado de trabalho, como lidar com o sensacionalismo e o que fazer para enxergar as notícias com elas realmente devem ser vistas.

Marina Medina Sábber nasceu em Ponta Porã, Mato Grosso do Sul. É formada na primeira turma de jornalismo da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) em Campo Grande (1999). Trabalhou no setor administrativo da *TV Sulamérica*, em Ponta Porã quando foi convidada a fazer um estágio no departamento de jornalismo, onde teve o primeiro contato com a profissão. No final de 1999 tornou-se apresentadora da *TV Morena*, filiada à *Rede Globo*. Atualmente trabalha como produtora, editora e apresentadora do *Globo Esporte* local.

Fluxos da Notícia (2003) (3)

Ronaldo Henn

Unisino

Estuda alguns eixos teóricos que envolvem o fluxo de cobertura nas agendas dos jornais. Mostra o comportamento de jornais e revistas diante de três grandes ocorrências que, simultaneamente, ocuparam os principais espaços das publicações durante o outono de 1998 e depois desapareceram: incêndio nas florestas do estado de Roraima, epidemia de dengue nas regiões sudeste e nordeste e o flagelo da seca no sertão nordestino.

Ronaldo Henn é doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo é autor de *Pauta e Notícia* (1996, Ulbra) e *Fluxos da Notícia* (2003, Unisinos). Atualmente coordena o Grupo de Estudos Transdisciplinares sobre Criminalidade e Violência da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).

Ano 2004

Assessoria de Imprensa (2004) (1)

Maristela Mafei

Contexto

Com ampla experiência na área, a autora desvenda os bastidores das grandes crises, o papel essencial desempenhado pelo assessor de imprensa, as particularidades que distinguem, e por vezes aproximam, o trabalho de assessoria ao de relações públicas, dentre tantas outras informações importantes tanto para quem já atua na área como para os que nela pretendem ingressar.

Maristela Mafei é sócia-diretora e fundadora do grupo *Máquina*, agência de comunicação. Formada em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, foi repórter da *Folha de S.Paulo* e editora da revista *Globo Rural*. Trabalhou também no Departamento de Pesquisas da Rede Globo e atuou como produtora na rádio e na televisão *Cultura*.

Formação e Informação Ambiental – Jornalismo para iniciados e leigos (2004) (1)

Sérgio Vilas Boas (Org.)

Summus

A coleção *Formação & Informação* aborda setores de cobertura jornalística pela ótica do interesse público. Este primeiro volume traz à tona esclarecimentos e vivências sobre seis assuntos básicos do jornalismo sobre meio ambiente; energia, água, alimentos, ecossistemas, empresas e cidades. Seis autores altamente comunicativos mostram o que a imprensa faz, deixa de fazer ou poderia estar fazendo para capturar a atenção das pessoas para o problema da sustentabilidade.

Sérgio Vilas Boas é jornalista, professor e escritor. Nasceu em Lavras – Minas Gerais, morou em Belo Horizonte, Nova Iorque – EUA e São Paulo. Mestre em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicação e Arte da Universidade de São Paulo, onde desenvolve tese de doutorado. Autor, entre outros, de *Os Estrangeiros do Trem N* (Prêmio Jabuti 1998 na categoria livro-reportagem) e *Perfis: e como escrevê-los* (Summus, 2003). Um dos criadores e editor-executivo do site www.textovivo.com.br.

Que é ser jornalista, O (2004) (6)

Ricardo Noblat

Record

Em *O que é ser jornalista*, da coleção “*O que é ser*”, Noblat fala sobre os caminhos que o levaram a se tornar um profissional apaixonado pela profissão e respeitado nos grandes veículos de comunicação do país. Utilizando-se do que pode ser considerada uma das maiores virtudes do jornalista - o texto dinâmico e enxuto -, o autor conta curiosidades da sua carreira e fala dos bastidores da profissão. Neste livro, Noblat não se prendeu ou se limitou a ensinar a profissão a jovens estudantes. Grande contador de histórias, ele rememora passagens de sua vida profissional e pessoal, e indica as influências que o ajudaram a escolher e a moldar a profissão.

Ricardo Noblat é jornalista formado pela Universidade Católica de Pernambuco. Trabalhou como repórter dos jornais *Diário de Pernambuco*, *Jornal do Comércio* e das sucursais do *Jornal do Brasil* e da revista *Veja* em Recife. Noblat também foi chefe de redação da sucursal da revista *Manchete*. Chefiou a sucursal da revista *Veja* durante dois anos, em Salvador. Depois foi editor-assistente da mesma revista em São Paulo. Em Brasília desde 1982, foi editor regional da sucursal do *Jornal do Brasil*. Trabalhou novamente como repórter da sucursal de *O Globo*, em 1989, de onde foi chefiar a sucursal da revista *ISTOÉ*. Assumiu em 1994 a direção de redação do jornal *Correio Braziliense*, permanecendo no cargo até novembro de 2002. Em março de 2004 criou o Blog do Noblat, hospedado no site do jornal *O Globo*. Hoje, ele escreve às segundas-feiras para o jornal *O Globo*.

Jornalismo Comunitário em Cidades do Interior (2004) (2)

Beatriz Dornelles

Sagra Luzzato

A imprensa das cidades do interior constitui um território pouco explorado na bibliografia brasileira do Jornalismo, embora represente uma alternativa para assimilação dos novos profissionais que as universidades formam. Esta contradição cognitiva motivou a professora Beatriz Dornelles a dedicar-se ao tema. O resultado de tais incursões investigativas, consultando documentos, fazendo entrevistas e observando rotinas de trabalho, foi consubstanciado neste livro. Trata-se de contribuição relevante para ampliar o conhecimento público sobre o desempenho da imprensa interiorana.

Beatriz Dornelles é professora dos cursos de graduação e pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, tem doutorado em Jornalismo pela Universidade de São Paulo. Como Jornalista trabalhou na Central do Interior da Empresa Caldas Junior, de Porto Alegre. Atuou ainda em outras empresas jornalísticas nacionais: *Folha de S. Paulo*, *Correio Braziliense*, *Diário Catarinense*, *Vale Paraibano* e etc. Seu foco principal de pesquisa é a imprensa local, sendo autora do livro “Jornalismo comunitário em cidades do interior” (Porto Alegre, Luzzato, 2004). Publicou ainda “PUCRS, 50 anos formando jornalistas” (Porto Alegre, Edipuc, 2002).

Jornalismo e Política (2004) (3)

Vera Chaia

Hacker Editores

Este livro estuda a tendência de interferência dos meios de comunicação de massa no funcionamento da política em duas pesquisas focalizadas na cobertura jornalística da Câmara Municipal de São Paulo; a primeira analisa a atuação da Câmara nos governos de Luiza Erundina (1989-92), do PT, e de Paulo Maluf (1993-96), do PDS - atual PP; a segunda examina a máfia dos fiscais, um escândalo que agitou no final de 1998 a política paulistana, alcançando repercussão nacional.

Vera Lucia Michalany Chaia é professora do Departamento de Política e pesquisadora do Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Doutora em Ciência Política pela Universidade de São Paulo em 1991 e a livre-docência em 2000 pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atua na área de Ciência Política, com ênfase em Comunicação Política e Política Brasileira.

Cães de Guarda – Jornalistas e Censores - Do AI-5 a Constituição de 1988 (2004) (3)

Beatriz Kushnir
Boitempo

Este livro nasceu da intensa pesquisa sobre um dos aspectos fundamentais do regime militar nos 40 anos do golpe de 1964, sua relação com os órgãos de imprensa, da censura à colaboração. A pesquisadora explora a formação, as bases jurídicas e as diretrizes que orientavam o trabalho da censura, baseando-se em extensa pesquisa documental além de entrevistas, inclusive com onze censores cujo trabalho era “filtrar”, na imprensa e nas artes, o que incomodasse o regime não só no campo político, como também na cultura e até no campo da moral. Outro foco do trabalho é a cumplicidade da imprensa, especialmente da *Folha da Tarde* - veículo onde trabalhavam vários militantes de esquerda até a época em que o jornal ficou conhecido como *Diário Oficial da Oban* (Operação Bandeirantes) - com o regime militar e seu aparelho repressivo - os diretores do jornal eram ao mesmo tempo funcionários da polícia. O livro toca num tema delicado, e indiretamente critica historiadores de renome que fazem a história da imprensa “esquecendo” o caso da FT. *Cães de guarda* explora os limites entre a censura, a auto-censura dos jornalistas e a complicada convivência entre governo e imprensa durante a ditadura militar.

Beatriz Kushnir é graduada em História pela Universidade Federal Fluminense (1989), Mestrado em História Social pela Universidade Federal Fluminense (1994), Doutorado em História Social do Trabalho pela Universidade Estadual de Campinas (2001), e Pós-doutoramento (Júnior) junto ao Cemi/Unicamp – Centro de Estudos de Migrações Internacionais da Universidade de Campinas (2005). Atualmente é Diretora-geral do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de pesquisa em História do Brasil.

Ética Jornalística e o interesse Público, A (2004) (3)

Francisco José Karam
Summus

Este livro ressalta a importância contemporânea do jornalismo para a disseminação pública, massiva e imediata de informação e de conhecimento. Mas analisa, com base em princípios éticos e deontológicos subscritos por empresas da mídia - como interesse

público - alguns discursos, coberturas e práticas midiáticas que, muitas vezes, desmentem tais princípios.

Francisco José Karam é jornalista e professor do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo e doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Karam é autor de *Jornalismo, Ética e Liberdade* (1997) e *A Ética Jornalística e o interesse Público* (2004). Trabalhou como jornalista no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. Participou de programas de jornalismo em Cuba, Estados Unidos e na Espanha e integrou a Comissão Nacional de Ética da Federação Nacional dos Jornalistas.

Jornalismo de Rádio (2004) (1)

Milton Jung

Contexto

O rádio depois de tanto tempo ainda vem mantendo um público cativo e conquistando novos ouvintes, onde quer que eles estejam. Da dona-de-casa ao alto executivo, diariamente milhões de pessoas sintonizam a emissora preferida em busca de notícias, informações ou mesmo de uma palavra amiga. Presente na internet, hoje é possível interagir com os apresentadores por e-mail ou telefone, aumentando a proximidade entre locutor e público. Neste livro, Milton Jung além de fornecer orientações práticas para quem pretende ingressar na área, expõe o dia-a-dia em uma grande emissora, e as “lendas” e histórias verídicas que circulam nos bastidores desse ágil, poderoso e essencial veículo de comunicação.

Milton Ferretti Jung Júnior é jornalista e radialista gaúcho. Entre 1994 e 1999 apresentou o *Jornal da Cultura*, na TV Cultura. Apresentou o *Leitura Dinâmica* na recém-inaugurada Rede TV na qual chegou a narrar alguns jogos de futebol, até sair da emissora, em 2001. Desde então, apresenta o *Jornal do Terra*, no site homônimo. Apresenta atualmente o *CBN São Paulo*, na rádio CBN, desde 2000. O trabalho no rádio rendeu até agora dois livros: *Conte sua história de São Paulo* (Editora Globo, 2006), baseado num quadro do *CBN São Paulo*, e um manual dedicado a estudantes de jornalismo: *Jornalismo de Rádio* (Contexto, 2004).

Arte de Escrever bem, A (2004) (1)

Arlete Salvador, Dad Squarisi

Contexto

Este livro propõe ajudar aos leitores escrever bem, apesar das limitações do desafio. Escrever é atividade complexa, resultado de boa alfabetização, hábito da leitura, formação intelectual, acesso a boas fontes de informação e muita prática. No livro estão orientações básicas para o manejo da língua usada na imprensa, explicadas de forma clara e bem humorada. Dad Squarisi e Arlete Salvador mostram como é possível redigir de modo adequado e elegante.

Dad Squarisi é professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira em centros de estudos brasileiros no exterior e no curso de formação de diplomatas do Instituto Rio Branco. Autora do *Manual de Redação e Estilo* do *Correio Braziliense*, jornal do qual é

editora de *Opinião*. Escreveu os livros *Dicas da Dad*, *Mais dicas da Dad* e *A arte de escrever bem*.

Arlete Salvador é jornalista, exerceu diferentes funções como repórter, editora, colunista política e chefe de sucursal, em jornais e revistas de circulação nacional, como a revista *Veja* e os jornais a *Folha de São Paulo* e *Correio Braziliense*.

Jornalismo Internacional (2004) (1)

João Batista Natali

Contexto

Nenhuma editoria recebe um volume tão grande de informações quanto a Internacional. Milhares de notícias, partindo dos quatro cantos do planeta, são despejadas todos os dias sobre a mesa e nos terminais de computadores dos editores e redatores da área. Este livro mostra que, por um lado, se é verdade que o jornalista de Internacional tem pouco acesso direto às fontes que estão na origem dessa avalanche de informações; por outro, ele deve possuir uma qualificação adicional em relação à maioria dos colegas de redação: dominar profundamente no mínimo dois ou – de preferência – três idiomas, compreender as sutilezas e complexidades da política e da economia mundial. Afinal, sua matéria-prima é o próprio mundo, com todos os impasses, tensões, conflitos e articulações que, frutos da história, sempre estarão refletidos na pauta do dia-a-dia.

João Batista Natali nasceu em São Paulo, em 1948. É graduado em jornalismo pela Universidade de São Paulo e em Filosofia pela Universidade de Paris-VIII. Fez mestrado na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, Paris e doutorado Universidade de Paris-XIII, ambos em Semiologia. Trabalha na *Folha de S. Paulo*, onde já foi redator e editor de *Mundo*, repórter de *Cotidiano*, correspondente na França e, hoje atua como repórter da Secretaria de Redação.

Perfis e Entrevistas (2004) (1)

Daniel Piza

Contexto

Os perfis que se encontrará neste livro nada têm a ver com as tão comuns e superficiais entrevistas com "celebridades", em que perguntas inócuas recebem respostas vazias. Aqui, escritores, artistas e cientistas revelam aspectos pouco conhecidos de seus trabalhos e personalidades, em uma conversa substancial, conduzida por Daniel Piza. Num exercício de criatividade e conhecimento do assunto, o autor "dialoga", inclusive, com Oscar Wilde e Fernando Pessoa, incluindo seus heterônimos. Para professores de comunicação, estudantes e jornalistas, este livro representa um guia valioso que demonstra como aplicar a técnica de entrevista, com inteligência, perspicácia e bom humor.

Daniel Piza nasceu em São Paulo em 1970 e estudou Direito no Largo de São Francisco na Universidade de São Paulo, começou sua carreira de jornalista em *O Estado de S. Paulo* (1991-92), onde foi repórter do *Caderno2* e editor-assistente do *Cultura*. Trabalhou em seguida na *Folha de S. Paulo* (1992-95), como redator, repórter e editor-assistente da *Ilustrada*, cobrindo especialmente as áreas de livros e artes plásticas. Foi editor e colunista do caderno *Fim de Semana* da *Gazeta Mercantil* (1995-2000). Em maio de 2000, retornou ao *Estado* como editor-executivo e colunista cultural; desde

2004 assina também uma coluna sobre futebol. Colabora com a revista *Continente Multicultural*, entre outras, e é comentarista do canal *Globo News* e da rádio *CBN*. Publicou treze livros e escreveu também o roteiro do documentário *São Paulo - Retratos do Mundo*.

Gêneros e Formatos na televisão brasileira (2004) (1)

José Carlos Aronchi de Souza

Summus

Este é o único livro em português que trata do assunto. Baseado numa pesquisa de mais de dez anos, o autor, experiente profissional de televisão, professor de produção e diretor de programas educativos, identifica as características técnicas e de produção dos diferentes gêneros de programa de televisão. Em linguagem clara e acessível, oferece-nos um manual prático para estruturação de programas.

José Carlos Aronchi de Souza é jornalista, radialista e professor universitário. Mestre em Comunicação Científica e Tecnológica pela Universidade Metodista (SP) e doutor em Ciência da Comunicação pela Escola de Comunicação e Arte da Universidade de São Paulo, fez cursos de especialização em vídeo pela *University of London*. Trabalhou como cinegrafista, editor de imagens, roteirista e diretor em diversas produtoras de vídeo e também nas TVs *Globo* e *Cultura de São Paulo*. Implantou, dirigiu e orientou a produção de mais de 300 programas educativos, informativos e de entretenimento, vários deles premiados por instituições nacionais e internacionais. Coordenou os estúdios de rádio e televisão das universidades Metodista de São Paulo e de Mogi das Cruzes, onde também foi coordenador dos cursos de Jornalismo, Publicidade e Rádio e TV, tendo sido diretor da TV UMC. Ministrou cursos de televisão nas Universidades de Bauru (atual Unesp), Metodista, Católica de Santos, Faculdades de Ciências da Fundação Instituto Tecnológico de Osasco (FAC-Fito) e Centro Universitário Nove de Julho (Uninove).

Imprensa escrita e telejornal (2004) (3)

Juvenal Zanchetta Júnior

UNESP

Neste livro, Juvenal Zanchetta Júnior detém-se na análise de três importantes expedientes de imprensa da atualidade: A notícia impressa, o fotojornalismo e a notícia de telejornal. Para tratar desses dois “gêneros textuais” associados ao jornal impresso e abordar o telejornal, particularmente o *Jornal Nacional* da *Rede Globo* de televisão. A visão crítica e distanciada assumida por Zanchetta desmascara a aparente objetividade e isenção idealmente característica da atividade jornalística.

Juvenal Zanchetta Júnior é professor da Faculdade de Ciências e Letras de Assis da Universidade Estadual Paulista (UNESP). É mestre e doutor em educação pela mesma universidade, tendo publicado diversos livros e artigos científicos sobre imprensa, particularmente considerado no contexto educacional.

Jornalismo e filosofia da comunicação (2004) (7)

Mayra Rodrigues Gomes

Escrituras

Este livro apresenta dois trajetos, por um lado, a leitura e reflexão sobre alguns conceitos com os quais a filosofia tem pensado a comunicação e suas condições de sustentação. Por outro lado; realiza-se nessa obra a ambição de poder ver, na experiência com a produção jornalística, os conceitos teóricos em sua notação de processo na realidade. Partindo de uma professora do curso de jornalismo, as considerações teóricas só se sustentam e encontram legitimidade acadêmica, se puderem mostrar justamente a superfície em que teoria e prática se revelam implicadas numa única realidade, no caso, a jornalística.

Mayra Rodrigues Gomes é Professora Doutora, Livre Docente do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, onde ministra as disciplinas Ciências da Linguagem: Práticas Midiáticas e Ética no Jornalismo. Desde o Pós-Doutorado desenvolve pesquisa em que explora conceitos introduzidos por Gilles Deleuze e Michel Foucault sobre comunicação, aplicando-os ao campo do jornalismo.

Telejornalismo e educação para cidadania (2004) (5)

Maria Verônica Rezende de Azevedo
Beca

Este livro é um relato de experiência, que aborda o telejornalismo, a ponta para a definição das possibilidades de atuação do “educador” como mediador entre a escola pública e uma emissora de televisão, tendo como foco a formação do professor. A autora mostra como a educação pode se fazer através de uma tríplice parceria entre escola pública, uma emissora de TV educativa e a universidade, tendo como eixo a construção da cidadania.

Maria Verônica Rezende de Azevedo é psicopedagoga e artista plástica, Doutora em comunicação e Mestre em educação pela Escola de Comunicação da Universidade de São Paulo. Dedicou-se às artes plásticas desde 1960. Como pedagoga participou de vários projetos de pesquisa em educação matemática (USP, CAPES, CNPQ, Estação Ciência, Universidade de Laval – Canadá), tendo sido responsável por vários cursos de aperfeiçoamento para professores das redes estaduais e particulares em São Paulo, Minas Gerais e Bahia. Desde 1998 participou de grupos de pesquisa sobre a interface comunicação e educação, desenvolveu projetos de educação e cidadania, voltados para crianças e jovens. Atualmente desenvolve projetos de educação e comunicação corporativa em empresas.

Jornal Nacional – A Notícia faz História (2004) (2)

Memória Globo
Jorge Zahar

Jornal Nacional - A Notícia faz História traça a história viva do Jornal Nacional, passando em revista os momentos que marcaram o telejornal em 35 anos. Não apenas os melhores momentos, mas todos, inclusive os mais polêmicos. Tendo como matéria-prima mais de mil horas de entrevistas, centenas de scripts de programas antigos e todo o acervo de imagem do Centro de Documentação da TV Globo, esse livro é a história contada por seus protagonistas - uma perspectiva muito diferente da utilizada por outros estudos sobre a televisão e seus programas.

Memória Globo, os textos neste livro foram produzidos por colaboradores da Rede Globo, que reproduziram as mais importantes notícias exibidas em 35 anos do telejornal.

Caros Amigos e o Resgate da Imprensa Alternativa no Brasil (2004) (2)

Francisco José Bicudo Pereira Filho

Annablume

É possível resgatar a prática de um jornalismo mais vivo, autoral, cheio de cores e de alma, e capaz de informar/formar com encantamento? Essa é uma das perguntas que permeia as reflexões feitas por este livro. O trabalho apresenta uma primeira fotografia da revista *Caros Amigos*. Identifica na publicação os elementos e características que nos permitem afirmar que se trata de uma nova proposta e representante da imprensa alternativa brasileira, que consagra ainda a prática de um jornalismo preocupado com o sentido público da informação. A publicação procura recuperar a prática da grande reportagem, vivida intensamente em outros tempos pela imprensa brasileira, principalmente durante os anos 60. Ao trilhar esse caminho, aproxima-se do jornalismo interpretativo, também conhecido como jornalismo literário. Trata-se de um gênero que consagra as narrativas contextualizadas, os textos autorais, a apuração bem feita, o uso de personagens e diálogos, a descrição de cenas, a ambientação, os fluxos de consciência e dramas interiores, a observação participante, as entrevistas-diálogos e a busca das razões e das conseqüências, dentre outros elementos.

Francisco José Bicudo Pereira Filho é formado pela Escola de Comunicações e Arte da Universidade de São Paulo (ECA/USP), em 1994. Especializado em Política Internacional pela fundação Escola de Sociologia de São Paulo (FESP/SP), em 1996 e mestre em 2002 pela ECA/USP. Professor do curso de Jornalismo da Universidade Anhembi Morumbi, onde ministra as disciplinas “Teoria do Jornalismo”, “Ética e legislação do jornalismo” e “Jornalismo Interpretativo”. Foi repórter colaborador da revista Pesquisa Fapesp e do site do Sindicato dos professores de São Paulo (SINPRO – SP)

Literatura e jornalismo, Práticas Políticas (2004) (7)

Carlos Rogé Ferreira

EDUSP

O autor examina algumas relações determinantes existentes entre contradiscursos, um discurso emancipador de esquerda e narrativa literário-jornalística usualmente classificada como Novo Jornalismo e romance-reportagem, considerados como paradigmas para os chamados livros-reportagem. Através da análise de obras de autores norte-americanos como Norman Mailer, Tom Wolfe, Gay Talese, e brasileiros como José Louzeiro, Renato Tapajós, Caco Barcellos, entre outros. O autor mostra como literatura e jornalismo são práticas políticas, enfatizando a natureza ideológica da comunicação, da arte e da própria existência do homem.

Carlos Rogé Ferreira é jornalista, com mestrado e doutorado na área de Comunicação, defendidos no Instituto Metodista de Ensino Superior e na Escola de Comunicação e Arte da Universidade de São Paulo, respectivamente. Desenvolve pesquisa de pós-doutoramento na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Ano 2005

Jornalismo - 1000 perguntas (2005) (1)

Felipe Pena
Editora Rio

Este livro de perguntas e respostas cria uma interatividade entre o escritor e o leitor e acaba constituindo mais um diálogo do que um monólogo, evitando aquela situação clássica na qual o narrador apenas fala e o leitor apenas recebe. Ao ler a pergunta, o leitor esboça automaticamente alguma reação, antes mesmo de ir para a resposta. Ele se torna ativo no sistema de aprendizagem.

Felipe Pena é jornalista formado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/Rio) em 1992. Professor adjunto do departamento de Comunicação Social na Universidade Federal Fluminense desde 2004. É doutor em Literatura pela PUC/Rio e foi sub-reitor da Universidade Estácio de Sá, onde também ocupou o cargo de diretor da Faculdade de Comunicação Social. Lecionou no curso de Comunicação Social na Universidade Veiga de Almeida (1999) e na Universidade Estácio de Sá (2003). Trabalhou como repórter e apresentador na extinta *TV Manchete* de 1995 a 1999. De 1999 a 2003 trabalhou na *TV Universitária* e na *TV Comunitária*. Autor de diversos livros, todos na área de comunicação, entre eles *Teoria da Biografia sem fim* (2004), *Teoria do Jornalismo* (2005) e *Jornalismo Literário* (2006).

Entrevistas – O Diálogo Possível (2005) (1)

Cremilda Medina
Atica

A técnica da entrevista pode apenas preencher os requisitos imediatos da notícia ou pode servir como importante meio de Comunicação Social. No primeiro caso, basta o aprendizado prático. Já no segundo, estudo, pesquisa, exercício permanente. Neste livro, a autora apresenta os postulados da entrevista não-autoritária. Defende a interação a serviço do homem não como utopia, mas como imperativo da convivência democrática.

Cremilda Medina é jornalista, pesquisadora e professora de comunicação. Atua, desde os anos de 1960, quando se formou em Jornalismo e em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em duas frentes – comunicação social e pesquisa acadêmica. Atualmente é professora titular da Universidade de São Paulo, onde realizou o mestrado (1975), o doutorado (1986), a livre-docência (1989) e a titularidade (1993). Iniciou suas atividades jornalísticas e editoriais em Porto Alegre, na Editora e Revista do Globo. Em São Paulo trabalhou em vários órgãos de imprensa, bem como em telejornalismo. No jornal *O Estado de S. Paulo* (1975-1985) foi editora de artes e cultura. Autora de dez livros sobre comunicação social e literaturas de língua portuguesa, organizou também várias antologias sobre temas da atualidade.

Jornalismo na Era Virtual – Ensaio sobre o Colapso da Razão Ética (2005) (3)

Bernardo Kucinski
UNESP

Este livro aborda temas como Ética, Práxis e Discurso, envolvendo, entre outros tópicos - ética jornalística, corrupção, internet, economia virtual, declínio e morte do jornalismo como vocação, paradoxos do jornalismo neoliberal, o jornalismo econômico na era neoliberal, a mentira e a imaginação no relato jornalístico. O autor, Professor Bernardo Kucinski oferece essa coletânea, contendo nove ensaios escritos entre 1998 e 2004.

Bernardo Kucinski, nascido em 1937 em São Paulo. É jornalista e cientista político, colaborador do PT. Professor de Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo - USP. Ministra a cátedra de Jornalismo Internacional, entre outras. Trabalhou como assessor da Presidência da República durante o primeiro mandato de Luís Inácio Lula da Silva. Cursou graduação em Física na USP entre 1967 e 1968. Militante estudantil durante o regime militar, foi preso e exilado. Retornou e entrou para os quadros da USP na Escola de Comunicações e Artes em 1986. Em 1991, obteve grau de Doutor em Ciências da Comunicação pela USP, com tese sobre a imprensa alternativa no Brasil entre 1964 e 1980. Ganhou o Prêmio Jabuti de Literatura em 1997.

Teoria e Técnica do Texto Jornalístico (2005) (1)

Nilson Lage

Campus

Teoria e técnica do texto jornalístico apresenta conceitos básicos sobre percepção de eventos e de sua transformação em linguagem, mediante seleção, avaliação e contextualização. Este livro foi escrito com a intenção de abordar de forma não rotineira as técnicas do jornalismo, a partir da primeira delas - a produção de textos. A finalidade é fugir do remanso ideológico em que estão confinados geralmente os estudos da profissão.

Nilson Lage é jornalista, professor titular da Universidade Federal de Santa Catarina desde 1992. É doutor em Linguística, Mestre em Comunicação e Bacharel em Letras. Trabalhou no *Diário Carioca*, *Jornal do Brasil*, *Última Hora*, *O Globo*, *Bloch Editores* e na *Televisão Educativa* do Rio de Janeiro, entre outros. Também trabalhou nas assessorias de comunicação da *Estrada de Ferro Central do Brasil*, *Caixa Econômica Federal* e *Eletrobrás*. Foi professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal Fluminense e de instituições particulares.

Seja o primeiro a saber – A CNN e a Globalização da informação (2005) (2)

José Carlos Aronchi de Souza

Summus

“*Seja o primeiro a saber*” é o slogan da rede de televisão norte-americana CNN, do grupo *Time-Warner*. Na era da globalização, o objetivo do maior conglomerado de mídia do mundo é manter o público informado, entretido e conectado a ele. Para conseguir isso, produz desde os episódios do seriado *Friends* até os episódios de guerra, transmitidos ao vivo pelo canal. Este livro registra uma pesquisa detalhada sobre as transmissões, pela CNN, da invasão e ocupação do Iraque pelos Estados Unidos, em 2003. A obra revela por que você deve ser o primeiro a saber aquilo que todos já sabem, e explica como a geocomunicação faz o mundo receber ao mesmo tempo as mesmas informações, por intermédio do telejornalismo global.

José Carlos Aronchi de Souza é jornalista, radialista e professor universitário. Mestre em Comunicação Científica e Tecnológica pela Universidade Metodista (SP) e doutor em Ciência da Comunicação pela Escola de Comunicação e Arte da Universidade de São Paulo, fez cursos de especialização em vídeo pela *University of London*. Trabalhou como cinegrafista, editor de imagens, roteirista e diretor em diversas produtoras de vídeo e também nas TVs *Globo* e *Cultura de São Paulo*. Implantou, dirigiu e orientou a produção de mais de 300 programas educativos, informativos e de entretenimento, vários deles premiados por instituições nacionais e internacionais. Coordenou os estúdios de rádio e televisão das universidades Metodista de São Paulo e de Mogi das Cruzes, onde também foi coordenador dos cursos de Jornalismo, Publicidade e Rádio e TV, tendo sido diretor da TV UMC. Ministrou cursos de televisão nas Universidades de Bauru (atual Unesp), Metodista, Católica de Santos, Faculdades de Ciências da Fundação Instituto Tecnológico de Osasco (FAC-Fito) e Centro Universitário Nove de Julho (Uninove).

Teoria do Jornalismo (2005) (1)

Felipe Pena

Contexto

No século XXI, não há bem mais valioso do que a informação. E o jornalista, como mediador entre fontes e sociedade, precisa entender por que as notícias são como são e quais efeitos elas geram. Neste livro, Felipe Pena aborda de forma clara e concisa conceitos e teorias do jornalismo, que vêm sempre acompanhados de exemplos. Ao mesmo tempo, mostra como desenvolver o pensamento crítico – necessário aos profissionais da área – associado à prática e ao conhecimento das técnicas de produção. Além disso, a obra aborda tendências e alternativas, como a convergência tecnológica, o Conselho Federal de Jornalismo e a ética profissional nos veículos de comunicação de massa.

Felipe Pena é jornalista formado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/Rio) em 1992. Professor adjunto do departamento de Comunicação Social na Universidade Federal Fluminense desde 2004. É doutor em Literatura pela PUC/Rio e foi sub-reitor da Universidade Estácio de Sá, onde também ocupou o cargo de diretor da Faculdade de Comunicação Social. Lecionou no curso de Comunicação Social na Universidade Veiga de Almeida (1999) e na Universidade Estácio de Sá (2003). Trabalhou como repórter e apresentador na extinta *TV Manchete* de 1995 a 1999. De 1999 a 2003 trabalhou na *TV Universitária* e na *TV Comunitária*. Autor de diversos livros, todos na área de comunicação, entre eles *Teoria da Biografia sem fim* (2004), *Teoria do Jornalismo* (2005) e *Jornalismo Literário* (2006).

Jornalismo Investigativo – O fato por trás da notícia (2005) (1)

Cleofe Monteiro de Sequeira

Summus

O livro traça um modelo de jornalismo investigativo brasileiro, tendo por base as rotinas produtivas de repórteres dos principais veículos de mídia impressa. Desenvolve os conceitos da área quanto ao conteúdo de reportagem, métodos de trabalho e técnicas de apuração de informações. Analisa a importância do contexto empresarial para uma reportagem e as balizas éticas que norteiam o profissional. Também avalia a função

desse jornalismo na sociedade brasileira, quer para denunciar problemas, quer como fiscalizador dos setores públicos.

Cleofe Monteiro de Sequeira é graduado em Jornalismo pela Universidade Católica de Santos (1970), mestrado em Jornalismo pela Universidade de São Paulo (2000) e doutorado em Comunicação Social pela Universidade de São Paulo (2004). Atualmente é professor da Universidade Anhembi Morumbi. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Jornalismo, atuando principalmente nos seguintes temas: jornalismo impresso, história da imprensa, edição em jornalismo e jornalismo investigativo. É autora do livro *Jornalismo Investigativo - O fato por trás da notícia* (2005), entre outras produções acadêmicas.

Pena de Aluguel (2005) (7)

Cristiane Costa

Companhia das letras

O jornalismo ajuda ou atrapalha a atividade literária no Brasil? A pergunta que o escritor e jornalista João do Rio fez aos principais intelectuais brasileiros em 1904 é o ponto de partida desta história da encruzilhada entre literatura e jornalismo no país. Cem anos depois da enquete de João do Rio, publicada no livro *O momento literário*, Cristiane Costa levou a questão a 32 escritores jornalistas contemporâneos e reconstruiu a ponte entre os dois momentos literários. Entre 1904 e 2004, boa parte dos escritores brasileiros buscou seu ganha-pão nas redações de jornais e revistas. Ao alugarem sua pena, levaram técnicas, práticas e idéias de um campo para o outro - modernizaram o texto da imprensa e injetaram elementos da linguagem jornalística na ficção e na poesia. Cristiane Costa faz dessa zona de fronteira - onde se cruzam questões culturais, econômicas, sociais, literárias, jornalísticas e do mercado editorial - um ângulo privilegiado para observar a história da imprensa e da literatura no Brasil.

Cristiane Costa nasceu no Rio de Janeiro, em 1964. Doutora em Cultura e Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, é editora da revista *Nossa História* e do *Portal Literar*, além de professora universitária. É autora de *Eu compro essa mulher: romance e consumo nas telenovelas brasileiras e mexicanas* (Zahar, 2000), entre outros livros.

10 Reportagens que abalaram a ditadura (2005) (2)

Fernando Molica

Record

Em *10 Reportagens que abalaram a Ditadura* - livro que abre a coleção Jornalismo Investigativo -, Fernando Molica reúne algumas das melhores reportagens produzidas em um dos piores momentos de nossa história. São trabalhos que se destacam em meio a uma grande e mesmo surpreendente quantidade de ótimas reportagens publicadas em uma época pouco propícia para o exercício do jornalismo.

Fernando Molica trabalha há cerca de 20 anos como jornalista. Sua trajetória inclui trabalho como chefe de reportagem do jornal *O Globo*, passagens pelas sucursais cariocas da *Folha de S. Paulo* e de *O Estado de S. Paulo*. Atualmente trabalha como repórter especial do *Fantástico*, da Rede Globo. É autor dos livros *Notícias do Mirandão* (2002) e *O Homem que morreu três vezes* (2003), obra que recebeu menção honrosa do prêmio Vladimir Herzog e foi finalista do prêmio Jabuti.

Construtores do Jornalismo Econômico: Da cotação do boi ao congelamento dos preços (2005) (2)

José Venâncio Resende
Ícone Editora

Este livro apresenta a construção do que hoje é o Jornalismo Econômico, a partir de um mundo sem computador, internet e celular. Um mundo onde não se falava em globalização dos mercados, em tecnologia da informação, em agronegócio. O livro tem o propósito de apresentar um balanço do jornalismo econômico entre a década de 1930 e Plano Cruzado nos anos de 1980, com base principalmente em depoimentos de profissionais que viveram e testemunharam o processo de construção dessa área especializada do jornalismo. Profissionais empreendedores, formadores de equipes, grandes repórteres, articuladores, visionários, guardiões do conteúdo, e apaixonados pelo ofício.

José Venâncio de Resende nasceu em 1952 na cidade mineira de Resende Costa. O seu primeiro emprego foi no escritório de uma pequena metalúrgica, cujo salário mal dava para pagar o aluguel de um quarto. Em 1973, mudou de emprego e terminou o científico (segundo grau). Ingressou na Faculdade de Comunicação Cásper Líbero, onde se formou em jornalismo. Iniciou-se na profissão em 1976, como repórter-estagiário no antigo jornal *Diário Popular*. Foi revisor nos jornais *O Estado de São Paulo* e *Gazeta Mercantil* e pesquisador/redator na *TV Cultura*. No final dos anos 70, enveredou-se pelo ramo de acessória de imprensa. Trabalhou como redator e repórter no jornal Informativo FAESP, da Federação da Agricultura do Estado de São Paulo, e em 1983 ingressou na Secretaria de Agricultura e Abastecimento. Especializou-se em divulgação técnico-científica e em jornalismo econômico. Foi um dos criadores do site www.revistaalmanaque.jor.br, do qual é um dos editores.

Jornalismo Investigativo (2005) (1)

Leandro Fortes
Contexto

Qual o limite de uma apuração investigativa complexa envolvendo lavagem de dinheiro, políticos de alto escalão e até mesmo traficantes, em que estão em jogo a ética e o risco de morte? Quais os métodos e as técnicas de investigação ao alcance do jornalista? Este livro mostra como a investigação deixou de ser um simples preceito para se transformar em uma área de especialização crescente. Traz à tona a realidade por trás do glamour do jornalismo investigativo e deixa claro que não basta reproduzir boletins policiais - grandes reportagens exigem talento, tempo, dinheiro, paciência e perseverança, e ainda podem ser arriscadas. Leandro Fortes fornece orientações passo a passo para uma investigação e expõe os bastidores de reportagens investigativas emblemáticas.

Leandro Fortes é jornalista em Brasília desde 1990, onde trabalhou nas redações do *Correio Braziliense* e nas sucursais de *O Estado de S.Paulo*, *Zero Hora*, *Jornal do Brasil*, *O Globo* e *Época*. Atualmente, é professor de jornalismo do Instituto de Educação Superior de Brasília e do Senac do Distrito Federal. Coordenador de Política/Brasil do *Jornal do Brasil* em Brasília. Autor de vários livros como: *Cayman – O dossiê do medo* (2002), *Fragments da Grande Guerra* (2004) e *Jornalismo Investigativo* (2005).

Palavras, Bytes, Linguagem: Os Caminhos do jornalismo (2005) (1)

Héris Arnt

Ciência Moderna

Este livro tenta explicar a questão da informação tanto literária quanto jornalística no processo de formação do jornal. Pois todo texto é de ordem comunicacional e ele mostra que a diferença está na natureza da narrativa e o tipo de técnica do relato da natureza. O livro apresenta um olhar multifário sobre os objetos comunicacionais, que respondem à questão da dicotomia entre a prática jornalística e os estudos teóricos sobre ela.

Héris Arnt é formada em Jornalismo Faculdade de Filosofia e Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1967), especialização em *Sciences Politiques pela Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales* (1973), especialização em *Langue Et Littérature Française pela Université de Nancy II* (1976), mestrado em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1990) e doutorado em Sociologia pela *Universite de Paris V (Rene Descartes)* (1993). Atualmente é professor titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Jornalismo de TV (2005) (1)

Luciana Bistane

Luciane Bacellar

Contexto

A televisão no Brasil tornou-se, em pouco mais de meio século, a principal fonte de informação e diversão de milhões de brasileiros. Daí a grande preocupação e os animados debates em torno do conteúdo e das mensagens veiculadas na telinha. Este livro, além de expor a rotina dos telejornais e da produção de notícias, mostra que é possível para o jornalista estabelecer a ética como limite e privilegiar a boa informação.

Luciana Bistane é editora da *Rede Globo* em São Paulo, onde exerceu a função de repórter de TV. Ganhou dois prêmios Wladimir Herzog. Foi professora de telejornalismo na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e na Faculdade Cásper Líbero.

Luciane Bacellar é jornalista, tem mais de 20 anos de experiência em telejornalismo. Trabalhou nas principais redações do país, com passagens pela TV *Bandeirantes*, SBT e TV *Globo*. Atuou principalmente em Brasília e São Paulo desempenhando as funções de apresentadora, editora, roteirista e repórter dos telejornais de rede: *Jornal Nacional*, *Jornal Hoje*, *Jornal da Globo*, *Bom Dia Brasil* e *Fantástico*. Realizou reportagens especiais, séries e produziu, dirigiu e editou programas para a *Globo News*. Atualmente, dedica-se à elaboração de roteiros, *media training* e consultoria de comunicação.

Jornalismo Político (2005) (1)

Franklin Martins

Contexto

Franklin Martins explora de forma prazerosa o dia-a-dia de um jornalista político e conta como é a relação entre a imprensa e o poder em Brasília. Este livro - essencial para estudantes e profissionais da área - mostra que é possível para o jornalista exercer

sua profissão com responsabilidade e transmitir informação isenta e correta sem se comprometer com conflitos de interesse.

Franklin Martins é jornalista e político, atual ministro da Comunicação Social do governo de Luiz Inácio Lula da Silva. Começou a trabalhar como jornalista aos quinze anos, como estagiário do jornal *Última Hora*. Aos vinte anos, como estudante de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Franklin foi eleito presidente do DCE (Diretório Central dos Estudantes) da Universidade e, logo depois, vice presidente da União Metropolitana dos Estudantes, do Rio de Janeiro. Como jornalista, foi comentarista político em diversos veículos, até chegar à *Rede Globo* em 1996, atuando no *Jornal Nacional* e no *Jornal da Globo* até maio de 2006, quando seu contrato com a *Rede Globo* não foi renovado. Transferiu-se, então, para a *Rede Bandeirantes*, até ser convidado pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva para assumir o Ministério da Comunicação Social. Franklin Martins cuida das relações do governo com a imprensa, da publicidade oficial e também do projeto de uma rede nacional pública de TV.

Formação e Informação Esportiva – Jornalismo para iniciados e leigos (2005) (1)

Sergio Vilas Boas

Summus

A coleção *Formação & Informação* aborda setores de cobertura jornalística pela ótica do interesse público. Este é o segundo volume, que sete jornalistas especializados discutem fundamentos e histórias sobre futebol, vôlei, tênis, iatismo, natação, atletismo, handebol e fórmula-1. Os artigos enfocam Esportes sem perder de vista a ética, o marketing, a lingüística e a política. Leitura imprescindível para quem acompanha a "mídia esportiva".

Sérgio Vilas Boas é jornalista, professor e escritor. Nasceu em Lavras – Minas Gerais, morou em Belo Horizonte, Nova Iorque – EUA e São Paulo. Mestre em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicação e Arte da Universidade de São Paulo, onde desenvolve tese de doutorado. Autor, entre outros, de *Os Estrangeiros do Trem N* (Prêmio Jabuti 1998 na categoria livro-reportagem) e *Perfis: e como escrevê-los* (Summus, 2003). Um dos criadores e editor-executivo do site www.textovivo.com.br.

Jornalismo: Comunicação, literatura e Compromisso (2005) (1)

Carlos Alberto Vicchiatti

Paulus

Num mundo que privilegia o tecnicismo, o jornalismo precisa mostrar-se contextualizador, pois a sociedade espera que o jornalista seja um instrumento de propagação da informação - e de possível mudança - junto à comunidade em que está inserido. Porém o jornalismo atual tem amarras na própria história, por isso se apresenta mecânico, catastrófico. Este livro mostra tanto a importância de jornalista e jornalismo estarem engajados no aperfeiçoamento da sociedade, para subsidiar reflexões e auxiliar no processo de democratização.

Carlos Alberto Vicchiatti, doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, é avaliador institucional e de cursos de Comunicação Social do INEP/MEC (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas

Educacionais), consultor do Guia do Estudante da *Editora Abril* para os cursos de Comunicação Social e professor das disciplinas de “Teoria da Comunicação”, “Semiótica”, “Comunicação Empresarial” e “Mídia e Sociedade”.

Imprensa Brasileira, vol.1 – Personagens que fizeram História (2005) (6)

José Marques de Melo

IMESP

Este livro é o primeiro volume da coleção que pretende mostrar a imprensa brasileira e os personagens que nela fizeram história, como Carlos Drummond de Andrade, Rui Barbosa, Assis Chateaubriand e Gilberto Freyre. O primeiro volume traz textos de Hipólito José da Costa, Manoel Antonio da Silva Serva, Cipriano Barata, Adolpho Emile Bois Garin, Jerônimo Coelho, João Francisco Lisboa, Tavares Bastos, José Carlos Rodrigues, Rui Barbosa, Gustavo de Lacerda, Roquete Pinto, Assis Chateaubriand, Barbosa Lima Sobrinho e Cásper Líbero. Rápidas biografias de personagens que se destacaram na imprensa brasileira. São informações, análises, crônicas, editoriais, artigos de opinião e outros textos que fazem dessa obra um resgate da memória da imprensa nacional, de Hipólito José da Costa, a Chateaubriand.

José Marques de Melo é jornalista, professor universitário, pesquisador científico, consultor acadêmico e coordenador do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Anteriormente, foi professor do Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco e da Faculdade Cásper Líbero. Dirigiu em Recife, o Departamento de Investigação Científica do ICINFORM (Instituto de Ciência de Informação), e fundou em São Paulo, o Centro de Pesquisas da Comunicação Social. Autor de alguns livros como: *Comunicação Social: Teoria e Pesquisa* (1970); *Comunicação, Opinião e Desenvolvimento* (1971), *Reflexões Sobre Temas de Comunicação* (1972).

Jornalista: Profissão Mulher (2005) (6)

Lia Habib

Sapienza

Esta obra apresenta os relatos e as experiências destas mulheres maravilhosas, que estão à frente do quarto poder, pode poupar a alguns de nós muito desgaste, além de proporcionar momentos de muito bom humor e nos convidar a uma reflexão sobre esse brilhante universo feminino e da comunicação. *Jornalista: Profissão Mulher* retrata em traços fortes a mulher filha, mulher esposa, mulher mãe, mulher profissional, inseridas e atuantes no país de hoje, assinalando a diversidade de cada uma e a convergência de todas no anseio de se comunicar-se e viverem plenamente.

Lia Habib é jornalista formada em Letras pela Universidade Católica de Santos (SP), em Comunicação Social na Universidade Bandeirante – Uniban, em São Paulo. Trabalhou como produtora, repórter e apresentadora no CNU – Canal Universitário / TV Uniban. Foi apresentadora e produtora do “*Trocando Idéias*”, na TV *Justiça* e de programas na TV *Millennium* – Canal 16 - TVA. Contribui com matérias especiais para a *Rede TV*.

Imprensa na Berlinda – A Fonte Pergunta (2005) (3)

Manuel C. Chaparro

Celebris

Jornais, Revistas, Rádio, Televisão Internet, em pleno século XXI o poder da imprensa está mais evidente do que nunca. Autoridades colocadas em xeque, movimentos sociais deflagrados, catástrofes acompanhadas em tempo real, megafusões de empresas submetidas ao crivo da opinião pública, tudo isso ao que chamamos causalmente de informação. Mas o que está por trás dessa engrenagem batizada não por acaso de quatro poder? O que acontece de fato nos bastidores da notícia? O que fazer para proteger a credibilidade da informação quando estão em jogo diversos interesses políticos, econômicos sociais e Culturais? Esses e outros questionamentos são feitos por fontes de diferentes setores sobre o comportamento da mídia. Além de trazer à tona o intrincado relacionamento entre fontes e jornalistas, a obra marca presença por ser a primeira vez que a imprensa torna público o seu mais fiel auto-retrato. Ao todo, são 493 perguntas e respostas que colocam dezenas de profissionais da comunicação na berlinda e trazem para a pauta do dia a discussão sobre o papel do jornalismo e do jornalista no mundo globalizado, sem esquecer a responsabilidade das fontes enquanto origem de informações virtualmente seguras e relevantes.

Manuel Carlos Chaparro é doutor em Ciências da Comunicação e professor de Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). É jornalista desde 1957. Ao longo da carreira jornalística, por quatro vezes conquistou distinções no Prêmio Esso de Jornalismo, com trabalhos individuais. Na vertente acadêmica, formou-se em Jornalismo pela ECA/USP em 1982, tornando-se, dois anos depois, professor na mesma escola. No desenvolvimento da carreira de docente, concluiu o mestrado em 1987, o doutorado em 1993 e a livre-docência em 1997. Aposentou-se em 2001, como professor associado. Entre 1989 e 1991 foi presidente da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom).

Lado Oculto do Telejornalismo, O (2005) (7)

Alfredo Eurico Vizeu Pereira Jr.

Calandra

O formato se repete em todo o país, os telejornais exibidos no “horário do almoço” têm uma linha editorial que permite matérias de gastronomia, economia doméstica, serviços que, pela lógica dominante, interessam ao público-alvo destes programas. Já os exibidos às dezoito horas devem seguir uma outra linha porque atendem a uma audiência diferenciada. O que passa despercebido em ambos os casos é - que parâmetros norteiam os jornalistas na concepção destes telejornais? Para tentar responder perguntas como esta, o professor Alfredo Vizeu desenvolve em *O lado oculto do telejornalismo* a tese da audiência presumida e defende que os profissionais constroem antecipadamente o perfil de seu público e buscam atingi-lo através de uma série de recursos discursivos.

Alfredo Eurico Vizeu Pereira Jr. é mestre em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1997) e Doutor em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2002). Atualmente é vice-coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), membro do conselho científico da Sociedade Brasileira dos Pesquisadores em Jornalismo, coordenador do GT de estudos de jornalismo da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação e conselheiro fiscal da Sociedade

Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Exerceu a profissão de jornalista a partir de 1979 na *TV Guaíba*, *TV Bandeirantes*, *Jornal Zero Hora*, no Rio Grande do Sul; *TV Globo*, São Paulo; *TV Manchete* e *TV Bandeirantes*, Rio de Janeiro; revistas *Tela Viva* e *PayTV*, como correspondente no Rio de Janeiro.

Encontro com a Imprensa (2005) (3)

Olga Curado

Curado & Associados

Este livro propõe explicar o trabalho da imprensa de maneira leve, descontraída e bem humorada. Revela o poder da imprensa que faz com que ela seja identificada como responsável por desempenhar papel essencial na construção das democracias. Expõe as técnicas e regras da prática do jornalismo e o modo que as pessoas lidam com os jornalistas.

Olga Curado, goiana, é jornalista, graduada em Comunicação Social com especialização pelo World Press Institute, nos Estados Unidos. Possui treinamento em *Gestalterapia* pelo Instituto Gestalt de Florença, Itália. Atuou nos jornais *O Estado de São Paulo*, *Jornal do Brasil* e *O Globo*, onde foi coordenadora da sucursal em Brasília. Foi chefe de reportagem da *Rede Manchete*, em Brasília e na *Rede Globo* de televisão foi produtora, editora política do *Jornal Nacional*, dirigiu a *Editora da Globo* Rio de Janeiro e o jornalismo da *Rede Globo* de Minas Gerais. Durante quase dois anos foi diretora de jornalismo de plantão da Central Globo de Jornalismo. Em janeiro de 1999 foi transferida para Londres para chefiar o escritório de correspondentes da Rede Globo. Consultora independente e colunista da Revista *Imprensa*. Atualmente, é professora da Aberje – Associação Brasileira de Jornalismo Empresarial e jurada do Prêmio Aberje.

Ano 2006

Diário Popular – A trajetória de um jornal paulistano (2006) (2)

Laércio Arruda

Agellada

Com períodos importantes registrados pelo jornalismo brasileiro, *Diário Popular - A trajetória de um jornal paulistano* traz uma análise das transformações ocorridas no tradicional veículo, deixando espaço para reflexões sobre o motivo do desaparecimento repentino do velho ‘*Dipo*’. No livro, o autor questiona até que ponto uma estratégia de marketing empresarial interfere positivamente nas decisões sobre o futuro de um jornal. Alguns profissionais de imprensa refletem ainda sobre os danos provocados pelo abandono do ‘*Dipo*’, ressaltando a lacuna deixada no jornalismo popular, cujo segmento, embora marginalizado, sempre figurou como pólo de atração por parte dos consumidores da mídia impressa.

Laércio Arruda é graduado em Jornalismo e Letras, Mestre em Comunicação e Mercado pela Faculdade Cásper Líbero e doutorando pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). Professor de Jornalismo na universidade Anhembi Morumbi. Nos 30 anos de jornalismo, exerceu atividades em vários jornais e revistas, entre eles *MetroNews*, *Diário Popular*, *Popular da Tarde*, *Jornal da Gazeta*, *Estadão*, *Gazeta Esportiva*, *Diário Comércio e Indústria* (DCI), *Construção Pesada*, *O empreiteiro*,

Energia Elétrica, Visão, Dirigente Industrial, Dirigente Construtor e Atualidades Agropecuárias.

Formação e Informação Econômica – Jornalismo para iniciantes e leigo (2006) (1)

Sergio Vilas Boas (org.)

Summus

Este volume da coleção *Formação & Informação* oferece ao leitor dados atualizados e imprescindíveis sobre o jornalismo econômico: as agruras da inflação, o funcionamento real do mercado financeiro, os meandros da cobertura de empresas e negócios, as relações entre consumo e consumismo, os mecanismos do comércio internacional e, finalmente, a cobertura setorializada da área.

Sérgio Vilas Boas é jornalista, professor e escritor. Nasceu em Lavras – Minas Gerais, morou em Belo Horizonte, Nova Iorque – EUA e São Paulo. Mestre em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicação e Arte da Universidade de São Paulo, onde desenvolve tese de doutorado. Autor, entre outros, de *Os Estrangeiros do Trem N* (Prêmio Jabuti 1998 na categoria livro-reportagem) e *Perfis: e como escrevê-los* (Summus, 2003). Um dos criadores e editor-executivo do site www.textovivo.com.br.

Formação e Informação científica – Jornalismo para iniciados e leigos (2006) (1)

Sergio Vilas Boas

Summus

A coleção *Formação & Informação* aborda setores de cobertura jornalística pela ótica do interesse público. Neste volume, profissionais familiarizados com o tema ciência discutem, em linguagem franca, sobre os cientistas, seus discursos e interesses, as políticas que os fomentam, a filosofia do saber científico e as inter-relações da pesquisa com o desenvolvimento socioeconômico. Os artigos evidenciam, entre outros temas, a diferença entre "jornalismo sobre ciência" e "divulgação científica".

Sérgio Vilas Boas é jornalista, professor e escritor. Nasceu em Lavras – Minas Gerais, morou em Belo Horizonte, Nova Iorque – EUA e São Paulo. Mestre em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicação e Arte da Universidade de São Paulo, onde desenvolve tese de doutorado. Autor, entre outros, de *Os Estrangeiros do Trem N* (Prêmio Jabuti 1998 na categoria livro-reportagem) e *Perfis: e como escrevê-los* (Summus, 2003). Um dos criadores e editor-executivo do site www.textovivo.com.br.

Imprensa Brasileira, vol.2 – Personagens que fizeram história (2006) (6)

José Marques de Melo

IMESP

Este livro é o segundo volume da coleção que pretende mostrar a imprensa brasileira e os personagens que nela fizeram história. Rápidas biografias de personagens que se destacaram na imprensa brasileira. São informações, análises, crônicas, editoriais, artigos de opinião e outros textos que fazem dessa obra um resgate da memória da imprensa nacional. Nesse segundo volume, vários outros grandes nomes que não participaram do primeiro lançamento.

José Marques de Melo é jornalista, professor universitário, pesquisador científico, consultor acadêmico e coordenador do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Anteriormente, foi professor do Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco e da

Faculdade Cásper Líbero. Dirigiu em Recife, o Departamento de Investigação Científica do ICINFORM (Instituto de Ciência de Informação), e fundou em São Paulo, o Centro de Pesquisas da Comunicação Social. Autor de alguns livros como: *Comunicação Social: Teoria e Pesquisa* (1970); *Comunicação, Opinião e Desenvolvimento* (1971), *Reflexões Sobre Temas de Comunicação* (1972).

Imprensa e Cidade (2006) (3)

Ana Lucia Martins

UNESP

Neste livro, a autora aborda a trajetória das publicações periódicas brasileiras - o surgimento dos primeiros jornais e revistas, as transformações no processo de produção dos impressos, as mudanças em relação à estrutura interna, distribuição e natureza das matérias e dos recursos imagéticos disponíveis, a profissionalização e especialização do jornalista, a crescente segmentação dos periódicos, que se destinam a públicos e setores sociais cada vez mais específicos, sua atuação política e social em momentos decisivos da história do país, os interesses de que se fez (e se faz) porta-voz, os desafios impostos pela globalização e novas tecnologias, que vêm alterando profundamente não só o modo de operar das redações mas também o sentido e o lugar social atribuído à imprensa.

Ana Lucia Martins é Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo, onde se graduou e realizou seu mestrado, É historiadora da Condephaat (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico, Turístico do Estado de São Paulo), trabalhando questões do Patrimônio cultural, além de autora de diversos livros.

Imagem e Verdade – Jornalismo, Linguagem e Realidade (2006) (7)

Marconi Oliveira da Silva

Annablume

O livro de Marconi Oliveira da Silva teve origem na sua tese de doutorado "A apresentação do mundo pela linguagem no jornalismo", ele analisa o discurso jornalístico partindo de uma visão de linguagem ligada às novas investigações na perspectiva cognitiva e filosófica de ascendência *wittgensteineana*. Move-se ainda no terreno da semântica, pragmática, cognição e sociointeração para construir uma teoria geral do funcionamento da linguagem que resulta numa análise do discurso inovadora, crítica e original no contexto dos estudos jornalísticos.

Marconi Oliveira da Silva é graduado em Filosofia e Comunicação Social (Jornalismo), mestre em Filosofia e doutor em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). É professor de Jornalismo no Departamento de Comunicação Social da UFPE e pesquisador na área da epistemologia e da linguagem jornalística. Publicou pela Edipucrs o livro *O mundo dos fatos e a estrutura da linguagem – a notícia jornalística na perspectiva de Wittgenstein*.(1998)

Mídia e seus truques, A (2006) (7)

Nilton Hernandes

Contexto

Este livro expõe os “truques” que Jornais, revistas, TVs, rádios e sites usam para obter e manter laços com leitores, telespectadores, ouvintes e internautas de forma constante. Nilton Hernandez analisa a mídia como instrumento de persuasão e de poder em suas manifestações concretas, cotidianas, atraentes, dinâmicas e fugazes. Com linguagem acessível, este livro não exige nenhum conhecimento prévio do leitor.

Nilton Hernandez é jornalista, mestre e doutor em Semiótica pela Universidade de São Paulo (USP). Professor adjunto do Departamento de Letras da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) no mestrado em Estudos de Linguagens. Formado em jornalismo pela Universidade Metodista, trabalhou na *Volkswagen* do Brasil, no jornal *Diário do Grande ABC* e entidades sindicais e Organizações Não-Governamentais. Foi repórter, editor, repórter, assessor de imprensa, gerente de comunicação e marketing, consultor de comunicação. Em 1999, passou a se dedicar à pesquisa e à docência. Ministrou aulas em cursos de jornalismo e publicidade de diversas Instituições particulares. É sócio-fundador do Grupo de Estudos Semióticos (GES-USP), em atividade desde 2001, e co-organizador, junto com Ivã Carlos Lopes, do livro *Semiótica: objetos e práticas*. Em 2002, recebeu o prêmio de melhor dissertação de mestrado do país na área de Lingüística, da Anpoll (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Lingüística) com o trabalho “A revista Veja e o discurso do emprego na globalização – uma análise semiótica”.

Mídia e Medo – Comunicação e Violência Política (2005) (3)

Jacques A. Wainberg
Paulus

As notícias sobre os conflitos em geral e sobre o terrorismo em particular têm relevante impacto no imaginário das pessoas. Por isso, compreende-se a dose extra de violência utilizada em tais atos preferencialmente contra civis. Tais ocorrências são premeditadas e visam prioritariamente atrair a atenção da mídia. Neste sentido, costuma-se também dizer que o terror é uma forma de “comunicação violenta”. Por decorrência, é comum acusar a imprensa de cumplicidade e de manter uma relação “simbiótica” com tais grupos que utilizam o ataque a bombas, seqüestros e assassinatos, entre outros meios violentos, para fazerem ouvir suas demandas. Dizem estas vozes críticas que as corporações jornalísticas e os terroristas vivem em conluio, como parasitas, um animando-se da energia do outro. Ao noticiar quase instantaneamente os golpes assassinos desses grupos, a mídia também amplia o círculo do medo. A hipótese corrente é a de que sem imprensa provavelmente não haveria terror.

Jacques A. Wainberg é pesquisador do CNPq e professor de Jornalismo e Comunicação na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul nos cursos de graduação e pós-graduação. É autor dos livros *Império de palavras* (1997), *Turismo e comunicação* (2003) e *100 anos de Amor* (2004).

Telejornalismo – A Nova Praça Pública (2006) (1)

Alfredo Eurico Vizeu Pereira Jr.
Flavio Antonio Camargo Porcello
Célia Ladeira Mota
Insular

Nesta obra encontra-se um conjunto de oito artigos que tratam de diferentes aspectos relacionados com o telejornalismo, desde os parâmetros utilizados pelos profissionais para a produção dos telejornais, passando pelas formas como as informações são construídas, até as relações de poder exercidas pelas instituições jornalísticas nas democracias contemporâneas. No contexto da bibliografia em língua portuguesa sobre o telejornalismo, ainda muito pequena quando comparada a existente em inglês ou mesmo em espanhol, este livro tem um duplo significado - coloca à disposição do público uma coletânea de trabalhos que oferece uma visão panorâmica sobre o estado da arte na pesquisa neste campo particular e contribui para consolidar a institucionalização da Rede de Pesquisadores em Telejornalismo. As duas dimensões são complementares porque, de um lado, a sobrevivência da rede de pesquisa depende de iniciativas capazes de congregiar seus membros e, de outro, uma articulação desta natureza somente justifica a sua existência quando consegue oferecer aos leitores uma contribuição acadêmica que permita a compreensão das funções, dos processos de produção e dos efeitos sociais do telejornalismo na sociedade.

Alfredo Eurico Vizeu Pereira Jr. é mestre em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1997) e Doutor em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2002). Atualmente é vice-coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), membro do conselho científico da Sociedade Brasileira dos Pesquisadores em Jornalismo, coordenador do GT de estudos de jornalismo da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação e conselheiro fiscal da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Exerceu a profissão de jornalista a partir de 1979 na *TV Guaíba*, *TV Bandeirantes*, *Jornal Zero Hora*, no Rio Grande do Sul; *TV Globo*, São Paulo; *TV Manchete* e *TV Bandeirantes*, Rio de Janeiro; revistas *Tela Viva* e *PayTV*, como correspondente no Rio de Janeiro.

Flavio Antonio Camargo Porcello é jornalista formado pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1977), e advogado formado pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1976), com mestrado em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2001) e doutorado em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2004). Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e pesquisador da área de Televisão, com ênfase nas relações entre Mídia e Poder. Tem experiência na área de Comunicação, em jornais rádio e TV, como correspondente no Rio Grande do Sul de jornais de Rio de Janeiro e São Paulo e repórter especial e correspondente internacional de redes nacionais de TV.

Célia Ladeira Mota, é professora de Comunicação Social da Universidade Nacional de Brasília (UnB).

Globo News – 10 anos 24 horas no ar – O primeiro Canal de Telejornalismo no Brasil (2006) (2)

Vera Íris Paternostro
Editora Globo

Dividida em 24 capítulos, esta obra é o resultado de um árduo trabalho de pesquisa - além de levantar textos e imagens no Centro de Documentação da *Rede Globo*, a equipe

responsável pelo livro entrevistou 250 pessoas e assistiu a cerca de 800 horas de gravações de coberturas e transmissões ao vivo. Tudo para fazer um registro histórico à altura da importância dessa empreitada pioneira no telejornalismo brasileiro. Recheada de histórias de bastidores, a narrativa encadeia coberturas memoráveis (seqüestro do ônibus 174, atentado ao *World Trade Center*, naufrágio da plataforma petrolífera P-36, funeral da princesa Diana) com episódios significativos da própria história do canal. Vera Íris Paternostro - redatora-chefe do canal e coordenadora do projeto do livro - assina o texto final, privilegiando relatos e memórias dos profissionais que, ao longo dos últimos dez anos, contribuíram para construir e fortalecer a marca *Globo News* - executivos, jornalistas, cinegrafistas, engenheiros, técnicos, designers, entre outros.

Vera Íris Paternostro nasceu em São Paulo em 1953. É jornalista formada pela Universidade de São Paulo em 1974. Trabalhou como repórter e editora na *TV Globo* de São Paulo. Em 1981 foi transferida para a Globo do Rio de Janeiro, foi editora do *Telejornal Hoje* (1985-1986). Em 1987 abandonou a Rede Globo e passou a lecionar para estudantes de comunicação social, na Faculdade da Cidade no Rio de Janeiro.

Teoria do jornalismo (2006) (1)

José de Marques Melo

Editora Paulos

O campo do Jornalismo enfrenta múltiplas turbulências nesta passagem de século. Mudanças tecnológicas, trabalhistas e geopolíticas atropelam os processos de produção noticiosa. Profissionais, empresários e educadores procuram soluções consensuais para corresponder às novas demandas do mercado e da sociedade. Sistematizando evidências sobre a riqueza do pensamento jornalístico brasileiro, o Professor Marques de Melo pretende aproximar os futuros profissionais da realidade nacional, de modo a suscitar sua compreensão e atualização.

José Marques de Melo é jornalista, professor universitário, pesquisador científico, consultor acadêmico e coordenador do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Anteriormente, foi professor do Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco e da Faculdade Cásper Líbero. Dirigiu em Recife, o Departamento de Investigação Científica do ICINFORM (Instituto de Ciência de Informação), e fundou em São Paulo, o Centro de Pesquisas da Comunicação Social. Autor de alguns livros como: *Comunicação Social: Teoria e Pesquisa* (1970); *Comunicação, Opinião e Desenvolvimento* (1971), *Reflexões Sobre Temas de Comunicação* (1972).

Manual do Jornalismo Esportivo (2006) (1)

Heródoto Barbeiro e Patrícia Rangel

Contexto

A essência do jornalismo - qualquer que seja sua área - está intimamente ligada às regras da ética e ao interesse público. Com base nesse pensamento, os autores Heródoto Barbeiro e Patrícia Rangel, duas autoridades no assunto, abordam os temas específicos do jornalismo esportivo. Além de apresentarem algumas técnicas e sugestões para a prática desse tipo de jornalismo, tratam de leis desportivas e de termos utilizados em vários esportes, que podem facilitar o dia-a-dia de quem atua na área. Apresentam ainda

uma proposta de um novo modelo esportivo com o objetivo de melhorar o desempenho da profissão e, finalmente, convidam a refletir sobre os rumos do jornalismo.

Heródoto Barbeiro é jornalista e escritor. Formado em História, Direito e Jornalismo, é gerente de jornalismo da *rádio CBN*, onde apresenta o *Jornal da Cultura*, o *Jornal da CBN*, e é articulista do *Diário de São Paulo*, *Revista Imprensa* e da *America On Line*. É gerente regional de jornalismo do Sistema Globo de Rádio. Autor de vários livros, entre eles: *Você na Telinha* (2002) e *Liberdade de Expressão* (2004).

Patrícia Rangel é professora da Faculdade Rio Branco e da Universidade Bandeirante de São Paulo (Uniban). Bacharel em Publicidade e Propaganda e também em Jornalismo, é especialista em jornalismo esportivo, tendo participado de duas Copas do Mundo, duas Olimpíadas e outras grandes competições. Pós-graduada em Comunicação Jornalística e mestranda pela Escola de Comunicação e Arte da Universidade de São Paulo. Trabalhou no *Sistema Globo de Rádio*, na *Gazeta*, na *Nova FM* e na CBN. Tem passagens também pela *Bandeirantes* e *Globosat/Canal SporTV*.

Mídia Crise Política e Poder no Brasil (2006) (3)

Venício A. de Lima

Perseu Abramo

Em *Mídia - Crise política e poder no Brasil*, o professor e jornalista Venício A. de Lima aborda a relação entre mídia e política, onde analisa a cobertura da crise política, recheado de casos gerais de omissão, saliências e distorções e exemplos de coberturas específicas de veículos como *Veja*, *Época*, *Jornal Nacional*, *O Globo* e *Folha de S.Paulo*. O livro trata ainda da concentração da mídia brasileira e discute provocativamente a velha questão sobre qual dos dois veículos é mais importante para a formação da opinião pública no Brasil - o jornal ou a TV.

Venício A. de Lima é jornalista, sociólogo, mestre, doutor e pós-doutor pela Universidade de Illinois; pós-doutor pela Universidade de Miami; professor - titular de Ciência Política e Comunicação aposentado da Universidade de Brasília; fundador e primeiro coordenador do Núcleo de Estudos sobre Mídia e Política da Universidade de Brasília, ex-professor convidado da EPPG da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal do Pará, Universidade Federal da Bahia, Universidade Católica de Brasília (UCB) e Universidade de Caxias do Sul (UCS), no Brasil, e das universidades de Illinois, Miami e Havana.

Livro – Reportagem (2006) (1)

Eduardo Belo

Contexto

Algumas reportagens não terminam ao serem publicadas em jornais ou revistas. Elas exigem mais entrevistas, apurações detalhadas, busca de novas informações e, finalmente, mais espaço. Assim, biografias, temas históricos, perfis, memórias e relatos de grandes acontecimentos podem se transformar em livros-reportagem. O jornalista Eduardo Belo fala da profissão, dos cuidados necessários para escrever um livro e fornece dicas valiosas de planejamento da empreitada. O autor mostra, ainda, de forma clara e abrangente, como o livro-reportagem avança as fronteiras do jornalismo diário e faz um mergulho profundo nos fatos, nas personagens e nas situações, que podem e

devem ter abordagens diferentes, originais, criativas, menos urgentes e mais aprofundadas.

Eduardo Belo é jornalista. Trabalhou na *Editora Globo*, nos jornais *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, *Gazeta Mercantil*, *Valor Econômico*, na revista *Primeira Leitura* e no *Grupo Máquina*. Foi redator, repórter, editor assistente, chefe de reportagem, editor e assessor de imprensa. E desde 2001 é produtor do programa humorístico *Casseta & Planeta*.

Jornalismo Popular (2006) (1)

Márcia Franz Amaral

Contexto

Jornalismo, para ser popular precisa ser sensacionalista? Subestimar o leitor tem sido a prática de muitos veículos da mídia, mas este livro mostra a possibilidade e a necessidade de jornais populares de qualidade. Em uma pesquisa cuidadosa que foge das respostas óbvias, a autora discute os principais veículos e esclarece o que se espera de um bom jornalista que atue no meio. Em ampla expansão tanto na imprensa quanto na mídia eletrônica essa área com redações que publicam matérias exclusivas, dão furos e ganham prêmios representa um mercado de trabalho expressivo tanto para profissionais experientes quanto para jovens repórteres.

Márcia Franz Amaral é doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal Santa Maria. Atuou em assessoria de imprensa na área sindical e em redações de jornais no Rio Grande do Sul. Foi finalista do prêmio Intercom 2005, como melhor tese de doutorado na área de jornalismo. Atualmente, pesquisa o segmento popular da grande imprensa.

Jornalismo Literário (2006) (1)

Felipe Pena

Contexto

Alternativa às estruturas amarradas da redação, como a corrente do *lead*, o Jornalismo Literário não é apenas um meio de exercitar a veia literária em textos jornalísticos. Junção de dois gêneros diferentes – o jornalismo e o literário – esse tipo de jornalismo tornou-se também um gênero com características próprias. O conceito é muito mais amplo. Os autores de obras sobre jornalismo literário reúnem aprendizado do jornalismo de redação e com algumas técnicas narrativas utilizadas na literatura. Neste livro, o autor aborda os diversos temas que classifica o Jornalismo Literário, como a crítica literária, biografia, romance-reportagem e a ficção-jornalística, e expõe conceitos sobre os subgêneros e alguns autores representativos de todos os gêneros.

Felipe Pena é jornalista formado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/Rio) em 1992. Professor adjunto do departamento de Comunicação Social na Universidade Federal Fluminense desde 2004. É doutor em Literatura pela PUC/Rio e foi sub-reitor da Universidade Estácio de Sá, onde também ocupou o cargo de diretor da Faculdade de Comunicação Social. Lecionou no curso de Comunicação Social na Universidade Veiga de Almeida (1999) e na Universidade Estácio de Sá (2003). Trabalhou como repórter e apresentador na extinta *TV Manchete* de 1995 a 1999. De

1999 a 2003 trabalhou na *TV Universitária* e na *TV Comunitária*. Autor de diversos livros, todos na área de comunicação, entre eles *Teoria da Biografia sem fim* (2004), *Teoria do Jornalismo* (2005) e *Jornalismo Literário* (2006).

Não deixe essa Chama se apagar – História do Jornal da Bahia (2006) (2)

João Falcão

Revan

Este livro conta a história do *Jornal da Bahia*, fundado nos anos 50 por João Falcão, que o dirigiu durante 25 anos. Uma das mais belas e dramáticas histórias da imprensa brasileira, na qual se registram momentos do mais puro idealismo do Partido Comunista e de outros mais jovens, irmanados pelo ideal de fundar um jornal livre de injunções partidárias e de grupos econômicos que dominavam a imprensa da Bahia e de quase todo o país. Não obstante esta chama de idealismo dos seus fundadores, em poucos anos o *Jornal da Bahia* consolidou-se como empresa, realizando uma campanha vitoriosa de assinantes por dez anos e construindo uma bela sede própria no seu terceiro ano de funcionamento. Nos anos difíceis de repressão por parte do governo e sem publicidade o jornal contou com o apoio da imprensa nacional, de jornais como *O Estado de S. Paulo* e *A Tarde*, e de personalidades, entre as quais deputados estaduais e federais; de órgãos representativos da imprensa, como a Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e a Associação Interamericana de Imprensa.

João Falcão nasceu em 1919 em Feira de Santana, Bahia. Formou-se em direito e atuou na vida política brasileira dos anos 1930 a 1960. Militou durante vinte anos no Partido Comunista do Brasil, inclusive como elemento de ligação com a Internacional Comunista (Komintern). Fundou, em 1938, a revista *Seiva*, fechada pela ditadura Vargas em 1943, e, em 1942, o matutino *O momento*, que, superando dois fechamentos pela mesma ditadura, só encerrou suas atividades por decisão de seus integrantes. Responsável de 1947 a 1950 pelo aparelho clandestino do ex-senador Luiz Carlos Prestes no Rio de Janeiro, foi em 1955, deputado federal, chefe da Delegação Brasileira ao Congresso Mundial da Paz em Helsinque e visitante da União Soviética e da China Popular. Abandonando a militância no Partido Comunista, fundou, depois de 1956, o *Jornal da Bahia*, cuja trajetória heróica é tema do livro *Não deixe a chama se apagar - História do Jornal da Bahia*.

Elas Ocupam as Redações (2006) (7)

Alzira Alves de Abreu

Editora FGV

O jornalismo está se tornando cada vez mais uma profissão feminina. Mas nem sempre foi assim - para se afirmar na profissão, as mulheres tiveram que enfrentar preconceitos dentro e fora das redações. Alice-Maria, Ana Arruda Callado, Cláudia Safatle, Dora Kramer, Eleonora de Lucena, Eliane Cantanhêde, Fátima Bernardes, Lilian Witte Fibe, Míriam Leitão e Tereza Cruvinel mostram como as mulheres enfrentaram esse desafio e modificaram para melhor o jornalismo praticado no país. Este livro não documenta apenas o crescimento da presença feminina na imprensa brasileira - ele mostra, com seguidos exemplos, por que isso aconteceu. O livro traz os seguintes temas - Elas ocuparam a imprensa; Mulheres nos jornais; Mulheres nos telejornais.

Alzira Alves de Abreu é doutora em sociologia pela Universidade de Paris V – Sorbonne e pesquisadora da CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil) da Fundação Getúlio Vargas. Professora aposentada de sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. É editor-executiva da *Editora FGV* desde 1994. Coordena ainda o projeto “*Brasil em transição: Um balanço do final do século XX*”, apoiada pelo Pronex (1998-2002), dentro do qual desenvolve pesquisa sobre a imprensa e jornalistas. Publicou, entre outros, o livro “*Intelectuais e Guerreiros. O Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro de 1948 á 1968*” (1992). Organizou o livro “*Imprensa em transição: O jornalismo brasileiro dos anos de 1950*” (1996) e foi coordenadora geral do “*Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930*” (2001).

Mídia de chocolate (2006) (3)

Inês Silvia Vitorino Sampaio

E-Papers

Este livro traz os seguintes temas - Parte I - Cidadania para a infância - Reflexões sobre a experiência de valorização da cultura infantil na universidade; Jornalismo, agendamento e a construção de uma esfera pública de discussões sobre infância e adolescência - A experiência da agência de notícias dos direitos da infância; Criança e adolescente no rádio - Múltiplas vozes tecendo cidadania; As representações infantis no programa de rádio; O drama das emoções - A cartografia dos sentimentos e a telenovela para adolescentes no Brasil; A criança e a apropriação das mensagens de violência nos desenhos animados; Os brinquedos da TV no olhar de crianças dos setores populares; Parte II - Preferências infantis no mundo dos jogos eletrônicos; Agora eu era o rei... - A infância entre o desaparecimento e a reinvenção; Interação na *Lan house*; Amizades entre adolescentes em ambientes virtuais; O fenômeno da presença no *RPG* eletrônico.

Inês Silvia Vitorino Sampaio é graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará (1987), mestrado em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (1991) e doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (1999). Atualmente é professora adjunta da Universidade Federal do Ceará, colaboradora do Mestrado em Sociedade e Políticas Públicas da Universidade Estadual do Ceará, membro do Conselho Editorial da Revista *Fronteiras - Estudos Midiáticos* e parecerista da *Revista - Comunicação e Espaço Público (UnB)*. Tem experiência em pesquisa na área de Comunicação, com ênfase em Teoria da Comunicação e foco especial nos seguintes temas: comunicação, televisão, infância e juventude. Nesta área, coordena o Grupo de Pesquisa da Relação Infância e Mídia (GRIM - Núcleo UFC).

Crítica Cultural – Teoria e Prática (2006) (7)

Marcelo Coelho

PubliFolha

Crítica cultural - teoria e prática se dirige não apenas a estudantes de comunicação, mas aos interessados em ciências humanas em geral - da sociologia à história, da estética à teoria literária. São abordadas questões como indústria cultural, modernismo e pós-modernismo, os erros da crítica, a decadência na cultura ocidental, a crítica marxista, o nacionalismo na literatura brasileira, entre outros. Temas básicos e leituras

fundamentais para a discussão das artes e do entretenimento, sistematizados de forma didática e crítica por Marcelo Coelho, colunista da *Folha de São Paulo*.

Marcelo Coelho nasceu em São Paulo, em 1959. É Jornalista, formou-se em sociologia. Colaborador da *Folha de S. Paulo* e professor na Faculdade Cásper Líbero. Obras publicadas: *Noturno*. (São Paulo, 1992); *Gosto se discute*. (São Paulo, 1994); *Trivial variado*. (1996). *Jantando com Melvin*. (Rio de Janeiro, 1997).

Penas do Ofício, As (2006) (7)

Sérgio Augusto

Agir

As *Penas do Ofício*, nova seleção de textos de Sérgio Augusto, publicados na *Bravo!*. O autor conduz o leitor com segurança pelo amplo universo da cultura - afinal, trata-se de um homem renascentista em pleno século 21, capaz de escrever com erudição sobre artes plásticas, cinema, literatura, música, teatro -, a decadência do jornalismo dito cultural é “tão indiscutível e aparentemente irreversível quanto o aquecimento global”, como diz o autor.

Um dos principais motivos, aponta, é a deformidade educacional, que impossibilita a flexibilização mental em larga escala. Jornalismo cultural não é uma coleção de amenidades sobre a qual o leitor - se tem tempo e interesse - passa os olhos, depois de percorrer as seções de política e futebol. Jornalismo cultural é coisa séria, porque cultura, seja no sentido antropológico, no sentido de cultura popular ou no sentido de cultura erudita, é algo sério. Aos leitores que buscam uma “oxigenação cerebral” restam, ao menos, os textos de Sérgio Augusto, como comprovam os que lêem suas crônicas no *Estado de São Paulo*.

Sérgio Augusto nasceu no Rio de Janeiro, em 1942. Jornalista profissional começou sua carreira em 1960, como crítico de cinema da *Tribuna da Imprensa*. Foi crítico, repórter, redator e editor nos jornais *Correio da Manhã* e *Jornal do Brasil*, nas revistas *Veja* e *Isto É* e nos semanários *Pasquim* e *Opinião*. Também trabalhou para a *Folha de S. Paulo* e atualmente escreve para *O Estado de São Paulo*.

Pasquim, O – A Antologia 1969 – 1971 (2006) (2)

Jaguar e Sérgio Augusto

Desiderata

O *Pasquim* foi o maior fenômeno editorial da imprensa brasileira. Assumidamente nanico, panfletário e abusado. Nasceu sob a suspeita de que duraria pouco tempo, menos até que os oito números que, alguns anos antes, conseguira sobreviver a revista de humor *Pif-Paf*, criada por Millôr Fernandes e de certo modo o embrião do *Pasquim*. Quando o jornal estourou, quem mais se surpreendeu com aquele imprevisto foram os seus próprios redatores e cartunistas. Este livro é uma reunião dos principais textos publicados no jornal durante 1969 a 1971.

Jaguar, pseudônimo de **Sérgio de Magalhães Gomes Jaguaribe** nasceu no Rio de Janeiro, em 29 de fevereiro de 1932. Em 1955 começou a trabalhar com Leon Eliachar no jornal *Última Hora*, onde permaneceu até ser preso, por ocasião do AI-5. Passou pela *Manchete*, *Tribuna da Imprensa*, *Senhor* (onde lançou o suplemento *O Jacaré*), *Status* e *Pif Paf*. Foi um dos fundadores do *Pasquim*, em 1968, e o único a participar de todos os

números. Nos jornais *O Globo* e *Jornal do Brasil*, lançou a tira "Os Chopnics". Ilustrou todos os livros de Stanislaw Ponte Preto. Atualmente colabora com o jornal *O Dia* e a revista *Bundas*.

Sérgio Augusto, nascido em 1942 no Rio de Janeiro, é um jornalista e escritor. Começou sua carreira como crítico de cinema do periódico *Tribuna da Imprensa* em 1960. Trabalhou também nos jornais *Correio da Manhã* e *Jornal do Brasil*, nas revistas *O Cruzeiro*, *Fatos & Fotos*, *Veja* e *IstoÉ* e nos semanários *O Pasquim*, *Opinião* e *Bundas*. Foi repórter especial da *Folha de São Paulo* de 1981 a 1996 e atualmente escreve no *Caderno 2* do *Estado de São Paulo* e na revista *Bravo!*. É bastante conhecido por seu estilo erudito, sarcástico e nostálgico, mas uma nostalgia crítica e irônica.

Mil e uma Noites de Futebol – O Brasil Moderno de Mario Filho (2006) (7)

Marcelino Rodrigues da Silva
UFMG

Este livro é sobre uma das vertentes da história do futebol brasileiro, escrito a partir da obra jornalística de Mário Filho. Como resultado de um trabalho acadêmico voltado para a interpretação do discurso do jornalismo esportivo do início do século 20, Marcelino Rodrigues da Silva, acrescenta um ponto a mais na bibliografia sobre a narrativa de construção e modernização da nação brasileira. A passagem de uma posição elitista e socialmente excludente do futebol para a sua popularização e inclusão das classes menos favorecidas representadas, principalmente, pela raça negra, deve-se ao papel do cronista Mário Filho.

Marcelino Rodrigues da Silva é graduado em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (1990), mestrado em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (1997) e doutorado em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (2003). Atualmente é professor efetivo do quadro da Universidade Vale do Rio Verde. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Comparada.

Ano 2007

Hipertexto, Hipermissão (2007) (7)

Pollyana Ferrari
Contexto

Hipertexto, hipermissão desvenda as representações, os processos e os modos de disseminação do conhecimento a partir do computador pessoal, do *notebook*, do *palm*, do celular, entre muitas outras possibilidades. Ao cidadão ávido por informação bem apurada, o suporte importa muito menos que ter a notícia ao alcance das mãos, onde e quando precisar. Este livro se propõe mostrar o novo, o que está sendo pensado pelos pesquisadores e jornalistas que vivenciam a hipermissão. Autores: Pollyana Ferrari (organizadora), Adriana Garcia Martinez, Adriane Canan, Analu Andrigueti, André

Borges, Bruce Garrison, Edilson Cazeloto, Nora Paul, Paulo Henrique Ferreira, Taís Bressane, Urbano Nobre Nojosa e Vicente Gosciola.

Pollyana Ferrari é professora de Jornalismo Digital na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Centro Universitário Fieo - Osasco (Unifeo). Dedicou-se ao mercado editorial de informática desde o final dos anos 1980 e à internet desde 1995. Foi diretora da unidade de Internet da *Editora Globo*; editora do site da revista *Época*; editora-chefe do programa *Vitrine*, da *TV Cultura*; e diretora de conteúdo do portal *iG*. Atua também como consultora de empresas. Ainda é uma das produtoras do *Remix Narrativo* um site que expõe a evolução da narrativa no jornalismo.

Rumos do Jornalismo Cultural (2007) (7)

Pedro Dória

Paulo Roberto Pires

Summus

Rumos do Jornalismo Cultural tem por objetivo divulgar reflexões sobre o jornalismo cultural praticado no Brasil e no exterior. Para isso, apresenta uma série de textos de jornalistas brasileiros e estrangeiros, professores universitários, profissionais das artes e estudantes de jornalismo. Pretende, também, prestar serviço para estudantes, professores universitários, instituições culturais, jornalistas e veículos de comunicação.

Pedro Dória é jornalista, nasceu no Rio de Janeiro, atualmente mora em São Paulo. É colunista do caderno *Link* e repórter-especial do caderno *Aliás*, ambos de *O Estado de S. Paulo*. Seu *Weblog* foi o primeiro *blog* jornalístico profissional do Brasil. Esteve entre os fundadores dos sites *NO*. e *NoMínimo*, que marcaram época na internet brasileira. Foi colunista da *Revista da Folha*, *Internet.br*, *Macworld Brasil* e *Oi*. Seus textos apareceram em títulos como *Playboy*, *Trip*, *Superinteressante* e *VIP*. É autor de quatro livros, entre eles *Manual para a Internet* (Revan, 1995), o primeiro sobre a grande rede no Brasil, e *Eu gosto de uma coisa errada* (Ediouro, 2006), coleção de reportagens sobre internet, sexo e nudez. Recebeu o *Prêmio Caixa de Reportagem Social* e o *Best of Blogs*, da rede alemã *Deutsche Welle*.

Paulo Roberto Pires nasceu no Rio de Janeiro em 1967. É jornalista formado pela Universidade Federal Fluminense, doutorado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde é professor da Escola de Comunicação desde 1993. Foi colaborador do *Idéias*, JB (1987-1989), repórter na *Tribuna da Imprensa* (por uma semana em 1987), redator *AJB/Associated Press* (1989-1990), redator *United Press - UPI* (1990-1993), Colaborador *Livros, Globo* (1990-1993), redator-repórter especial do *Segundo Caderno — Prosa & Verso* (1993-2000); editor de cultura do *www.no.com.br* (2000); resenhista de literatura brasileira para revista *Época* (2001); colunista do site *www.nominimo.com.br*; diretor editorial da *Planeta* (2002-2003) e *Ediouro/Agir* (2004). É autor de *Hélio Pellegrino — A paixão indignada* (1998) e *Do amor ausente* (2000)

Pensando contra os fatos – Jornalismo e Cotidiano (2007) (7)

Sylvia Moretzsohn

Revan

Este livro procura retomar as análises que fundamentam o jornalismo como forma de conhecimento vinculada necessariamente à vida cotidiana e associada ao ideal iluminista de esclarecimento, considerando que a oferta de informações obedece a procedimentos específicos dessa prática profissional, aqui explorada em suas possibilidades e limitações e controlada com as condições de produção dominantes. A autora propõe-se a investigar, na análise da própria estrutura do cotidiano, os elementos que permitam vislumbrar uma produção jornalística à contra-corrente, orientada no sentido de “pensar contra os fatos”, isto é, contra sua naturalização e, portando, de interpreta-los de modo a ajudar na formação de um novo senso comum.

Sylvia Moretzsohn é professora de jornalismo no curso de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense e Mestre em Comunicação, *Imagem e Informação*, da mesma universidade. Foi repórter e redatora na imprensa diária: *Jornal do Brasil*, O Globo, sucursal de *O Estado de S. Paulo*, por cerca de oito anos. Foi membro da comissão de ética do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Município do Rio de Janeiro entre 1987 e 1991, período em que edito o livro *Jornalistas pra quê? - os profissionais diante da ética*, lançado em fins de 1989. Autora ainda de *Jornalismo em tempo real – O fetiche da velocidade* (2002) e *Pensando contra os fatos - Jornalismo e Cotidiano* (2007).

Literatura nos jornais – A crítica literária dos rodapés as resenhas (2007) (7)

Cláudia Nina

Summus

As críticas que recheiam os jornais e os periódicos culturais perderam o caráter polêmico e contestatório. Entre o academicismo, de um lado, e a crítica sem substância, de outro, o debate em torno da produção literária se esvaziou. Assim, por meio da análise da produção crítica cultural de hoje, passando pelos ancestrais das resenhas e pelo estudo dos principais suplementos de cultura do país, a autora reúne as características que identificam uma resenha, além de apontar o que é preciso para compor uma boa crítica.

Cláudia Mendes Nina é crítica literária, jornalista e professora de Teoria literária na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Ex-editora do caderno *Idéias & Livros*, do *Jornal do Brasil*, escreve para a revista *EntreLivros*, para o caderno *Prosa & Verso*, do jornal O Globo, e artigos e ensaios para revistas do Brasil e do exterior. É doutora em Letras pela Universidade de *Utrecht*, na Holanda, onde defendeu a tese “*Exilic/nomadic itineraries in Clarice Lispector's works*”, que, no Brasil, foi publicada com o título de *A palavra usurpada: exílio e nomadismo na obra de Clarice Lispector*, pela EDIPUCRS. Foi também editora do site *Traça On-line*, de crítica literária, montado com base no curso de edição dos suplementos. Em 2003, ganhou a bolsa Prodoc da Capes com um projeto intitulado *Crítica literária em uma perspectiva histórica*.

Jornalistas Literários - Narrativas da vida real produzidas por novos autores brasileiros (2007) (6)

Sérgio Vilas Boas

Summus

Esta obra mostra que jornalismo e literatura são duas áreas complementares. Novos autores escrevem sobre a vida cotidiana e imprimem às narrativas impressões e informações, num jogo contínuo de interdisciplinaridade. Textos temáticos e biográficos se intercalam, mostrando a riqueza cultural do nosso país e personagens que, mesmo desconhecidos, comovem e encantam.

Sérgio Vilas Boas é jornalista, professor e escritor. Nasceu em Lavras – Minas Gerais, morou em Belo Horizonte, Nova Iorque – EUA e São Paulo. Mestre em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicação e Arte da Universidade de São Paulo, onde desenvolve tese de doutorado. Autor, entre outros, de *Os Estrangeiros do Trem N* (Prêmio Jabuti 1998 na categoria livro-reportagem) e *Perfis: e como escrevê-los* (Summus, 2003). Um dos criadores e editor-executivo do site www.textovivo.com.br.

Fora do Ar (2007) (7)

Heródoto Barbeiro

Ediouro

Nesta obra Heródoto joga com os bastidores vistos do ângulo do jornalismo radiofônico, seus objetos da cobertura diária, personagens típicos quase legendários e a surpresa de encontros e desencontros, mas usando com maestria sua capacidade crítica de viajar pelas entrelinhas. Tudo desfila suavemente através das lentes bem-humoradas de um verdadeiro mestre de jornalismo brasileiro.

Heródoto Barbeiro é jornalista e escritor. Formado em História, Direito e Jornalismo, é gerente de jornalismo da *rádio CBN*, onde apresenta o *Jornal da Cultura*, o *Jornal da CBN*, e é articulista do *Diário de São Paulo*, *Revista Imprensa* e da *America On Line*. É gerente regional de jornalismo do Sistema Globo de Rádio. Autor de vários livros, entre eles: *Você na Telinha* (2002) e *Liberdade de Expressão* (2004).

Controle Remoto de Papel: o efeito zapping no jornalismo impresso diário (2007) (7)

Rafael Souza Silva

Annablume

Este livro aborda a renovação dos jornais impressos diante das transformações tecnológicas. Percorrendo os caminhos do jornalismo impresso desde as vanguardas artísticas do início do século XX, e chega ao efeito *zapping* nos jornais de hoje. Este efeito, em sintonia com o culto à tecnologia e com o fetiche da velocidade. O autor demonstra que a segmentação em cadernos de assuntos específicos estimula a leitura como um jogo, desencadeada pelo culto tecnológico e o ritmo veloz das modernas sociedades de consumo, cria novos códigos e, em consequência, novos valores culturais.

Rafael Souza Silva é sergipano, mas atualmente mora em Santos. É Jornalista, Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Mestre em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo; Graduado em Comunicação – Jornalismo pela Universidade Católica de Santos (UniSantos); Diretor do Centro de Ciências da Comunicação e Artes – UniSantos; Professor Titular do Curso de Jornalismo da Universidade Católica de

Santos – UniSantos. É pesquisador do Centro Interdisciplinar de Pesquisas em Semiótica da Cultura e da Mídia. E durante 20 anos foi diagramador do jornal *A Tribuna*.

Metodologia de pesquisa em Jornalismo (2007) (1)

Cláudia Lago

Márcia Benetti

Voices

Embora este livro não sacie as inúmeras faces da discussão de ordem metodológica, contribui para o aprofundamento dessa temática, fundamental para qualificar as pesquisas no campo jornalístico. Um livro organizado para auxiliar pesquisadores e orientadores, da pós-graduação e da graduação, na articulação entre teoria, problematização, objeto e método, a obra discute as relações entre o Jornalismo e outras disciplinas, explicitando métodos e casos de metodologias aplicadas nesta área.

Cláudia Lago é graduada em Comunicação Social - Jornalismo - pela Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero (1989), mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (1995) e doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (2003). Atualmente é professora da Universidade Anhembí Morumbi, junto aos cursos de Rádio e TV, Cinema e Jornalismo. É diretora administrativa da Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo.

Márcia Benetti Machado é graduada em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Maria (1988), mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (1994) e doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2000). Professora adjunta da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e do PPGCOM/UFRGS (Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação). Coordenadora do PPGCOM/UFRGS. Líder do grupo de pesquisa Núcleo de Pesquisa em Jornalismo - UFRGS/CNPq. Diretora Científica da SBPJor (Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo).

O Signo da Verdade – Assessoria de Imprensa feita por Jornalista (2007) (1)

Marcos Antonio de Carvalho Eid

Summus

A mídia - jornais, revistas, rádio, televisão e internet - é o mais amplo e importante meio de comunicação das empresas e instituições com o público e a sociedade. Assim, a adequada interação com veículos de comunicação e jornalistas é uma das mais expressivas vantagens competitivas das organizações contemporâneas, inclusive no âmbito dos parâmetros de responsabilidade social. Escrito por jornalistas com larga experiência em assessoria de imprensa, *O signo da verdade* aborda desde o significado sociológico da comunicação até as relações - técnicas e práticas - com a mídia. A obra, muito além da teoria, expõe um modelo vencedor e ético de relações com a imprensa.

Marco Antônio de Carvalho Eid, é jornalista, diretor de Operações da Ricardo Viveiros – Oficina de Comunicação. Na Aberje (Associação Brasileira de Comunicação Empresarial), ministra o curso “Assessoria de Imprensa no Governo”. Dirigiu a Redação da Assessoria de Imprensa do Governo de São Paulo, sendo um dos responsáveis pelo redirecionamento da atividade após as eleições de 1982, quando o

voto direto para governador e a abertura política exigiram sensível mudança de enfoque nas relações entre Estado e mídia. À atuação em assessoria de imprensa nos setores público e privado, o autor soma a experiência como jornalista em veículos de comunicação.

Jornalismo e Literatura em Convergência (2007) (1)

Marcelo Magalhães Bulhões

Ática

Este livro esclarece pontos fundamentais da aproximação entre o jornalismo e a literatura - suas diferenças e semelhanças, a questão da narrativa, do ficcional e do factual, as possibilidades de entrelaçamento de discursos - e assume uma perspectiva atenta aos textos e aos contextos históricos de produção. Marcelo Bulhões inicia sua análise pelos prenúncios do romance-reportagem no século XIX - preconizado por “escritores vestidos de repórteres” como Émile Zola, na França, e Aluísio Azevedo, no Brasil - e termina pelos libelos e as denúncias de episódios dramáticos da vida social e política brasileira, na obra de José Louzeiro, Zuenir Ventura, Ivan Ângelo, Patrícia Melo, Paulo Lins e Caco Barcellos, entre outros. O autor dedica ainda um capítulo ao *New Journalism*, a vertente que explorou encontros estimulantes entre jornalismo e literatura surgida nos Estados Unidos nos anos 60 pelas mãos de Tom Wolfe e Gay Talese, entre outros.

Marcelo Magalhães Bulhões é formado em Letras pela Universidade Estadual Paulista (1987), mestrado em Letras (Teoria Literária e Literatura Comparada) pela Universidade de São Paulo (1993) e doutorado em Letras (Literatura Brasileira) pela Universidade de São Paulo (2000). Atualmente é professor titular da Universidade Estadual Paulista. Tem experiência na área de Letras e Comunicação. Ministra disciplinas de Língua Portuguesa e Literatura na graduação do curso de Comunicação Social da Universidade Estadual Paulista (Unesp). Oferece disciplinas para o Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática da Unesp. É autor de livros e artigos sobre Literatura e Jornalismo.

Síndrome da Mordaza - Mídia e Censura no Brasil (2007) (3)

José Marques de Melo

Metodista

Indicado para os que amam a liberdade de expressão, o livro de José Marques de Melo discute jornalismo, mídia e liberdade nos âmbitos nacionais e regionais. Trata-se de relato de diferentes visões da atuação da mídia, representando os conflitos da liberdade de informação e expressão versus censura e controle midiáticos. O autor retrata, também, aspectos da história do Brasil antigo e contemporâneo, das metrópoles e dos municípios pequenos das eras impressas, radiofônicas e multimídia.

José Marques de Melo é jornalista, professor universitário, pesquisador científico, consultor acadêmico e coordenador do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Anteriormente, foi professor do Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco e da Faculdade Cásper Líbero. Dirigiu em Recife, o Departamento de Investigação Científica do ICINFORM (Instituto de Ciência de Informação), e fundou em São Paulo, o Centro

de Pesquisas da Comunicação Social. Autor de alguns livros como: *Comunicação Social: Teoria e Pesquisa* (1970); *Comunicação, Opinião e Desenvolvimento* (1971), *Reflexões Sobre Temas de Comunicação* (1972).

Ícones da Sociedade Midiática (2007) (6)

José Marques de Melo (Org.)

Raquel Paiva (Org.)

Mauad

Este livro pretende confrontar duas gerações de estudiosos da comunicação que trouxeram contribuições relevantes para o campo acadêmico. A intenção é balizar atitudes coletivas e inspirar agendas investigativas, ao reunir textos representativos da sua produção científica.

Reúne o pensamento de quatro símbolos da geração atuante nos idos tempos da aldeia McLuhan – Vera Giangrande, Lígia Averbuck, Francisco Morel e Freitas Nobre – e apresenta quatro jovens aspirantes a um lugar na vanguarda nacional que transita em direção ao planeta Bill Gates - Luiz Felipe Ferreira Stevanim, Ana Laura Moura dos Santos Azevedo, Igor Sacramento e Geane Carvalho Alzamora. Cada um em sua área, os quatro símbolos e os quatro aspirantes dão mostras da qualidade de conteúdo de ambas as gerações.

José Marques de Melo é jornalista, professor universitário, pesquisador científico, consultor acadêmico e coordenador do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Anteriormente, foi professor do Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco e da Faculdade Cásper Líbero. Dirigiu em Recife, o Departamento de Investigação Científica do ICINFORM (Instituto de Ciência de Informação), e fundou em São Paulo, o Centro de Pesquisas da Comunicação Social. Autor de alguns livros como: *Comunicação Social: Teoria e Pesquisa* (1970); *Comunicação, Opinião e Desenvolvimento* (1971), *Reflexões Sobre Temas de Comunicação* (1972).

Raquel Paiva de Araújo Soares é jornalista, professora e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ), Raquel Paiva também coordena o LECC - Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária (ECO-UFRJ) e o Núcleo de Pesquisa Comunicação e Cultura de Minorias, da Intercom. Pesquisadora do CNPq e ex-secretária-geral da Compós (Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação). Autora de *Histeria na Mídia - A Simulação da Sexualidade na Era Digital* (2000), organizadora da coletânea *Ética, Cidadania e Imprensa* (2002) e co-autora de *O Império do Grotesco* (2002), que assina com Muniz Sodré. Traduziu *L'oltre Interpretazione (Para Além da Interpretação)*, de Gianni Vattimo (1999) e *O Espírito Comum* (1998) teve origem em sua tese de doutorado em Comunicação e Cultura sobre comunidade.

Leituras da revista Realidade (2007) (2)

Letícia Nunes de Morais

Alameda

Criada em abril de 1966, a revista *Realidade* marcou época no jornalismo brasileiro. Inspirada no conceito norte-americano de “*new journalism*” e com reportagens ousadas em sua forma e conteúdo, obteve sucesso imediato, mesmo em um país sem grande tradição de leitura como o Brasil. Enfrentou tabus, cobriu guerras e abordou questões sociais até então pouco discutidas por outros veículos de mídia e pela própria sociedade. Em *Leituras da revista Realidade*, Letícia Nunes de Moraes aborda o relacionamento da publicação com os leitores, a forma como estes reagem às matérias veiculadas - em sua maioria de grande impacto, e não raro, escandalizando certos setores da sociedade. A participação do leitor é evidenciada pelas mais de 700 cartas analisadas pela autora, todas elas datadas da primeira fase da revista, que vai de seu surgimento em abril de 1966 até a instituição do AI-5 pela ditadura militar em dezembro de 1968.

Letícia Nunes de Moraes formada em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e em História pela Universidade de São Paulo. Mestre em História Social pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (2001).

Media Training - Como agregar valor ao negócio melhorando a relação com a imprensa (2007) (3)

Vera Dias

Summus

Tomando por base a realidade do mercado, a obra traz aos gestores e executivos informações práticas sobre como lidar com a mídia no cotidiano. Escrito por profissionais renomados, mostra como agir em entrevistas, conduzir coletivas e lidar com a imprensa em situações de crise, explicitando as vantagens de uma política de comunicação permanente com a mídia.

Vera Dias é jornalista com mais de vinte e cinco anos de profissão de experiência em comunicação. Começou sua carreira no jornalismo, no jornal *O Globo*. No final da década de 1980, migrou para o mundo da comunicação corporativa, atendendo, com a própria consultoria, a empresas como *IBM*, *Cervejarias Kaiser*, *Chocolates Garoto* e *AT&T*. Em 1998, tornou-se gerente de comunicação da *IBM Brasil*, respondendo pela comunicação interna e pelo suporte de comunicação ao time executivo, além de cuidar do relacionamento da empresa com a imprensa. Atualmente, é Diretora de Comunicação da *IBM* para a América Latina.

Por trás da Entrevista (2007) (7)

Carla Muhlhaus

Record

Benício Medeiros já foi insultado por um Grande Otelo desconfiado. Joel Silveira perdeu uma entrevista com Hemingway por medo daquele homem “que era uma montanha”. Xexéo deixou Vera Fischer falando sozinha, enquanto Joaquim Ferreira dos Santos não conseguiu tirar palavra do rei Roberto Carlos. E o que dizer de Sérgio Cabral, que abandonou uma mesa-redonda no *Pasquim* porque exagerara no uísque? Ou de José Castello, que presenciou um surto de Clarice Lispector causado por um simples gravador? As histórias vão se emendando e a grande pergunta para os dez grandes entrevistadores é: entrevistar, afinal, é uma técnica ou uma arte? As respostas falam de método, edição, ética e empatia com o entrevistado. A entrevista, acreditam alguns, é trabalho coletivo. Para outros, pura criação literária. Uma opinião é unânime; a

entrevista no jornalismo é essencial e imprevisível. Para entrevistar é preciso ter feeling, dizem os dez entrevistados deste livro.

Carla Mühlhaus, carioca, é jornalista, escritora e Mestre em comunicação e cultura pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde defendeu dissertação sobre a entrevista jornalística.

Pasquim, O – Antologia 1972 – 1973 (2007) (2)

Jaguar e Sérgio Augusto (org.)

Desiderata

O Pasquim abriu espaço para uma geração brilhante de artistas que estamparam em suas páginas um humor inteligente e irreverente durante mais de duas décadas de existência. Este segundo volume da série *O Pasquim - Antologia* reúne textos, entrevistas e ilustrações de grandes nomes do jornalismo, da música e do cinema nacional, publicados de 1972 a 1973.

Jaguar, pseudônimo de **Sérgio de Magalhães Gomes Jaguaribe** nasceu no Rio de Janeiro, em 29 de fevereiro de 1932. Em 1955 começou a trabalhar com Leon Eliachar no jornal *Última Hora*, onde permaneceu até ser preso, por ocasião do AI-5. Passou pela *Manchete*, *Tribuna da Imprensa*, *Senhor* (onde lançou o suplemento *O Jacaré*), *Status* e *Pif Paf*. Foi um dos fundadores do *Pasquim*, em 1968, e o único a participar de todos os números. Nos jornais *O Globo* e *Jornal do Brasil*, lançou a tira "*Os Chopnics*". Ilustrou todos os livros de Stanislaw Ponte Preto. Atualmente colabora com o jornal *O Dia* e a revista *Bundas*.

Sérgio Augusto, nascido em 1942 no Rio de Janeiro, é um jornalista e escritor. Começou sua carreira como crítico de cinema do periódico *Tribuna da Imprensa* em 1960. Trabalhou também nos jornais *Correio da Manhã* e *Jornal do Brasil*, nas revistas *O Cruzeiro*, *Fatos & Fotos*, *Veja* e *IstoÉ* e nos semanários *O Pasquim*, *Opinião* e *Bundas*. Foi repórter especial da *Folha de São Paulo* de 1981 a 1996 e atualmente escreve no *Caderno 2* do *Estado de São Paulo* e na revista *Bravo!*. É bastante conhecido por seu estilo erudito, sarcástico e nostálgico, mas uma nostalgia crítica e irônica.

Mídia e Educação – Teoria do Jornalismo em Sala (2007) (5)

Roseli Araújo Batista

Thesaurus

Nesta obra a professora e pesquisadora Roseli ao analisar como o jornalismo pode cumprir uma função formadora, que vai muito mais além da sua função primária de transmitir informações. O desafio aceito por Roseli em sua pesquisa foi justamente o de verificar as potencialidades da mídia como ferramenta auxiliar da educação e, num percurso inverso, verificar como educadores podem se valer da mídia como suporte para as suas atividades, tanto no que se refere aos conteúdos curriculares, quanto a dinâmicas extracurriculares. Trata-se, portanto, de um livro revelador, um acréscimo numa cultura que ainda se consolida, o campo da "educomunicação". Uma obra, portanto, importante para professores, pesquisadores e mobilizadores, além de lançar um olhar crítico sobre o próprio aspecto mercadológico.

Roseli Araújo Batista é graduada em Letras – Português/Inglês, em 1998, pela Universidade Estadual de Goiás, também é jornalista formada no ano de 2001 pelo Instituto de Ensino Superior de Brasília. Obteve o título de mestre em Comunicação no de 2004, pela Universidade de Brasília, com a dissertação de título “*Mídia & Educação: relações entre a informação, conhecimento e cidadania*”. No campo da docência, é professora do curso de graduação em Comunicação Social da Faculdade de Brasília. É também docente pela Secretaria de Estado de Educação, ministrando a disciplina língua portuguesa no Ensino Médio.

7. Bibliografia

- BARBERO, Jesús Martín. **De los medios a las mediaciones. Comunicación, cultura y hegemonía**, México, Gustavo Gilli, 1987;
- BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre história**. S.P. Cultrix. 1976.
- BREED, Warren. **Social control in the newsroom**. IN: Social Forces, vol. 33, New York, 1955.
- BUCCI, Eugênio. **Brasil em tempo de TV**, São Paulo, Editorial Boitempo, 1997;
- CASSETTI, Francesco & CHIO, Federico di. **Análisis de la televisión: Instrumentos, métodos y prácticas de investigación**. Barcelona: Paidós, 1999;
- CERTEAU, Michel De. **A escrita da história**. Rio de Janeiro. Forense. 1982.
- DAYAN, Daniel e KATZ, Elihu, *La télévision cérémonielle*, Paris, PUF, 1996. (Tradução em português: **A história em directo** – os acontecimentos mediáticos na televisão, Coimbra, Minerva, 1999.);
- ECO, Umberto. “Para uma investigação semiológica sobre a mensagem televisiva” in ECO, U. **Apocalípticos e Integrados** (Trad. Pérola de Carvalho), 4a, SP: Perspectiva, 1990, 365-386;
- FAUSTO NETO, Antonio. “Telejornais e a produção da política: estratégias discursivas e as eleições presidenciais de 1994” in MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (Org.). **O Jornal: da forma ao sentido** (trad. Sérgio Grossi Porto, Brasília: Paralelo 15, 1997, 499- 523;
- FESTINGER, Leon. **A theory of cognitive dissonance**. Evanston, III. Row, Peterson. 1957.
- FISKE, John. **Television Culture**, London/New York: Routledge, 1997, 353pp;
- GOMES, Itania Maria Mota & Spannenberg, Ana Cristina Menegotto. The world in the head: aplicação do modelo de Klaus Bruhn Jensen ao discurso dos media baianos, in **Anais do XII Encontro Anual da Compós**, Recife, UFPE , junho de 2003 (GT de Mídia e Recepção);
- GONÇALO JR. **País da TV**, São Paulo, Ed. Conrad, 2001;
- HALL, Stuart & EVANS, Jéssica (Eds.) **Visual Culture: the reader**, London, Sage Publications, 1999;
- HALL, Stuart. **A World at one with itself**. New Society. London. 1970

- HALL, Stuart (Ed.). **Representation. Cultural representations and signifying practices**, Londres, Sage, 1997;
- HALL, Stuart. "Encoding/Decoding" [1973] in DURING, Simon (Ed.). **The Cultural Studies Reader**, 4ª, London: Routledge, 1997, 90-103;
- HARTLEY, John. **Understanding News**, London: Routledge, 2001;
- JENSEN, Klaus-Bruhn (Ed.) **News of the World. World cultures look at television news**, London: Routledge, 1996;
- JOST, F. & BOURDON, J. **Penser la télévision**. Actes du colloque de Cerisy, Paris, Institut National de L'Audiovisuel/Armand Colin, 1998;
- JOST, François. **Comprendre la Télévision**, Paris, Armand Colin, 2005;
- JOST, François. **Seis lições sobre televisão**, Porto Alegre, Sulina, 2004a;
- LACOUTURE, Jean. "A história imediata." In: LE GOFF, Jacques. **A história nova**. S.P. Martins Fontes. 1990.
- LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. Petrópolis: Vozes, 1979
- **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos**. S.P. Hacker. 2000.
- MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**, São Paulo, Ed. Senac, 2000;
- MENDONÇA, Kleber. **A punição pela audiência – um estudo do Linha Direta**, Rio de Janeiro, Ed. Quartet, 2002;
- MINDICH, David. **Just the facts : how objectivity came to define american journalism**. New York University Press. 1998.
- MORAES, Dênis. **Planeta Mídia**. Campo Grande. Letra Livre. 1998.
- MOMPART, Josep & OTTO, Enric. **Historia del periodismo universal**. Madrid. Sintesis. 1999.
- NORA, Pierre. "O retorno do fato", in: _____. e LE GOFF. **História: novos problemas**. Rio de Janeiro. Francisco Alves. 1988
- NOELLE-NEUMANN, E. **La espiral del silencio – opinión pública: nuestra piel social**. Barcelona. Paidós. 1995.
- PARK, Robert E. "A notícia como forma de conhecimento" in STEINBERG, Charles S. (Org). **Meios de Comunicação de Massa**, São Paulo: Cultrix, [1940]1970;
- PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. S.P. Contexto. 2005.
- PENA, Felipe. **Televisão e Sociedade**. R.J. Sette letras. 2002.
- PENA, Felipe. "Sistematizações das teorias do jornalismo em abordagens européias, brasileiras e americanas." IN: **RBCC**. São Paulo, v. 29, p. 39-53, 2006.
- PENA, Felipe. "A TV digital no imaginário tecnológico: identidades, mediação e fantasias do telejornalismo on line". In: **Alceu** (PUCRJ), v. n.13, p. 98-110, 2006 (a).
- PENA, Felipe. "A perna coxa da tecnologia: fantasias totalitárias dos naufragos da polissemia na cibercultura. IN: **Contracampo**, vol. 9. 2004.
- QUINTERO, Alejandro. **História da Imprensa**. Lisboa. Planeta. 1999.
- REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil**. Um perfil editorial, SP, Summus Editorial, 2000;

- SCHUDSON, Michael. **Discovering the news.** A social history of american newspapers, New York: Basic Books Inc. Publishers, 1978;
- SQUIRRA, Sebastião. **Aprender Telejornalismo**, SP, Brasiliense, 1990;
- TODOROV, Tzvetan. **Os gêneros do discurso**, Lisboa, Edições 70, 1981;
- TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e estórias**, Lisboa, Vega, 1993;
- TUCHMAN, Gaye. **Making News: a study in the construction of reality.** New York. Free Press. 1978.
- TURKLE, Sherry. **La vida em la pantalla. La construcción de la identidad em la era de Internet.** Barcelona. Paidós. 1997.
- VÉRON, Éliséo. “Il est là, je le vois, il me parle” in **Revue Communications**, nº 38, Paris, Le Seuil, 1983 ;
- VILCHES, Lorenzo. **La Televisión.** Los efectos del bien y del mal, Barcelona, Ediciones Paidós, 1996;
- VIZEU PEREIRA JR. Alfredo Eurico. **A audiência presumida nas notícias no caso dos telejornais locais**, Rio de Janeiro, UFRJ, 2002 (tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro);
- WILLIAMS, Raymond. **Television.** Technology and Cultural Form, 2ª, London: Routledge, 1997.
- WOLF, Tom. **El nuevo periodismo.** Barcelona. Anagrama. 2000.
- WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação.** Lisboa. Presença. 2003.

ⁱ O conceito de novidade tem que ser relativizado.

ⁱⁱ A tradução é minha.

ⁱⁱⁱ O que não pode é confundir stalinismo com marxismo. Este refere-se a uma filosofia, enquanto aquele a uma aplicação errada dessa mesma filosofia.